

GREGG HURWITZ

Autor do best-seller internacional *Você é o próximo*

“Um dos melhores thrillers do ano!”

LIBRARY JOURNAL e KIRKUS REVIEW

O SOBREVIVENTE

A INTENÇÃO DELE ERA BOA,
MAS ACABOU COLOCANDO EM RISCO TODOS OS QUE AMAVA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



0 SOBREVIVENTE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

GREGG HURWITZ

O SOBREVIVENTE



Titulo original: *The Survivor*
Copyright © 2011 por Gregg Hurwitz
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Juliana Romeiro

revisão: Tais Monteiro, Carolina Rodrigues

projeto gráfico e diagramação: Abreu's System

capa: Igor Campos

imagens de capa: homem: © ollyy/Shutterstock; cidade: © IM_photo/Shutterstock

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hurwitz, Gregg
O sobrevivente [recurso
eletrônico] / Gregg
Hurwitz [tradução de
Marcelo Mendes]; São
Paulo: Arqueiro, 2014

1 autor. ALQUENO, 2017.
recurso digital

Tradução de: The
survivor

H949 Formato: ePub

Requisitos do sistema:
Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-8041-296-3
(recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2.
Livros eletrônicos. I.
Mendes, Marcelo. II.
Título.

14-
12429

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Lisa Erbach Vance. Não tem pra mais ninguém.

À BEIRADO ABISMO

O medo se revelou fundamental. Sem ele, eu teria morrido de pavor.

– Floyd Patterson

DAQUELA ALTURA, OS CARROS pareciam dominós, e os pedestres, pontinhos a perambular. Um vento frio soprava incessantemente, refrescando os pulmões de Nate cada vez que ele inalava – ali, tão perto do mar, já não havia sinal da tão alardeada poluição de Los Angeles. A oeste, o trânsito se dissipava nas falésias de Santa Monica, paredões que terminavam abruptamente na areia branca das praias e na eternidade do oceano. Fossem outras as circunstâncias, Nate teria apreciado a beleza da paisagem.

No entanto, estava ali para se matar.

Apenas 5 centímetros separavam a ponta de seus tênis da borda do beiral em que se achava, no 11^o andar. Equilibrar-se não era nada fácil, mas chegar ali havia sido a parte mais difícil. Havia se espremido pela velha janela de guilhotina do banheiro do First Union Bank of Southern California, permanecendo agachado no parapeito por um minuto inteiro antes de arriscar a se levantar.

Na calçada lá embaixo, as pessoas seguiam seus respectivos destinos, sem erguer os olhos para a claridade do final da manhã. Assim que Nate conseguiu se recostar na fachada do prédio, seus sentidos entraram numa ebulição repentina, o coração retumbando contra as costelas, as costas se encharcando de suor, as narinas queimando com a maresia. Tudo muito parecido com pânico, porém mais calmo, como se o cérebro já tivesse se resignado às circunstâncias, mas o corpo ainda não tivesse recebido os sinais.

Nate não queira correr o risco de se esborrachar sobre alguém – com a sorte que tinha, o mais provável era que caísse na cabeça de uma vovozinha qualquer indo sacar sua aposentadoria –, então prosseguiu se esgueirando pelo beiral até dobrar a quina do prédio, manobra que se revelara bem menos trabalhosa do que havia imaginado. Agora já via, no beco lá embaixo, a caçamba de lixo que ele havia previamente escolhido como alvo. Tratava-se de um plano, no mínimo, civilizado. Caso conseguisse aterrisar na caçamba, os respingos de sangue ficariam restritos ao aço das bordas, e o corpo, devidamente embalado para ser entregue no crematório. Nate achava que já tinha dado trabalho demais a gente demais na vida.

Fazia menos de dez minutos que havia aberto a tampa da tal caçamba, mas parecia que dias inteiros tinham se passado. A silenciosa viagem de elevador até o 11^o andar, o burocrático aceno para o segurança do banco (um senhor negro já um tanto enrugado), os derradeiros minutos durante os quais tentara se acalmar diante da fileira de mictórios para depois desemperrar a janela... cada um desses momentos parecia ter consumido uma eternidade.

O First Union era um dos poucos bancos da Costa Oeste que não ficavam ao nível da rua – além de mais baratos, imóveis mais altos são mais espaçosos e mais seguros. Naquele momento, no entanto, entre as vantagens que a altura

oferecia, apenas uma interessava a Nate. Avaliando sua posição, ele deu mais meio passo para a direita, parando a poucos centímetros de uma janela de folha basculante, meio aberta. Da fresta escapava um cheirinho de café e o zunzum dos caixas e clientes do banco. Um dia como outro qualquer.

Nate pensou na minguante conta bancária que ele próprio tinha ali. Seu próximo passo – literalmente – tornaria inútil a apólice de seguro de vida que ele tinha no valor de um milhão de dólares e em favor da qual emitia um cheque religiosamente todo mês de janeiro. Mas nem isso tinha importância. Não havia ninguém que quisesse algo dele, tampouco qualquer perspectiva que não fosse mais tristeza.

Respirou fundo – pela última vez? – e fechou os olhos. Estendendo os braços, deixou que o vento de outubro invadissem o algodão fino da camiseta e secasse o suor que lhe escorria pelas costelas. Achou que veria a vida passar diante dos olhos num filme, como reza a lenda, mas não viu nada. Não viu, por exemplo, os lábios de Janie entreabrindo-se para vir ao encontro dos seus no casamento deles. Tampouco viu Cielle fantasiada de abóbora na festa de Halloween, com as mãozinhas imundas de chocolate e as coxas cheias de dobrinhas. Nada. Apenas as garras do vento e os milhares de alfinetes do medo, fincando-o como se ele fosse uma daquelas almofadas dos kits de costura. A maior das viagens, segundo o taoísmo e os filósofos de botequim, começa com um rele passo.

A menor também.

Nate ergueu um dos pés sobre o abismo à sua frente.

Foi então que ouviu os tiros.

ELE CHEGOU A PERDER o prumo, quase irremediavelmente, mas um sutil movimento dos quadris o trouxe de volta para o beiral. Ainda tentava recuperar o fôlego quando ouviu mais um tiro e viu a janela a seu lado se tingir de vermelho.

Conhecia muito bem o estalo de uma pistola de 9mm, mas o disparo seguinte, bem mais ruidoso, sugeria que também havia uma semiautomática em jogo.

Uma voz estridente escapou pela fresta da janela:

– Para trás, todo mundo. Não quero ninguém perto das mesas. *Para trás*, já falei! Vocês já viram o que pode acontecer. Agora, *todo mundo no chão!* De bruços, porra!

Agarrando-se à estrutura da janela, Nate virou a cabeça sobre o ombro para espiar o que se passava dentro do banco. Apesar da vidraça ensanguentada, pôde ver que os assaltantes vestiam máscaras de esqui. Um deles se achava a poucos metros do balcão dos caixas, de costas para a janela; empunhando um fuzil automático com uma das mãos e uma Beretta com a outra, ele esquadrihava metodicamente o espaço a seu redor. Assim como os comparsas, vestia um macacão militar preto, luvas também pretas e botas de solado grosso. Os punhos e os tornozelos do macacão se fechavam com tiras de fita isolante para que nem um mísero centímetro de pele ficasse à mostra. A saraivada de tiros havia crivado o teto de furos e uma poeira branca ainda pairava em torno do mascarado feito uma aura, dando à cena um aspecto sobrenatural.

Os funcionários do banco estavam deitados aos pés dele com as mãos cruzadas na nuca e a testa contra o piso de cerâmica, respirando com dificuldade, ruidosamente. No saguão principal, cerca de quinze clientes também estavam de bruços no chão. O carrinho do café havia tombado para o lado, espalhando xícaras e pires sobre as poças escuras. Dois assaltantes patrulhavam a área em circuito, atropelando corpos, apontando suas armas ora para este alvo, ora para aquele.

Próximo à entrada, o segurança negro jazia morto no chão, enroscado num banner que anunciava os serviços de Internet banking do First Union, o verde-dólar do vinil respingado de sangue. As pernas de suas calças estavam repuxadas para cima, deixando à mostra um inusitado par de meias listradas.

Enquanto a maioria dos assaltantes andava a esmo e berrava ordens, o que se achava junto da janela movia-se com um propósito e uma calma que sugeriam maior competência ou experiência no ramo. Não gritava. Permanecia mudo e impassível. Em vista de tamanha segurança, e do fato de que era ele quem empunhava a maior arma, Nate deduziu que se tratava do chefe do bando. E estava tão próximo que bastaria a Nate passar o braço pela fresta da janela para cutucar seu ombro.

À direita, dois homens armados (com estes, os assaltantes agora somavam

cinco) arrastavam rumo ao cofre uma mulher de meia-idade e traços hispânicos que lutava, aparentemente sem sucesso, para encontrar as chaves que procurava em dois molhos embolados. A gerente do banco. Vestindo um terninho elegante com colar e brinco de pérolas, fazia um esforço visível para manter a firmeza das pernas. A porta de aço do cofre, mais grossa que uma parede de tijolos, estava aberta, e apenas uma porta de vidro protegia as gavetas empilhadas dos cofres de aluguel. Quando enfim a mulher conseguiu encaixar o par de chaves nas respectivas fechaduras e abrir a porta de vidro, um sexto mascarado emergiu de um corredor nos fundos, colocou no chão a sacola de náilon preta que trazia sobre o ombro e informou:

– As câmeras já foram desligadas.

Da sacola, retirou uma serra elétrica de aspecto feroz. Os dentes da lâmina circular rebrilhavam sob as luzes.

Os soluços roucos de uma mulher ecoavam nas paredes de falso mármore, assim como as súplicas entrecortadas de um desesperado:

– ... pelo amor de Deus, não... acabei de ficar noivo...

Nate tentou umedecer a garganta, mas não encontrou saliva suficiente. Esquecendo-se de onde estava, deu um pequeno passo para trás. Por entre as pernas, viu os onze andares que o separavam da calçada e deixou-se levar pela vertigem. Perdeu o apoio de um dos pés, o peso de seu corpo impelindo-o para fora, e seu estômago subiu à boca, abafando um grito. Sua mão deslizou alguns centímetros pela janela antes que conseguisse se agarrar a ela. Firmando-se de novo, ele agora ofegava freneticamente, abalado pelo susto.

Os assaltantes ainda gritavam no interior do banco, alheios à agitação no beiral do prédio.

– ... se alguém se mexer ou der um pio... eu falei *um pio*...

– Três e Cinco, andem logo com essas dobradiças. Quatro, é melhor que essa vagabunda abra logo a porra desse...

Todos cuspiendo ordens nervosas, menos o chefe do bando, que permanecia mudo, projetando uma tranquila ameaça.

Agarrado à estrutura da janela, Nate acabara ficando com o rosto junto à fresta. Deparou-se com uma bancária jogada no chão, rente à janela, olhando de volta para ele. Espantou-se por não tê-la visto antes. Uma mancha de sangue ia crescendo sobre a blusa branca que ela usava. Espasmos da boca iam formando uma bolha de saliva entre os lábios. A mulher encarava Nate com uma expressão de perplexidade, como se ainda não entendesse muito bem o que a derrubara, tampouco como um anjo de barba por fazer havia surgido naquela janela tão alta.

Um dos braços estava jogado para trás, sobre a cabeça, a mão pálida tremendo em pequenos espasmos laterais. Ela agora fitava Nate com um olhar de súplica. Percebendo que ela respirava com dificuldade, e procurando se

acalmar, ele passou o braço pela fresta da janela e tomou a mão da mulher. Era gelada e muito lisa, como se esculpida em mármore. Um ruído borbulhante escapou de sua boca e a bolha de saliva estourou, deixando para trás um borrão de batom.

O líder do bando consultou um cronômetro e, pela primeira vez, falou. Um sotaque discreto, serenidade absoluta:

– Eu gostaria de ouvir essa serra, Três.

Imediatamente a ferramenta começou a guinchar no cofre, soltando centelhas de fogo. Um dos homens imobilizava a gerente contra a porta de aço do cofre, agarrando-a pelos cabelos. Ela protegia os olhos com as mãos fechadas em punho; parecia gritar ou dizer algo, mas nada se ouvia em meio à barulheira da serra. A certa altura, o homem socou seu rosto contra o aço da porta, abrindo um rasgo na testa. Trêmula, com os punhos nas faces, ela ainda abria a boca como se quisesse dizer algo.

De onde estava, Nate podia acompanhar apenas parte daquele filme de terror – um braço torcido, sapatos de salto abandonados, mechas de cabelo presas pela mão de luva preta. Horrorizado, só foi se lembrar de que estava semipendurado a uma janela quando sentiu a axila sofrer com os trilhos do parapeito. A mulher apertou a mão gelada na sua, e ele baixou os olhos. Ela agora tinha uma expressão vaga, parecia estar olhando não para ele, mas através dele, e a certa altura seus belos olhos verdes tomaram um aspecto vítreo.

A serra enfim fez uma pausa, e só então se ouviram os berros da gerente. Nate ergueu os olhos na direção do cofre. Desvencilhando-se da mão morta que ainda segurava a sua, recolheu o braço e precisou agitá-lo no ar para afugentar a dormência.

Vendo que a gerente não pretendia se calar, o homem que a imobilizava lançou um olhar interrogativo na direção do chefe, que, incisivo e sereno ao mesmo tempo, disse:

– Ela está próxima ao alarme de pânico. Apague a vadia.

– Poxa, Seis, quantas pessoas a gente vai ter de matar?

“O chefe do bando”, pensou Nate. “É o Número Seis.”

As botas do chefe foram percutindo o piso enquanto ele avançava na direção da mulher, as costas do macacão cobertas de poeira de gesso. A meio caminho ele ergueu o braço e disparou o fuzil semiautomático, que cuspiu fogo enquanto crivava uma fileira de balas no terninho engomado da gerente. O estrondo e o horror de tudo aquilo por pouco não derrubaram Nate do beiral. A mulher permaneceu grotescamente de pé, escorada contra a porta aberta do cofre, até que Seis a empurrou com dois dedos, fazendo com que desabasse no chão, braços estendidos, anéis batendo contra a cerâmica do piso. Um dos brincos de pérola se soltou e foi rolando até sumir sob uma mesinha.

Várias pessoas berravam no salão principal, e uma criança começou a

chorar, uivando uma única nota em vibrato. Um senhor de meia-idade tentava em vão reprimir o próprio choro, um animal ferido e esparramado no chão.

– Um morto ou vinte... a sentença é a mesma – disse o chefe com a mais absoluta placidez. Varrendo com a mão a poeira dos ombros, acrescentou: – Deixe que eu cuido dos cofres. Vá limpar as gavetas dos caixas. – Entregou seu fuzil ao comparsa e entrou no cubículo onde ficavam os cofres de aluguel, apontando e dizendo: – Primeiro aqui, depois ali.

Obediente, o grandalhão foi logo saindo para os caixas. Nate rapidamente recuou para não ser visto e, ouvindo os passos cada vez mais próximos, enterrou o rosto no próprio braço. Sentia a camisa gelada roçando as costas, a barra tremulando ao vento. De repente, se deu conta de que estava mordendo o próprio bíceps para não gritar.

O homem passou pela janela, chutando o corpo inerte da bancária morta. Colocou sua Beretta sobre um pequeno armário de arquivo, pendurou o fuzil no ombro e começou a esvaziar o conteúdo das gavetas num saco de lixo preto.

Um grito ecoou no salão, ressoando até mesmo do outro lado da janela. Nate arriscou mais uma espiadela através da fresta, mas dessa vez manteve o rosto bem rente ao concreto da fachada, olhando praticamente com apenas um dos olhos. Deitada de bruços, uma mulher parecia se remexer sobre um volume qualquer enquanto, do outro lado do salão, dois dos mascarados caminhavam na direção dela. Nate se perguntou que diabo ela poderia estar fazendo, até que viu uma menina de maria-chiquinha, não mais que 4 anos, emergir sob a barriga da mãe e irromper rumo à saída do banco. Duas pistolas seguiram os movimentos dela. A mãe gritou novamente, ficando de joelhos a tempo de alcançar o bracinho da filha. O mascarado mais próximo chutou-a no rosto, fazendo sangrar os lábios dela, e a mulher se esborrachou no chão, levando consigo a menina, que saiu deslizando pelo piso escorregadio, a orelhinha suja com o sangue da mãe. Em seguida, a pobrezinha topou com uma coluna, os pezinhos ainda tentando encontrar algum atrito, e só então se deu conta de que não tinha para onde ir. Tremendo compulsivamente, abraçou as próprias pernas, enterrou a cabeça entre os joelhos e ficou ali, parada, como se alguém a tivesse desligado da tomada.

O outro mascarado – Número Dois? – se aproximou e baixou os olhos para ela, dizendo:

– Volte para junto dos outros. Ande, depressa.

A menina permaneceu imóvel, e o homem apontou a pistola para ela.

Vendo isso, Nate sentiu reacender no peito os instintos paternos desde muito adormecidos. Avançou um pouco mais através da fresta, abrindo a janela com a pressão do cotovelo. A apenas alguns metros, o mascarado grandalhão acompanhava os acontecimentos do salão até que murmurou algo para si mesmo e voltou ao trabalho, esvaziando a gaveta do caixa seguinte, os movimentos de

seus ombros visíveis sob o macacão militar.

Número Dois firmava ambas as mãos na Beretta apontada para a menina.

– Vai me obedecer ou não vai, sua pirralha?

O escarcéu metálico da serra recomeçou no cofre, e o mascarado aparentemente berrou algo para a menina sob o tecido preto que lhe cobria a boca, um ultimato.

“Um morto ou vinte... a sentença é a mesma.”

Nate fitou os belos olhos verdes e mortos que pareciam encará-lo de volta. Em seguida, viu o brinco de pérola que jazia perdido sobre o piso ensanguentado. Por fim, olhou para a Beretta que o grandalhão havia deixado sobre o armário de arquivo; o homem estava de costas para ele a mais ou menos dois passos de distância.

Ele foi se espremendo através da fresta, alargando-a pouco a pouco até que conseguiu passar o tronco e caiu de cabeça do outro lado, sobre o cadáver da bancária. O corpo amorteceu a queda, e a barulheira da serra circular abafou todo e qualquer ruído. Três dos bandidos estavam no interior do cofre. O grandalhão estava a poucos metros de distância, ainda de costas, vasculhando o conteúdo de uma gaveta. No salão, os outros insistiam com a menina, ameaçando-a com suas armas, empurrando-a com as botas.

Tão logo ficou de pé, Nate sentiu seus joelhos de 36 anos reclamarem. Nem sequer se lembrava da apatia com que havia atravessado os últimos meses, e pela primeira vez após o que parecia uma eternidade, viu-se agindo sem qualquer hesitação. Com propósito, até.

Reergueu-se e pegou a Beretta deixada sobre o armário de arquivo.

NATE MIROU A PISTOLA na nuca do grandalhão e disparou. Teve a impressão de que o gatilho se movera em dois tempos separados por uma fração de segundo, e, em algum momento entre o coice da arma e o jato de sangue que viu jorrar contra o vidro do balcão, deu-se conta de que o disparo havia sido de ação dupla. Como se tratava de uma Beretta semiautomática, dali em diante os disparos seriam de ação simples.

Amplificado pelo interior do cofre, o barulho da serra elétrica abafou o tiro. O grandalhão caiu de joelhos no chão, estremecendo os ombros antes de desabar por completo e abrir espaço para que Nate visse os dois mascarados que vigiavam o salão principal.

E para que eles também o vissem.

Ambos se viraram perplexos na direção dele, um mero átimo de hesitação que, para Nate, parecia se espichar numa aflitiva câmera lenta. Ambos inclinaram a cabeça ligeiramente, como cães de guarda antes de partirem para o ataque. Vendo isso, Nate sentiu um frio na espinha. Só então entendeu a estranheza daqueles rostos: não tinham olhos. Uma telinha havia sido costurada sobre os buracos da máscara para que nenhum centímetro de pele ficasse à mostra, o que conferia aos homens um perturbador aspecto de inseto, a cabeça perfeitamente lisa.

Com certa tranquilidade, Nate viu quando eles ergueram as mãos enluvadas para atirar e sentiu na face a esteira de calor deixada pela primeira bala que passou raspando a seu lado. Percebeu então que não estava nem um pouco amedrontado. Indiferente àquilo tudo, sentiu um peso cair dos ombros e abriu um pequeno sorriso, vendo-se livre das algemas imaginárias que o atavam. Agora era ele quem erguia o braço para disparar. Com uma calma impressionante, lembrou-se de que precisava manter o pulso firme e não se antecipar ao coice. Não era exatamente um atirador de elite, mas era bom o suficiente. Outras balas zuniram a seu redor. Mirando através do vidro do balcão de caixas, atirou contra o primeiro dos mascarados no salão: metade da cabeça se reduziu a uma nuvem de poeira ensanguentada, e o homem foi ao chão. O companheiro dele estava atirando, o cano de sua Beretta cuspidando fogo, mas ainda inaudível em razão da serra escandalosa. Nate também atirava, crivando de balas a parede de gesso no fundo do salão, os cartuchos ricocheteando por toda parte. Em seguida, atravessou a portinhola que separava o balcão dos caixas do restante do salão e foi caminhando na direção de seu algoz, na direção de sua morte, os sentidos aguçados pela sensação de liberdade, ou mais que isso, pela sensação de *libertação*.

A máscara de Número Dois se espichava na altura da boca, porque ele estava gritando, e os braços estavam trêmulos. Nate viu quando ele ergueu novamente

sua arma, o calibre do cano lembrando um olho muito negro a encará-lo. Nate o encarou de volta, a cabeça repetindo uma súplica suicida:

“Firma essa mão aí, rapaz. Anda, atira logo.”

Mas o cano continuou tremendo com a mão do atirador, e mais uma vez as balas passaram ao largo de Nate, que mentalmente repetia a ameaça rosnada havia pouco pelo próprio mascarado: “Vai me obedecer ou não vai, sua pirralha?” Quanto maior a raiva, maior ficava sua concentração ao atirar. Sentiu a Beretta coicear diversas vezes na mão até que viu o macacão militar do mascarado estremecer na altura do peito, e o homem desabou no chão.

Naquela altura, a serra elétrica já havia parado, desnudando a troca de tiros no salão, e Nate rapidamente se virou na direção do cofre. Um homem emergiu do interior com a serra circular na mão, o capuz erguido na cabeça e uma leve expressão de surpresa estampada no rosto. Com um disparo, Nate lhe arrancou uma das orelhas, fazendo jorrar um jato de sangue escuro. O homem jogou a cabeça para trás e Nate alojou uma segunda bala entre as sobrancelhas que ele ainda arqueava.

“Não acredito”, pensou ele. “Isto é o melhor que esses idiotas conseguem fazer?”

Ao fim de tantos disparos e coices, os dedos de Nate exibiam o mesmo relevo xadrez da empunhadura da arma. O cheiro de cordite que empestava o ambiente levava-o de volta a um passado de quase dez anos, para um tempo de areias escaldantes e sangue nos olhos.

Precisou fazer um esforço para retornar ao presente. Quatro mascarados já estavam fora de circulação. Ainda faltavam dois.

Voltando para a proteção do balcão dos caixas, Nate avistou o fuzil automático que jazia ao lado do mascarado morto. Considerou um upgrade, mas viu que não teria tempo para desvencilhar a alça que prendia a arma ao cadáver. Então saiu caminhando rapidamente na direção da porta do cofre, atropelando os bancários e os clientes que se esparramavam trêmulos no chão.

– Desculpe aí. Desculpe. Foi mal.

Escutou de volta não mais do que resmungos e soluços. Os uivos de uma sirene se faziam ouvir, tão discretos que podiam ser imaginários.

Uma pistola surgiu do outro lado da porta do cofre, disparando às cegas. Nate mirou nela e seguiu adiante com passos firmes e ligeiros, não por ser um homem especialmente corajoso, um herói, nada disso, mas porque não tinha nada a perder. Disparou uma vez e a bala ricocheteou contra o aço da porta. Reajustando-se, disparou mais duas vezes num turbilhão de memória muscular, reação e instinto. Dessa vez, acertou a pistola do outro, cuja mão se abriu de um modo engraçado, como se estivesse acenando, e sumiu intacta dentro do cofre.

Mais cinco passos bastaram para que Nate alcançasse a tal porta, que ele atravessou sem hesitação. Um homem sentava-se num canto distante, apontando

sua arma na direção da entrada, os cotovelos unidos sobre os joelhos que ele usava de apoio. Disparou um tiro claramente dirigido para a cabeça de Nate, mas a bala passou raspando no pescoço dele e saiu ricocheteando em torno do cofre, mais vezes do que parecia possível. Nate reergueu sua arma. Próximo demais do alvo, nem sequer se deu ao trabalho de usar a mira antes de disparar as duas balas que se alojaram nas entranhas do mascarado que havia atirado. Estava nisso quando pressentiu alguém às suas costas. Desviou-se, mas alguma coisa lhe perfurou o trapézio, algo metálico que agora roçava seu pescoço e fazia arder aquela parte das costas como se alguém lhe tivesse ateadado fogo. Virou-se e atirou, mas o cão da pistola estalou em seco, talvez marcando um recorde em sua vida: até então nunca havia consumido um pente de quinze balas em tão pouco tempo.

A lâmina espetada no ombro fazia latejar o braço inteiro, como se uma artéria estivesse enrolada em arame farpado. A ponta do mindinho lhe parecia muito quente. Virando o rosto ligeiramente, Nate viu um abridor de cartas espetado nele, o cabo lembrando a pena de um cacique indígena.

– *Ai!* – exclamou ele, e ergueu o rosto para seu agressor.

O homem ainda estava de máscara, a telinha dos olhos cintilando sob as luzes fluorescentes do cofre. Apesar disso, Nate o reconheceu pelo porte.

Número Seis.

De perto, o chefe do bando era relativamente magro, de ombros largos e quadris finos, um corpo talhado para o máximo de eficiência. Mais baixo que seus comparsas, não passava de 1,75 metro de altura. Nate notou que ele havia baixado um pouco a luva da mão direita, deixando à mostra um punho branco que contrastava com o negrume generalizado das roupas e uma mancha vermelha na base do polegar, onde fora ferido. Ele mantinha a palma virada para cima, protegendo-a, e isso acendia em Nate uma espécie de orgulho juvenil.

Separados por apenas alguns passos, os dois se encaravam, o mascarado sem nada nas mãos, Nate com uma pistola sem munição, mais ou menos decepcionado com o fato de que, pelo menos por ora, ninguém mataria mais ninguém. Deu de ombros, ou melhor, de ombro, pois o ferido permaneceu imóvel, depois ergueu a Beretta e a arremessou contra o rosto do homem, que mal esboçou reação ao receber a coronhada na testa: não fez mais do que levar a mão, com placidez, ao ponto de choque para ver se havia sangue, num gesto que aos olhos de Nate parecia absolutamente rotineiro.

As sirenes agora uivavam mais alto.

Com a mesma calma de antes, o mesmo sotaque discreto, o mascarado disse:

– Ele vai ficar muito, *muito* aborrecido com você.

– Diga a *ele*, seja lá quem for, para entrar na fila – respondeu Nate.

Apontando para Nate, o homem falou:

– Você nem faz ideia da enrascada em que se meteu.

Essas palavras, sobretudo o tom em que foram ditas, tiveram o efeito de um sopro gelado sobre a excitação de Nate. Pela primeira vez desde que havia se empoleirado naquele beiral ele sentiu medo, um medo real e profundo.

O homem deu um passo para trás, depois outro, os olhos velados ainda fitando os de Nate.

– Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina – afirmou, e se foi.

Aturdido, Nate correu os olhos a seu redor, tentando se situar. A não ser pela imponente parede de gavetas de aluguel, o cofre em si era um lugar relativamente comum. Paredes de concreto, armários de arquivo, alguns cofres avulsos da marca Diebold que mais lembravam escaninhos de rodoviária. No chão, uma caixa de papelão estocava um excedente de envelopes e grampeadores. Nate deduziu que o abridor de cartas espetado em seu ombro saíra dali. Um dos cofres Diebold estava aberto, e as gavetas de aluguel haviam sido atacadas. Dobradiças pesadas margeavam as colunas de gavetas. A maioria delas havia sido serrada pela lâmina circular, deixando a portinhola de cada gaveta ainda anexada e com o ferrolho travado. Ímãs vermelhos de alça, daqueles usados para erguer uma folha de metal de uma pilha, estavam grudados ao conjunto mais próximo de gavetas. Nate deduziu que haviam sido utilizados para puxar e abrir as portinholas. Algumas das gavetas arrombadas jaziam abertas sobre o chão: cédulas de moeda estrangeira, joias e documentos se espalhavam em torno das botas do mascarado morto. Um plano bastante engenhoso: serrar as dobradiças, sugar as portinholas e... *voilà*... tesouro desenterrado.

Nate admirava tudo isso, absorto, quando foi despertado pelas lamúrias que vinham do salão principal do banco. “Apague a vadia.” Lembrou-se da ordem do chefe do bando e sentiu o estômago embrulhar. “Um morto ou vinte... a sentença é a mesma.” Quanta frieza ao dispor assim de vidas humanas. Quanto pavor aquelas pessoas deviam ter sentido...

Voltou ao salão. Todos permaneciam deitados de bruços no chão. Alguns choravam baixinho, outros começavam a erguer a cabeça na direção das sirenes que vinham da rua.

Nate pigarreou, depois disse:

– Está tudo bem, pessoal. Os bandidos já foram. Ou morreram, sei lá. O perigo acabou. Vocês já podem se levantar.

No entanto, ninguém se mexeu.

Por um instante, Nate cogitou se aquilo não era um sonho bizarro.

– Podem acreditar – insistiu. – Ninguém vai machucar vocês. Não precisam mais ter medo.

Deu um passo adiante e, ao fazê-lo, sentiu uma espécie de choque elétrico no

ombro espetado. Gemendo de dor, tentou alcançar o cabo do abridor de cartas, mas quanto mais se retorcia, mais o cabo se afastava.

Ouviam-se ainda mais sirenes, além do roncar de um helicóptero misturado às ordens que alguém berrava com um megafone. O telefone não parava de tocar na mesa do gerente de Novas Contas. Nate olhava intrigado para aquele quadro de pessoas amedrontadas demais para se levantar.

A menina se arrastou de volta para junto da mãe, que ainda estava inconsciente em razão do chute na cabeça. Nate se agachou ao lado da mulher e pôs dois dedos sobre seu pescoço. O pulso ainda estava forte.

– Não se preocupe – disse à menina. – Sua mãe vai ficar bem.

Levantou-se novamente, os joelhos chiando, e anunciou para ninguém em particular:

– Estou indo... hum, buscar ajuda. Médicos. Ok? Está todo mundo bem?

Mais silêncio e inércia.

A menina ergueu os bracinhos para ser tomada no colo. Nate baixou os olhos para ela e, vendo aquele gesto de súplica, tão comum entre as crianças, sentiu o coração pesar num canto que acreditava morto havia muito. Uma das marias-chiquinhas se desfizera, deixando os cabelos em desalinho. O sangue no lóbulo havia endurecido, formando uma crosta escura. Ambas as faces estavam cobertas de lágrimas, mas o olhar era mortiço e vago, o olhar de uma criança em estado de choque. Nate se abaixou e a içou para o colo, resmungando em razão da dor e tentando usar as pernas mais que os braços. O bracinho da menina roçou o abridor de cartas, provocando em Nate uma ânsia de vômito tão intensa que ele receou não ser capaz de se conter. Apesar disso, seguiu na direção da porta, o sangue aquecendo as costas da camisa.

O segurança havia caído com o rosto para cima, a cabeça virada de um modo pouco natural, os olhos ainda arregalados. Ao passar pelo cadáver, a caminho do elevador, Nate girou o tronco de modo que a menina não visse aquela imagem grotesca, e ela, percebendo o que se passava, aninhou o rosto contra o pescoço dele. Sentindo nos cabelos dela o cheirinho de xampu infantil, Nate se lembrou dos banhos que costumava dar na própria filha, Cielle, quando ela tinha a mesma idade: “Nada de bagunça!”

O elevador zumbia ao descer rumo à portaria. Nate sentiu um súbito arrepio, efeito tardio da invencibilidade que havia experimentado ao ir de encontro à chuva de balas. Quanto tempo fazia que não se sentia assim? Havia driblado a morte lá naquele banco, sugando da vida a última gota de energia que ela ainda tinha a oferecer.

O elevador desacelerou e a menina pesou ainda mais em seus braços. O rostinho estava quente. Só então ele se deu conta de que vinha sussurrando no ouvido dela um mantra tranquilizador:

– ... já passou, já passou, vai ficar tudo bem...

As portas se abriram para a portaria vazia, e Nate saiu com a menina na direção das vidraças esverdeadas, do outro lado das quais se viam os carros de polícia e as vans das equipes especiais, além de ambulâncias e caminhões do Corpo de Bombeiros. Barricadas haviam sido erguidas na rua, dando apoio aos canos dos rifles. Atiradores de elite se empoleiravam nas marquises e varandas vizinhas.

A menina deixou escapar um ruído de medo e enterrou o rostinho ainda mais no ombro de Nate. Escorando-a com um dos braços e tentando ignorar a dor para erguer o outro acima da cabeça, ele atravessou a porta giratória e saiu ao encontro do pequeno exército que os esperava sob o sol forte da manhã.

Q UANDO NATE ENTROU NO pronto-socorro, flanqueado por policiais como se fosse um fugitivo, a televisão na recepção já mostrava imagens filmadas diante do First Union. Apesar do curativo no ombro, o sangue escorria braço abaixo para secar no dorso dos dedos, o que resultava num *fashion statement* de gosto muito duvidoso. Removido do trapézio e acondicionado num saquinho de evidências da polícia, o abridor de cartas foi entregue a uma séria enfermeira de triagem, que examinou o objeto, depois ergueu os olhos para Nate com uma impressionante falta de curiosidade. Em meio a um miasma de cheiros hospitalares, ela o acompanhou até a ala da Radiologia e o abandonou numa saleta não muito maior que um closet.

A médica chegou em seguida e foi examinando o prontuário enquanto Nate se debatia com o lençol de papel que cobria a maca.

– Então... Você foi fincado com um abridor de cartas.

– Poxa, falando assim até parece que não foi nada.

A médica não fez mais que erguer as adoráveis sobrancelhas.

– Desculpe – disse Nate. – Costumo brincar para que as pessoas não percebam meus problemas de autoestima.

– Não está funcionando.

– É um projeto de longo prazo – respondeu ele, estremecendo ao exalar.

A adrenalina havia perdido o efeito, e agora ele se sentia um tanto zozzo. As imagens da manhã ainda navegavam em sua mente, acompanhadas do latejar de uma incipiente enxaqueca: o sangue jorrando de uma cabeça encapuzada, os olhos cobertos por retalhos de tela, o rosto da bancária que apertava sua mão ao morrer. Estava abalado, claro, mas, levando-se em conta tudo aquilo que acabara de enfrentar, deveria estar muito pior.

Batendo a caneta contra o prontuário, a médica disse:

– As suas enzimas hepáticas estão bem alteradas. Está tomando algum medicamento?

– Riluzol.

Ela o encarou pela primeira vez, uma expressão severa do outro lado dos óculos de John Lennon.

– Quer dizer então que...

A imagem de sempre veio à cabeça de Nate: Lou Gehrig, “o homem mais sortudo do planeta”, cercado pelas arquibancadas lotadas do Yankee Stadium, a cabeça curvada, o boné sobre as coxas, apertado entre suas mãos... O famoso jogador de beisebol se aposentou prematuramente em razão da esclerose lateral amiotrófica que acabou o matando alguns anos depois.

– É isso mesmo que você está pensando – disse ele.

– Puxa...

- Pois é.
- Você sabe então qual é o seu... prognóstico?

O prognóstico. Ele tinha alguma noção. Sabia que em breve não teria mais forças para, digamos, escrever. Mais tarde não teria forças sequer para erguer a caneta. Sabia que a língua ficaria espessa na boca, forçando-o a engrolar as palavras, e depois disso, impedindo-o completamente de falar. Ou de engolir. Sabia que cedo ou tarde precisaria ser alimentado por tubos. Que os vasos lacrimais começariam a se obstruir e que ele precisaria de um colírio, e em seguida de alguém que pusesse colírio nele. Sabia que começaria a se sentir cansado, um cansaço inicialmente apenas chato, depois debilitante. Sabia que não conseguiria respirar direito. A certa altura teria de usar um aparelho de CPAP para dormir à noite. E então um respirador. Sabia que a causa de sua doença era desconhecida, mas que o risco era significativamente maior entre os militares reformados. As respostas eram poucas e, quase sempre, insatisfatórias.

- Sim, eu sei.
- Em que estágio da doença você está? – perguntou a médica.
- Disseram que eu ainda tinha de seis a doze meses de saúde.
- Quando foi isso?
- Uns nove meses atrás.

Nate não pôde deixar de rir. Aquilo parecia uma piada.

- Algum sintoma?
- Um pouco de fraqueza na mão. Que vem e depois vai embora. Os sintomas são intermitentes. Até o dia em que se tornam permanentes.

Ela tocou o antebraço dele num gesto de carinho, uma técnica que ele próprio usava em seu trabalho de vez em quando.

- Há alguns tratamentos experimentais... – disse.
- Por favor, não – interrompeu Nate.
- Tudo bem. – Ela umedeceu os lábios. – Não vou tentar reconfortá-lo.
- Obrigado.

Ela guardou o prontuário numa caixa de acrílico pendurada à parede, sobre uma fotografia de Elizabeth Taylor recortada da capa da revista *People*, publicada na época em que a atriz morreu. Em seguida, calçou as mãos muito brancas com luvas de látex ainda mais brancas e examinou o ombro de Nate, apalpando o entorno do corte. Isso feito, pregou a radiografia sobre a caixa de luz, refletiu por um instante e disse:

- Você teve sorte. A ponta da lâmina foi detida pela escápula. Poderia ter perfurado o pulmão. O dano é quase inteiramente muscular. Sua vacina de tétano está em dia?

- Está.
- Então vai ser apenas antibiótico e analgésico. Daqui a uma semana você já vai estar bom que nem um... – Ela se calou a tempo, depois emendou: – Quero

dizer, bom do ombro. – Ruborizada, logo tratou de abrir um pacotinho de fios de sutura. – Então, vamos costurar isso aí?

Nate abriu um sorriso débil.

– Que tal você me deixar sangrando aqui mesmo nesta maca? Vai me poupar muita amolação.

– Los Angeles... – retrucou a mulher, passando o fio na agulha. – Todo mundo acha que é comediante.

Nate permaneceu quieto enquanto ela aplicava a anestesia local, dizendo:

– Está todo mundo falando de você. A história do banco. Onde foi que aprendeu a atirar tão bem assim?

– No Exército.

– Você não tem pinta de soldado.

– Porque nunca fui. Me alistei no Centro de Preparação de Oficiais de Reserva, mas só para descolar uma grana e pagar a faculdade. Isso foi em 1994. Achava que nunca iriam me convocar.

A médica deixou escapar algo parecido com uma risada. Dali a pouco terminou a sutura e perguntou:

– E aí, foi bom para você?

– Médio – respondeu Nate.

O QUE SE PERDEU

*Há uma boa dose de dor na vida, e talvez a única que podemos evitar seja aquela
que decorre de nossa tentativa de evitá-la.*

– Anônimo

NA UCLA, A PREPARAÇÃO de oficiais de reserva não é bem o que estamos acostumados a ver no cinema. A coisa se resume basicamente ao verde-oliva das camisetas, às séries de polichinelo pela manhã e aos exercícios de tiro uma vez por mês. Nate gosta da sensação de pertencimento e participa de bom grado das atividades, talvez não com a seriedade e os *u-hus* de que gostariam seus superiores. A escolha é sobretudo de ordem financeira: Nate está sozinho na vida. No colégio, estudou direitinho, vendo ali o único meio de escapar daquela casa que havia muito já perdera a vida, desde que sua mãe sucumbira cabal e brutalmente ao câncer quando ele ainda estava no terceiro ano do ensino fundamental. Após o enterro, seu pai se deixou levar de forma gradual por uma torrente de uísque, tornando-se uma paisagem morta em sua poltrona de estofado puido, sempre sentado diante da TV com um prato de comida abandonado a seu lado. Para Nate não haveria um pai que o visitasse no campus da faculdade, muito menos que lhe deixasse um dinheirinho para ajudar nas despesas com os livros.

De modo geral, Nate é um estudante como outro qualquer. Seu colega de quarto, Charles Brightbill, cadete como ele, é um sujeito patologicamente tranquilo que parece ver o mundo com os olhos de uma criança. Charles costuma se espantar com coisas que todos à sua volta notaram cinco minutos antes, maravilhando-se com o avião que está passando no céu, o decote de uma garota, a cor do catarro que acabou de assoar no lenço. “Caramba, olha aquilo ali!”, diz ele. “Tem um arco-íris no esguicho do sprinkler!” Apesar de tudo, Nate é fã do cara. Alguém que é incapaz de qualquer falsidade, que vez ou outra aparece com alguma pérola de sabedoria, que prefere dormir no corredor a acordar o amigo sempre que esquece a chave do quarto, por mais que Nate lhe diga para esmurrar a porta.

Após uma prova especialmente difícil no segundo ano, que tem sobre Nate o efeito de uma bomba de desânimo, Charles aparece no quarto com toalhas de praia em punho, dizendo:

– Levanta dessa cama aí, parceiro! Ficar arrastando corrente por causa de uma nota ruim é igual a ficar ouvindo Iron Maiden quando você tá de ressaca!

Esse é o Charles. Só ele é capaz de ir simplificando o mundo até fazê-lo caber dentro de um biscoito da sorte. Nate acaba cedendo e dali a dez minutos já está abrindo a janela do Datsun 240Z de Charles, deixando entrar no carro a brisa salgada que vem do mar. Deitado nas areias quentes de Malibu, ele fica ali, saboreando o sol, sentindo o ânimo renascer das cinzas.

Até que os gritos de alguém em apuros na água o assustam. Ao erguer o tronco, avista um vulto feminino do outro lado da arrebentação, e dali a pouco um rapaz mais ou menos da sua idade é arrastado pelas ondas sobre a espuma da

praia. Aturdido com o caldo, cuspidando água, ele berra para as pessoas a seu redor:

– Ela está com câimbra! E tem uma contracorrente!

Segue-se um momento de total inação, todos imóveis em suas toalhas. Algumas cabeças se viram para o quiosque dos salva-vidas, bem mais adiante. De repente, Nate está correndo na direção da água, pisoteando as algas secas sobre a areia. Charles berra algo às suas costas, mas ele já está saltando a primeira onda, enfrentando a arrebentação. Deixa-se levar pelo recuo das ondas e vai seguindo na direção da moça, que volta e meia some de vista. Os músculos começam a queimar quando ele intensifica as braçadas para vencer a forte corrente, mas dali a pouco ele alcança o braço exausto da moça, puxa-a para si e abraça-a pelas costas. Debatendo-se e cuspidando água, ela acaba golpeando a parte de trás da cabeça contra um dos olhos dele. Nate a solta, ela some no verde-escuro das águas, reaparece segundos depois, engasgando.

– Tente relaxar o corpo – orienta Nate, e novamente a puxa para si. – Olhe para mim: estou aqui, vou ajudar.

Ela o encara, gotículas na ponta dos cílios, e faz que sim com a cabeça, obediente, parecendo uma menininha. Só então ele percebe que é uma moça bonita. Eles são levados pelas ondas, ora vendo a praia, ora perdendo-a de vista. Nate a entrelaça como um parceiro de dança, abraçando-a por trás novamente, e ela se entrega sem oferecer resistência. Interpretando a maré, ele deixa que a corrente os leve. A certa altura, começa a remar com um dos braços, opondo-se ligeiramente à direção da corrente. Enfim, eles alcançam a areia uns oitocentos metros mais adiante. Charles, dois salva-vidas e mais meia dúzia de curiosos correm ao encontro dos dois. Ambos estão ofegantes, tossindo muito e cuspidando água. A moça é a primeira a ficar de pé e ajuda Nate a se levantar. Em seguida, eles são acudidos pelos salva-vidas, secados e examinados à exaustiva, quase até o ponto da claustrofobia.

O rapaz que fora arrastado pelas ondas espera timidamente ali por perto. Embrulhada numa toalha, a moça se aproxima de Nate para lhe agradecer, e só então ele pode admirá-la melhor. Os lábios são grandes, quase grandes demais, e o formato da boca sugere um sorriso perene, com uma pontinha de escárnio. A pele é muito branca. O nariz é arrebitado, e na altura da ponte tem uma faixa de sardas que parece deslocada, como se as pintinhas tivessem errado o endereço da festa. Os cabelos são claros e curtos o bastante para serem usados. Os traços bonitos compensam os cabelos curtos. Compensam qualquer coisa, avalia Nate. Bastava um sorriso naquela boca linda para que ele nem sequer notasse caso ela estivesse usando na cabeça um turbante de Carmem Miranda com bananas e o escambau. Os peitos são originais de fábrica (uma raridade em Los Angeles), e o corpo é esguio, de quadris estreitos. Em geral, Nate prefere mulheres com mais curvas, mas rapidamente se dá conta de que não faz sentido comparar aquela

moça a qualquer outra de seu currículo particular.

Ela se apresenta como Janie. Charles está rondando por perto.

– Cara, que *gata* – sussurra ele no ouvido do amigo, mais uma vez constatando o óbvio.

Nate também se apresenta:

– Nate Overbay.

Eles se cumprimentam com um aperto de mãos formal, e isso lhes parece um tanto ridículo, levando-se em conta que haviam passado os últimos quinze minutos se esfregando na água, praticamente nus.

No mesmo instante o namorado de Janie se posta ao lado dela e pergunta a Nate:

– Posso levá-la para casa ou você vai cuidar disso também?

Nate pensa: “Agora é um ótimo momento para ficar de bico calado.”

Janie e o rapaz começam a discutir, Janie lançando olhares de desculpas na direção de Nate, cada vez mais constrangida. Nate vai se afastando da dupla com Charles a seu lado e, durante todo o caminho de volta ao apartamentinho vagabundo que dividiam em Westwood, é obrigado a ouvir o sermão do amigo, que o censura por não ter pedido o telefone da gata. Sem conseguir dormir naquela noite, percebe que, como sempre, o ingênuo Charles tinha toda a razão. Só lhe resta aceitar mais essa mancada e remoê-la para o resto da vida.

Algumas semanas mais tarde, Nate e Charles estão comendo uma pizza de micro-ondas e vendo *Melrose Place* na TV quando a campainha toca. Nate atende a porta e se depara com Janie conferindo o endereço que havia anotado na palma da mão. Os cabelos curtos estão molhados, recém-saídos de um banho e apontando para todas as direções, e ela tem um cheirinho de lavanda. Antes que Nate encontre o que dizer, Janie se adianta:

– Não consigo parar de pensar naquele dia em que você me tirou da água.

Ela tem a língua ligeiramente presa, apenas o bastante para realçar ainda mais a boca carnuda, os lábios que vão emoldurando cada palavra, ceceada ou não.

O coração de Nate começa a bater mais rápido.

– Também não consigo parar de pensar em você.

– Eu bem que *tentei* – continua ela, agitada. – Fiquei pensando em todas as coisas que eu provavelmente não gostaria em você, tudo aquilo que terminaria em briga caso a gente ficasse junto. Falando para mim mesma que você nem era tão bonito assim...

– E por que fez isso?

– Por causa do meu namorado. – Ela enterra as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans, encolhe apenas um dos ombros e emenda: – *Ex-namorado* agora.

Em seguida, leva a mão ao rosto dele e vai correndo os dedos pelo hematoma desbotado junto do olho em que ela acertara uma cabeçada no mar.

Eles se beijam, e a voz de Charles vem da sala vizinha:

– Cara, vem logo! A Heather Locklear tá de *camisola*!

Janie e Nate imediatamente se tornam inseparáveis. Nesse mesmo fim de semana, sentados com as pernas entrelaçadas na cama de Nate, nariz com nariz, eles conversam sem parar, falando sobre suas respectivas infâncias, e depois de um tempo, como normalmente acontece, começam a se pegar. Nate a deita na cama, mas para de repente.

Ela o fita, os grandes olhos azuis emoldurados pelos cílios, e pergunta:

– O que foi?

– Estou na dúvida: não sei se quero trepar com você ou continuar conversando.

– Isso – devolve ela – é o maior elogio que alguém já me fez nestes vinte anos de vida.

Inevitavelmente o sexo acaba vencendo. Mais tarde, eles se deitam de frente um para o outro, ambos ofegantes, Nate correndo a mão pela curva da cintura dela. Os cabelos claros parecem mais escuros em razão do suor que os faz grudar na testa.

– O que você acha de uma relação aberta? – diz ela, timidamente. – Sei que a maioria dos caras não é muito chegada em compromisso e...

– Compromisso? – diz Nate. – Eu *me amarro* num compromisso.

Charles logo é promovido de empata-foda a melhor amigo do casal. Janie faz biologia e francês na vizinha Pepperdine, mas, quando ela e Nate não estão juntos, a meia hora que separa as duas universidades parece a ambos um oceano. Jovens que são, só querem saber de ficar grudados e se dedicam a isso como atletas olímpicos. Embora se vejam quase todos os dias, trocam cartas entre si, cartas melosas e encharcadas de má poesia.

– Meu Jesus... – diz Charles, lendo o rascunho que Nate havia embolado e depois jogando-o no lixo. – Você está se transformando numa música da Celine Dion.

Nate fica surpreso quando leva Janie a um restaurante ou um bar e ela não chama a devida atenção das pessoas. Por outro lado, o fato de ela não ser tão atraente aos olhos dos outros faz dela uma pessoa ainda mais especial. Como se apenas o sistema límbico dele fosse capaz de enxergar seu charme. Como se ela fosse destinada a ele e a mais ninguém.

Em três meses, já estão noivos.

Janie é natural do Wisconsin, fruto de uma família e uma infância normais,

com antecedentes que ela chama de Gammie e Papa.

– E se o seu pai não gostar de mim? – pergunta ele.

Ela ri e diz:

– Ele *não vai* gostar de você.

Os amigos do casal, no entanto, estão felicíssimos com a novidade. Eles são os primeiros da turma a dar o grande passo. Invariavelmente carregam um pouco nas tintas quando contam como se conheceram, e Nate já prevê que na altura das bodas de ouro a história do salvamento incluirá tsunamis e tempestades tropicais. Sempre que Janie chega ao momento do resgate, seja lá para quem esteja contando a história, ela toma as mãos de Nate entre as suas e repete emocionada o que ele disse na água: “Olhe para mim: estou aqui, vou ajudar.”

Eles se casam na primavera. Após a festa, exaustos e semibêbados de um Chianti ruim, jogam-se na cama do hotel, Janie sacudindo os sapatos até tirá-los, o zíper do vestido já aberto.

– Então, marido – diz, sonolenta. – A gente precisa consumir esse troço. – Aquela risada. – Você em cima?

– Se pelo menos eu soubesse onde fica isso... – resmunga Nate, enrolando a língua.

– Dou cem dólares.

– Mil, no mínimo.

– A gente tem de trepar. Senão não o nosso casamento não é legal.

– Tem razão.

– Ainda posso desistir, sabia?

Chegada a manhã, o casamento deles já está devidamente legalizado. A lua de mel é no apartamento de Nate e Charles, já que toda a grana foi embora na recepção para cinquenta pessoas e na suíte nupcial do Holiday Inn de Santa Monica. Prometem a si mesmos que, um dia, quando o dinheiro der, farão uma segunda lua de mel em Paris. Por ora, no entanto, vão ter de se contentar com Westwood mesmo. Passam boa parte do tempo bebendo vaca-preta de cerveja e estudando para as provas da universidade. É como brincar de casinha sem ter a casinha.

– A senhora minha esposa vai querer seu waffle na cama? No melhor dos nossos pratos de papel?

– Seria muito gentil da sua parte, senhor meu marido.

Uma semana depois, ela se enrosca ao lado dele na cama e anuncia:

– Estamos grávidos.

Nate tem a impressão de que agora reina no mundo a mais perfeita ordem. Emocionado, já com os olhos marejados, ele diz:

– Tem certeza?

– O palitinho de xixi não mente nunca. Muito menos *cinco* palitinhos.

Eles se mudam para um apartamento do tamanho de um closet, porém só

deles. Janie já está com um barrigão, e Nate fica se perguntando como uma estrutura tão delicada pode sustentar um volume tão grande. Charles, que é ex-escoteiro, presenteia o amigo com um pager. E Nate entra em surto quando o aparelho enfim apita: a bolsa de Janie estourou. No caminho entre o campus e o hospital é tudo um borrão. Janie está urrando, fincando os dedos nos lençóis da mesa de parto, e quando toma a mão dele, por pouco não lhe quebra os ossos dos dedos.

– Olhe para mim – diz ele. – Estou aqui.

À noite, eles estão aninhados na cama do quarto do hospital com sua cria no meio. Dois dias depois, o bebê ainda não tem nome. Saindo do hospital, enquanto Nate a empurra numa cadeira de rodas com seu pacotinho cor de rosa no colo, Janie diz:

– Vamos chamá-la da primeira coisa que a gente vir quando sair na rua.

Indo mais devagar com a cadeira, já diante da estação das enfermeiras, Nate comenta:

– Então, como a Lata de Lixo tem dormido?

Janie ri e cobre a boca com uma das mãos.

– Sabe, tem sido bem mais difícil agora que a dentição da Mendiga está aparecendo – responde ela.

No elevador, uma velhinha olha torto para os dois, mas eles não conseguem parar de rir.

– Poxa, os olhos da Vira-Lata Sarnenta são iguaizinhos aos seus... – comenta Nate, às lágrimas.

Ainda rindo, eles atravessam as portas automáticas do saguão do hospital e saem para a luz do dia. Janie ergue os olhos para o azul anil do céu e, com a voz embargada, diz:

– Cielle.

Eles se reinstalam no minúsculo apartamento de Westwood. Charles traz um lindo presente: um banquinho infantil com o nome de Cielle talhado em baixo-relevo na madeira, as letras coloridas lembrando as peças de um quebra-cabeça. Eles estudam, cuidam da filha, revezam-se nas obrigações e, sabe Deus como, conseguem se formar. Nate vai trabalhar numa loja de departamentos como comprador de ternos masculinos. Janie se matricula na escola de enfermagem.

Um mês antes do aniversário de 3 anos de Cielle, ele consegue um financiamento imobiliário com taxas especiais para veteranos do Exército, a poupança da lua de mel em Paris recebe novo fim e eles dão a maior sorte ao encontrar e comprar, num leilão bancário, uma casinha de dois andares numa parte ótima de Santa Monica. Quando chegam lá com a mudança, Janie para no gramado antes de entrar e começa a chorar de gratidão.

À noite e durante os fins de semana, Nate trabalha na reforma da casa, colocando tábuas no piso, repintando paredes, substituindo canos de ferro por outros de cobre. A cada dois ou três meses eles marcam a altura de Cielle no batente da porta do quarto dela, os risquinhos se empilhando pouco a pouco. Numa terça-feira, Janie o lembra de manhãzinha e, horrorizados, de mãos dadas, eles acompanham pela TV os tenebrosos acontecimentos em Nova York, as cenas repetidas *ad nauseam* dos dois aviões colidindo com as Torres Gêmeas. A certa altura, Janie olha de relance para a porta aberta da área de serviço, onde a jaqueta camuflada que Nate usou no último fim de semana de exercícios militares ainda seca no varal. No andar de cima, a porta do quarto de Cielle se abre e ele, sem dizer palavra, sobe para buscá-la.

Num piscar de olhos, a menina já está com 7 anos, os cabelos escuros sempre presos em duas marinhas-chiquinhas. Na semana após o aniversário dela, eles vão até a Sears para enfim tirar o tradicional retrato de família que já deveriam ter tirado desde muito. Por mais que o fotógrafo insistia, eles não conseguem fazer com que Cielle se concentre. Faz pouco que a menina aprendeu com Isaac, um colega de escola, a fazer barulho de peido com o sovaco.

– Ouviu? – pergunta ela a cada disparo da máquina.

– Não – responde Janie.

– E agora?

Por fim, Nate vira a filha de cabeça para baixo, e ela segue rindo até ficar com o rostinho vermelho. Dali a pouco, os três desabam nos colchonetes azuis do fotógrafo, Janie sentada atrás de Nate, sustentando-o, Cielle abraçando a mãe pelo lado, e os três, gargalhando, são fotografados assim, com a boca escancarada. Após uma votação familiar, o porta-retratos com essa foto é colocado sobre o consolo da lareira. Nesta noite, Nate e Janie leem *Lorax* para Cielle dormir, depois voltam para a sala, abrem um vinho e assistem a *The West Wing*. Massageando os pés da esposa, Nate vê quando ela olha para o retrato e balança a cabeça: os dois caem na gargalhada.

Aninhado no conforto daquele sofá, a esposa com os pés cruzados em seu colo, a filhinha dormindo feito um anjo no andar de cima, Nate se dá conta de como sua vida é boa. Simples, porém muito boa, uma bolha de felicidade protegida dos horrores do mundo lá de fora.

Uma bolha que em três dias irá estourar.

OS OFICIAIS DA RESERVA estão em formação sobre o gramado perfeito da Base de Treinamento de Los Alamitos. Entre eles, Nate fareja algo estranho no ar. A seu lado, Charles o fita com um olhar preocupado e diz:

– Ninguém dá nada de graça...

O sargento aparece, arma uma careta sob o quepe e vai marchando diante do batalhão com a postura excessivamente ereta de quem já viu mais filmes de guerra do que deveria.

– Há muito já sabíamos que isto acabaria acontecendo, senhores. Ontem recebi o comunicado de que fomos convocados para a luta. Período de rotação de dezoito meses.

Nate fecha os olhos. Pensa no retrato sobre a lareira, em Janie deitada no sofá com os pés cruzados em seu colo, no Lorax sendo erguido cada vez mais para o alto, puxado pelas calças.

Ele dá a notícia a Janie imediatamente, claro, mas espera até o fim de semana para conversar com Cielle. Já deitada, embrulhada nas cobertas da cama, ela encara o pai com um olhar sério e diz:

– Quero ir com você.

Nate fabrica um sorriso de plástico.

– É um voo muito demorado, meu amor.

– Vai ter lanchinho?

Nate engole em seco e sente o nó que lhe estorva a garganta.

– Vou ficar com muita saudade...

– Mas, se eu for com você, daí você não vai ficar com saudade.

Ele fica com a filha até ela dormir. Ao sair do quarto, encontra Janie sentada no chão do corredor, ao lado da porta, e lhe oferece a mão. Janie assoa o nariz e se levanta feito uma lady. Eles vão juntos se deitar.

O batalhão é deixado numa base aérea no meio do nada, posicionado para missões nas cidadezinhas rurais. Nos desertos do Oriente Médio, o calor durante o dia é insuportável. A temperatura pode chegar a cinquenta graus. Há momentos em que Nate imagina o termômetro explodindo como nos desenhos animados. Os soldados levam consigo uma quantidade razoável de equipamento: munição e água, capacetes e coletes antiestilhaços, rifles M16 e Berettas M9 revestidas com papel-filme para proteção contra a areia, que à menor provocação pode se erguer numa violenta tempestade de tons dourados. Os grãos entram nas armas, colam no suor; as golas dos uniformes camuflados se transformam em verdadeiras lixas. A estrutura de metal da mochila de Nate machuca seus ombros, chegando a ferir a pele sob a roupa. As meias antissuor só fazem os pés suarem ainda mais. Por mais que ele se hidrate, o mijo ainda sai num tom forte

de amarelo.

Algumas semanas após a chegada eles estão fazendo a varredura de uma casa quando deparam com um deficiente mental, um adulto de aspecto infantil, algemado a um barracão no mesmo terreno. Os soldados mais calejados riem do homem e fazem piadas, e Nate, profundamente comovido com o que está vendo, percebe que, para sobreviver a tudo aquilo, ainda tem muito o que aprender.

Apesar de todas as dificuldades e de todos os horrores, o otimismo de Charles permanece inabalado. É um dos poucos para os quais a guerra não é lá nenhum inferno. Faz as patrulhas com absoluta tranquilidade, lidando facilmente com a população local e contando com um apurado sexto sentido para as tocaias.

Os meses acabam por se misturar num único bloco de tempo escaldado pelo sol. Eles sofrem um pequeno ataque e revidam da mesma forma, deitando fogo sobre dunas e montes distantes. Brincam de mocinho e bandido, cuidando para não serem surpreendidos por bombas caseiras, carros-bombas e armadilhas de toda a sorte, que por vezes incluem até cadáveres.

Certa manhã, durante a formação, os soldados são informados de que o serviço de dezoito meses foi estendido para 22. À noite, Nate toma um banho bem demorado. Compra um cartão de ligações na loja da base e vai à central telefônica, onde as cabines vão se enfileirando contra as paredes, como nos presídios, com um banco de madeira no interior. Na cabine à qual Nate é direcionado para sua ligação de dez minutos, alguém rabiscou na parede: SE O EXÉRCITO QUISESSE QUE VOCÊ TIVESSE UMA MULHER, DISTRIBUIRIA JUNTO COM O EQUIPAMENTO.

Janie atende e fica com a voz trêmula ao ouvir o marido, como sempre acontece.

– Ainda está vivo?

– Acho que sim.

– Volta e meia Cielle liga para você no telefonezinho de plástico dela. Senta no chão e fica horas conversando.

Nate nem sequer consegue engolir em seco, tamanha a aridez da garganta.

– Posso falar com ela?

– Claro. Vou chamar.

Alguns ruídos na linha, e dali a pouco:

– Responde depressa – vai logo dizendo Cielle: – Por que o maluco toma banho com o chuveiro desligado?

– Sei lá, filha. Por quê?

– Porque o xampu dele é para cabelos secos, ora!

Cielle ri, depois fica séria e fala:

– Por que *eu* não posso ligar para *você*?

– É muito difícil completar uma ligação para cá, meu amor. Só eu que posso ligar.

– Isso não é justo.

– Não, não é.

– O Zachary lá da escola me chamou de baleia quando fui escrever no quadro-negro, e todo mundo riu. Ele falou *bem alto*, para todo mundo ouvir.

Janie já dissera que a menina vinha exagerando um pouco na comida naqueles dezessete meses desde a convocação dele. Agora, ouvindo a história da filha, ele sente um misto de culpa e ódio. Sua vontade é cortar fora a cabeça do tal Zachary e dá-la de comida aos lobos, mas, espremido naquele cubículo do outro lado do mundo, tudo o que pode dizer é:

– Sinto muito, meu amor.

– Tudo bem. Fiz um desenho para você lá na escola. Por que você não volta só um pouquinho e vai lá ver? – Uma pausa. – Hein, pai? Volta!

– Não dá, filha.

– Por quê?

– Porque é longe demais. Mas um dia eu vou voltar, ok?

– Promete? Promete que vai voltar para casa?

Nate começa a sentir uma crescente pressão nas maçãs do rosto quando relembra o primeiro dia da filha na praia, ela de pé na areia com o mar azul ao fundo, o maiozinho rosa, a fralda encharcada, o chapeuzinho tremulando ao vento... um perfeito momento Kodak. Lembra-se também da mãe, já nos últimos dias de vida. A boca ferida pelo herpes, tomando água gelada de canudinho. O peso de sua ausência na casa. O pai sendo consumido aos poucos pelo álcool. Por fim, lembra-se de si mesmo na idade de Cielle, jantando cereal sozinho na bancada da cozinha.

– Tá bom, meu amor, eu prometo – diz, afinal.

Na manhã seguinte, Nate é despertado por Charles ainda na escuridão da madrugada. Eles receberam a missão de encontrar um sujeito que possua informações críticas, um homem de traços absolutamente comuns, a julgar pela fotografia enviada. Mas Charles não está nem um pouco preocupado com a missão: seu maior problema naquele momento são os biscoitos enviados pela mãe e recebidos na véspera. Charles não quer comê-los, mas é respeitoso demais para jogá-los fora. Deve muito à mãe, quando nada a pureza da alma. Sem um marido a seu lado, ela ainda mima o filho único com inesgotáveis doses de amor e apoio. Mas ainda que seja uma mãe exemplar, Grace Brightbill é uma péssima cozinheira. Angustiado, Charles sai ao corredor com o pacote de biscoitos debaixo do braço, como se tivesse a seus cuidados uma relíquia sagrada.

Esfregando os olhos, Nate chega ao comboio de patrulha que os espera do lado de fora, os homens já empoleirados nos Hummers. O intérprete do grupo, um adolescente magricela de olhos sonolentos, está vestindo um capacete grande

demais para sua cabeça, uma mochila militar puída (certamente abandonada por um dos soldados da rotação anterior) e uma camiseta com as mangas cortadas. A camiseta estampa no peito as linhas triplas da Adidas e, sob elas, com a mesma fonte do original, está escrito: ABIBAS. O rapaz abre um sorriso para Nate e Charles, deixando à mostra um incisivo torto, e diz:

– E aí, negões?

– E aí, meu *brother*? – responde Nate, e eles trocam um soquinho de punhos.

Durante a sacudida viagem, Nate dá asas ao pensamento e relembra a conversa telefônica com Janie na noite anterior, entristecendo-se por não poder estar do outro lado das chamadas de Cielle no telefone de plástico. Charles ainda desfia sua ladainha sobre os biscoitos horríveis da mãe, até que um dos soldados sugere:

– Dá a porra dos biscoitos pro Abibas!

O intérprete recebe o presente com um sorriso, guarda o embrulho na decrépita mochila e Nate desfruta algumas horas de relativo silêncio.

Quando enfim o comboio chega ao centro da cidade, o sol já está no comando do horizonte. Eles descem e vão esquadrinhando os arredores com os rifles M16 apontados para baixo, porém firmes na mão. Por toda parte se veem muros de tijolos aparentes, cachorros de rua, antenas parabólicas fincadas em telhados de zinco. E muitos olhos curiosos. Nas janelas, nas portas, nos telhados. Pessoas sussurrando ao celular, esgueirando-se. Na varanda de uma casa, um quarteto de idosas vestindo burcas observa a chegada dos soldados, mudas e imóveis feito um jardim de pedras, o queixo empinado sob a cachoeira de panos, as olheiras de tal modo escuras e enrugadas que parecem artificiais. Através da porta aberta atrás delas, Nate avista um caixão de tamanho infantil.

O esquadrão de Nate segue para uma casa de cuja porta restam apenas as dobradiças, a porta em si decerto arrancada numa invasão recente. Pelo menos umas vinte pessoas se espremem na sala principal que recende vagamente a um celeiro. Um tapete cobre o chão de cimento; nas paredes não há nada além de duas bandeiras fincadas nas rachaduras, uma do Iraque e a outra dos Estados Unidos. Todos acompanham algo num aparelho de TV não muito maior que uma torradeira. Os homens ocupam o sofá, dando-se as mãos, e as mulheres se acomodam no chão, comendo pão árabe. No centro da sala, uma menina brinca com um *paddleball*, batendo e rebatendo a bolinha presa à raquete com um elástico. *Teque, teque, teque...*

Os homens se levantam e oferecem chá, mas o clima muda quando o sargento pede às mulheres para saírem da sala, tal como manda a cartilha dos procedimentos operacionais. Nate retira os óculos balísticos de modo que possa fazer contato visual enquanto ajuda na reacomodação das pessoas: acha que se impor a elas em sua própria casa já é desrespeitoso o bastante. A menina continua batendo sua bolinha – *teque, teque, teque* –, mas ninguém parece se

importar com isso além de Nate, que vê nos olhos castanhos dela o reflexo da própria filha. Os soldados mostram a foto do homem que procuram, mas ninguém sabe de nada; subitamente todos são tão cegos, surdos e mudos quanto os três macacos proverbiais.

Charles emerge dos fundos da casa com um homem raquítico com os pulsos atados por lacres de plástico, uma túnica branca e chinelos pretos. Uma desgrenhada cabeleira emoldura o rosto chupado.

– Estava escondido atrás do gerador – informa Charles.

Abibas é convocado para junto do homem, que nega ser o tal procurado. A discussão continua mediada pelo intérprete, que anota partes da conversa num caderno. Por fim, o sargento baixa seu rádio e diz:

– Querem falar com ele *agora*. Vou providenciar um helicóptero. Vocês seis, levem-no para o ponto de encontro. Overbay, você está no comando.

A menina sai da casa com metade do esquadrão e segue os homens sem demonstrar qualquer emoção ou interesse, rebatendo incessantemente sua bolinha: *teque, teque, teque*.

Eles vão caminhando sob o sol forte da manhã; dali a pouco as casas dão lugar a casebres, e mais adiante os casebres dão lugar às dunas. O detido não dá um pio. Abibas transpira muito sob as roupas, e McGuire brinca com ele, dizendo que o suor talvez corrija o erro de ortografia na maldita camiseta. *Teque, teque, teque*. A menina com os olhos de Cielle alcança os homens no cume do morro, do outro lado do qual o Black Hawk já está à espera. Eles entram no helicóptero, Charles acenando para a menina à contraluz, vendo apenas a silhueta dela e de sua raquete, que não para nunca. O helicóptero estremece e começa a vibrar, pronto para decolar.

Abibas grita para Nate:

– Puta merda. Esqueci o caderno. Sargento falou que eu não pode ficar sem porra do caderno. Ficou na casa. Vou pegar.

Nate vê a preocupação do garoto e o dispensa do serviço, confiando que haverá um intérprete profissional no lugar para onde estão indo. Abibas salta para a areia e se afasta em disparada. O Black Hawk começa a alçar voo.

– Ei! – grita Charles para o garoto, apontando para a mochila espremida entre o banco e o piso da cabine. – Você esqueceu os biscoitos da minha mãe!

Abibas para e olha de volta para eles.

Depois retoma sua corrida.

Os segundos parecem se arrastar em câmera lenta. O Black Hawk paira a pouco mais de um metro do chão. Todos os seis soldados estão duros feito estátuas, semilevantados de seus assentos, virados na direção da mochila. Nate é o mais próximo de todos. A mochila está bem à sua frente. Em meio ao rugido de pânico que esfuzia em sua cabeça, ele ouve a promessa que fez a Cielle na noite anterior. “Promete? Promete que vai voltar para casa?” E não consegue

destravar os músculos.

É Charles, ao lado dele, que salta de seu banco e aterrissa sobre a mochila, encobrimdo-a. Uma luz branca e forte emoldura seu corpo quando a bomba explode. O helicóptero tomba para a direita, o piloto exagera na correção e o Black Hawk despenca em parafuso. Nate vê quando as pás dos rotores cravam a areia, e o que se segue é um violento tumulto governado pelas leis da física, uma barulheira infernal. Imagens e sensações vão se alternando em vertiginosa rapidez. A porta ainda aberta. A ausência de peso corporal. A boca de Nate escancarada contra a areia.

Ele consegue se levantar apesar de todo o desequilíbrio. Uma explosão às suas costas o faz cair novamente, agora de joelhos. No alto do morro, a menina testemunha toda a cena sem dizer palavra, o teque-teque de sua raquete emudecido pelo fragor das chamas. Há partes por todo lado: partes de gente, partes de helicóptero. Com o rosto semidestruído, McGuire grita enquanto segura a perna ceifada, depois para de gritar. Sobrevém um repentino silêncio. A areia rodopia no ar, caindo feito chuva. Em meio ao sibilar do vento, Nate consegue ouvir os gemidos entrecortados que vêm de algum lugar; cercado pela nuvem de areia, ele gira o tronco e berra:

– Charles! Cadê você? Cadê você, porra?

Só então percebe que está pisando na mão do amigo. Charles está vivo, ainda que o corpo seja uma sopa de panos rasgados e um sangue muito, muito escuro. As mãos apertam o abdômen que está mais fundo do que deveria e os olhos se reviram de modo assustador.

Todos os demais estão mortos. Os suprimentos, em chamas. Do rádio de Nate não sobrou nada. O médico mais próximo está com o esquadrão na cidade.

Por um momento, Nate não sabe o que fazer. A certa altura, agacha-se e iça Charles sobre o ombro. O amigo emite um ruído que não é humano. Cambaleante, Nate vai escalando o morro até passar pela menina que observa a tudo com seus olhos de Cielle – *teque, teque, teque...* – enquanto Charles geme e chora, dizendo:

– ... *não me deixe sozinho, não me deixe, não me...*

Nate começa a correr. As dores castigam a coluna, fazem arder os músculos. Os pés queimam com o calor da areia, o couro das botas de combate, o peso do corpo carregado no ombro. A sensação se espalha pelas pernas, pelos músculos enrijecidos da virilha. Ele tem a impressão de que está dentro de um forno de pizzaria. Charles geme e engrola as palavras, sofrendo com os solavancos da infernal viagem.

– ... *não me abandone, não me deixe morrer...*

Nate sente a camisa saturar-se com as entranhas do amigo. Começa a correr mais rápido, como se com isso pudesse secar o sangue que escorre para dentro dos olhos, turvando-os com um filtro de tons castanhos e avermelhados.

– Socorro! – grita Nate. – Alguém... me ajude!

A voz de Charles vai diminuindo:

– ... *não... me... deixe...*

Uma fina camada de areia cobre a boca de Nate. A voz se reduz a um fiapo. Ele não consegue mais produzir saliva. Tampouco sente os pés, mas não para de correr. De um segundo a outro está cercado pelos companheiros de esquadrão, o sargento gritando para que tirem o corpo de Charles dos ombros dele.

– Pode soltar, Nate. Pode soltá-lo agora. Ande. Solte.

Nate vai ao chão e Charles desaba a seu lado, morto desde muito, os olhos vítreos parecendo encará-lo a poucos centímetros de distância.

– Ele está bem – balbucia Nate, ofegando rente à areia escaldante. – Ele está bem... É só trazer a respiração de volta...

A RAMPA DO BOEING C-17 é baixada, e os homens dão vivas assim que avistam o asfalto tremeluzente do campo de pouso da Base Aérea de Los Alamitos. Espremido num mar de camuflados, Nate é cuspidor para o clima ameno do sul californiano. Imediatamente localiza Janie e Cielle mais adiante na pista, do outro lado dos cavaletes de isolamento. Cielle parece maior, um sorriso estampado no rosto redondo. Ambas pulam de alegria, lindas. Nate corre ao encontro delas e é esmagado num abraço coletivo.

– Bem-vindo de volta, marido – diz Janie, radiante.

– Senti saudade, esposa – responde ele.

Mas o júbilo rapidamente arrefece, deixando em seu lugar um silêncio grave e pesado que se estende durante todo o caminho de volta para o lar.

Nate passa por cada um dos cômodos da casa que tanto ama, tentando torná-la sua novamente. Tem a sensação de que seu lugar não é ali. Nem ali nem em parte alguma. Um abismo se abriu entre ele e o restante do mundo. De repente, se dá conta de que apenas 72 horas antes estava correndo naquela duna com Charles nas costas, esvaindo-se em sangue.

Terminada sua andança pelo andar de cima, Nate desce novamente à sala, onde Janie e Cielle o esperam, exultantes, junto de uma caixa de papelão atada com um enorme laço de fita vermelho.

– Vem, papai, abre logo isto aqui! – exclama Cielle. – Anda, abre!

Nate levanta a tampa e espia o conteúdo, que por enquanto se resume a um irrequieto pedaço de pelagem acobreada. Mas logo o filhotinho de cachorro dá o ar de sua graça, erguendo a cabeça para fora da caixa e se desvencilhando dela para escalar os braços de Nate e lambe o rosto dele. Nate faz um carinho no alto das costas, onde os pelos do cachorrinho correm no sentido contrário, mais ou menos arrepiados.

– É um Rhodesian ridgeback – explica Cielle. – A raça dele é de caçadores de leão. Ele vai crescer e vai ficar enorme. Vai pesar uns 50 quilos. É seu, mas a mamãe falou que eu podia escolher o nome. Quer saber qual foi o nome que eu escolhi? Gaspar. Igual o fantasma minha.

– Dizem que ajuda na recuperação – emenda Janie. – Um cachorro. Amor incondicional, nada de perguntas...

Nate abraça Gaspar e cheira o lombo dele, absorto naquele momento de carinho. Em seguida, abraça a mulher e a filha, deixa o cachorrinho pular de colo em colo e, por um breve instante, esquece o peso que ainda carrega nos ombros.

Dorme um sono irrequieto, sabendo da tarefa que o aguarda no dia seguinte. Na véspera do voo de volta, levado por uma necessidade que o corroía por

dentro, havia pedido permissão a seu tenente para entregar pessoalmente todas as notificações de óbito às famílias dos homens mortos sob seu comando. O pedido subira até as devidas patentes e fora rapidamente deferido, dada a escassez de candidatos para tarefa tão espinhosa. Nate recebera um panfleto com todas as instruções de que precisaria para a operação para ler durante o voo.

No entanto, só quando se vê à porta dos McGuire é que percebe quão despreparado está para tudo aquilo. Todos os detalhes parecem adquirir proporções estrondosas em seu cérebro: a tinta descascando no umbral da porta, a súbita palidez da Sra. McGuire ao vê-lo ali, a porta de tela que raspa em seu ombro quando ele entra na casa. O pai de McGuire, um retângulo rochoso de homem, vem marchando pelo corredor e se acomoda à sua frente, estalando os dedos das mãos enrugadas ao apertar os braços da cadeira. Nate não se lembra do que diz, mas dali a pouco os olhos da Sra. McGuire estão molhados, e o Sr. McGuire está lhe perguntando algo.

Nate fabrica forças para responder:

– Sim, senhor, ele morreu de um modo honrado.

– Sofreu muito? – quer saber a mãe de McGuire.

À cabeça de Nate vem a imagem do companheiro agarrando a própria perna mutilada, os gritos.

– Não – retruca.

– Vocês mataram o filho da puta que pegou ele? – indaga o Sr. McGuire.

– Não, senhor. – Nate fica de pé e, tal como lhe foi instruído, entrega ao casal uma pequena sacola com os objetos pessoais de McGuire. Sente uma queimação no estômago enquanto vê a Sra. McGuire examinar o conteúdo (uma correntinha com um crucifixo, uma placa de identificação militar, um relógio G-Shock com o mostrador estilhaçado) e se sente obrigado a dizer: – Nem posso imaginar o que é perder um filho...

– *Dois* – corrige o homenzarrão, ríspido. – Perdemos nossos dois filhos. – Ele ergue o rosto e fita o nada com uma centelha nos olhos. – E esta guerra, rapaz, como está indo?

– Espero que tenhamos dobrado uma esquina, senhor – é só o que ocorre a Nate responder.

– Ah, é? E que esquina foi essa? – O Sr. McGuire abafa o riso, depois emenda:

– Tínhamos um nome para essa esquina no meu tempo de exército. Era a esquina da Merda com a Cadaga.

Sem saber o que responder, Nate permanece mudo.

– O corpo dele... – arriscou o Sr. McGuire.

– Todas as providências já foram tomadas. Foi despachado para a Base Aérea Ramstein com todas as honras prestadas em cada escala desde...

– Não interessam as honras, porra! Queremos saber em que condições ele está. – Silêncio. – E aí, não vai dizer nada?

– Não recuperamos o corpo inteiro, senhor.
– O que está faltando? – O Sr. McGuire umedece os lábios com a língua. – Pode falar, rapaz. Se eu aguento o tranco, não há de ser você que não vai aguentar.

– Uma perna. E... e... parte da cabeça.

Subitamente, a Sra. McGuire ergue os olhos para o teto.

– Quem mais morreu com ele? – quer saber o Sr. McGuire.

Nate lista os nomes, terminando com o de Charles, e a Sra. McGuire diz:

– Agradeça por nós aos pais de cada um, por favor.

Um minuto inteiro é consumido em silêncio até que Nate ousa falar novamente. Embora esteja proibido de dar detalhes sobre as circunstâncias do óbito, ele não se contém e fala:

– Foi uma bomba caseira escondida numa mochila. Estava bem na minha frente. Eu deveria ter feito alguma coisa antes que ela explodisse. Poderia...

Mais uma vez ele é interrompido pela voz cavernosa do pai de McGuire:

– Espere aí, rapaz. Agora você está despejando sobre *nós* um problema que é só *seu*. Não acha que já temos problemas demais para um dia só?

Nate treme da cabeça aos pés.

– Sim, senhor.

– Então procure se comportar como se tivesse algum bom senso aí nessa caixola. – O rosto do homem já está vermelho. – Não nos deixe aqui com mais essa batata quente nas mãos. Olhe, filho...Volte para sua casa. Vá jantar com sua mulher, botar seus filhos para dormir. Toque a vida. Vamos estar aqui. Então... procure pensar na gente de vez em quando.

– *Jim* – diz baixinho a Sra. McGuire, e ele se cala.

Nate baixa os olhos para o colo e fica assim por um bom tempo.

– Posso usar o banheiro? – pergunta, afinal.

É a Sra. McGuire quem responde:

– Tem um lavabo ali, no final do corredor.

Nate abre as torneiras da pia para que seu vômito não seja ouvido da sala. Em seguida, joga água no rosto e seca os olhos com uma toalinha rosa que cheira a um sabão em pó floral. Mirando-se no espelho, promete a si mesmo que vai encontrar uma maneira melhor de fazer aquilo. Então se recompõe, volta à sala, dá as últimas informações o mais profissionalmente possível e segue para a porta sem esperar que seja conduzido. No carro, o uniforme ensopado de suor gruda em seu corpo feito um sonho ruim.

A família Johnson é a próxima; revelam-se gentis e gratos, o que torna as coisas ainda mais difíceis. Em seguida, vem a madrasta de Miles, que diz “Ah, ok” e bate a porta. A mulher de Bilton pede a Nate que lhe dê uma carona até a escola para que ela dê a notícia ao filho. O dia seguinte começa com um triste encontro no porão de uma igreja: máquina de café encardida, paredes sem

argamassa, choradeira sem fim. A mãe de Tommy K. retira da sacola de pertences o boné do filho, leva-o ao rosto e começa a cheirá-lo. A tarde vai caindo e o efeito acumulado de tanto sofrimento deixa Nate exaurido de todas as suas forças. Ele recebe de bom grado esse torpor que o impede de chorar, temendo desintegrar-se por inteiro se deixar rolar uma única lágrima.

Chegando à casa em que Charles passara sua infância, dá-se conta de que havia deixado o pior por último. Pela janela, avista Grace Brightbill trabalhando à pia da cozinha, uma senhora gorducha e de aspecto simpático, os cabelos pintados de louro, cortados logo abaixo do queixo. Lembra-se então do orgulho com que guarda todos os papéis do filho, por pior que seja o que está escrito neles. Os boletins escolares estão colados à porta da geladeira com ímãs, assim como fotos do pequeno Charles jogando beisebol. Ainda ao volante do carro, Nate relembra as súplicas do amigo moribundo: “Não me deixe sozinho, não me deixe...” Ainda pode sentir na pele o calor da explosão, a areia que cai do alto feito chuva. Por fim, lembra-se da imobilidade que o impedira de saltar sobre a mochila.

Obrigando Charles a fazê-lo por ele.

Nate respira com dificuldade. Subjugado pelos sentimentos de culpa e autocensura, não encontra coragem para descer à calçada e cumprir com seu dever. Então arranca com o carro e telefona para o quartel, pedindo que enviem outra pessoa para notificar o óbito de Charles, mesmo sabendo que se arrependerá da decisão pelo resto da vida.

No dia seguinte, ainda sofrendo com sua ressaca emocional, Nate leva Cielle para almoçar fora, tal como prometido. Ela come dez *nuggets* de frango, depois mais cinco. Pede um sundae de sobremesa, e Nate diz:

– Acho que você já comeu demais, meu amor.

– Mas não consigo matar minha fome!

Eles vão caminhando na direção da porta quando um garoto se atrapalha ao abrir um pacotinho de ketchup e deixa a gosma vermelha escorrer entre os dedos e o antebraço. De um segundo a outro, Nate sente o rosto queimar e se vê de volta ao deserto, rodopiando no ar após a explosão, os ouvidos zumbindo. McGuire está lá, segurando a própria perna, e...

– Pai? *Papai?*

Parado à porta da lanchonete, Nate desperta de seu pesadelo, afugenta a imagem do companheiro mutilado, engole em seco e diz:

– Vamos, meu amor.

Crises parecidas o acometem nas semanas seguintes. Não consegue ver um avião sem que fique esperando que ele exploda no ar. Apesar das contas que vão se acumulando, não encontra forças para retomar o trabalho de comprador de

ternos masculinos. Ele e Janie fazem amor de um modo cada vez mais sôfrego, como se tentassem se agarrar a algo. Conversam menos depois, Janie pegando um livro para ler, Nate olhando para o teto, para as lâminas do ventilador que giram feito as pás de um helicóptero e o fazem reviver todo o episódio no deserto. Noite após noite, deitado ao lado da mulher, Nate reescreve os acontecimentos daquele dia. Mil vezes ele vê Abibas parar a meio caminho, virar-se para o helicóptero e depois fugir. Mil vezes ele vê a mochila à sua frente. Mas em seu roteiro reescrito, deixa de lado a promessa feita a Cielle, destrava as pernas e salta para cima da mochila.

Certa manhã, escovando os dentes no banheiro, ouve a voz de Charles em sua cabeça, vê o amigo empoleirado na borda da banheira. Charles está com o mesmo capacete e o mesmo uniforme camuflado de combate, mas na altura do abdômen há um enorme buraco que vai jorrando sangue para o mármore do piso.

– Quanta frescura, meu amigo – diz Charles. – Essa autopiedade, essa ladainha, essa merda toda. Saia dessa, cara. Você está *em casa*.

– Eu sei – retruca Nate através da espuma da pasta de dente. – Eu *sei*. Mas uma coisa é saber, outra é sentir.

Charles baixa os olhos para o buraco em sua barriga e sacode o tronco, fazendo os intestinos saltitarem. Depois reergue o rosto com um sorriso entre os lábios. Notando a expressão de Nate, fica sério e fala:

– Você virou um chato. Isso é imperdoável.

Nate cospe na pia e enxágua a boca.

– Desculpe. É que não consigo esquecer que matei você, só isso.

– Essa ladainha *de novo*? – Charles abana a mão ensanguentada. – Você não podia ter feito nada!

Pela primeira vez, Nate consegue dizer em voz alta:

– Eu podia ter saltado primeiro.

Ele sai à procura de trabalho, mas invariavelmente acaba sentando-se com Gaspar num meio-fio nas imediações do lava a jato e fica ali, vendo os carros entrarem imundos e saírem limpiíssimos, aquele mesmo filme tóxico projetando imagens contra as paredes de seu crânio, corroendo-o por dentro. Por mais que tente refazer a equação dos fatos, está travado internamente, e a equação resulta idêntica: duas pernas paralisadas, três segundos de inação, uma mochila puída a poucos metros de distância.

Nate sai para passear com Gaspar tarde da noite, quando a vizinhança está tranquila o bastante para aquietar os ruídos em sua cabeça. Em certa noite, chega em casa e encontra Janie balançando no sofá da varanda.

– Você devia levar Cielle nessas suas caminhadas. Estou preocupada com o

peso dela.

– Ela quase sempre já está dormindo quando chego – diz ele.

– Talvez seja por *isso* que ela esteja engordando tanto – sugere Janie. – Cielle tem buscado consolo na comida desde que você...

– Eu sei. – Nate sente as faces queimarem. – É que... não estou conseguindo colocar minha cabeça em ordem. Mas... é temporário.

– Talvez se você procurasse se ocupar mais...

Nate ergue a mão, mas não encontra forças para terminar o gesto de impaciência que tinha em mente.

– Não vou voltar a comprar ternos, Janie. Não dá.

– Não foi isso que eu quis dizer. Não estou preocupada com o *dinheiro*. Posso aumentar meus turnos no hospital se for preciso. Para arcar com as prestações da hipoteca.

– A hipoteca é responsabilidade *minha*. Só preciso de um tempo. Porra, não faz nem cinco semanas que voltei para casa.

Janie enrubescer, fazendo ressaltar as sardas.

– Quer saber de uma coisa? – Ela respira fundo, exala lentamente. – Isto não faz parte do nosso show. A gente não se fala assim.

Ele volta os olhos para ela, e ela o encara, impassível. Agitado, Gaspar trotava para junto de Janie e choraminga até obter o carinho desejado.

– Não consigo quebrar essa sua parede, Nate. Ninguém consegue.

– Você consegue. Sempre conseguiu.

– Agora é diferente.

A tristeza estampada no rosto dela é tanta que Nate se vê obrigado a desviar o olhar. Janie diz:

– Sei que você era louco pelo Charles. Poxa, *todo mundo* adorava o cara. Mas você precisa enterrar tudo isso no passado, Nate.

– Não posso.

– Por que não?

Embora essa verdade nunca lhe tivesse ocorrido, ela estava bem ali, na ponta da língua, e agora, no calor da conversa, ela enfim foi cuspidas:

– Porque nesse caso eu estaria abandonando o meu amigo. De novo.

Janie se assusta com o que ouve, com o peso da situação. Meneia a cabeça uma única vez. A brisa sopra no rosto dele.

– Quando você foi embora – diz ela –, Cielle costumava deitar na nossa cama, do lado em que você dormia. Como vou explicar a ela que você voltou, mas ao mesmo tempo *não voltou*?

Nate não consegue erguer os olhos do piso da varanda. Janie prossegue:

– Você é o único homem que quero do meu lado. Às vezes tenho a impressão de que era em você que eu pensava quando tinha 9 anos e ficava imaginando um namoradinho. Amo você demais para deixar que a gente vire um casal de

estranhos. Isso acontece com muitas pessoas. Mas não vai acontecer com a gente. Ter você como um estranho a meu lado seria pior do que não ter você de jeito nenhum.

Nate pigarreia.

– Você e Cielle são *tudo* o que eu quero. Mas... Sei lá. Não consigo encontrar o caminho de volta para cá.

Janie repete ao marido o que ele mesmo lhe dissera anos atrás:

– Olhe para mim: estou aqui, vou ajudar.

A boca dele está seca.

– Não consigo...

Silêncio. O sofá de balanço range, os pés de Janie roçando o chão como se rodopiassem num lago. Enfim ela diz:

– Somos nós que construímos nossas próprias prisões. Tijolinho por tijolinho.

Nate pensa no pai vagando feito um fantasma pela casa depois de enterrar a mulher, suas crises de ausência diante do micro-ondas e o modo como ficava ali, imóvel como uma estátua, incapaz de seguir em frente.

– Talvez seja isso que eu tenha de fazer agora – retruca ele.

Janie respira fundo, depois fala:

– Não vou dizer nada de que possa me arrepender mais tarde.

Nate sobe para o quarto, tranca-se no banheiro e senta no vaso fechado. Dali a pouco ouve os passos dela do outro lado da porta, o sussurro dos lençóis quando ela se deita, o clique do abajur que ela apaga. Também ouve quando ela começa a chorar baixinho, e embora sua vontade seja ir lá e envolvê-la num grande abraço, não consegue ficar de pé e girar a maçaneta. Perdeu toda a coragem que tivera um dia. Perdeu-a naquele maldito deserto, naquele maldito helicóptero. Perdeu-a quando prometeu à filha que voltaria para casa. Lembra-se do dia em que Charles o arrastou até a praia, dos gritos de socorro de Janie, carregados pelo vento. Ele havia se jogado na perigosa corrente antes que qualquer outro o fizesse. Havia salvado a vida de Janie. E agora estava encurralado num banheiro, tremendo da cabeça aos pés, com medo de abrir a porta.

Nate espera que a mulher se acalme, depois se esgueira no escuro para seu lado da cama.

Mais tarde nessa mesma noite, é despertado por gritos. Salta da cama, sente as botas se afundarem na areia escaldante, respira o ar empestado de fumaça e começa a gritar para Charles:

– Cadê você? *Cadê você?*

Os gritos prosseguem na escuridão, ele tropeça e bate a cabeça na quina da parede, junto da porta. O sangue escorre em sua testa, espesso e quente, depois

os olhos começam a pinicar e ele cambaleia porta afora, arrancando-a de uma das dobradiças. Janie está a seu lado, segurando-o pelo braço, e ele vê Abibas, que o encara de um modo indecifrável, e com uma cotovelada forte se desvencilha de Janie, que bate de costas contra a parede do corredor, e ele segue cambaleando adiante, o sangue de Charles escorrendo sobre seu rosto, Charles berrando: “Cadê você? Onde você se meteu, porra?”, e os berros param de repente, mas Gaspar está latindo, e agora ele se vê à porta do quarto da filha, mas Cielle não está lá. Janie está às suas costas, gritando, um hematoma feio numa das faces.

– Pare com isso, Nate! Você está assustando ela! Está *assustando* ela.

Olhando para onde sua mulher aponta com o dedo trêmulo, ele vê Cielle espremendo-se sob a cama, tentando se esconder. Janie corre até a filha e a abraça.

Nate seca a testa com o antebraço e vê o sangue deixado nele. Apavorando-se com o que possa ter feito, diz:

– Não, não... Eu não estou assustando ela. Estou, filha?

Cielle ergue os olhos sob as franjinhas castanhas e responde:

– Está.

Ele sente um frio no estômago. Mal consegue se equilibrar de pé, a boca recusando-se a fechar, a pele ardendo em fogo. Lentamente vai voltando para o quarto com Gaspar a seus pés. No banheiro, lava o sangue do rosto e cola um Band-Aid sobre o corte no alto da testa. Em seguida, pega o kit de primeiros socorros do armário sob a pia e dele retira uma bolsa térmica de nitrato de amônio. Ao sair do banheiro, depara-se com Janie, pálida e muda.

– Desculpe, meu amor – diz ele. – Desculpe se eu machuquei você.

– Você não sabia o que estava fazendo. Cielle estava chorando. Teve um pesadelo.

– O que fiz é inaceitável.

– Sei que não foi sua intenção.

– Não interessa – retruca ele. – Eu preciso... preciso...

– Precisa o quê?

– Preciso dar um jeito nessa minha cabeça. Para merecer viver aqui outra vez com vocês.

Janie afasta o rosto com os olhos marejados.

– Não era para ser assim...

Nate não encontra o que dizer, muito menos consegue desatar o nó que aperta sua garganta. Constrangido, aperta a bolsa térmica para liberar o nitrato de amônio, mas Janie fala:

– Não precisa. Estou bem.

Ele oferece a bolsa assim mesmo. Mal consegue olhar para o hematoma, cada vez maior, que provocou no rosto tão lindo da mulher.

– Por favor... – insiste.

Janie cede e leva a bolsa ao rosto.

Nate volta ao corredor com Gaspar em sua esteira. Cielle já se deitou novamente, mas ainda está acordada. Nate senta na beira da cama da filha. Gaspar se acomoda no ninho rosa que Cielle havia feito no chão com um velho cobertor e olha com desconfiança para Nate, que mais uma vez fica com o coração partido. Quando estão na rua, Gaspar não permite que estranhos se interponham entre ele próprio e Cielle, e é assim que Nate se sente agora: como um estranho. Ele diz:

– Me desculpe, meu amor. Papai não queria assustar você.

– Está tudo bem, pai.

– Não, não está – retruca ele, e Cielle ergue os lindos olhos castanhos para o pai.

Nate acarinha o narizinho da filha com o indicador.

– Por que não pode ser como era antes? – pergunta ela.

Nate engole em seco, mais uma vez sente o nó que lhe estorva a garganta.

– Por enquanto não vai dar, meu anjo.

– Por que não? E a minha vontade, não conta? A minha vontade *nunca* conta.

Para nada.

– É que... muitas vezes as coisas acontecem apesar da nossa vontade – explica ele carinhosamente, e beija a testa da filha, aspirando o cheirinho de xampu que exala dos cabelos dela.

Continua acarinhando as costas da menina até fazê-la dormir, depois desce à sala para recuperar o fôlego. Enquanto perambula entre os móveis, percebe que, ao se privar do amor da mulher e da filha, está punindo a si mesmo por não ter conseguido destravar as pernas naquele maldito helicóptero. Para diante do retrato de família que adorna a lareira. Os três esborrachados no chão, gargalhando, apoiando-se uns aos outros. Nate promete trazer aquela realidade de volta.

O que está vivenciando agora... é apenas temporário.

E, no entanto, cinco anos se passam.

Cinco anos em que sua vida vai se desmantelando ainda mais. A viagem de Nate ao longo desse período é uma trajetória de vertigens e sustos, não muito diferente da queda espiralada do helicóptero. O ponto de impacto se dá num consultório médico, com um neurologista barbudo de aspecto gentil e erudito, exatamente o aspecto que se quer de um neurologista, sobretudo quando ele tem semelhante diagnóstico a dar. Nate percebe então que, até aquele momento, em se tratando de más notícias, ainda não tinha um bom termo de comparação.

Aturdido, ele se afasta do consultório em seu carro, com uma nuvem negra

de pânico lhe sobrevoando a cabeça. Vê sua mãe definhando numa cama de hospital, perecendo dia após dia, suas feições sucumbindo. E vê o pai também, carcomido por dentro, vazio como uma máscara de fantasia, com dois buracos no lugar dos olhos. Aos 9 anos, Nate prometera que se algum dia tivesse a sorte de ter uma família, nunca, jamais a deixaria erodir daquela forma.

Assim, não conta nada a ninguém, nem a Janie e muito menos à filha. Custe o que custar, poupará ambas deste sofrimento que conheceu tão bem na própria infância. Muito em breve não será mais capaz de esconder a fraqueza das mãos, a aridez dos olhos, a flacidez dos pulmões. Mas poderá escolher uma data e um prédio alto o suficiente para lhe dar uma paisagem bonita e uma queda fatal.

Basta que o faça enquanto ainda tem as forças necessárias.

E rezar para que nada o interrompa. Como, por exemplo, seis bandidos mascarados assaltando um banco.

Porque, nesse caso, é bem possível que ele se veja sentado num leito de pronto-socorro, devidamente recosturado e vivo – apesar da sua vontade.

ALONGA ESCALADA

A necessidade tem o focinho de cão.

– Gabriel García Márquez

LIBERADO DO HOSPITAL, NATE embarcou num sedã à paisana da polícia e se acomodou no banco do carona, tentando ignorar o ombro que latejava e fazendo o possível para acompanhar o agente ao volante. Abara, que não havia mencionado um primeiro nome, era veloz na condução tanto do carro quanto da conversa. Um sujeito naturalmente seguro, porte atlético, cabelos densos raspados nas laterais e na nuca. Poderia ter uns 30 anos, ou 24.

– Bem, para início de conversa – disse ele –, esqueça aquela merda toda que você está acostumado a ver na televisão. Nem sempre andamos em duplas, não somos um bando de babacas e não somos obrigados a circular por aí de terno e gravata. – Apontou para a camiseta que estava vestindo, uma polo preta com um escudo dourado na altura do peito, e abriu um sorriso absurdamente bonito, com covinhas e tudo. – Mais importante, sabemos trabalhar em equipe. A jurisprudência de fato é nossa, mas a polícia de Los Angeles tem uma bela equipe lá na Furtos e Roubos. Portanto, não vou chegar botando banca, dizendo que vou assumir o caso deles. – Fez uma pequena pausa e retirou o fiapo de tecido que maculava o painel limpíssimo de seu carro. – Tem certeza de que não quer dar uma passada em casa? Sei lá, para respirar um pouco, trocar de roupa...

Nate baixou os olhos para a camiseta que recebera no hospital, novinha em folha, ainda com as dobras marcadas no tecido. Sem dúvida fora retirada de uma pilha de roupas que eles mantinham por lá, à disposição das vítimas de esfaqueamento no ombro.

– Não precisa. Estou bem.

Ao alcançar o cordão de isolamento da polícia, Abara reduziu a velocidade do Chevie Tahoe e mostrou sua carteira, dizendo:

– Marcus Abara, FBI. O herói está aqui comigo. Vamos dar uma olhada lá em cima.

Os olhos do policial se escondiam por trás de um par de óculos espelhados da Oakley, mas ele os ergueu para ver Nate melhor.

– Belo trabalho, meu chapa – elogiou.

– Valeu – retrucou Nate, o coração já batendo mais forte em razão da proximidade do banco.

Repórteres e curiosos se aglomeravam do outro lado dos cavaletes. Uma mulher chorava e amassava o próprio suéter entre os dedos. Irmã de uma das vítimas? Nate se deu conta de que ela também poderia ser parente de um dos homens que ele havia matado naquela manhã.

Precisou dar uma rebobinada nos pensamentos: *um dos homens que ele havia matado naquela manhã*.

Um homem se destacava na multidão, sobrelevando-a como se estivesse empoleirado em pernas de pau. Um rosto de traços grosseiros: queixo muito

quadrado, nariz achatado, um risco no lugar da boca. Esquadrinhava os arredores até que avistou Nate e o crivou com o olhar. Nate chegou a olhar novamente para o sujeito, mas ele já havia sumido.

Abara não deixou de notar a preocupação dele.

– Que foi? – perguntou.

– Nada. Só um cara aí no meio do povo. Sei lá... me pareceu meio sinistro.

Nate atribuiu aquilo ao nervosismo, mas percebeu que Abara havia arquivado a informação num escaninho qualquer da mente.

Eles estacionaram diante do prédio. Antes de sair do hospital, Nate havia sido interrogado, primeiro por um policial, depois por dois detetives e finalmente pelo agente Abara. Contara a eles o que havia acontecido no banco, ou melhor, contara *sua versão* do que havia acontecido. Conjeturas já tinham sido feitas antes de ele ser devidamente suturado e estar em condições de conversar com a polícia, e quando enfim pôde dar seu depoimento, achou por bem corroborar a falsa versão que circulava entre os policiais, uma versão que àquela altura já havia se transformado numa espécie de verdade incontestável. Que era esta: Nate estava no banheiro do banco; ouviu os tiros; pulou a janela do banheiro, foi se esgueirando pelo beiral do prédio e... salvou o dia. As perguntas (que foram muitas e bastante detalhadas) haviam começado da parte em que ele salvara o dia, o que para ele fora bem conveniente. Ninguém precisava saber que tinha a intenção de mergulhar lá do alto para uma caçamba de lixo. Caso a informação viesse à tona, ele seria encaminhado a um terapeuta especializado e teria de ficar em observação psiquiátrica por um mínimo de 72 horas. Portanto, em vez de abrir possibilidade para esse tipo de chateação, e de invasão, achara por bem ficar de bico calado e simplesmente ajudar até onde podia nas investigações. Eles que descobrissem o resto da história sozinhos, mais tarde, quando ele já não estivesse por perto para se sentir constrangido.

À porta do banco, ele se surpreendeu ao ouvir seu nome sendo gritado às suas costas. Instintivamente, parou e virou o rosto para o enxame de repórteres que queria entrevistá-lo. Abara precisou pousar a mão nas costas dele para conduzi-lo adiante. Já no elevador, subindo para o 11^o andar, Nate ficou pensando na última vez em que estivera naquele mesmo lugar, suando de nervosismo em razão do que estava prestes a fazer. Pois agora, contrariando todas as previsões, lá estava ele novamente, confinado naquela mesma caixinha, subindo para o mesmo andar, um Sísifo na era da tecnologia.

Abara ficou curioso ao ver que ele ria sozinho.

– Estou espantado com a sua calma – falou. – Diante de tudo o que... aconteceu.

– Devo estar fingindo muito bem – respondeu Nate.

– É impressionante. O beiral, a janela, o timing... Quer dizer, eram *seis homens armados*. – Abara assobiou. – Deve ter sido o seu treinamento militar que

ressuscitou de repente.

Nate pensou ter notado um leve tom acusatório no comentário do agente. Mas também era possível que, influenciado pela própria culpa, tivesse feito uma leitura paranoica do que havia sido uma simples observação. Sabia perfeitamente quem ele era de verdade – Nate Overbay, suicida fracassado –, e o papel de herói começava a incomodá-lo.

– Olhe, fui apenas mais um infeliz convocado para a guerra – disse. – Não saberia matar uma pessoa com um palitinho japonês ou qualquer merda desse tipo. Sou apenas um milico que aprendeu a disparar uma arma.

– Você apagou cinco atiradores treinados.

– Elemento surpresa, só isso. E muita sorte.

– Dei uma olhada no seu histórico militar – falou Abara. – Você passou por maus bocados naquele deserto.

– Não tanto quanto algumas outras pessoas.

Uma voz familiar sussurrou às suas costas: “*Eu que o diga.*”

Nate virou a cabeça ligeiramente e, claro, lá estava ele, Charles, pingando sangue no chão do elevador, o peito estourado, o coração visível entre as costelas, pendurado ali feito um cacho de uvas. Abrindo um sorriso e fazendo rachar a crosta de sangue seco que lhe cobria o rosto, ele emendou: “Dessa vez você realmente pisou na bola, parceiro.”

Como sempre, o timing não poderia ter sido melhor.

Nate desviou o olhar, irritado.

“Alguém está muito *esnobe* hoje... Prefere conversar com os amigos vivos. Não, por mim tudo bem. Eu entendo. Pode me ignorar. Mas será que seus amiguinhos vivos são capazes de fazer... *isto*?”

Nate ouviu ruídos terríveis e molhados às suas costas, mas nem quis saber o que eram. De repente, se deu conta de que Abara o encarava com uma interrogação no olhar. Então, fazendo o possível para aparentar interesse, falou:

– Desculpe. Você estava dizendo que...

– Eu estava dizendo que alguns amigos meus voltaram de lá com sintomas de estresse pós-traumático. E você? Será que não está com alguma coisa parecida? Algo que seja relevante para uma compreensão do que aconteceu aqui hoje?

Pelo canto do olho, Nate podia ver que Charles lhe mostrava a língua, passando-a por um buraco no rosto.

– Não – respondeu ele. – Faz tempo que superei tudo isso.

As portas do elevador se abriram para um formigueiro de policiais, técnicos da perícia e especialistas em segurança bancária. Rádios chiavam, iPhones tocavam, câmeras clicavam. Charles já havia desaparecido (detestava confusões), e de repente Nate se viu tomado pela lembrança dos acontecimentos da manhã. Caminhava com um formigamento nas pernas, os frascos de comprimido chocalhando no bolso, intoxicados. Abara baixou a fita de isolamento

da polícia e ele passou para o saguão do banco. O cadáver do segurança negro já havia sido retirado, mas pequenos cones numerados marcavam o contorno do corpo. A poça de sangue rebrilhava com um aspecto gelatinoso sob as luzes fluorescentes.

Um baixinho atarracado se aproximou e bufou um suspiro, exasperado. Os cabelos ralos se erguiam em desalinho, acentuando as entradas na testa. O dia havia sido longo. Apresentando-se como o diretor de segurança física do banco, apertou a mão de Nate com vigor e deu início a seu relatório:

– Tudo indica que eles se esquivaram das câmeras lá no estacionamento e subiram pelo elevador de serviço. E lá se foi a segurança do 11^o! Como vocês já sabem, eles usavam roupas pretas e largas, além de botas grandes. Difícil dizer se eram gordos ou magros, baixos ou altos. Não deixavam à mostra nem um pedacinho de pele, para que a etnia não pudesse ser identificada.

– Muita gentileza da parte deles, terem deixado os próprios corpos para trás – ironizou Abara.

Nate mal conseguia desviar a atenção da poça vermelha sobre a cerâmica do piso. Lembrava-se dos olhos revirados do morto, quase inteiramente brancos.

– Antes de atacarem o cofre – prosseguiu o diretor de segurança –, arrombaram a porta do closet de segurança e desligaram a câmera digital que captura as imagens no interior do cofre.

Abara estalou os lábios e disse:

– De modo que pudessem tirar a máscara para trabalhar lá dentro.

– Exatamente – sussurrou Nate, lembrando-se do homem que vira surgir à porta do cofre com a serra circular em punho e a máscara erguida no topo da cabeça.

Então veio à sua lembrança a imagem da orelha jorrando um spray de sangue escuro ao ser decepada... O homem havia olhado para trás e ele havia atirado uma segunda vez, acertando-o na testa.

Nate ouviu a voz de Abara, que lhe pareceu muito distante:

– ... tudo bem com você?

– Tudo, tudo – respondeu ele rapidamente, meneando a cabeça com vigor.

– Esses caras eram profissionais – disse o diretor. – Sabiam o que estavam fazendo e agiram rápido. Ninguém teve tempo de acionar um alarme. A porta do nosso cofre tem 45 centímetros de espessura, é feita de aço-ferramenta e resiste à abrasão por trinta minutos. Mas, claro, estava aberta para a movimentação do dia. Eles só tiveram o trabalho de arrombar o gradil interno. Usaram uma serra circular diamantada para arrombar a tranca de um dos Diebold e conseguiram colocar um pouco mais de 300 mil numa sacola que, graças ao nosso Nate aqui, ainda está lá dentro. Estavam arrombando os cofres de aluguel quando ele entrou cuspidando fogo.

Abara meneava a cabeça enquanto ouvia a história que já conhecia. Sabia

que as repetições faziam parte de uma boa investigação, que era preciso ir peneirando todos os depoimentos até tropeçar nas pepitas de ouro.

Os corpos dos assaltantes jaziam onde haviam tombado, sem as máscaras, os macacões rasgados a faca e repuxados como se por obra de um esfolador. Nate ia para onde o mandavam, cuidando para não atropelar os cones numerados ou os respingos de sangue. De repente, se viu ajoelhado junto ao primeiro cadáver, observando o rosto bem barbeado do morto. “Vai me obedecer ou não vai, sua pirralha?” Bem menos ameaçador sem a máscara negra e os olhos de inseto. Mais jovem do que poderia ter imaginado.

A vontade de Nate era tocar o rosto de cera do rapaz.

– Ele tem o quê? Uns 27, 28 anos?

– Esse aí? – Abara conferiu as anotações que havia feito num bloquinho de couro preto. – Vinte e seis.

Nate ficou pensando no parente mais próximo do garoto. Quem atenderia a porta para receber a notificação de óbito? A mãe doente? A namorada grávida? O filhinho de 9 anos, recém-chegado do treino de futebol? Correndo os olhos pelos corpos espalhados no saguão, pensou nas reações que se propagariam em cadeia com a morte daquelas pessoas e ficou imóvel por um instante, estupefato com a enormidade do que havia feito. Achou que deveria estar sentindo algo mais. Um pouquinho de remorso, talvez. Mas não. Havia muitas outras variáveis naquela equação. Aquelas balas perfurando o terninho rígido da gerente. A mão gelada e branca que ele havia segurado do outro lado da janela. A orelhinha da menina, manchada com o sangue da própria mãe.

O diretor de segurança já havia se afastado, mas Abara ainda estava a seu lado, dizendo:

– Você falou que o sexto homem tinha um sotaque?

– Leste Europeu, sei lá.

– Russo? Polônês?

– Mais para russo, eu diria. Mas não posso afirmar com certeza.

Abara apontou para os corpos.

– Esses garotos, todos os cinco, fazem parte da escória branca local. Um sotaque estrangeiro não faz muito sentido. Tem certeza de que não ouviu coisas?

– Tenho. Vocês já sabem quem são eles? Os mortos?

– Sim. São um gangue de Inland Empire. Estavam no nosso radar fazia mais de três anos. Mas algumas coisas não batem. Primeiro: que diabo estavam fazendo em Santa Monica? Nunca passaram nem de Victorville para fazer um assalto! E segundo: de onde surgiu esse sexto homem? Sempre foram uma gangue de cinco.

– Talvez tenham recrutado o outro – aventou Nate.

– Sei lá. Cinco homens é o máximo que a gente costuma ver num assalto como este. Uma sexta pessoa é a gota d’água do ponto de vista da logística:

atrapalha mais do que ajuda.

– Era ele quem parecia ser o chefe do bando.

– É, você já disse. Nesse caso, por que diabo a chefia seria entregue a um sexto membro recrutado?

Nate fechou os olhos, catapultou-se de volta ao interior do cofre. O arrastar daquelas botas às suas costas... Número Seis, esperando de tocaia com o abridor de cartas em punho. O leve zunido de movimento, a lâmina de aço cortando o ar, a pontada quente no ombro. Novamente ele ouviu a ameaça pronunciada com frieza: “Ele vai ficar muito, *muito* aborrecido com você.” Sentiu um arrepio e falou:

– Eles estavam trabalhando para alguém.

– Certo – retrucou Abara. – O *ele* de “Ele vai fazer você pagar”. – Nate também já havia contado isso. Eles atravessaram juntos a portinhola do balcão dos caixas. Abara correu os olhos pelo gesso do teto crivado de balas, passou a mão pelo corte utilitário dos cabelos e sentenciou: – Isso foi obra de uma carabina AKS-74U.

– Dá para saber só pelos buracos no gesso? – perguntou Nate.

– Não – respondeu o agente, rindo. – Li no relatório dos peritos. Mas agora... será que você pode me contar o que aconteceu?

– Já contei. Várias vezes.

Abara juntou os dedos das duas mãos e disse:

– Tenho uma patroa em casa, tá ligado? E volta e meia ela perde a cartela das pilulas. Duas, três vezes por semana. Porra. Pilula não é uma boa coisa de se perder, certo? Então eu falo para ela: “Querida. Pense direito. Tente lembrar cada passo que você deu.” Ah, as porto-riquenhas... teimosas como elas só! Daí, quando finalmente me dá ouvidos... Lá está ela: a porra da cartela de pilulas! Então, o que você acha? Pode fazer isso por mim?

– Encontrar as pilulas da sua mulher? – brincou Nate.

Abara não riu. Em vez disso, apontou para a janela ainda aberta tal como Nate a havia deixado, as vidraças pintadas de sangue. Nate refletiu por um instante, mordendo o lábio inferior. Em seguida, plantou as mãos no parapeito e respirou o ar fresco do entardecer.

– Opa. Peraí, amigo – disse Abara. – Dá para rebobinar a fita um pouquinho aí?

Nate se afastou da janela. Nada restava da bancária de belos olhos verdes senão o contorno de cones numerados no chão. Ele foi relembando cada um de seus passos, começando pelo momento em que atravessou a janela e tombou sobre o corpo inerte da mulher. Um detalhe por vez. A poeira de gesso. Os uivos incessantes da serra. A bala raspando tão rente que ele havia sentido na face o rastro de calor. Recontar tudo aquilo agora, na relativa privacidade daquela conversa, tornava os acontecimentos ainda mais reais, e a cada passo que ele

relembrava, uma maré negra subia em seu peito, ameaçando afogar as palavras. Havia matado dois homens no saguão daquele banco. Estava voltando na direção do cofre quando algo reluziu sob uma das mesas, chamando sua atenção. Aproximou-se, agachou-se e recolheu um brinco de pérola, desses de pressão. Examinando-o na palma da mão, lembrou-se da dona da joia, do braço desfalecido que ela havia jogado para trás, dos anéis batendo contra a cerâmica do piso. A maré negra subiu à sua garganta, pegando-o desprevenido, e ele se sentou ali mesmo, no chão. Diversos policiais e peritos interromperam o que estavam fazendo para observá-lo. A movimentação a seu redor foi se dissipando aos poucos até que, em dado momento, todos na sala voltavam a atenção para ele. Nate engoliu em seco, tentando disfarçar a emoção, mas sentia as bochechas formigarem.

– Desculpe – disse ele, fechando os dedos sobre o brinco. – Preciso de um minutinho.

Abara acenou para que os outros voltassem ao trabalho e se agachou ao lado de Nate.

– Leve o tempo que precisar.

Tão logo se recompôs, Nate prosseguiu com a reconstituição, terminando com seu embate com Número Seis no interior do cofre. Abara coçou a cabeça com a caneta, depois disse:

– Será que você podia dar uma olhada nas imagens da câmera de segurança? Ver se consegue identificar o líder?

– Pensei que eles tivessem desligado as câmeras – retrucou Nate.

– Sim, mas temos algumas imagens feitas no elevador de serviço e no saguão dos fundos, antes que eles desligassem tudo.

Nate acompanhou o agente até uma saleta cheia de monitores, onde se achavam o diretor de segurança e dois detetives da polícia. A tela diante deles estava congelada num PAUSE. A imagem mostrava os assaltantes no elevador de serviço, seus vultos embrulhados em tecido preto. O diretor apertou o PLAY e todos ficaram ali, observando a escalada dos homens para o local do golpe. Quase todos se remexiam, ora estalando as mãos, ora tamborilando o pé no chão, ora conferindo o pente das pistolas. Todos visivelmente nervosos.

Menos um.

Número Seis, o mais baixo do bando, subia completamente imóvel, a cabeça meio inclinada, olhando direto para a câmera de segurança através dos retalhos de tela que lhe cobriam os olhos. Olhando direto, ao que parecia, para Nate.

Nate podia sentir o suor brotando sob a camiseta nova. A frieza daquele homem. Nenhum indício do que estava prestes a fazer. Poderia muito bem estar subindo naquele elevador para ver um filme, visitar um amigo ou coisa parecida. O porte compacto, esguio. O ligeiro sotaque. “Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina.” Lembrando-se da ameaça, Nate sentiu um

frio na espinha. Ele já estava praticamente morto, decidido a encontrar a próxima oportunidade para levar a cabo seu suicídio malgrado. Então... por que tanto medo?

Talvez porque intuisse a promessa escondida na calma daquela voz, a promessa de que o castigo que estava por vir, fosse ele qual fosse, seria bem pior do que a morte em si.

Mais uma vez ele engoliu em seco. E apontou para Número Seis.

Descendo no elevador, Abara disse:

– Vamos precisar de você na coletiva de imprensa lá embaixo.

– Imprensa? – perguntou Nate. – Você quer que eu ajude os caras que querem *me matar a me* identificar?

– A imprensa está por dentro de toda a história. Já tem uma foto sua circulando na internet, você saindo do banco com a menina nos braços. Parece até o pôster de um filme do Bruckheimer. Se a gente não fizer isso agora, esses repórteres vão grudar no seu pé por semanas a fio. Então... sorria para as câmeras, sacie o apetite de todo mundo, e amanhã ninguém se lembrará de você.

– O sujeito me ameaçou. Estava cara a cara comigo. Não tenho motivo pra duvidar dele. Seja lá quem for o chefe desse pessoal, eu matei cinco dos caras dele, acabei com o assalto.

– Duvido muito que venham atrás de você. Assaltantes de banco e assassinos são dois tipos psicológicos bem diferentes.

– Um factóide para me tranquilizar.

– Eu diria que não. – Abara pescou um cartão de visita e entregou a Nate. – Meu celular está no verso. Se alguma coisa o deixar preocupado, ou se precisar de mim para o que seja, é só ligar. Vou pedir que um carro da Polícia de Los Angeles patrulhe seu endereço à noite pelo menos durante algumas semanas, até o susto passar. – Percebendo a expressão no rosto de Nate, ele disse: – Estava esperando o quê? Um destacamento do Serviço Secreto?

– Que nada – retrucou Nate. – Se me matarem, tudo bem. Morto estou.

Ouvindo isso, o agente franziu um pouco sua testa jovem. Eles desceram na portaria e, saindo juntos pela porta giratória do prédio, depararam com uma onda de barulho e calor. Equipes de filmagem, repórteres e curiosos estavam por toda parte, e no centro de uma clareira se via um pequeno palanque. Antes que pudesse entender o que estava acontecendo, Nate foi conduzido até o buquê de microfones diante do qual vinha falando um capitão da polícia, que lhe cedeu o lugar. Luzes e flashes espocavam à sua frente, impedindo que ele visse o rosto de seus interlocutores. As perguntas saíam desse oceano ofuscante.

– O que passava em sua cabeça enquanto você enfrentava sozinho todos

aqueles bandidos?

Nate umedeceu os lábios.

– Eu estava apenas reagindo ao que via à minha frente. Acho que foi a primeira vez em 36 anos que *não* pensei antes de agir.

– Não tinha nenhum plano em mente?

Nate logo percebeu certo desapontamento com o fato de que não se levava tão a sério.

– Mirar e atirar. Serve como plano?

Nos fundos, uma voz feminina perguntou:

– Não ficou com medo?

– Com medo, não. Estava com raiva.

– Raiva do quê exatamente?

– Eles mataram três pessoas. Um deles chutou uma mulher no rosto. Por pouco não matou uma criança.

Voz de barítono na primeira fila:

– Achou então que todos eles mereciam uma sentença de morte?

– Achei que se não fizesse alguma coisa iriam matar mais gente – respondeu Nate.

– Mesmo assim. Existem leis.

Era evidente que a intenção do repórter era provocá-lo. Nate sabia que no passado teria respostas mais apropriadas a dar. Tentou encontrar uma delas, algo que tendesse mais para o moderado e o conciliatório, mas então se viu tomado por aquela mesma sensação que tivera ao abandonar a proteção do balcão dos caixas para ir de encontro à saraivada dos bandidos. A sensação de *libertação*. E disse:

– Leis. É isso que você quer? Então tome esta aqui: é proibido assaltar bancos e matar inocentes, porra!

Seguiu-se um momento de silêncio. Uma repórter sinalizou para que sua câmera interrompesse a transmissão ao vivo. Alguém plantou a mão com firmeza na cintura de Nate e o puxou para o lado, devolvendo os microfones ao capitão da polícia, que decretou:

– Chega de perguntas por hoje.

Mordendo um sorriso com seus dentes perfeitamente brancos, Abara foi se afastando com Nate. Tão logo se viram longe o bastante da turba, eles se despediram silenciosamente, e Nate se dirigiu a seu carro, o confiável e enferrujado jipe Wrangler que séculos antes estacionara em algum lugar. Já havia se acomodado ao volante quando se deu conta de que não sentia nem um pinga de vergonha ou remorso por sua última resposta naquele palanque. Dissera exatamente o que lhe dera na telha. Do mesmo modo que naquela manhã havia feito exatamente o que precisara fazer. Sem medo. Sem capitulação. Sem dúvidas paralisantes. Não tinha, literalmente, nada a perder. Nate afivelou o cinto

de segurança, plantou as mãos no volante à sua frente e refletiu por um instante sobre a vergonhosa ironia: fora preciso desejar a morte para que aprendesse a viver novamente.

PLANO B: NATE VOLTARIA para casa e se mataria por lá mesmo. Um punhado de comprimidos, umas doses de álcool, uma inebriada passagem para o mundo do além. Em razão da entrevista coletiva diante do banco, a notícia de sua façanha de falso herói se espalharia rapidamente, e isso complicaria as coisas, obrigando-o a responder a perguntas que preferiria deixar sem resposta. O melhor seria mesmo liquidar aquele assunto antes que o baú de horrores se abrisse para Janie e Cielle, sobretudo depois de ele ter conseguido poupá-las por tanto tempo.

Após meses na companhia de uma depressão que lhe corroía o cérebro, havia decidido por uma rota e se sentira entusiasmado com ela. Pé no acelerador, uma última arrancada a caminho do penhasco. Precisava agir rápido, antes que perdesse o ímpeto.

Pensando em se fortalecer para o que estava por vir, parou numa lanchonete para fazer uma última refeição. A garçonete cinquentona tinha olhos cansados, manchas de caneta na barra do uniforme e uma faixa de pele clara no dedo anular, onde um dia houvera uma aliança de casamento.

– Um sundae triplo com calda quente de chocolate? Só isso?

– Só – respondeu Nate, sorrindo.

Saboreou cada colherada do sorvete e depois deixou uma gorjeta de 207 dólares, todo o dinheiro que tinha consigo. Para onde estava indo, não precisaria dele.

Estava na Wilshire Boulevard, avançando lentamente entre um sinal vermelho e outro, quando um sedã preto se alinhou ao jipe, atropelando perigosamente a faixa de pedestres de modo que a janela traseira do carro ficasse lado a lado com a dele. Virando o rosto, Nate pôde sentir uma presença do outro lado do vidro escuro. Alguém o observava. Sentiu uma fina camada de suor brotar sob as axilas e na nuca. Ergueu os olhos para o semáforo. Voltou-os para a janela a seu lado. O quadrado de vidro preto era um poço de ameaça; a película, mais escura do que a lei permitia. O sedã se projetava de tal modo que Nate via apenas uma pontinha da orelha sob o quepe tradicional do motorista. Ele avançou um pouco para ter uma visão melhor, mas o sedã avançou na mesma medida, invadindo ainda mais o cruzamento, obrigando um carro a se desviar.

Nate freou. O sedã freou também. A janela preta agora estava tão próxima que Nate poderia tocá-la se quisesse. Ele decidiu baixar sua própria janela, e já começava a fazê-lo quando viu que o outro também abria uma fresta na sua. Da fresta, emergiu a mão de um homem com tatuagem nas articulações dos dedos, um cigarro entre o indicador e o médio, três faixas tatuadas no pulso. A pele era clara, e apesar das tatuagens as unhas eram bem-feitas. Um punho francês de tom creme escapava da manga do terno escuro. A fumaça alcançava as narinas

de Nate, o cigarro já chegando ao fim. De repente, num gesto hábil e rápido, o homem deslocou a guimba e apagou a brasa entre os próprios dedos, produzindo um fiapo de fumaça escura que cheirava a pele queimada. Só então deixou a guimba cair no asfalto.

Com um frio no estômago, Nate lembrou o que ouvira no cofre: “Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina.”

Sentiu um torpor no corpo inteiro, produto do medo. Aos poucos, se deu conta de que os carros buzonavam a seu redor, de que o sinal já havia aberto minutos antes. Os dois carros bloqueavam todo um corredor de trânsito. Mas Nate não arrancou. Manteve o pé no freio como se quisesse desafiar seu vizinho para um duelo de coragem.

Estava de tal modo absorto que se assustou ao ouvir a campainha estridente do celular em seu bolso, estremecendo a ponto de fazer o aparelho escorregar para o chão. Abaixou-se para pescá-lo de volta e, ao se levantar, viu que o sedã preto já havia arrancado, indo longe à sua frente. Mas não tão longe que ele não pudesse notar um detalhe: não havia placa traseira.

Após ser alvo de xingamentos de todos os lados, ele enfim arrancou. Olhou de relance para o identificador de chamadas, abriu o telefone com uma das mãos. Era Jen Brown, sua chefe linha-dura, que ligava do centro da cidade. Provavelmente já tinha ouvido falar do assalto.

– Estou bem – foi logo dizendo ele.

– Bom saber – retrucou Jen. – Mas não perguntei nada.

Talvez sua fama de falso herói não se espalhasse tão rapidamente assim, afinal.

– Preciso que você faça uma visitinha – prosseguiu ela. – Sean e Erica O’Doherty, de Encino.

– Sei não... – respondeu ele. – Meu dia não foi exatamente fácil.

– Imagine como vai ser o deles.

Nate respirou fundo. Pensou nos comprimidos que o esperavam em casa. Seria ótimo se pudesse se afogar neles antes que o homem da mão tatuada ou um de seus comparsas aprontasse alguma, tal como prometido.

– Acho que não vai dar, Jen.

– Tudo bem. Mando Ken no seu lugar.

– Ken? Ken, não. Da última vez que...

– Eu sei, eu sei – disse Jan, enfatiada. – Ele deixou um bilhete na porta. Mas vamos pular essa parte. A coisa aqui está preta. Escassez de pessoal. Além disso, você é o único que tem a manha de... *blá, blá, blá*. Olhe, toda vez que você diz que não pode, acaba fazendo do mesmo jeito. Então, que tal se a gente fingir que já rolou esse pedaço da conversa?

Nate rosnou internamente.

– O arquivo já está aí? – perguntou.

- Bem aqui na minha linda mãozinha.
 - Você realmente sabe como manipular uma pessoa.
- Bufando, ele tomou a rampa para a via expressa.
- Não é à toa que trabalho na polícia.

Nate conferiu o endereço três vezes antes de tocar a campainha. Num dos cantos da varanda havia um banco claro sob o qual se enfileiravam alguns pares de sapato: mocassins, tênis e um par de All Star de cano alto com o símbolo da paz desenhado à caneta nas laterais. Nate sentiu seu ferimento latejar e rezou para que não estivesse sangrando sob a camiseta que ganhara no hospital.

Ouviu passos do outro lado da porta, fechou os olhos, preparou-se para o que estava por vir. Uma mulher simpática, de cerca de 40 anos, atendeu a campainha. Atrás dela estava o marido em roupas de ginástica, um *Wall Street Journal* dobrado sob o braço.

- Pois não? – disse ela, surpresa com a presença do estranho.
- Nate não pôde deixar de notar o piso de mármore do corredor.
- Nate Overbay – apresentou-se ele. – Erica e Sean... são vocês?
 - Sim – respondeu Sean, e conferiu as horas no relógio de corrida. Era um homem corpulento, certamente um ex-atleta, e tinha uma densa cabeleira ruiva.
- Em que podemos ajudá-lo?
- Trabalho para a Polícia de Los Angeles. Posso entrar?

Nate queria que eles se sentassem. Sean O'Doherty era um sujeito grande, e seria uma longa queda até aquele chão de mármore caso desmaiasse.

Erica assentiu nervosamente. A caminho dos sofás, Sean deixou o jornal cair. Eles se acomodaram e Nate perguntou:

- Só vocês dois em casa?
- Sim, só nós dois – retrucou Sean, visivelmente aflito.

Nate pousou as mãos sobre os joelhos. Odiava aquele momento mais do que qualquer outro, o momento em que o mundo vinha abaixo. Ele pigarreou e disse:

– Às duas e meia de hoje, Aiden, o filho de vocês, estava indo de carro do dormitório da faculdade para a aula de violão. Foi atingido por outro carro e levado para o Centro Médico da USC com ferimentos graves na cabeça e no peito. Estava inconsciente. A equipe médica fez o que pôde para reanimá-lo, mas não conseguiu, e ele morreu.

Erica deixou escapar um grito; com o rosto vermelho, desabou de costas sobre as almofadas do sofá. Sean se achava de pé; levantara-se tão rápido que Nate nem sequer havia percebido. Cambaleou um instante e precisou sentar-se de novo. Respirava com dificuldade, as narinas latejando. Nate lhes concedeu uns dez segundos, que pareceram se espichar numa eternidade.

- Realmente sinto muito – disse –, mas vou ajudar no que for possível,

responder a todas as perguntas que puder.

A primeira delas era quase sempre inusitada. Enrijecendo os lábios, Sean falou:

– Quem mesmo você disse que era?

– Nate Overbay. Sou um Agente Profissional para Situações de Crise.

O título pomposo e comprido servia para compensar o fato de que ele não era nem assistente social, nem paramédico, nem capelão da polícia. Embora prestasse serviço para a Polícia de Los Angeles, não era um oficial juramentado e tampouco possuía um distintivo. No início da sua nova carreira, cerca de cinco anos antes, as visitas de notificação de óbito eram feitas por toda uma equipe de assistentes sociais, mas ela foi sendo corroída por cortes orçamentários, até que Nate era tudo o que havia sobrado. Quando ele não estava disponível, o serviço era delegado a um policial qualquer, escolhido à base do palitinho. Por esse motivo Nate fazia o possível para estar sempre de prontidão para atender às suas chamadas. Além disso, procurava se aprimorar naquilo que fazia e encontrar maneiras de abrandar, ainda que minimamente, o sofrimento das famílias naquele momento tão difícil. Era lúcido o bastante para saber que se tratava de um autoflagelo, de uma tentativa de redenção pessoal, mas não inteligente o suficiente para saber como sair do buraco.

De forma quase inaudível, Erica sussurrou:

– Isto só pode ser um equívoco. Como vocês podem ter certeza de que não se trata de um equívoco?

Àquela altura, Nate já havia lido os relatórios do acidente, já havia conversado com o médico-legista no necrotério, já havia tocado a mão gelada do morto. Para garantir que não iria aterrorizar a família errada, havia comparado a carteira de motorista encontrada no bolso de Aiden com a base de dados da polícia, caso o rapaz de 19 anos estivesse levando consigo um documento falso.

– Infelizmente não se trata de um equívoco – disse ele. – Aiden foi devidamente identificado e declarado morto no hospital.

Aprendera com a experiência que para vencer a negação dos familiares muitas vezes era preciso repetir, com ênfase, que a pessoa havia morrido. Aprendera também a *não* dizer que sabia como eles estavam se sentindo, que o tempo cura todas as feridas e que para tudo há uma razão. Sabia quais eram os momentos certos de se calar e dar espaço para que os familiares respirassem um pouco; a hora de conduzir a conversa e a hora de ser conduzido. Mas, sobretudo, havia aprendido a ignorar, num estalar de dedos, tudo aquilo que sabia.

Erica curvava os ombros e o queixo, perdida na própria dor. Vendo a mulher naquele estado, Sean crispou o rosto numa careta para represar o choro. Com uma voz aguda que não era a sua, alterada pela adrenalina, ele disse a Nate:

– Você é da polícia. Aiden é um *menino*. Vocês não podiam ter feito *nada* para proteger meu filho de um motorista imbecil?

Nate respondeu calmamente:

– Não.

Sean ficou de pé outra vez. Apontando um dedo para Nate, disparou:

– Você devia ter feito alguma coisa. Isso não pode ficar assim. A culpa é toda sua. *Sua!*

Nate se levantou também.

– Ok.. – falou baixinho, as mãos espalmadas.

– Vou meter um puta processo nas suas costas, nas costas desta cidade... Vou... Vou...

Subitamente um tremor violento se apoderou do dedo que Sean erguia a poucos centímetros de Nate, e dali a pouco, com o rosto avermelhado, ele irrompeu num choro convulsivo e incontrolável.

Nate ofereceu um braço, e Sean imediatamente desabou sobre o ombro dele, ficando ali por cinco minutos, e por mais cinco, até que Erica se levantou e gentilmente reconduziu o marido de volta ao sofá. Sean se acomodou, tomou a mão da mulher e com o rosto encharcado de lágrimas ficou ouvindo as explicações de Nate, bem como as orientações que ele tinha a dar sobre o que fazer a seguir. Sabendo que o casal teria dificuldade para se lembrar de tudo depois, Nate foi anotando o principal: endereço do necrotério, número do protocolo na polícia, telefone direto do médico-legista. Terminadas as instruções, calou-se e deixou que o silêncio se instalasse na sala.

Foi Erica quem o quebrou, dizendo:

– É tão injusto... Ele era o nosso único filho.

Por fim, ela também abriu as comportas e deu vazão ao choro, cobrindo a boca com a mão fechada em punho, apertando os próprios dedos com tamanha força que a pele já começava a esbranquiçar.

Nate sentiu um ardor no peito e baixou os olhos marejados para o chão, para o carpete embaciado pelas lágrimas. Colegas seus eram da opinião de que eles deviam sempre se mostrar fortes para os familiares, mas Nate já havia notado que as pessoas se sentiam reconfortadas sempre que o viam fraquejar na voz ou nos olhos.

Erica se recompôs e assoou o nariz.

– Que grande bobagem, isso que acabei de dizer...

– Claro que não – falou Nate.

– Mas a vida realmente não é muito justa, é? Quem morre, quem continua vivo...

“Não, não é mesmo”, pensou Nate.

– Quero ver meu filho – afirmou ela. – Quero ver meu menino. Onde ele está?

Sean ergueu a folha impressa que Nate havia lhe passado, contendo o itinerário desde a casa deles até o necrotério da cidade. Voltando os olhos

injetados para Nate, disse:

– Muito obrigado.

Nate meneou a cabeça e retrucou:

– Mais alguma pergunta que vocês queiram fazer? Mais alguma coisa em que eu possa ajudar?

Ambos disseram que não e se levantaram para conduzi-lo à porta.

Nate invariavelmente se encarregava da segunda visita também; sabia que um rosto desconhecido era a última coisa que familiares em luto gostariam de ver à sua porta na manhã seguinte. Quando tinha um relógio ou alguma joia a devolver, dava-se ao trabalho de levá-los para casa e limpar qualquer mancha de sangue antes de entregá-los. Oferecia todos os préstimos aos familiares, disposto a guiá-los naquele terreno tão acidentado. Portanto, estava prestes a dizer ao casal o que sempre falava nessas ocasiões: que passaria para vê-los novamente no dia seguinte.

Foi então que se lembrou: para ele não *haveria* dia seguinte.

Parou na varanda e olhou de volta para Erica e Sean, já sentindo a consciência pesar. Mentalmente, viu o corpo de seu melhor amigo delineado contra o fogo branco da explosão. Lembrou-se da hesitação que sentira no carro diante da casa dos pais de Charles. Em seguida, recordou a noite em que Cielle tentara se esconder debaixo da cama, o hematoma que ele havia provocado no rosto da própria mulher. Tantas contas em aberto... Tantas dívidas a pagar...

Desde que fora diagnosticado, havia feito o possível para poupar Janie e Cielle de qualquer amolação além de todas as outras que já havia causado. Mas talvez devesse a elas uma última explicação antes do apagar das luzes.

– Outro dia mesmo ele estava aqui – disse Erica. – Exatamente onde você está agora. Amarrando os cadarços dos sapatos. – Ela apontou para os calçados enfileirados debaixo do banco, entre eles o All Star de Aiden, um dos pés tombado para o lado. – Daí o telefone tocou e eu fui atender. Poderia ser alguma coisa importante, não é? A manicure ligando... – Aqui ela soprou um risinho de ironia e desespero. – Sabe o que é o pior de tudo?

Nate fez que não com a cabeça.

– Nem tive a chance de me despedir.

NATE NÃO HAVIA DESGRUDADO o olho do retrovisor durante todo o trajeto, procurando por sedãs de luxo com janelas ilegalmente pretas. Depois de estacionar, ficou no carro por alguns instantes, esperando para ver se ninguém o havia seguido e, também, tal como lhe dizia a consciência, criando coragem para fazer o que tinha de fazer: descer e bater à porta de sua venerada casa de Santa Monica.

Vendo que um dos tijolos havia se despregado na base da varanda, junto da quina, ele se deu ao trabalho de parar ali e chutá-lo de volta a seu lugar de origem. Possuir uma casa era uma guerra contra o desgaste. Rachaduras na calha, ninhos de passarinho na chaminé, sujeira emperrando as janelas. Lágrimas de ferrugem caíam dos números na fachada da casa, e Nate se lembrou do tempo em que as teria limpo com orgulho. Tocou a campainha e dali a pouco a porta se abriu.

Pete fez o possível para disfarçar o susto e o desgosto.

– Nate. Quanto tempo.

– Pois é. Posso entrar?

Pete hesitou por um instante.

– Espere aí. – Virando-se para trás, gritou: – Janie!

Pouco depois lá estava ela. Vestia uma bata espanhola de um tom forte de laranja que realçava as manchinhas das pupilas. Não que Nate tivesse notado. Ela ergueu as sobranceiras finas, fazendo-as sumir sob as franjas do cabelo curtinho.

– O que você está fazendo aqui?

– Preciso falar com você. E com Cielle.

Ela ergueu a mão esquerda para afastar da testa uma mecha dos cabelos e Nate não pôde deixar de notar, consternado, que trazia no anular um brilhante do tamanho de uma bola de beisebol.

– Faz nove meses, Nate. *Nove meses*. Filhos são gerados nesse prazo. Nenhuma visita. Nenhum telefonema.

– Eu sei. Gostaria de me explicar...

– Não que você vivesse por aqui antes de sumir de vez.

– O problema não era só comigo. Eu teria adorado se...

De repente, ouviu-se um tropel de patas arranhando as madeiras do piso e dali a pouco Gaspar também surgiu à porta, farejando Pete e Janie, entrando em surto ao constatar a presença de Nate. Mais de 50 quilos de um Rhodesian ridgeback em clima de festa, rodopiando, chicoteando pernas e paredes com o rabo grosso, batendo os costados nos joelhos mais próximos.

– Sai! – berrou Pete. – Deita, Gaspar! Deita! *Sai, cachorro!*

Nate disse apenas:

– Senta.

E Gaspar sentou.

O rosto de Janie estava vermelho, escondendo as sardas.

– Pelo menos você trouxe os papéis do divórcio?

– Estão em casa. Assinados.

– Por que não trouxe, então?

– Tive um dia difícil. Aliás, é sobre isso que eu queria falar com vocês. – Ele respirou fundo, sem saber ao certo por onde começar. – Já viu o jornal hoje?

– Não.

– Teve um assalto hoje de manhã. Na Wilshire com a Nona.

– Ouvi falar – disse Janie. – No rádio.

– Pois é. Eu estava lá.

Ela e Pete poderiam ter esperado qualquer coisa, menos aquilo. Janie agora parecia preocupada. Enfim abriu a porta para que ele entrasse, Gaspar ziguezagueando entre os três pares de pernas como um batedor da polícia controlando o tráfego. Ao passar pela sala, Nate notou que havia um porta-retratos novo sobre o consolo da lareira: um trio, agora numa pose formal e com Pete no lugar que um dia fora dele, Nate. Vendo a foto, teve a impressão de que havia perdido o último apoio que o prendia à borda daquele precipício.

Na cozinha, empoleirou-se num dos bancos que numa outra vida ele havia encontrado num bazar, depois raspado e repintado. Todas as coisas a seu redor eram como lembranças de um sonho distante.

– Vou ver se ela vai querer descer – disse Janie, e subiu para o quarto de Cielle.

Pete terminou de lavar as folhas de alface-romana na pia, deixou-as sobre a bancada e secou as mãos no moletom da Wharton School que estava usando. Pete era viúvo e, essencialmente, uma boa pessoa, um ex-vizinho que Nate e Janie conheciam de vista. Tinha ganhado rios de dinheiro com imóveis comerciais, e quando foi morar com Janie, alguns meses antes, quitara o restante da hipoteca, um gesto de generosidade que Nate ainda não havia engolido direito. Tudo bem que ele, Nate, viesse cortando um dobrado para manter os pagamentos daquela dívida em dia, mas pelo menos a dívida era *sua*. Mesmo à época da separação, três anos antes, sentia uma espécie de consolo ao pensar que estava dando um teto para a filha e para a mulher que ele, em última análise, ainda amava loucamente. Ignorando as objeções de Janie, mandava todo mês setenta por cento de seu modesto salário, e a certa altura ela começara a depositar os cheques apenas em meses alternados, de modo que ele tivesse algum dinheiro para si também. A chegada de Pete havia tornado desnecessária a única ajuda concreta que Nate podia dar à sua família. Desde então, ele e Pete nutriam uma civilizada antipatia um pelo outro. À época da morte da mulher de Pete, havia dias que Nate saía para caminhar com Gaspar e, passando pela casa

do vizinho, via-o jantando sozinho à mesa enorme da sala, e por mais que quisesse odiá-lo por estar dormindo com sua mulher e criando sua filha, não conseguia fazê-lo com a devida intensidade.

Acomodado em seu ex-banco de cozinha, ele começou a remexer na correspondência meticulosamente empilhada à sua frente. Extratos de aplicações financeiras, uma *Vanity Fair*, um lembrete da concessionária para a revisão do Lexus. Apêndices de uma vida sólida e próspera. Eles haviam acrescentado uma pequena adega climatizada sob o micro-ondas.

– Um dos tijolos da varanda está solto – observou Nate para o nada.

Pete enfileirava as alfaces sobre uma folha de papel-toalha.

– O que você quer que eu diga, Nate? Se disser que não estou nem aí para esse tijolo, vou estar ofendendo você. Se disser que vou consertar, você vai ficar puto porque ainda acha que a varanda é sua.

A vontade de Nate era responder: “A varanda ainda é minha. Reformei com minhas mãos. Nivelei todo o chão, refiz a base de concreto, precisei de um palito de dentes para tirar a argamassa das unhas.” Mas Nate não falou nada. Havia perdido o direito de ter qualquer opinião naquela casa.

Pete distribuiu as alfaces em três pratos, colocando menos folhas no terceiro. Meio sem jeito, explicou:

– Estamos tentando ajudá-la a perder peso.

Sem saber como responder a isso, Nate reorganizou a correspondência apressadamente, batendo as bordas dos envelopes contra o mármore da bancada. Ao fazê-lo, dois ingressos se soltaram da pilha: *Turandot*, no Ahmanson Theatre. Nate os recolheu, dizendo:

– Ópera?

– Para festejar nosso noivado. Você não viu o anel?

– Não – mentiu Nate. – Não reparei.

Janie voltou à cozinha e ele ficou triste ao ver que Cielle não havia descido com a mãe. Baixou os olhos para o par de ingressos e franziu o rosto numa careta, despertando a curiosidade da ex-mulher.

– Que foi? – perguntou ela.

Os lábios de Nate entraram em ação por iniciativa própria, antes que ele pudesse fazer o que fosse.

– Você detesta ópera.

– Ópera?

Janie parou diante do fogão.

Pete interrompeu o que vinha fazendo e disse:

– Era para ser uma surpresa.

– Ah – retrucou Nate. – Foi mal. Mas ela detesta ópera. Você *detesta* ópera.

Janie sorriu, mas não com o olhar.

– Não é bem assim – disse a Pete.

– Não é bem assim uma ova! – exclamou Nate. – Estamos falando de ópera. Só existem duas possibilidades quando o assunto é ópera: ou você adora ou você detesta. Não tem Suíça nesse caso.

Janie o fulminou com o olhar e ele simplesmente espalmou as mãos.

Pete parecia confuso e um tanto decepcionado.

– É verdade? Você não gosta de ópera? Não tem problema, posso dar os ingressos para...

– Olhe... – disse ela, pousando a mão nas costas dele. – Será que a gente pode ter essa conversa outra hora, meu amor?

Meu amor, meu bem, meu isso, meu aquilo. Com eles era sempre assim. Como se temessem se distanciar aos poucos caso não pendurassem um rótulo ao fim de cada frase.

– Cadê a minha filha? – quis saber Nate.

– Não quer ver você – respondeu Janie.

As palavras tiveram sobre ele o efeito de um tapa. Preciso de um momento para se recompor e dizer:

– Por que não?

Foi Pete quem falou:

– Talvez porque tenha medo que você a decepcione mais uma vez.

– Não se leve tão a sério, Pete – devolveu Nate. – Porque ninguém leva.

Janie o avaliou com a testa franzida. Parecia mais intrigada do que aborrecida de fato. Nate percebeu que não havia sido exatamente suas palavras, mas o tom de voz, que havia chamado a atenção dela.

– O que deu em você, Nate? – perguntou ela.

Pete se debruçou sobre o balcão para dizer a ele:

– Cielle agora é responsabilidade minha também. Você pode ficar aí com essa sua marra que vou continuar aqui, cuidando dos interesses dela. E se você parar para pensar, é isso que você quer para a sua filha também, não um padrasto filho da puta que não está nem aí para a menina.

Nate pensou em todo o horror que haviam sido aqueles primeiros meses após a separação. Pensou no dia em que, saindo de um mercado, ficara imobilizado na calçada ao deparar com uma garotinha sentada nos ombros do pai. Naquela noite de desespero em que Janie o havia deixado entrar apenas para que ele se sentasse na escuridão do quarto da filha e ficasse ali, ouvindo o doce ronronar da menina enquanto ela dormia. No dia em que Cielle, na quitinete escura em que ele morava, havia dito meio sem jeito: “É difícil para mim: vejo você um dia, e depois você some.” Algum tempo depois, numa outra visita, ela dissera: “Às vezes é melhor que a pessoa que abandonou a gente suma de uma vez por todas.” A partir desse dia, por mais que isso lhe custasse, ele decidira dar mais espaço à filha, e aos poucos os jantares que eles tinham toda semana foram se tornando mensais, bimestrais, trimestrais... Após o diagnóstico, ele havia se afastado por

completo, tanto de Cielle quanto de Janie, de modo que nenhuma delas sofresse por ele, fosse por amor, culpa ou obrigação. Justo ou injusto, sua vontade agora era transformar toda aquela dor e todas aquelas perdas numa arma poderosa e apontar essa arma contra a fuça galante de Pete, mas em vez disso ele olhou para Janie e segurou a língua.

Gaspar ergueu sua cabeçorra de Scooby-Doo e, compassivo, percebeu a angústia de Nate. Aquilo não era um animal, mas um ser humano em trajes de cachorro.

– Você está sangrando – disse Janie.

Ele espiou sobre o ombro e viu a mancha vermelha que havia se formado na camiseta.

– Estou bem.

Janie molhou uma toalha de rosto, voltou para o lado dele e ergueu a camiseta manchada enquanto Nate e Pete evitavam se olhar.

– Bela sutura – comentou ela, usando a toalha molhada para limpar o entorno do ferimento. – O assalto ao banco – deduziu.

Antes que ele pudesse falar, Cielle surgiu à porta.

Ainda estava com uns quinze quilos a mais, embora eles nada subtraíssem de sua beleza. Os olhos castanhos muito escuros, quase pretos. Os cílios longos e arqueados que dispensavam qualquer maquiagem. Os cabelos bem pretos, picotados de forma irregular, agora com mechas avermelhadas. Tudo no aspecto dela, desde o gótico dos cabelos até o suéter preto e largo com furos nas mangas para os polegares, emanava uma revolta exagerada demais para uma garota de 15 anos. Ou talvez não. Nate já havia se esquecido da eternidade que nove meses representam no ciclo de vida de uma adolescente.

– Que camiseta ridícula é essa, Nate? – perguntou ela.

– Mais respeito, Cielle – interveio Janie. – É com o seu *pai* que você está falando.

– É uma camiseta lá do hospital – explicou Nate. – Levei uma facada durante um assalto a banco.

Janie respirou fundo.

– Matei todos os assaltantes da quadrilha. Bem, *quase* todos.

Pete baixou as mãos para o balcão. Janie congelou as suas sobre as costas de Nate. Mas Cielle nem piscou.

– Algum deles se chamava Jason Hensley? – disse.

– ... não.

– Então caguei.

– Quem é *Jason Hensley*?

– O bundão do meu namorado. Que pensa que comprar uma guitarra nova é mais importante do que me levar ao Magic Mountain tal como prometido no nosso aniversário de três meses de namoro.

– Cielle, meu anjo – disse Janie. – Eu amo muito você, e sei muito bem que, nessa sua cabecinha de 15 anos, problemas com o namorado têm a mesma importância que a facada que seu pai levou num assalto a banco, mas será que a gente pode focar nele só por um instante?

– Você não acreditou no papo dele, *acreditou*?

– Você pode pensar o que quiser do seu pai, Cielle, mas mentiroso ele não é – interveio Pete.

Cielle revirou os olhos e falou:

– Ok, ok... Ande, continue.

Nate contou a eles a versão oficial, omitindo o quase suicídio e as ameaças que Número Seis havia feito no interior do cofre. Ao fim da história, Cielle estava boquiaberta, deixando à mostra uma maçaroca de chiclete fosforescente.

– Você não está com medo? – perguntou Janie. – De que eles venham atrás de você? Poxa, você matou cinco homens. É bem provável que eles tenham, sei lá, *comparsas*.

Nate lembrou-se da mão tatuada na fresta da janela do sedã escuro, apagando o cigarro entre os dedos sem um único tremor, apenas sufocando a brasa com um gesto rápido e seguro. Tateou o bolso das calças e se tranquilizou ao sentir o volume do frasco de comprimidos: seu plano de saída.

– Não, não estou preocupado – respondeu.

– Então você veio aqui para... – disse Cielle.

– Queria contar antes que vocês ficassem sabendo por outra fonte qualquer. Além disso... hum... – Não havia nenhuma transição possível entre um assunto e outro. – Além disso, estou doente.

Janie já havia se esquecido da toalha, agora suja com o sangue de Nate. Dava a impressão de que estava tentando se recompor internamente, e Nate já se arrependia por ter despejado a notícia sobre os ombros dela e da filha.

– Doente... como? – foi só o que conseguiu dizer a ex-mulher.

Nate respirou fundo. Mordeu o lábio. Aquele era o momento em que o mundo vinha abaixo. A mais difícil das notificações de óbito que já tivera de dar. Quase sussurrando, ele falou:

– Não vou durar muito, digamos assim.

Janie balançou a cabeça.

– O que você...

– Esclerose lateral – adiantou-se Nate, e explicou à filha: – A mesma doença do Lou Gehrig, o jogador. Foi por isso que me afastei de vocês nesses últimos nove meses. A gente já estava meio... daí eu... daí achei que devia poupar vocês.

Embora estivesse absolutamente imóvel, o rosto de Janie já se estriava de lágrimas, que pareciam ter brotado direto da pele. Nate estava quase cedendo ao impulso quase irrefreável de tomá-la entre os braços quando foi interrompido por Cielle:

– Isso é tão injusto! – exclamou ela, ríspida, e saiu pisoteando os Doc Martens rumo à escada.

Dali a pouco bateu a porta do quarto com tanta força que um dos imãs da geladeira foi ao chão.

Pete limpou a garganta, depois disse:

– Eu me lembro de quando Sally morreu. Durante um tempo eu nem conseguia sair da cama. Mas depois... – Ele gesticulava com as mãos, tentando concluir algum pensamento. – Alguém já disse que, sempre que uma porta se fecha na nossa frente, é porque outra vai se abrir mais adiante.

– E que porta seria essa? – retrucou Nate. – De *Valhalla*?

Silêncio. Janie pareceu cambalear. Pete se adiantou para segurá-la e começou a massagear os ombros da noiva, visivelmente triste. Nate sentiu uma ponta de remorso. Encheu os pulmões e falou:

– Desculpe. Foi mal. Sou um idiota.

– Não – respondeu Pete, balançando a cabeça. – Idiota foi o comentário que eu fiz. Realmente não sei o que dizer. Sinto muito por tudo isso, Nate. Sério.

Nate apontou para o andar de cima.

– Bem, acho melhor eu...

Janie rapidamente assentiu com um gesto do queixo, e ele subiu ao encontro da filha.

Lá em cima, a porta fechada do quarto se impunha como o portão de um presídio. As marcas de lápis no batente indicando o crescimento da filha estavam se apagando; mais alguns meses e aquele restinho de passado em comum desapareceria, assim como ele. Tantas oportunidades perdidas... Tantas noites em que poderia simplesmente ter entrado naquele quarto, pegado um jogo de tabuleiro, lido um livro, erguido Cielle no colo, sentido seu cheiro.

Respirando fundo, Nate bateu de leve à porta. Nenhuma resposta. Ele entrou, hesitante, receando um possível ataque de artilharia pesada. Cielle se sentava à escrivaninha, debruçada sobre algum trabalho da escola, de costas para ele. Nate mal reconheceu o quarto que se escondia sob as novas colagens de fotos de revistas, os pôsteres de jovens galãs de cinema, as roupas de adolescente espalhadas pelo chão. Mas num dos cantos, semicoberto por uma jaqueta, lá estava ele, o banquinho que Charles havia mandado de presente no nascimento de Cielle, o nome dela talhado em baixo-relevo na madeira. Achava-se no mesmo lugar em que uma década antes ele o havia posicionado de modo que a filha, pequenina demais para a cama alta, pudesse descer e ir acordá-lo sempre que tivesse um sonho ruim. Nate ficou olhando para o banquinho por um tempo, ancorando-se nele.

Depois limpou a garganta. Por onde começar?

– Esse seu namorado... é um cara legal?

– Claro que não. É um babaca que me trata feito um pano de chão. Nunca

tive um pai que me servisse de modelo de homem, então foi nisso que deu.

Nate ficou observando a filha, ainda de costas para ele. Precisava encontrar uma maneira de perfurar aquela camada tão espessa de sarcasmo.

– Olhe, eu entendo que você esteja com raiva de mim...

– Não é isso. Sou assim com todo mundo. Rabugenta e agressiva. E, ironicamente, muito tímida também. O que me isola ainda mais. Eu podia estar me entupindo de drogas, me cortando toda, ou tatuando no ombro algum símbolo chinês que significa “poder às vaginas”. Mas em vez disso prefiro ficar aqui, remoendo minha raiva.

– Cielle...

– *Que foi?* – cuspiu ela, virando-se bruscamente.

Tentava manter a máscara de durona, mas Nate podia ver seu outro lado.

– Sinto muito, filha. Por ter de ir embora assim, tão cedo.

– Não sei que diferença isso vai fazer. Mesmo antes de você sumir do mapa, a gente mal se via. Uma porcaria de jantar de vez em quando, e só.

– Você mesma disse que seria mais fácil se a gente se visse menos.

– Eu tinha *12 anos!* Era uma *criança!* Você não devia ter me dado ouvidos. Não devia ter acreditado em mim. Devia ter insistido comigo, *lutado* por mim.

Ela agora já estava à beira das lágrimas, falando com a voz trêmula.

– Poxa, meu amor, você foi muito convincente.

– *Você foi embora.* Nem pensou em mim. *Nunca* pensou em mim. – Notando o efeito que essas palavras haviam tido sobre o pai, Cielle relaxou a testa franzida, depois disse: – Quer saber de uma coisa? Deixe pra lá. Está tudo bem. A culpa é toda minha. – Novamente deu as costas para Nate. – Pode ir agora. Tchau.

Impotente, Nate correu os olhos pelas roupas que atulhavam o quarto. Uma blusa em particular chamou sua atenção: uma polo preta, logotipo de um lava a jato no bolso, o nome de Cielle bordado em cima.

– Espere aí – disse ele. – Você está trabalhando num lava a jato? Por quê?

– Isso também não é da sua conta.

– Cielle – insistiu Nate. – O que está acontecendo?

Ela se virou novamente.

– Pete perdeu boa parte do dinheiro dele nessa crise. Um troço aí que explodiu no mercado imobiliário. O que significa que agora não tem grana para pagar minha escola particular. Então descolei um trampo. Mesmo assim ainda não dá.

Nate desabou na cama da filha e falou:

– Por que você não me disse nada?

Cielle pegou seu iPhone embrulhado numa capinha de borracha rosa e começou a digitar alguma coisa nele, dispendentemente, enquanto respondia:

– Porque você não estava por perto, pode ser?

– Quer dizer então que vocês...

– Está tudo bem. Pelo menos é o que eles dizem. A gente não está indo para debaixo da ponte nem nada. Só que não tem mais grana para os *supérfluos*. Que seria o quê? Ah, sim, a minha educação.

– Quanto custa a Brentwood Prep?

Fazia menos de um ano que Cielle, por insistência de Pete, começara a estudar numa escola particular. Por isso ele não tinha a informação.

– Vinte.

– Vinte mil dólares?

– Não. Vinte mil continhas de vidro. Promoção especial.

– Você... você gosta de lá?

– Não. – Ela deixou o iPhone de lado. – Todas as meninas daquela escola se chamam Chelsea ou Sloane. E se eu tiver de ouvir de mais um mauricinho que ele é tão inteligente, mas tão inteligente, que precisa fumar um baseado para acalmar o cérebro, vou vomitar no sapatinho de marca dele.

Nate fazia um esforço para digerir aquilo tudo.

– Então você não faz questão de continuar estudando lá...

– O problema é que eu *quero* continuar estudando lá. É chato à beça, mas... *alô-ô?* Que colégio não é chato? Pelo menos os professores são bons, tem um monte de atividades extracurriculares, e os alunos não são tão patetas quanto aparentam ser. Além disso, com uma escola boa é muito mais fácil entrar numa universidade boa também. Não que eu vá ter grana para estudar numa universidade boa, mas... Bem, é melhor eu aproveitar este semestre, meus últimos meses de pequeno-burguesa, antes de ir trabalhar de caixa num McDonald's da vida.

Diante de sua própria experiência, tendo de se alistar no Exército para pagar a faculdade, Nate havia prometido a si mesmo que trabalharia até ter dinheiro suficiente para garantir os estudos de Cielle. Mas a chegada de Pete havia mudado a coisa de figura. Aparentemente.

Fulminando o pai com o olhar, Cielle disse:

– Ah, fala sério. Nada disso é problema seu. Do mesmo modo que *nada de nada* foi problema seu nos últimos nove meses. Ou nos últimos três anos. Você apenas... O quê? Tocou o barco? Virou a página?

– Não. Eu *nunca* virei página nenhuma.

Cielle deixou escapar um risinho de ironia, mas sem conseguir esconder o desespero que de fato sentia.

– Então o quê? – disse.

Baixando os olhos para as próprias mãos, Nate respondeu:

– Achei que haveria tempo para...

– Nunca há tempo. Só existe o aqui e o agora. Mas você nunca foi muito bom nisso, né? No aqui e no agora.

Nate fazia contas mentalmente, mas não havia muitas contas a fazer com seu anêmico saldo bancário.

– Talvez eu possa ajudar com as mensalidades da...

– Não quero *nada* de você.

– O que eu posso fazer, então?

Novamente ela lhe deu as costas.

– Pode ir morrer em outro lugar.

As palavras deixaram um buraco onde antes ficava o estômago de Nate, e ele permaneceu calado por um tempo, apenas observando os ombros da filha, a nuca curvada. Ela agora trabalhava acintosamente nos seus deveres escolares.

Nate enfim se levantou, sentindo dores nas articulações.

– Queria ter sido um pai melhor para você – falou, e ouviu um discreto risinho, não mais que isso. – Apesar de tudo... Tenho muito orgulho de quem você é. E de quem você vai ser um dia.

Cuidou para não fazer muito barulho ao fechar a porta e sair do quarto. Janie e Pete ainda estavam no mesmo lugar em que ele os havia deixado na cozinha, os pratos de salada intocados.

– Quer jantar conosco? – perguntou Janie.

Nate pensou no encontro marcado que tinha com seu punhado de comprimidos, na tranquilidade e na escuridão de seu apartamento. Pensou também naqueles dedos tatuados que se projetavam da janela do sedã.

– Preciso ir, obrigado.

A expressão de alívio nos olhos de Janie por pouco não o matou ali mesmo.

– Sinto muito pelos investimentos – disse ele ainda.

Pete endureceu um pouco.

– Vamos dar um jeito nisso – retrucou. – Você já tem muito com o que se preocupar. Não vá se preocupar com isso também.

Janie rapidamente emendou:

– Ela vai se dar bem na escola pública. Nós todos estudamos em escola pública.

– Eu sei. – Nate precisou reprimir a vontade imensa que sentia de tocar o rosto da ex-mulher, de beijar os lábios dela uma última vez. Inclinando a cabeça, acrescentou: – Eu só queria... eu só queria me despedir.

– Se tiver alguma coisa que a gente possa fazer... – disse Pete.

– Sabe o que mais gosto em você, Pete? Você é um cara legal. A gente nunca se deu muito bem, mas você nunca deixou que isso interferisse no resto. – Nate apontou com os olhos para o andar de cima, para o silêncio estrondoso que vinha do quarto de Cielle. – Cuide dela quando eu... não estiver mais por aqui, ok?

Eles trocaram um aperto de mãos e Pete o puxou para um abraço. Janie disse:

– Querido, deixe que eu o leve até a porta.

– Claro – falou Pete.

Janie foi com Nate para a varanda e eles ficaram ali. Nate se agachou e mais uma vez se atracou com o tijolo solto, dizendo:

– Ainda tem um saco lá na garagem com um pouquinho da massa que sobrou. – Ao se levantar, viu que a ex-mulher voltara a chorar. – Janie...

– Eu queria dizer alguma coisa para consolar você, ou para *me* consolar, sei lá... Mas não sei exatamente o quê, então acho melhor não dizer nada.

Receando o que ela poderia ver em seu rosto, Nate virou-se para o carro que o esperava na rua e falou:

– Também não é tão mau assim. Semana que vem você vai se esbaldar na ópera com Pete, o Rei da Diversão.

– Você não presta.

– Eu queria que você soubesse de uma coisa, Janie. Nunca houve outra mulher para mim.

Com os lábios trêmulos, ela assentiu com a cabeça, deu-lhe as costas e voltou correndo para dentro de casa. Nate foi até o carro. Já ia destravando a porta quando ouviu alguém dizer às suas costas:

– Vai tomar *no cu*!

Ele se virou e lá estava Cielle, as mangas do suéter cobrindo os punhos, o rosto avermelhado.

– Eu era *louca* por você, sabia? – falou ela, cuspiendo as palavras como se ainda estivesse xingando. – Eu acendia velas quando você estava na guerra, e depois, quando você abandonou a gente, eu acendia velas para você voltar! Rezava para Deus trazer meu pai de volta! Mesmo quando você ainda morava aqui, vivia ocupado com esse seu trabalho de merda, cuidando de todo mundo menos das pessoas de que *deveria* cuidar.

– Cielle...

– Não vou ficar com pena de você. *Não vou!* Estou cagando se você vai morrer ou não!

Por mais que ela se esforçasse para não chorar, ambas as faces já estavam molhadas.

Nate ficou onde estava, quieto, o coração em frangalhos. Mais do que tudo, queria correr ao encontro da filha e abraçá-la, mas sabia que ela fugiria com a rapidez de uma gazela caso ele desse um único passo.

– Você ainda não pode morrer – prosseguiu ela. – Não fez por merecer. Abandonou a gente, e agora vai morrer antes que eu possa dar o troco.

Assim que sentiu firmeza na voz, Nate disse:

– E que troco seria esse?

– Eu ia ter uma vida maravilhosa, ia casar e ficar rica e proibir você de ver os seus netos! Mas você está morrendo, só para me fazer sentir... me fazer sentir... – Ela balançou a cabeça de um lado a outro, depois disse: – Por que você veio

contar para a gente, afinal?

– Queria me despedir. Ter uma chance de acertar os ponteiros entre nós.

– Mas por que só agora, *Nate*? – Ela proferiu o nome do pai como se estivesse disparando uma arma. – Quer dizer... você já sabia que estava doente faz um *tempão*. Mas ainda está aí, todo forte. Ainda tem pelo menos alguns meses pela frente, não tem?

Nate sentiu os próprios ossos pesarem.

– Talvez não, Cielle.

Ela cambaleou um pouco, fechou as mãos em punho sob as mangas do suéter.

– A mamãe sabe disso?

Ele fez que não com a cabeça.

– Então por que despejou essa bomba nos meus ombros?

– Eu e sua mãe... já é tarde demais para a gente.

Com um gesto brusco, Cielle secou o rosto com a manga.

– Pois também já é tarde demais para nós dois.

Nate ficou olhando enquanto ela marchava de volta para a casa, esperando dar uma última espiadela na filha, rezando para que ela virasse o rosto uma última vez.

Mas ela não virou.

UM LEQUE DE ENVELOPES esperava sobre o capacho de seu apartamento no segundo andar em Westwood. Ao vê-los, Nate não pôde deixar de pensar, mais uma vez, no sedã preto: haveria entre aqueles envelopes alguma ameaça formalmente redigida e assinada pela mão tatuada? Mas não havia com o que se preocupar. Um frasco de comprimidos era tudo o que o separava da paz eterna. Agachou-se, viu os logotipos das redes de televisão nos envelopes e respirou aliviado. Sem dúvida eram pedidos de entrevista por parte das afiliadas locais. Chutou-os para o lado, pescou o jornal e entrou em casa.

Ainda no corredor, localizou o obituário do *Los Angeles Times*, hábito que havia adquirido recentemente. Havia Maria Montauk, uma professora de linguística que participara da criação do primeiro software de correção ortográfica. Gwendolyn Dawson, exímia crocheteira e professora de alunos especiais. Arthur Fiske, herdeiro de um grande império do setor têxtil, expedicionário da Força Aérea Americana durante a Segunda Guerra, contribuinte da Fundação Getty. Nate imaginou o homem embrulhado num suéter amarelo-canário, espichado num colchão macio de plumas de ganso e emoldurado por um halo de luz branca enquanto subia aos céus com um plácido sorriso estampado no rosto. O milionário com certeza tivera tempo de sobra para se acostumar à temperatura da estratosfera e agora podia se entregar confortavelmente a uma contemplação nostálgica da própria existência, a vida bem-vivida de um príncipe endinheirado. Como sempre, Nate se interessou especialmente pelas últimas linhas:

Arthur deixa viúva sua adorável Pamela, com quem foi casado por 63 anos; com ela teve quatro filhos e onze netos.

“Belo trabalho, Arthur”, pensou.

Em seguida, atirou o jornal e os envelopes no lixo. Embora fizesse três anos que havia se instalado ali, os móveis ainda exibiam as etiquetas da IKEA com setas e letras ensinando como deveriam ser montados. Ele se jogou no sofá-cama que havia comprado na esperança infundada de que Cielle viesse dormir no apartamento de vez em quando. Espetadas com tachinhas, duas fotos adornavam a parede oposta. A primeira era uma imagem de seu casamento, velha e completamente fora de foco, na qual ele e Janie dançavam e riam de alguma piada particular. A outra era de Cielle aos 6 anos, agachada com uma bola de futebol entre os joelhos, escancarando um lindo sorriso de dentinhos tortos. Sobre a mesinha à sua frente jaziam os papéis do divórcio já assinados e

seu bilhete suicida. Pegou o bilhete e o ergueu contra a luz.

Para Janie e Cielle, proprietárias exclusivas do meu coração.

Janie, desejo a você toda a felicidade do mundo ao lado de Pete. (Pete, tenha dó, pare de bisbilhotar a correspondência alheia. Isto é um bilhete suicida – um pouco de privacidade, por favor.) Cielle: fiquei matutando um bom tempo, pensando no que queria passar para você. É o seguinte: a vida não tem garantia de nada; portanto, não desperdice seu tempo por aqui, como seu pai fez tantas vezes. Se ficar muito apegada às coisas, corre o risco de afundar com elas.

Ele parou um instante e riu de si mesmo. Nate Overbay, filósofo de botequim.

Meu amor, não tenho arrependimento maior do que cada minuto que passei longe de você e de sua mãe. Tive tantas oportunidades de me corrigir, e não consegui. Mas nunca por falta de amor. Você e sua mãe sempre foram a melhor parte de mim.

Uma grande verdade.

Ao policial que estiver lendo isto: em primeiro lugar, peça desculpas a quem teve de me recolher daquela caçamba de lixo. Ou da esquina da Nona com a Wilshire, caso eu tenha errado o alvo. Em segundo, quando for comunicar meu falecimento à minha esposa e minha menina, por favor seja paciente e gentil. Não fique olhando as horas no relógio. Faça contato visual com elas e ofereça um abraço se for preciso.

Nate

P.S.: Tem meio sanduíche de presunto na geladeira. Sirva-se.

Batendo o bilhete contra os lábios, Nate ficou pensando em sua malfadada conversa com Cielle, nas contas que havia feito mentalmente no quarto dela.

Mais três anos de escola secundária a vinte mil dólares por ano. Depois a faculdade, a um custo duas vezes maior. Cedendo a uma pressão interna à qual já estava acostumado, ele saltou do sofá e buscou papel e caneta para refazer seus cálculos: somando-se o saldo bancário (uma merreca) aos benefícios (ínfimos) pagos pelo Tio Sam e à renda (módica) dos próximos meses em que ele ainda teria forças para trabalhar, e comparando tudo isso com as despesas médicas (gigantescas) que ainda teria ao longo de sua reta final, o resultado a que se chegava era um buraco de proporções descomunais. Quanta vergonha, ver sua vida reduzida a um triste e deficitário balanço financeiro. Ele não era de muita utilidade para Cielle, mas seria mais útil morto agora do que depois.

Nate deixou as contas de lado, foi até a cozinha e voltou mordiscando o sanduíche de presunto. Ligou o rádio. Lady Gaga se debatia com seu *bad romance*. Suicídios não tinham necessariamente de ser depressivos.

Sanduíche em punho, parou no centro da sala para dar uma última olhada. Tudo à sua volta cheirava a morte. Os livros não lidos na prateleira, entre eles o intransponível *Moby Dick*. A samambaia que sobreviveria a ele apesar de tão seca e castigada. As velas semiconsumidas que seriam retiradas pela equipe de limpeza contratada pelo proprietário do apartamento. Nate tinha plena consciência de como a proximidade da morte podia deixar uma pessoa ainda mais autocentrada do que talvez já fosse antes. Cada detalhe da vida passava a ser visto através de um filtro cinzento. Desde muito que não era capaz de olhar para outra coisa que não fosse o umbigo das próprias circunstâncias. Ficara nisso pelo menos até aquela manhã no banco em que fora caminhando de encontro à chuva de balas num perfeito estado de suspensão ególatra, o botão do “foda-se” apertado até o talo.

Depois de buscar uma garrafa de uísque no armário da cozinha, sentou-se à mesa, enfileirou seus frascos de comprimido e computou o estoque. Vicodin e antibióticos recebidos no pronto-socorro naquela manhã. Alprazolam para dormir. Pérolas douradas de vitamina E. Além de seu maior inimigo, o Riluzol: comprimidos oblongos que o deixavam alternadamente fraco, cansado, tonto e enjoado. Onze comprimidos de Xanax, dezoito de Vicodin. Mais do que suficiente para apagar qualquer leão. Nate desenhou uma carinha feliz com os comprimidos e se serviu de uma dose generosa do álcool.

Aborrecia-o a ideia de que seu cadáver ficaria ali, inchando até apodrecer. O fedor iria se incrustando nas paredes até que um infeliz qualquer o encontrasse, provavelmente seu locador ou a mulher dele. Não, isso não estava nada bom. Sacou o celular e discou o número que o agente Abara havia anotado no verso do cartão de visita. Secretária eletrônica.

– Oi, aqui é o Nate. Você disse que eu podia ligar se... Bem, lembrei de uma coisa que talvez ajude na investigação. Preciso dar uma saída agora e vou ficar algumas horas na rua, portanto... se você puder dar um pulo aqui mais tarde...

Desligou o telefone, foi até a porta e a deixou destrancada para quando o agente chegasse. Pronto. Agora, sim.

Voltando à mesa da cozinha, alcançou a garrafa de uísque, mas foi detido subitamente por mãos sujas de areia e sangue que o agarravam pelo antebraço. As mãos de Charles, sentado do outro lado da mesa, vísceras à mostra no torso furado.

– Dizem por aí que o suicídio é a saída dos covardes – disse ele.

Nate se desvencilhou com um gesto brusco.

– Ah é? Então quero ver *os que dizem isso* subirem onze andares e olharem lá do alto para a calçada onde o corpo deles vai virar uma mancha de Rorschach.

Fiapos de fumaça negra se desprendiam das carnes chamuscadas do fantasma.

– Caramba, como você está azedo hoje.

– Olhe, tudo o que eu queria era ter pulado daquele prédio.

– Sei. Entendo. A vida lhe deu um sanduíche de bosta, e não tem escapatória. Você corta de cá, corta de lá... mas o sanduíche de bosta continua o mesmo e você tem de comer o filho da puta. Mesmo assim. Ainda acho que você não precisa dar uma de Jane Austen.

– Jane Austen?

– É, você sabe, aquela que escreveu *A redoma de vidro* e cometeu suicídio.

– Essa foi a Sylvia Plath.

– Tanto faz. Só estou querendo dizer o seguinte: veja o lado bom da coisa. Pela primeira vez na vida você pode falar e fazer o que lhe der na telha.

– O lado bom? Estou morrendo, cara. Ainda por cima estou com transtorno de estresse pós-traumático, ou seja lá como estejam chamando essa merda hoje em dia. E a prova disso é... *você*, ora. Além do mais, estou a uma assinatura de ser um homem divorciado e minha filha me odeia.

Charles cruzou os braços sobre o buraco no peito e caprichou na careta de enfado para dizer:

– Não estou com a menor paciência para essa sua ladainha. Você pode ficar aí, falando com as paredes.

– Eu *já estou* falando com as paredes.

Charles balançou a cabeça, decepcionado.

– Então vou me mandar. Não vou ficar para ver um troço desses.

– Vá logo, porra.

– *Vou mesmo.*

Mas Charles ficou onde estava, desviando o olhar como uma criança birrenta.

Nate bateu com a garrafa na mesa e falou:

– Olhe, preciso fazer isso enquanto ainda me resta alguma motivação. Você tem ideia de como é patético estar deprimido demais para se matar?

– Você ainda está aí, Nate, falando comigo. Isso significa que quer *alguma coisa*. – Charles estendeu os braços, emitindo uma espiral de fumaça. – O que você quer, hein, Nate?

Nate baixou os olhos para os comprimidos à sua frente.

– Quero morrer numa boa – disse.

E quando reergueu a cabeça, Charles não estava mais lá.

Era Leona Lewis quem agora cantava no rádio com sua batida soul e suas melodias emocionadas; ao fundo, um discreto órgão de igreja.

Cuidadosamente, Nate varreu os comprimidos da mesa para a palma da mão e ficou olhando para eles. O coração começou a bater mais forte, diferentes lembranças esfuziando em sua cabeça. Cielle recém-nascida, mascando o dedo dele com as gengivas banguelas. A blusa do lava a jato com o nome dela bordado no peito. A educação dela, todo um futuro em jogo. Como era possível que um pai se furtasse a uma obrigação dessas? Então lhe veio à cabeça a apólice de seguro no valor de um milhão de dólares que ele estava prestes a inutilizar com um punhado de comprimidos. Nenhuma compensação para Janie e Cielle, as beneficiárias, na eventualidade de um suicídio.

Tudo o que precisava fazer para garantir o futuro da filha era desistir daqueles comprimidos e morrer sua morte horrível, agonizando de minuto a minuto.

A voz de Cielle berrou em sua cabeça: “Não quero *nada* de você!” Nate lembrou-se então da própria infância, das vezes em que via tufo dos cabelos da mãe ora nos travesseiros, ora nas escovas, ora no boné felpudo que ela costumava usar, volumosos demais para que tivessem caído naturalmente, mais parecendo o fruto de algum ato de violência. De novo Cielle: “Pode ir morrer em outro lugar!”

– Ok, vamos lá...

Nate verteu os comprimidos na boca.

No rádio, Leona continuava sangrando seu refrão: “*I keep bleeding, I keep bleeding*”.

Os comprimidos derretiam na língua de Nate, amargos e tóxicos.

Ele fисgou a garrafa de uísque, destampou-a.

Pensou em Cielle lavando carros por uma ninharia.

Levou a garrafa aos lábios.

“*You cut me open and I...*”

Sentiu o álcool inundar-lhe a boca, os comprimidos rodopiando nele, um gosto adocicado de fumaça.

Um milhão de dólares. Tudo o que ele precisava fazer era sofrer.

“... *keep, keep bleeding...*”

Subitamente, virou o rosto e cuspiu os comprimidos no piso vagabundo da cozinha, apoiando-se na mesa, tossindo.

Seu celular tocou.

– Cielle... – disse ele, e correu para buscar o telefone que havia deixado na bancada. – Alô?

Uma voz com sotaque perguntou:

– Lembra-se de mim?

Nate sentiu um frio nas vísceras. Baixou os olhos para a poça de uísque e comprimidos.

– Número Seis.

– Vá até o seu quarto.

Nate mal conseguia ouvir a própria voz em meio ao estrondo do coração que retumbava no peito.

– Para quê?

– Quero que você veja algo.

Nate foi até a porta e a trancou novamente. Com o celular pregado ao rosto, e com o medo estorvando os passos, enfim foi até o quarto. O cômodo estava exatamente como ele o havia deixado, a cama perfeitamente arrumada. A não ser pelo travesseiro, que, por algum estranho motivo, estava sem a fronha.

Parado à porta, perplexo, Nate teve a impressão de que o travesseiro pelado o encarava de volta. Despertou de seu torpor quando a voz lhe disse ao telefone:

– Agora olhe pela janela.

Apesar das pernas bambas, ele obedeceu e abriu as cortinas.

– Não estou vendo nada – disse.

– Espere um pouco.

Foi então que alguma coisa lhe cobriu a cabeça, submergindo-o na total escuridão. Um tecido era apertado contra seu rosto, sufocando-o. Só podia ser uma fronha de travesseiro. Essa foi a última coisa que lhe ocorreu antes de perder totalmente a consciência.

NATE FOI DESPERTADO PELAS dores. Dores na sopa em que se transformara sua cabeça; nos pés gelados e dormentes; nas coxas que latejavam de cima a baixo como se cortadas pela lâmina de uma serra. Nas articulações dos ombros, os tendões gritando. Nos pulsos acima da cabeça. Ah, os pulsos.

Aos poucos, foi abrindo os olhos. Viu à sua frente o espaço amplo, úmido e escuro do que poderia ser um armazém. Estava suspenso pelos braços, que obstruíam sua visão para ambos os lados. Seus dentes tiritavam, os pulmões ardiam a cada inalação. O frio era mais intenso do que seria razoável para um ambiente fechado.

Ao baixar os olhos, teve a impressão de que a metade inferior de seu corpo havia desaparecido. Estupefato, deu-se conta de que as pernas estavam bizarramente enterradas numa barra de gelo. Tomado pela claustrofobia, tentou estupidamente erguer um dos pés para chutar ou correr, mas nada pôde fazer contra o gelo que o imobilizava até a altura dos quadris.

Respiração ofegante, o suor do pânico congelando no rosto. Ao tentar secar as faces com a manga da camiseta, viu que as mãos estavam presas por um par de algemas pretas e içadas a um gancho de frigorífico, partes dos pulsos já em carne viva. A corrente que prendia esse gancho ia subindo vertiginosamente até desaparecer na escuridão de um teto que poderia estar a três ou trezentos metros de altura. Nate sentia o ombro pulsar feito um coração, lá onde havia sido fincado com o abridor de cartas, as suturas a ponto de estourar.

“Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina.”

Nate começou a piscar rapidamente, um truque aprendido no exército para acelerar a visão noturna. Só então pôde ver melhor o bloco de gelo que lhe cerrava as pernas, um retângulo na horizontal, mais ou menos do tamanho de uma geladeira. O gelo desprendia uma fumaça fina que fazia o ar tremular na escuridão. Através dessa espécie de neblina, podia ver uma miríade de engradados e caixas, além de ferramentas espalhadas pelo chão, entre elas uma serra circular idêntica àquela usada pelos assaltantes no banco.

Nos confins da visibilidade, aos poucos foi discernindo o vulto de quatro homens, que pareciam observá-lo com curiosidade. Deixou escapar um grito de susto e ao fazê-lo jogou as costas para trás, sentindo as coxas constritas pelo gelo, ouvindo a corrente ranger no alto e ecoar pelas paredes do frigorífico.

Agora podia ver os rostos com maior clareza. Constatou que o mais alto dos homens era o que tinha visto no meio da multidão diante do banco, o grandalhão de mandíbulas quadradas e nariz achatado. De tão largos, os ombros pareciam a cangalha de uma junta de bois. O rosto era coberto por uma barba malfeita. Ao lado dele se achava um sujeito parrudo, vestindo um suéter de listras vermelhas e brancas que parecia saído de *Onde está Wally?*, apesar de puido no colarinho e

nas mangas; em vez de se ajustar ao tronco como seria de se esperar, o suéter despencava do peitoral avantajado feito uma toalha de mesa. Nate correu os olhos pelo terceiro homem: alto e magro, traços angulosos, os cabelos engomados com gel e presos num pequeno rabo de cavalo.

Compleutando o quarteto, e se aproximando para vê-lo melhor, lá estava ele, Número Seis, chefe do bando de assaltantes. Nate o reconheceu pelo porte compacto e musculoso, o centro de gravidade mais baixo, perfeito para a luta. Mais jovem do que poderia ter imaginado. Cabelos louros cortados e penteados de modo antiquado, não muito diferentes das “cuias” dos anos 1970. Com uma ponta de orgulho, Nate notou o talho na testa do homem, onde ele o havia acertado com uma coronhada da pistola vazia. Por conta do rosto muito redondo e dos olhos azuis, tinha todo o aspecto de um jovem marinho, desses que se veem nos pôsteres de propaganda soviética, e apesar da segurança que mostrava nos modos, a expressão era de total impassibilidade.

Ele foi se aproximando de Nate até que dali a pouco eles se achavam a poucos centímetros um do outro, tão próximos que Nate podia sentir no rosto o ar que o homem exalava.

– Ele vai permanecer consciente por enquanto – disse o chefe do bando, crivando seu prisioneiro com os olhos muito azuis, como se olhasse através dele.

O sotaque era claramente russo aos ouvidos de Nate.

Nate interpretou como um mau sinal o fato de que eles não haviam se dado ao trabalho de colocar máscaras.

– Quem são vocês? – perguntou.

O chefe do bando agora focou diretamente nos olhos deles e falou:

– Somos Tyazhiki. O povo das sombras. Não estamos aqui. Não existimos.

– Mas têm nomes.

– Ah, sim. Ainda não me apresentei. Meu nome é Misha. Você deve estar se perguntando por que está aqui.

– Não exatamente – disse Nate.

– Ele vai cobrar de você. Provavelmente do seu corpo.

Languidamente, Misha levou o indicador ao peito de Nate e o empurrou. As correntes rangeram no alto, e o gelo mais uma vez queimou a parte posterior das coxas dele, que não conseguiu reprimir um gemido.

Retesou as mandíbulas para que parassem de tremer com o frio. Tinha a impressão de que, já sem nenhum sangue, seus braços eram fincados por agulhas. Sem dúvida seria submetido a torturas ainda mais terríveis, mas sabia que no fim de tudo encontraria a morte. Então esvaziou os pulmões num sopro forte e tentou trazer de volta a coragem inconsequente que o havia acometido no banco.

– Vocês podem soltar meus braços? Por favor?

Foi o homem de suéter listrado quem respondeu:

– Ainda não.

– Olhe só, Wally. Vocês são quatro. E eu estou usando essas calças de gelo – argumentou Nate. – Se eu tentar alguma gracinha, acho que vocês terão tempo de fazer alguma coisa.

– Wally? – devolveu o homem, confuso.

– O nome dele é Dima – disse Misha. – O de rabo de cavalo é Valerik. E o outro... – ele apontou para o gigante que Nate vira na rua diante do banco – é Yuri.

Apesar do sotaque, a dicção era perfeita, embora um tanto formal.

– Por mim, ele continua pendurado nesse gancho – opinou Yuri. – Mais dor.

No entanto, Misha se espichou e soltou as mãos de Nate, por pouco não roçando seu rosto no dele. Exalava um perfume de sabonete. Yuri fechou a cara e virou o rosto, contrariado mas pouco disposto a comprar uma briga com o chefe. Os outros dois se remexeram, amuados também, fingindo não notar o joguinho de poder a que Misha dera início.

Baixar os braços havia doído muito mais do que Nate poderia ter imaginado. Os ombros latejavam. Assim que as dores arrefeceram um pouco, ele perguntou:

– Russos?

– Russos *não* – respondeu Misha. A primeira centelha de ira. – Ucrânianos.

Apontando o queixo para o gelo, Nate perguntou:

– Para que tudo isso?

– Espere e você vai ver.

– Você adora dizer isso – ironizou Nate, e baixou os olhos para o bloco de gelo, sem saber o que fazer daquilo.

– Não perca seu tempo – acrescentou Misha. – É um bloco sólido em torno das suas pernas. Abrimos o buraco, depois descemos você para dentro dele.

– Foram necessárias *quatro* cabeças para pensar nisso?

– Tem senso de humor. Impressionante, diante das circunstâncias.

– Estou pronto para morrer – disse Nate. – Não tem nada que você ou seu patrão possam fazer comigo.

Misha respondeu com um sorriso através do qual se viam apenas as gengivas superiores, como se a natureza tivesse lhe dado uma boca alta demais em relação ao resto.

Um estrondo de metal batendo contra metal ecoou pelo armazém. Assustando-se, Nate enrijeceu o tronco que se projetava do gelo. Fora de seu campo de visão, uma porta se abriu, fazendo ranger as dobradiças enferrujadas. Alguém veio caminhando lentamente na escuridão, e Nate foi ficando cada vez mais apreensivo à medida que os passos se aproximavam. De repente, uma luz se acendeu, um canhão direcionado contra ele. Nate apertou as pálpebras, ofuscado pela luz forte. Só o que via era a silhueta perfeitamente desenhada do

homem que se colocava entre ele e o canhão de luz, parado ali com os braços cruzados sobre o peito.

O sujeito começou a caminhar novamente, e sua sombra foi escorregando no chão à sua frente até escalar o bloco de gelo e alcançar o rosto de Nate. Apesar da proximidade, o homem ainda era apenas uma silhueta de feições invisíveis.

Parou a alguns metros de distância e, para arrematar sua histriônica entrada, falou:

– A distância entre os caninos de um guepardo é tal que eles se encaixam perfeitamente entre as costelas de sua presa. Para quebrar a espinha dorsal. – Ele ergueu a mão e cortou o ar com ela, ilustrando o que acabara de dizer. O sotaque era bem mais forte, e a voz roufenha sugeria que o recém-chegado era muito mais velho que os demais. Em razão do frio, jatos de vapor escapavam de suas narinas. – Há aqueles que são carne, e aqueles que se alimentam dela. Desígnios da natureza.

Então, ele começou a perambular, e um feixe de luz subitamente iluminou seu rosto sulcado de rugas. Boca grande, lábios carnudos. Olhos de safira, tão duros quanto as próprias pedras. Vestia um terno de corte perfeito, e sob ele uma camiseta térmica preta de cuja gola escapavam alguns pelos brancos. Apesar da idade, tinha um porte atlético, de músculos aparentemente rígidos e inquebráveis, como se esculpidos em madeira. Ele enterrava ambas as mãos nos bolsos das calças. Os bíceps recheavam por completo as mangas do paletó. O rosto era o de um homem de quase 70 anos, mas o corpo parecia pertencer a alguém meio século mais jovem.

Não havia dúvida: ali estava o homem do sedã preto.

Ele parou de novo. Deitando o olhar pétreo sobre Nate, disse:

– Eu *nasci* para aterrorizar você.

O coração de Nate disparou, fazendo a base da garganta latejar.

– Matei cinco dos seus homens – disse ele.

– Aqueles homens não eram *meus*. Exceto o único que você não matou. – O sujeito mostrou os dentes, que eram excepcionalmente bonitos, e Nate demorou alguns segundos para perceber que eram falsos. – Meus homens não se deixam matar por alguém como você. São diferentes. Aqui nos Estados Unidos não há esta cepa de homem.

A boca de Nate agora parecia uma bola de algodão de tão seca. Suas pernas doíam apesar da dormência, e os dentes batiam por vontade própria.

– Como você se chama? – conseguiu dizer ele.

– Pavlo Maksimovich Shevchenko.

– O que pretende fazer comigo? – perguntou Nate. – Não dá para acabar logo com isso?

Novamente Pavlo abriu seu sorriso de dentes imaculados, depois espalmou uma das mãos. Usava luvas pretas, mas Nate podia apostar que sob o couro as

unhas eram perfeitamente manicuradas, e as articulações, tatuadas. Já com uma ou duas mechas suarentas escapando do rabo de cavalo, Valerik se adiantou e depositou algumas fotos sobre a palma estendida de Pavlo, que disse:

– Quando o corpo humano é mutilado e o torso é colocado no gelo, o frio preserva as funções cerebrais. Às vezes por vinte minutos, meia hora. De modo que tudo é sentido e... – ele resmungou algo em sua língua estrangeira, procurou por uma palavra e por fim a encontrou: – *observado*.

Em seguida, ergueu as fotos diante do rosto de Nate e as foi passando uma a uma.

Nate assistiu ao grotesco *slide show*.

– Desculpe – disse, já engulhando.

Pavlo deu um passo atrás, feito um cavalheiro, e Nate vomitou no chão. Ao erguer as mãos algemadas para limpar a boca, estremeceu com a dor lancinante nos ombros. Notou então que o gelo se estendia para sua esquerda feito o tampo de uma mesa, e quando voltou os olhos para Pavlo, deparou com Yuri postado ao lado do chefe com a serra circular diamantada nas mãos.

Embora estivesse enterrado no gelo, Nate começou a suar no rosto e nas costas. Desviando o olhar da serra, procurou acalmar o estômago e a respiração.

“Vinte minutos. Vinte minutos, e está tudo acabado.”

Então se recompôs e disse:

– Tudo bem.

Seguiu-se uma longa pausa, depois Misha perguntou:

– Tudo bem o quê?

– Podem ir em frente – respondeu Nate, e notou que já começava a reavivar aquela sensação de inconsequência que tanto o havia encorajado no banco. Voltava a ser aquele homem que salvara a vida de Janie no mar, pescando-a da contracorrente. Deixou escapar uma risada sombria, quase histérica, e falou: – Podem me matar.

Pavlo começou a esquadrinhar o rosto de seu prisioneiro como se tentasse descobrir uma maneira de entrar na cabeça dele e descobrir o que se passava nela. Nate o encarava de volta, impávido. Não tinha nada a perder, e essa era a melhor parte da história, senão a única.

Percebendo isso, Pavlo desviou o olhar e num tom displicente, como se estivesse papeando com um amigo, disse:

– Há um livrinho vermelho, um pequeno diário, no fundo de um armário. Um diário fechado a cadeado no qual uma menina relata todas as suas agruras, todas as injustiças que a vida lhe reservou. Na página 89, a última do livrinho, ela relembra um episódio de sua infância: o pai irrompendo no quarto dela certa noite, levado por um pesadelo, sangue escorrendo da testa.

Nesse momento ele se virou para Nate com um discretíssimo sorriso entre os lábios, saboreando a reação dele.

Subitamente, Nate voltou a perceber como aquele gelo todo havia esfriado o ambiente à sua volta. Os ossos doíam de tanto frio. O peito queimava a cada respiração.

Aqueles homens. No quarto de Cielle.

Eles haviam invadido a casa *naquele mesmo dia*. Em algum momento após o assalto. Sem dúvida, agiram rápido. Pete e Janie ainda deviam estar no trabalho, e Cielle na escola.

– O gelo não é para você. É apenas... – Pavlo circulou a mão enluvada no ar.
– Uma *demonstração*.

As dores de Nate cessaram de imediato. Ele disse:

– Vou deixar uma coisa bem clara: se vocês encostarem *um dedo* na minha filha, minha vida inteira vai se resumir a um único objetivo, que é matar *você*.

Pavlo andava de um lado a outro com a testa franzida, duas rugas profundas ladeando a boca.

– Temos um costume lá na nossa terra. Quando você pisa no pé de alguém...

Ele se virou e perguntou algo a Misha numa língua que Nate deduziu ser ucraniano.

Misha respondeu:

– Acidentalmente.

– Quando você pisa no pé de alguém *acidentalmente*, você oferece seu próprio pé para que a outra pessoa pise nele também. Apenas de leve. Mesmo assim. Gostamos de corrigir nossos erros de imediato, para que ninguém guarde ressentimentos. Entendeu?

Nate engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

– Você e eu... – prosseguiu Pavlo. – Nós precisamos de uma *razborka*. Um acerto de contas. Você nem imagina o tempo que gastamos no planejamento daquele assalto...

– Posso dar um jeito de arrumar dinheiro – disse Nate.

– Não é dinheiro que eu quero. Tenho o bastante.

– Não é dinheiro? Você assaltou *um banco*!

– Eu tinha um conhecido, Danny Urban, que infelizmente não está mais entre nós. Que Deus o tenha em bom lugar. Tivemos uma desavença quanto ao preço e à propriedade de certo objeto. Ele guardou este objeto num cofre de aluguel do First Union Bank. Sabemos que está lá, mas não sabemos qual é o número do cofre.

Nate se lembrou dos homens que haviam serrado as dobradiças de todos aqueles ninhos de gavetas para depois arrancar as portinholas. De fato o dinheiro não parecia ser a prioridade deles.

– Então você assaltou o banco só para despistar? – perguntou Nate. – Para pegar o que esse tal de Urban tinha guardado lá? – Nenhuma resposta. – O que é?

Pavlo parou onde estava, olhou para ele.

– O problema é o que está guardado naquele cofre. – Rilhando os dentes, emendou: – Você se interpôs no meu caminho quando eu estava prestes a botar as mãos no que queria. Pois agora é você quem vai fazer isto por mim.

Nate sentiu o queixo cair ligeiramente.

– Você só pode estar brincando. Como vou fazer uma coisa dessas? Impossível! Os peritos da polícia nem terminaram o trabalho ainda! As gavetas foram serradas e...

– O banco vai consertar os cofres e reabrir em 24 horas. É isso que os bancos fazem. Não podem ficar dias fechados. Os clientes ficam assustados.

– Mas... o que você quer de mim exatamente? – Com uma nota de desespero, Nate arriscou: – Que eu *invada* o banco?

– Você agora é um cliente VIP daquele lugar. O grande herói que salvou a pátria. Portanto, vai usar este seu novo...

– Status – completou Misha.

– *Status* – repetiu Pavlo lentamente, saboreando a palavra. – Você vai usar este seu novo status para encontrar outra solução. Nós já *tínhamos* uma solução.

Nate o encarou com agonia, mas o homem permaneceu impassível.

– Vai, me mata logo de uma vez. Vamos liquidar esse assunto agora mesmo. Eu e você. Desconte *em mim*.

Pavlo prosseguiu como se nada tivesse sido dito:

– Você vai me encontrar no restaurante New Odessa. Para fazer a entrega. Daqui a cinco dias. Domingo, à meia-noite.

– *Domingo?* Mas já é terça à noite! Não dá para...

Yuri subitamente ligou a serra que trazia na mão e o ronco ensurdecedor da máquina foi ecoando pelo armazém até dar lugar ao silêncio original.

Pavlo ergueu o indicador e decretou:

– Cinco dias. O conteúdo daquela gaveta nas minhas mãos. Caso contrário, pegamos sua filha, serramos pela metade e colocamos o tronco dela neste gelo, bem aqui, de modo que ela possa ver o que sobrou dela. Quanto a você... Não vamos encostar um dedo em você. – Ele pôs a mão enluvada na superfície de gelo ao lado de Nate. – Será que preciso esclarecer mais alguma coisa?

Nate fez que não com a cabeça.

– Caso você resolva sumir no mapa, a menina vai sofrer do mesmo jeito.

– Mas como vou...?

Pavlo piscou lentamente, mostrando as pálpebras finas, secas e enrugadas.

– E se você disser alguma coisa à polícia, ao FBI ou ao agente Abara, é sua filha quem vai pagar também.

A menção a Abara só fez aumentar o pavor de Nate. O tal Pavlo já sabia a respeito de Abara. Até onde ia o acesso do homem?

– Cinco dias – repetiu Pavlo. – Ou a delicada caligrafia naquele livrinho

vermelho jamais chegará à página noventa.

Ele ergueu a chave das algemas, que rebrilhou na penumbra, depois a deixou cair para espremê-la sob a sola dos sapatos formais. Obedecendo a um sinal do chefe, Yuri novamente fez a serra rugir e foi caminhando com ela na direção de Nate, retesando os antebraços para controlar os solavancos da poderosa ferramenta. Já próximo ao bloco de gelo, ergueu a lâmina de carboneto sobre um dos ombros e seguiu em frente. Nate apertou os olhos e jogou o corpo para trás, apavorado.

De repente, ouviu a máquina guinchar com o impacto e sentiu no rosto as farpas geladas que ela começou a lançar para o alto. O gelo agora tremia a seu redor, e uma rachadura ziguezagueava pelas entranhas do bloco, movendo-se entre as pernas dele. Piscando para limpar os flocos das pálpebras, Nate viu que os homens se retiravam na direção do canhão de luz, formando uma grande silhueta coletiva. Dali a pouco um deles chutou a chave de força e a luz se apagou, mergulhando o armazém no breu original. Passos na escuridão. Uma porta enferrujada se abriu, depois fechou.

Silêncio. Frio. Terror. Uma nova medida para o famigerado “fundo do poço”.

Espichando-se, Nate começou a movimentar as pernas dormentes, ora para um lado, ora para o outro, e o gelo foi cedendo aos poucos até que ele pôde desvencilhar um dos membros, depois o outro, e se jogar de quatro no chão, onde ficou por cinco ou trinta minutos, ofegante, esperando que a vida enfim lhe retornasse à parte inferior do corpo. Com as mãos algemadas à sua frente, foi rolando dolorosamente pelo piso de concreto até encontrar as chave que Shevchenko havia deixado cair. Pescou-a com os dedos formigantes e após diversas tentativas malsucedidas, além de muitas câimbras, finalmente conseguiu encaixar a chave na minúscula fechadura das algemas. Assim que se viu livre delas, arremessou-as para bem longe na escuridão.

Foram necessárias diversas tentativas até que ele pudesse se levantar e outras tantas até que sentisse as pernas suficientemente firmes para andar. Cambaleante, atropelando caixas e engradados, foi seguindo e pensando na tarefa que tinha pela frente, naquilo que estava em jogo. “Cinco dias. O conteúdo daquela gaveta nas minhas mãos.” Caso contrário eles matariam Cielle.

Nada de suicídio para ele por enquanto.

Por fim, alcançou a porta e saiu à calçada, os jeans molhados esfolando a parte interna das coxas, a camiseta enroscada no tronco. Seguindo pela ruela, chegou a um cruzamento que não conhecia. Recostados à lateral de um Camaro, membros de uma gangue ergueram o rosto das latinhas de cerveja que vinham bebendo e o esperaram passar.

Nate se deu conta de que estava muito longe de casa.

PAVLO SHEVCHENKO ACORDOU COM a garganta apertada e os pulmões praticamente vazios. Sugou todo o ar que lhe permitiam as narinas, afastou as cobertas e ergueu o tronco, encharcado de suor, dardejando os olhos por toda parte, certificando-se de que as paredes estavam bem longe.

Espaço. Ali havia espaço.

Sua cama *king size* californiana ficava no centro do quarto de 190 metros quadrados que um dia havia sido um pavimento inteiro. Ao comprar a mansão no condomínio arrogantemente batizado de Monte Olimpo, a primeira coisa que fizera havia sido derrubar todas as paredes do segundo andar de modo que ele tivesse espaço para respirar. Teria derrubado as colunas também, caso elas não fossem necessárias à sustentação do telhado.

Vidraças que iam do chão ao teto tinham vista para a encosta íngreme de um cânion, bem como para a movimentada avenida que corria ao pé dela. Shevchenko se levantou da cama e começou a caminhar pelo amplo cômodo a fim de provar a si mesmo que era um homem livre e tinha espaço suficiente para andar quanto quisesse.

Sua biografia era povoada de celas e cárceres. Seu tataravô tinha sido um cossaco que assaltava viajantes e havia morrido nos campos de prisioneiros de Pedro, o Grande, lá onde se formaram os primeiros grupos da máfia russa, os *vory v zakonye*. Nos poucos galhos de sua árvore genealógica havia ainda outros ladrões, mas que obedeciam tão somente aos ditames práticos do *vorovskoi mir*, ou o mundo da criminalidade. Um avô que sobrevivera às câmaras de tortura do NKVD apenas para sucumbir mais tarde à tenebrosa chacina de Babi Yar. Um tio que cortara o próprio dedo num campo de trabalhos forçados nos Urais para protestar contra as convenções do mundo fora das grades.

Stalin morreu em Moscou no dia em que Pavlo nasceu em Donetsk, uma cidade industrial nos cafundós da Ucrânia. À época, seu pai, que subscrevia ao juramento corporativo dos ladrões de dar as costas até aos próprios parentes, menos aos parceiros de crime, estava ocupado demais morrendo de disenteria na Colônia Penal de Omsk, onde cumpria uma pena de seis décadas de trabalhos forçados. Aos 13 anos, já havia encontrado o caminho para os mercados negros de Odessa, onde faria uma bela carreira na máfia local, alçando-se ao glorioso posto de batedor de carteiras ainda aos 15. Obedecendo à velha tradição dos *vory*, tornou-se um exímio manipulador de facas. Em seu primeiro trabalho de execução, cortara os dedos de um homem, trancara-o no interior de um carro e ateara fogo ao veículo. Jamais se esqueceria do rosto que o encarava impávido do outro lado da janela. Uma lição precocemente aprendida naquele olhar vazio: “Há aqueles que são carne, e aqueles que se alimentam dela.”

Na altura de seus 17 anos, Pavlo era de tal modo temido que, ao entrar num

cômodo, adultos apagavam seus cigarros e ficavam de pé em sinal de deferência. Passou diversas temporadas trancafiado na Zona, sempre saindo dela com mais experiência e mais condecorações tatuadas na pele.

A Zona era uma espécie de arremedo da própria vida. Celas construídas para dezesseis prisioneiros, mas ocupadas por sessenta. Não havia espaço para que todos ficassem de pé ao mesmo tempo, então era preciso fazer um rodízio diante da janela, onde os detentos sorviam o máximo que podiam do escasso e precioso oxigênio. À noite, dormiam empilhados em beliches. Um único banheiro para sessenta homens: um buraco no chão, nenhum papel. Alguns morriam com o calor do verão, outros com o frio do inverno. Outros tantos morriam sufocados à vista de todos. Certa vez, punido por ter perturbado a ordem, Pavlo passou meses seguidos numa cela de concreto não muito maior que uma urna funerária. Uma hora por semana, a título de exercício físico, era levado a uma jaula subterrânea com um gradeado no alto que dava para outra jaula na qual um jaguar andava de um lado a outro. Como em toda parte daquele inferno, o lugar cheirava a podridão, morte e fezes humanas.

Ar. Nunca havia ar suficiente.

Na Zona, Pavlo aprendeu toda a verdade sobre a humanidade, vendo as pessoas como elas realmente eram. Dejetos em forma de gente, uma escória que de tão baixa lambia o chão sob os catres, alimentando-se do lixo humano acumulado ali. Os corpos existiam apenas para os outros, sugados e cuspidos fora quando só restavam os ossos. Os detentos eram pisoteados, chutados até a morte. Espancados com meias recheadas de terra até começarem a urinar sangue. Barrigas roncavam apenas para disfarçar o vazio dentro delas. A regra ali era uma só: sobreviver.

No entanto, em meio a tudo isso havia uma tradição. Honra. Sempre que ocorria uma interrupção na ordem das coisas, Pavlo presidia a um *pravilki*, uma espécie de tribunal de ladrões. Aquele que roubasse de um *vor* de hierarquia mais alta era jogado ao chão para que outros saltassem do beliche sobre as costas dele até que as costelas se partissem. Na prisão de Perm havia um vaso de planta que habitava o parapeito de uma janela; toda manhã esse vaso passava de mão em mão pela cela para que cada um desse uma única fungada na planta. Partidas de xadrez eram jogadas com nacos de pão esculpidos com saliva no lugar das peças. Muito de vez em quando, um ensopado de peixe era jogado sobre o *kasha* para torná-lo mais palatável.

Nu, Pavlo agora corria os dedos sobre a vidraça, olhando para Hollywood a seus pés. Podia ouvir os ecos de um show de rock no Roxy, o pulsar seco de um baixo elétrico. De repente, afastou-se da vidraça e foi contando os passos a seu redor: 283 em torno do perímetro do quarto. A mesma quantidade da noite anterior. A mesma de todas as noites.

Depois de vestir um roupão de seda, subiu a escada que levava ao telhado de

concreto da mansão e encheu os pulmões com o ar da noite. Livre para caminhar, livre para respirar. Era indestrutível, tão resistente quanto uma barata. Quando viesse o apocalipse e as bombas comesçassem a chover dos céus, ele emergiria do marco zero e apontaria suas antenas para os ventos tóxicos. Espichou os braços até onde pôde na escuridão, aliviado por não haver nada a seu redor para ser tocado.

Ao cabo de uma temporada de seis anos da Colônia Penal nº 6, Pavlo havia saído para uma nova era: a Rússia pós-União Soviética do início dos anos 1990. As novas gerações do crime organizado não se tatuavam mais e, embora operassem num novo sistema, sabiam respeitar e temer seus respectivos chefes. Ele agora era um homem de negócios, líder de uma máfia poderosa que transitava no mundo das negociatas financeiras, do tráfico de eletrônicos japoneses, da revenda de Volvos e BMWs roubados na Europa. Todo o espólio de uma nação estava lá para ser transformado em lucro. Comprava fábricas, botava-as abaixo e vendia o metal para os países vizinhos: alumínio para a Estônia, níquel para a Letônia, titânio para a Lituânia. Comandava toda uma rede de prostituição e jogo clandestino, ordenava a morte dos juizes que ousavam contrariá-lo. Seu poder não conhecia limites.

Caminhou até a beira do telhado, uma queda de algumas dezenas de metros até as rochas do cânion. Lá embaixo, a cidade resplandecia em todo o seu fulgor: a bizarrice do Ripley's Museum, o pagode de bronze e os torreões de cobre do Chinese Theatre, o gigantesco outdoor da HBO na fachada de um prédio qualquer, o par de Ray-Bans do tamanho de um Boeing. Comércio. Livre mercado. No desmoronamento de um império ele havia aprendido as regras e colhido os resultados do capitalismo. E depois se mudara para os Estados Unidos, a fonte de tudo, para desfrutar desses resultados.

Agora caminhava rente à borda do telhado, alheio ao penhasco que o engoliria na eventualidade de uma queda. Seus passos eram seguros, e os músculos, firmes. O risco de um tombo era insignificante diante da beleza daquela paisagem e de todo aquele espaço à sua volta. Se ele berrasse, não ouviria um eco. Se arremessasse uma pedra, não a escutaria cair. Espaço. Virando-se, contou mais uma centena de passos de um chão que era seu para ser pisado sempre que lhe aprouvesse.

A casa fora construída na encosta, de modo que o telhado se nivelava com a rua onde agora um vizinho fazia sua caminhada noturna. O homem acenou, e Pavlo apenas o encarou até vê-lo apertar o passo e ir embora assustado. Depois prosseguiu na inspeção de sua propriedade, na ronda que fazia quase todas as noites enquanto admirava as pedras de granito que havia importado dos Urais. Mais 68 passos levaram-no à entrada da casa e ele bateu à porta. Yuri veio abri-la, afastou-se para que o chefe entrasse e colocou a pistola de volta na cintura das calças. Pavlo avançou pelo saguão, passando pela fileira de chinelos de flanela

que ficavam ali à disposição dos hóspedes. Sapatos não eram permitidos dentro de casa.

Os móveis do primeiro pavimento eram suntuosos e antigos. Cômodas de carvalho com acabamento em ébano. Bancadas de mármore com detalhes em quartzo para dar brilho. Candelabros de cristal. Adornos folheados a ouro, importados da Europa. Parquete de madeira nobre com desenhos geométricos. Uma vida diferente.

Pavlo seguiu para o quarto de Nastya e silenciosamente abriu uma fresta na porta. As cortinas estavam fechadas; o cômodo cheirava a cigarros e perfume barato. Deitada de bruços na cama, de costas para a porta, a garota pintava as unhas com fones nos ouvidos. A música era tão alta que os fones deixavam escapar os chiados metálicos do rock que ela ouvia. Alta e magra feito um caniço, estava usando uma camiseta sem mangas e um shortinho jeans não muito maior que a parte de baixo de um biquíni. As pernas eram de tal modo lisas que pareciam ter sido pintadas com tinta spray. Nastya era tão bonita quanto só podiam ser as ucranianas. Rosto de maçãs acentuadas, um beicinho no lugar da boca, o pescoço de um cisne.

Pavlo ainda se lembrava do dia em que a vira pela primeira vez, embrulhada num cobertorzinho rosa, entregue em sua porta por uma prostituta que ele conhecia, uma criança também. Os olhinhos de safira do bebê, o formato deles... Não havia dúvida: a menina era mesmo sua filha. Tomara-a no colo e, ao reerguer a cabeça, a prostituta não estava mais lá.

Na qualidade de um *vor*, sua fidelidade já estava comprometida com a irmandade de ladrões. Ele dera as costas a seus parentes de sangue e, por juramento, não teria outra família que não fosse a *vory v zakonye*.

No entanto...

Anastasia. Ou simplesmente Nastya. Uma filha. Entregue feito Moisés no cestinho de vime. E ele, um criminoso calejado por décadas de contravenção e diversas passagens pela prisão. Ao tomar aquela criança nos braços, sentira ressuscitar no peito uma parte dele que julgava morta desde muito. Aquela menina era pura. Boa. Sua última chance de ser novamente humano.

Pavlo era reverenciado o bastante para que sua escolha fosse respeitada pela irmandade, mas não poderia ser visto por aí, acintosamente criando uma filha. Para mantê-la seria preciso sair do país e deixar sua vida para trás. Assim ele fizera, juntando-se às hordas de emigrantes que haviam recebido a permissão de Yeltsin para ir embora no fim dos anos 1990. Após uma breve passagem pela colônia russa de Brighton Beach, em Nova York, para organizar suas finanças mediante transferências bancárias e contas no exterior, seguiu para Los Angeles, para aquele paraíso distante em que as pessoas podiam se reinventar como bem entendiam. Tudo por ela. E só por ela.

Nastya já estava com 17 anos.

Parado à porta do quarto, ficou espiando a filha. Os cabelos cor de mel que chegavam quase à cintura. As pernas cruzadas nos tornozelos, um dos pés batendo o ritmo da música. Num dos braços, pulseirinhas fluorescentes de diversos clubes noturnos, uma cor diferente para cada dia da semana. Ele mimava muito aquela menina. Sabia disso e mesmo assim não conseguia se conter.

Pavlo bateu de leve na porta aberta. Nastya virou a cabeça, baixou os fones para o pescoço e iluminou o quarto com seu sorriso, dizendo:

– Papa!

– Abra essas cortinas – disse ele. – A vista é gratuita.

Mal podia ver o desenho sutil e desbotado das cicatrizes da filha, uma teia de aranha no cantinho da face. A imperfeição realçava ainda mais sua beleza, sobretudo à luz âmbar da luminária.

– Gosto do escurinho. Trancafiada aqui me sinto mais segura, sacou?

Ela pouco ou nada sabia do passado do pai.

– Tudo bem, Nastya. – De repente, ele sentiu um cheirinho de *schnapps*, aquele xarope horrível dos americanos. – Você andou bebendo?

– Claro que não. – Ela se espichou e retorceu as costas, virando o rosto infantil na direção de Pavlo. – Esse cara novo... qual é a dele? Esse tal de Misha. O sujeito me dá até medo.

– É um amigo da minha terra. – O ventilador rodopiava preguiçosamente no teto. – Ele a incomoda?

– Incomoda. Não tira o olho de cima de mim! Por que a gente não fica só com o Valerik, o Yuri e o Dima, como sempre foi?

– Misha... ele faz outras coisas.

– Tudo bem. – Ela se virou novamente e jogou os cabelos com a naturalidade de um animal que abana a cauda. – Acho que vou fazer uma tatuagem. Uma borboleta. Bem aqui – disse, e apontou para a nuca.

– Já falamos sobre isso. Você *nunca* irá macular a sua pele – decretou Pavlo, mais ríspido do que havia pretendido.

Certa vez, um de seus *brodyagi* lhe dera de presente uma camisa com um monograma bordado, e ao vê-la ele havia se lembrado do uniforme da prisão em que a identidade dos detentos também era bordada na altura do peito. Pedira licença e fora queimar a peça na pia do banheiro.

Nastya fitou o pai com uma ponta de medo no olhar. Pavlo não se importava que o medo impedisse a filha de arruinar a própria pele com uma tatuagem. Com um beicinho, ela se espichou languidamente, rolando os ombros à maneira de uma felina.

– Tudo bem, mas... quem é você para falar de tatuagem? Riscado da cabeça aos pés!

– Você não é o seu pai. E graças a Deus nunca terá de ser.

– Você nem é tão feio assim, sabia? – disse ela, e abriu seu sorriso encantador. Em seguida, emendou: – Você tem um dinheirinho aí para me dar? Hoje é terça.

– Vai sair para dançar de novo?

– Vou. É aniversário da Julie, e as meninas combinaram de...

Antes que ela terminasse, Pavlo já estava separando algumas notas de cem dólares do maço que sempre mantinha no bolso do roupão.

– Você sabe que não consigo dizer “não” para você, não sabe?

– Menos quando o assunto é tatuagem.

– Exatamente. Tatuagens, não. – Ele deixou o dinheiro na mesinha de cabeceira, ao lado de um cinzeiro transbordante. – Vou mandar alguém levar você. No sedã.

– Você é o melhor pai do mundo.

Ela recolocou os fones de ouvido e voltou a pintar as unhas.

Eram três da madrugada. Dali a pouco ela deveria estar na escola, pensou Pavlo, mas ao lembrar o que *ele* costumava fazer na idade da filha, permaneceu de bico calado e saiu do quarto.

Dima, Yuri e Valerik jogavam baralho à mesa da cozinha. Com um sorriso de contentamento, Misha limpava sua arma sobre o balcão. Todos ficaram de pé quando Pavlo entrou e foi falar com Misha.

– Não quero que você olhe para a minha filha – falou ele baixinho.

Misha assentiu com a cabeça.

Pavlo umedeceu os lábios, depois disse:

– Não confio nesse Nate Overbay. Fique de olho nele. E na filha também. Qualquer sinal de...

– E se ele não fizer o serviço? – interrompeu Misha.

– Qualquer outra coisa que ele faça, levará a um custo em vidas e recursos. Vamos esperar os cinco dias, depois pensamos em como lidar com o americano.

– Por que a gente não pega logo a menina e vai mandando pedaços dela pelo correio? – sugeriu Misha.

Yuri deu um risinho. Misha virou-se para encará-lo e o grandalhão imediatamente apagou o sorriso do rosto.

– Não estamos na nossa terra – explicou Pavlo, paciente. – Aqui as coisas são diferentes. Temos de ser mais... sutis.

– Sei não – insistiu Misha. – Se me der permissão para que eu trate desse assunto do modo como estou acostumado...

Pavlo se inclinou e plantou uma das mãos no ombro de Misha, deixando claro apenas com o olhar que o assunto estava encerrado.

Misha aquiesceu, rapidamente remontou a pistola e saiu.

Pavlo olhou para Yuri.

– Mandei buscar Misha porque ele não sabe o que é medo. O que é muito bom, mas também pode ser ruim. Você, Yuri, é muito importante para mim.

Sabe como operar neste país.

Yuri ensaiou alguma objeção, mas achou por bem engolir as palavras.

Pavlo apontou para a porta com a cabeça e Yuri se levantou para ir atrás do chefe. Valerike e Dima voltaram ao jogo de cartas.

Pavlo subiu para o quarto, 57 passos. Aquele segundo pavimento amplo e vazio, suficientemente grande para que ele respirasse e espichasse o corpo. Mais uma vez mediu o perímetro do quarto com suas passadas, o ombro roçando as vidraças. Por fim, jogou-se na cama e ergueu os olhos para a claraboia. Ficou admirando o breu dos céus, contemplando tudo aquilo que estava em jogo e o que ele estava disposto a fazer para protegê-lo.

NATE PESCOU SUA CARTEIRA dos jeans endurecidos e pagou o táxi com um cartão de crédito ainda gelado. Alguns alunos da UCLA passavam por perto, berrando e atormentando um calouro que corria com um sutiã na cabeça, muito barulho por absolutamente nada. O apartamento de Westwood, barato o suficiente para os estudantes a que se destinava, havia sido o melhor que Nate pudera arranjar ao sair de casa; portanto, uma certa dose de animação juvenil estava incluída no pacote. Um marmanjo morando a um quarteirão do campus. Um passo para a frente, dezenove para trás.

Assim que o táxi partiu, Nate se recostou numa árvore cujas raízes rachavam a calçada, sacou o celular e ligou. Claro que foi Pete quem atendeu.

– Eu queria saber da Cielle. Se ela está...

– Já é tarde, cara. Muito tarde.

– Desculpe – disse Nate. – Posso falar com Janie?

– Ela está dormindo.

– Então me faça esse favor, Pete. Vá lá no quarto da Cielle e veja se está tudo bem com ela. Pode ser?

– Porra, Nate, você não pode ficar ligando para a casa dos outros e dando ordens só porque está doente.

– *Porra* digo eu, Pete. Vá lá ver se minha filha está bem, ok? Ou você quer que eu vá pessoalmente conferir?

Até aquele momento Nate nunca havia tratado com agressividade o atual companheiro de sua ex-mulher, e o silêncio que se instalou de repente dava uma boa medida da surpresa de Pete. O telefone bateu em alguma superfície dura, depois Nate ouviu o homem se afastar, pisando duro no chão. Dali a alguns minutos, ele voltou e disse:

– Ela está bem.

E desligou.

Nate respirou aliviado e subiu a escada de seu apartamento, tentando ignorar as dores que sentia por toda parte.

Junto à porta do apartamento, recostado à parede, um homem o esperava nas sombras. Ao vê-lo, Nate parou a meio caminho, agarrou-se ao corrimão e refreou o vômito. O sujeito se virou, alerta, e eles se entreolharam por um instante. Nate engoliu em seco, por fim destravou as pernas e continuou subindo. O homem saiu à luz para encontrá-lo no topo da escada.

Abara. Puta merda... *Abara*.

A expressão de curiosidade no rosto do agente deu lugar a outra, de preocupação.

– Que diabo aconteceu com você? – perguntou ele.

– O que você está fazendo aqui?

– Você me ligou, esqueceu? Falou que tinha lembrado de algo sobre o assalto.

Pois é. Ele havia ligado para Abara para que ele o descobrisse morto no apartamento. Como a vida era simples naquela época...

– Bem, eu... eu saí para dar uma caminhada e... caí numa poça.

– Uma poça. Onde?

Nate pelejava com as chaves para destrancar a porta do apartamento.

– Na rua – disse.

– Você se molhou até a cintura... numa poça... na rua.

– Caí, porra.

Em razão dos dedos dormentes, Nate deixou cair as chaves no chão. Agachou-se para pegá-las, mas precisou de certo esforço mental para fechar os dedos em torno delas. Talvez a culpa fosse apenas do frio, não da doença.

Abara cruzou os braços e falou:

– Muito bem. Este é o momento em que você para de falar merda e me conta direitinho por que me chamou até aqui. E que diabo está acontecendo.

A assertividade do agente amoleceu a determinação de Nate. A máfia ucraniana na sua cola, a incumbência de roubar um banco, a vida da filha em jogo... não havia como enfrentar tudo aquilo sozinho. Não havia como *não* recorrer à polícia.

Resignado, ele se reergueu e disse:

– Tudo bem, o negócio é o seguinte: quando cheguei em casa hoje...

Abara se deslocou um pouco no corredor externo, descortinando uma vista parcial da calçada lá embaixo. A uns 80 metros de distância, um poste de rua deitava um cone de luz sobre uma figura masculina, que permanecia imóvel.

Misha.

Com as mãos enterradas nos bolsos, envolto na luz âmbar do poste, parecia uma estátua. Nate teve a impressão de que o mundo havia se desmanchado em estilhaços sobre sua cabeça. Precisou lembrar a si mesmo que devia continuar respirando enquanto tentava juntar os cacos. Impaciente, Abara disse:

– Você chegou em casa e aí?

Na rua, Misha deixou os braços caírem para junto dos flancos. Algo rebrilhava em sua mão esquerda, apontando para o chão.

Nate obrigou-se a olhar para o agente.

– Liguei para você porque... porque estava com medo. Daí inventei uma desculpa para que viesse até aqui.

Abara correu a língua pelo lábio inferior com uma expressão de ceticismo.

– Tenho mais o que fazer.

Nate assentiu e voltou os olhos para a rua. Misha sumiu do outro lado de um carro que passava e ressurgiu em seguida. O homem empunhava uma arma no meio da calçada e ninguém parecia perceber.

– Ok, foi mal. Mas já estou melhor, você pode ir embora.

Nate apontou para a escada, mas exagerou no gesto para que Misha visse que ele havia se recusado a falar com Abara. Em seguida, deu as costas para o agente e com os dedos semidespertos encaixou a chave na fechadura da porta.

– Aquela gerente que foi morta no banco... – observou Abara.

– Flores Esposita – disse Nate.

– O enterro dela vai ser amanhã. Forest Lawn, onze horas. Os familiares pediram que você estivesse presente. O herói que salvou a pátria... Você entende.

– Se der, eu vou.

– Tudo bem – retrucou Abara, afastando-se. – Você deve estar precisando descansar.

Nate entrou no apartamento, fechou a porta e se recostou nela, tentando recuperar o fôlego. Flexionou os dedos, fechou-os em punho, flexionou-os de novo. Mais formigamento. Teve a impressão de que a janela da sala o chamava. Apavorado, foi caminhando lentamente na direção dela, a vista da cidade surgindo aos poucos.

Misha permanecia onde estava, vigiando, esperando-o. Ao vê-lo, ergueu sua arma e a apontou na direção da janela. Nate imediatamente sentiu um calor espriar sobre o rosto. Feito uma criança brincando de mocinho e bandido, Misha inclinou a cabeça e ergueu o cano da pistola alguns centímetros.

Apesar da distância, Nate pôde ler os lábios dele: *Pow!*

Misha colocou a pistola de volta no bolso e saiu caminhando, afastando-se da luz, sumindo na escuridão.

AO RAIAR DO DIA, Nate despertou de um sono profundo com o rosto enterrado num travesseiro sem fronha. O desespero o tomou de assalto, somando-se às dores. Um ferimento no ombro. Queimaduras de gelo nas pernas. Pulsos esfolados. Preocupado com os dedos, ainda fracos, sentou-se na cama e testou a força deles contra o próprio antebraço. Poderiam estar bem melhores.

Arrastando os pés, foi até a sala e acariciou as fotos de Janie e Cielle, ritual que cumpria todas as manhãs. Por mais desagradável que fosse, de alguma forma teria de colocá-las a par dos últimos acontecimentos. Devia-lhes a verdade, mas preferia não ter de procurá-las na correria da manhã, uma indo para o trabalho, a outra para a escola. À tarde, então.

Na cozinha, deparou com a poça de uísque e os comprimidos semidissolvidos que havia cuspidos na noite anterior ao desistir do suicídio. Ocorreu-lhe então a cena patética que o aguardava dali a pouco: ele de quatro no chão, limpando aquela sujeira com um pano. Nada seria fácil dali em diante. Sentou-se e tomou os comprimidos que realmente precisava tomar. Cinquenta miligramas, duas vezes por dia, estômago vazio. Como se não bastassem as agruras da doença em si, enquanto estivesse tomando o Riluzol seria obrigado a ficar longe do álcool e da cafeína. Sóbrio, cansado e morrendo aos poucos – que bela trinca! Em seguida, tomou um antibiótico para o ferimento no ombro e ficou ali, esfregando os olhos, tentando acordar completamente sem o auxílio do café.

A situação era surreal, muito pior que um pesadelo. Seria mesmo verdade que dez horas antes ele estava semienterrado num bloco de gelo do tamanho de um fusca? Que um mafioso ucraniano tivesse ameaçado matar Cielle caso ele não invadisse o cofre de um banco? Nate tentou adivinhar qual seria seu próximo passo, mas o cérebro não encontrou o estímulo necessário.

Quando era preciso assaltar um banco, por onde se começava?

Pegou o jornal e leu a matéria sobre os acontecimentos da véspera. **CLIENTE IMPEDE ASSALTO A BANCO**. Lá estava ele numa foto granulada em preto e branco, puxado por um policial após falar com os repórteres, escancarando a boca como estivesse arrotando. O artigo mencionava seu atual emprego: agente profissional para situações de crise da polícia de Los Angeles, ex-oficial do exército. Um cidadão exemplar. Corajoso e digno de todas as manchetes de jornal. Nate cogitou o que estaria escrito ali caso o repórter soubesse que ele havia se metido naquele beiral para fugir de um fantasma. Não havia menção alguma à sua família. Com isso em mente, procurou o obituário, que estava fraco naquele dia. Henry Vivian White, diretor-geral de um banco de investimentos com matriz em Century City, havia morrido em razão de complicações resultantes de uma malária contraída durante um safári na África.

Henry deixa sua adorada esposa Beatrice (nascida Poundstone), além dos filhos Robert (24) e Michael (22).

“Belo trabalho, Henry.”

Depois de desligar o alarme de incêndio, Nate buscou o bilhete suicida que havia deixado sobre a mesa da cozinha e foi queimá-lo na cuba da pia. Ficou olhando para o papel que se enrugava enquanto tostava as palavras.

Foi acordado de seu torpor pela campainha do telefone. Uma secretária falante perguntava se podia confirmar a consulta que ele havia marcado com o dentista para a semana seguinte.

– Ah – disse Nate, olhando para as cinzas do bilhete queimado. – Pode desmarcar.

– Gostaria de agendar outro horário?

– Não. Sabe o que é? Não vou demorar muito para morrer, e uma das vantagens disso é que a gente não precisa se preocupar com o tártaro.

Diante do silêncio que se fez do outro lado da linha, Nate agradeceu e desligou.

Em seguida, ligou para ter notícias de Erica e Sean O'Doherty, pais do rapaz que havia morrido na véspera. Ele, Nate, por sorte ainda estava vivo e por isso podia desempenhar seu trabalho por mais um dia. Atendido pela secretária eletrônica, novamente deixou suas coordenadas caso eles precisassem de alguma coisa.

No banho, sob uma ducha forte e muito quente, começou a flexionar os dedos da mão esquerda debaixo da água. Sentindo a pele quase queimar, pensou: “Pelo menos *isto*: os nervos ainda estão funcionando.” Pequenas vitórias. Pequenas derrotas. Inalando o vapor, aventou o primeiro passo que poderia dar com relação a Pavlo Shevchenko. Ir para seu gabinete na polícia. Afinal, que lugar seria melhor para colher informações do que a Polícia de Los Angeles?

Lembrando-se que o enterro da gerente Flores Esposito seria dali a algumas horas, buscou o terno nos fundos do closet e limpou a poeira do paletó. Ao fazê-lo, viu de relance, no interior do closet, semiescondido entre algumas calças jogadas, o pequeno cofre em que guardava sua arma. Agachou-se diante dele e informou o segredo, o dia do aniversário de Cielle. O cofre se abriu pela primeira vez desde que havia sido instalado ali. Com alguma hesitação, Nate espiou o interior. Lá estava ela, sua pistola M9, idêntica à que havia usado no deserto durante a guerra. Mordendo o lábio, refletiu. O que poderia fazer com aquela arma? Matar mafiosos na rua? Bem, se as coisas chegassem a esse ponto... Mas não naquele dia. Naquele dia teria de passar pelo detector de metais da polícia. Então fechou o cofre novamente.

O terno ainda servia, o que foi uma grata surpresa. Sentou-se na cama, baixou

o tronco para amarrar os sapatos, mas a mão esquerda havia enfraquecido de novo, e ele agora a encarava, mentalizando para que ela lhe obedecesse. Se não fosse capaz de amarrar um misero sapato, como poderia empunhar uma arma, puxar um gatilho e proteger sua família? Por mais que tentasse, os dedos se atrapalhavam com os cadarços, e a certa altura, desesperado, só lhe restou desistir. Reergueu o tronco e ficou ali, ofegando.

Depois se levantou e foi buscar os mocassins no closet.

Já na sede administrativa da Polícia de Los Angeles, assim que pisou na sala comunitária, foi recebido por uma salva de palmas por parte do detetives e demais funcionários, uma tradição que se repetia sempre que um deles fechava algum caso particularmente difícil. Nate literalmente deu um passo para o lado e olhou às suas costas, sem entender o que estava acontecendo até que Ken Nowak gritou:

– Olhe só a beca do nosso herói! Será que ele vai na *Oprah* hoje?

Só então ele seguiu adiante, apertando mãos e recebendo tapinhas nas costas, pensando em como era estranho – e bom – ser reconhecido como um igual naquele lugar em que, por conta de seu trabalho incomum, nunca se sentia como “um dos caras”. A única pessoa que parecia totalmente indiferente à chegada dele era Jen Brown, que até então permanecia em sua sala, debruçada sobre o trabalho que vinha fazendo em sua mesa. Os cabelos partidos ao meio não haviam recebido um corte novo desde que Nate a conhecesse, ou talvez nem antes disso, ele desconfiava. Jen nem sequer ergueu a cabeça quando ele avultou em sua porta. Na qualidade de sargento, cabia a ela supervisionar a Unidade de Situações de Crise, uma responsabilidade adicional que pouco acrescentava em seu currículo.

– Então – disse ela afinal, mas sem se dar ao trabalho de erguer os olhos. – Quer dizer que você apagou uns bandidos aí... Mandou bem, Overbay. E eu aqui, achando que você só era bom de papo.

– Olhe só... ela tem sentimentos! Quem diria?

Só então a sargento olhou para Nate, esforçando-se para apagar o sorriso dos lábios. Jen Brown gostava dele, Nate sabia disso, por mais que ela tentasse *não* gostar, e ele sentia o mesmo em relação a ela.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ela. – Ninguém morreu hoje. Ainda.

– Queria continuar a pesquisa da família O'Doherty. A de ontem. – Contar uma mentira ali, no quartel-geral da Polícia de Los Angeles, parecia um tanto perigoso, talvez o primeiro passo de uma longa e escorregadia descida. Vendo que Jen o encarava com uma interrogação no olhar (ou seria desconfiança?), ele tratou de dizer: – O rapaz de 19 anos, lembra? O que morreu no acidente de carro?

– Ah, sim. Esqueci. Você e suas pesquisas. Se meus detetives fizessem metade do que você faz só para ficar dando colinho por aí, aposto que a nossa taxa de casos solucionados subiria para noventa por cento. – Ela retirou os óculos, deixou-os sobre a mesa e se recostou na cadeira, apertando a ponte do nariz. Vestia uma camisa branca, tão feminina quanto lhe permitia o guarda-roupa, que submergia sob um severo par de calças de lã. – E os pais, como reagiram?

– Como esperado.

– Caramba, 19 anos... – suspirou ela. Subitamente vestiu a carranca de sargento e gesticulou para que ele saísse, dizendo: – Faça o que for preciso, desde que não sobre para mim. Ah, Nate...

Ele se virou à porta.

– O banco. Sério. Achei que você não segurasse uma onda dessas.

Nate foi até sua mesa, um mero tempo de compensado flutuando sobre uma cadeira giratória. Se as semipartições que o cercavam fossem mais ambiciosas, talvez o lugar fizesse jus à alcunha de “baia”. Apesar do pouco espaço, ele não podia reclamar das instalações de modo geral, tampouco do prédio em si.

A Polícia de Los Angeles finalmente havia se instalado na nova sede após quase sessenta anos no Park Center, onde deixara uma série de escândalos e transgressões. Dois blocos de vidro espelhado imbricados um no outro compunham o prédio de dez andares. A prefeitura havia cuidado para que a imagem mais cordata e gentil da guarda municipal se refletisse na arquitetura do novo quartel-geral, com muitas vidraças que sugerissem transparência, um café chamado LA Reflection e um jardim suspenso que nos informes publicitários era qualificado de “contemplativo”. Ainda que a nova sede ficasse apenas a duas quadras da antiga, a mudança enfim havia trazido a Polícia de Los Angeles para o segundo milênio.

Sentado à sua mesa, aflito, Nate correu os olhos à sua volta. Do outro lado do corredor, Ken se espreguiçava ao mesmo tempo em que manipulava seu teclado com a mão gorducha, abrindo na internet os resultados mais recentes do beisebol. Detetive de Nível 2, era um sujeito grande, de modos desleixados, mas de aparência bem cuidada. Por mais desastroso que fosse quando escalado para substituir alguém na notificação de óbitos, já tinha dado provas de ser um investigador competente, até mesmo arguto, algo no qual Nate ainda custava a acreditar.

Debruçando-se diante do próprio computador, Nate digitou sua senha e entrou na base de dados da polícia. Em razão do posto que ocupava, sua permissão de acesso não ia muito longe, mas o bastante para examinar relatórios de perícia, casos arquivados, fichas criminais e endereços. Em primeiro lugar, digitou “Pavlo Maksimovich Shevchenko” no campo de busca. Uma foto antiga surgiu à tela, talvez datada de uns dez anos, da época em que havia emigrado para os Estados Unidos. As informações eram mínimas. Nenhum documento de

identidade. Nenhuma licença de porte de armas. Um endereço luxuoso em Hollywood Hills. Impostos vultosos pagos na Califórnia ao longo de pouco mais de uma década. Já havia sido objeto de uma investigação criminal por parte do FBI, que por mais de uma vez tentara enquadrá-lo como um chefe do narcotráfico. Suspeitava-se que já havia cumprido pena na Ucrânia e na Rússia, mas seus crimes eram desconhecidos. Os arquivos do Leste Europeu haviam sumido, sido queimados ou escritos de forma deliberadamente obscura por uma burocracia muito disposta a facilitar sua emigração. No entanto, um pequeno detalhe havia cruzado o Atlântico com o homem. O apelido, listado como Psyk, “psicopata” em russo. Nate foi examinando as fotos tiradas pelos agentes do FBI. O olhar predatório do ucraniano era nítido, por mais granuladas que fossem as imagens.

De repente, deu-se conta de que sua boca estava seca.

Assustou-se quando algumas gotas de sangue pingaram sobre o mousepad; erguendo o rosto, deparou-se com o fantasma cinzento de Charles, que disse:

– Em que merda você foi se meter, hein? Que burrice. Só um burro para se engraçar com alguém apelidado de Psicopata.

– Aqui não, Charles. Aqui é o meu *trabalho*. Será que não dá para você... sei lá, voltar para a catacumba de onde saiu?

Mas a essa altura Charles já estava debruçado às costas dele, examinando o que havia na tela do computador.

– Que tal se a gente pesquisasse aquela gostosa da nossa turma de inglês, aquela peituda... como era mesmo o nome dela?

Nate o ignorou e procurou o endereço do armazém para o qual o haviam levado. O lugar pertencia a uma empresa que possuía outras 27 propriedades na Grande Los Angeles, em Brighton Beach e em Nova York. Apartamentos populares, uma tecelagem, galpões em diferentes localidades. A empresa pertencia a uma empresa fantasma, que por sua vez pertencia a outra empresa fantasma, e a cadeia de empresas fantasmas era tão grande que a certa altura Nate esbarrou no limite de sua permissão de acesso.

Charles agora se empoleirava na mesa com o cotovelo apoiado no monitor. De repente, estalou os dedos e disse:

– Mindy Scardina! Era *esse* o nome dela!

– Dá um tempo – devolveu Nate.

Era bem provável que estivesse fazendo caretas, pois Ken o vinha espiando do outro lado do corredor com ar de perplexidade e irritação. De repente, o investigador desatou do cinto um molho de chaves do tamanho de um novelo e acintosamente o jogou sobre a mesa, deixando bem claro o desgosto que lhe causava o comportamento bizarro da vizinhança.

– Poxa, Nate, será que esse seu Google metido a besta é mais interessante do que os peitos de Mindy Scardina?

Charles agora se espichava à frente da tela, sacudindo-se e obrigando Nate a ler através do buraco em seu tronco.

– Dê o fora, Charles. *Porra*. Cresça!

– Não vai dar. Estou congelado no tempo. – Ele incorporou o personagem, fazendo cara e gestos de fantasma. – Parei nos 27 anos, como a maioria dos homens. Só que *eu* tenho uma boa desculpa.

– Se eu não encontrar um jeito de entrar naquele cofre, eles vão matar Cielle. Charles franziu a testa, fazendo cair do rosto alguns grãos de areia.

– Então por que não pesquisa o banco?

– É isso que estou tentando fazer.

Mas Nate não podia acessar os dados de banco nenhum, muito menos a listagem dos cofres de aluguel do First Union.

– E agora? – perguntou Charles, decepcionado.

A voz seca de Pavlo subitamente veio à cabeça de Nate: “Eu tinha um conhecido, Danny Urban, que infelizmente não está mais entre nós. Que Deus o tenha em bom lugar.”

Ele já estava digitando quando disse:

– Vamos começar pelo *locatário* do cofre.

O arquivo digital de Urban surgiu à tela e eles começaram a lê-lo juntos, ambos ligeiramente boquiabertos.

– Caralho... – disse Charles afinal. – O sujeito é um matador de aluguel! Depois disso, o quê?

Nate clicou num link e um arquivo começou a ser carregado. Uma foto de perícia apareceu na tela: Urban estirado sobre o carpete de um quarto, ainda agarrado à colcha que puxara consigo ao cair. Um buraco perfeitamente redondo encimava a sobancelha direita. Uma das mãos jazia aberta, mas sem os dois dedos menores, mutilados por um tiro: sem dúvida um ferimento de defesa. Os lábios finos se esticavam já em estado de *rigor mortis*, os dentes muito brancos emoldurados pelo vermelho das gengivas. Um fuzil de assalto se achava perto do corpo, mas fora de alcance, e uma pistola subcompacta havia sido deixada ao lado da cabeça de forma deliberada, o cano perfeitamente alinhado com o rosto.

Nate se lembrou das palavras de Pavlo, ditas com o sotaque forte do homem: “Tivemos uma desavença quanto ao preço e à propriedade de certo objeto.” Então era assim que Pavlo Shevchenko resolvia suas desavenças.

Nate desceu a barra de rolagem e, roçando o indicador na tela, foi lendo o relatório do investigador responsável pelo caso ainda em aberto. Embora uma autópsia tivesse sido realizada sem demora, o cadáver de Urban ainda aguardava testes futuros no necrotério eternamente sobrecarregado da polícia. As armas particulares do matador haviam sido recolhidas pelos peritos, um pequeno arsenal que incluía desde granadas de fragmentação até rifles AR-15, o que era estranho diante do singelo *modus operandi* de Urban em seus próprios

assassinatos: ele usava um canivete barato de lâmina única, desses que se encontram em qualquer catálogo de artigos para caça.

Segundo o laudo da perícia balística, a bala extraída de Urban havia sido disparada pela pistola SIG Sauer P250 abandonada ao lado da cabeça dele. Deixar a arma na cena do crime geralmente era um modo de evitar o risco de ser encontrado com ela mais tarde. Além disso, tal como o investigador havia observado, tratava-se de uma espécie de assinatura dos matadores a serviço da máfia do Leste Europeu.

Misha.

Charles estremeceu, espalhando areia como se fosse caspa.

– Quer dizer então que um matador matou outro matador? Como assim?

– Pavlo contratou Urban para fazer um trabalho – disse Nate. – Para apagar alguém e pegar alguma coisa.

– Mas por que usou um matador americano? – perguntou Charles. – Por que não um dos próprios Ivãs?

– Talvez para garantir que ninguém ligasse uma coisa à outra e chegasse até ele.

– Mas depois, quando Urban passou a perna nele, ou quis ficar com o objeto roubado, ou seja lá a merda que fez, Pavlo resolveu voltar às raízes.

– E ficou um tanto exposto por causa disso. Também ficou exposto quando incumbiu Misha de liderar o assalto ao First Union. Mas parece que estava disposto a correr o risco. – Nate se recostou na cadeira. – Pavlo Shevchenko está louco para botar as mãos nesse troço que está guardado naquele banco, seja lá o que for.

– A gente nem sabe o número da gaveta – disse Charles. – O que vamos fazer? Arrombar todas elas?

– Esse era o plano de Misha.

– Que diabo você acha que pode estar nessa gaveta?

– Fotos incriminadoras. Uma herança de família. Uma joia muito valiosa.

Charles deu de ombros e falou:

– Aposto que é uma *sex tape*.

O chão rangeu às costas de Nate e ele rapidamente minimizou a tela. Girou na cadeira deparou-se com Ken.

– Está pesquisando o que aí? – perguntou o homem.

Com o rosto queimando, Nate abriu a boca para dizer algo, mas o cérebro não conseguiu produzir uma mentira com a rapidez necessária. Um segundo se passou. Depois outro. E então:

– Nada importante. Só uma palavra que ouvi outro dia. *Tyazhiki*. Acho que significa...

– Povo das Sombras – adiantou-se Ken. – Capangas importados pelos russos. Sem documento, sem visto, sem porra nenhuma. Totalmente clandestinos. São

literalmente despachados num navio de carga até o porto de Long Beach e, de lá, só Deus sabe para onde. Fazem um serviço, depois voltam para casa. Não deixam nem uma pegada.

Charles estava atrás do detetive, imitando-o, empinando o nariz numa pose de arrogância. Nate precisou fazer um esforço para manter o foco em Ken, que prosseguiu:

– A máfia russa é uma das mais violentas. Matam só para testar o alinhamento das armas. Se for mais barato importar um matador do que pagar um empréstimo, eles simplesmente matam o empregador. A vida humana não tem o menor valor para essa gente.

– E os ucranianos? – perguntou Nate.

– Os *ucranianos*? – Ken assobiou e Charles por fim se aquietou, curioso para saber o que aquele som sinistro significava. – Até os *russos* têm medo dos ucranianos.

O ENTERRO DE FLORES ESPOSITA no cemitério de Forest Lawn revelou-se um evento concorrido e animado. Incontáveis tios, tias e primos de segundo grau, todos chorando copiosamente. Nate foi citado entre alguns outros no elogio fúnebre. Diversos parentes vieram apertar sua mão depois de baixado o caixão, e a torrente de carinho só fez acirrar o remorso que ele já vinha sentindo em razão do papel fraudulento que estava cumprindo ali. Havia entrado naquele banco para levar a cabo um ato de covardia e saíra dele na condição de herói.

Com a cabeça baixa, foi contornando os túmulos de volta para o jipe.

– Você está estranho.

Ao virar o rosto, Nate deparou com o agente Abara, impecavelmente embrulhado num terno preto.

– É um enterro – respondeu.

– Certo. Mas achei que diante da natureza de seu trabalho você já estivesse mais acostumado com... este tipo de evento.

Nate se lembrou do momento em que havia encontrado o brinco de pérola de Flores Esposita, do fecho que fincara sua mão quando apertou a joia entre os dedos.

– Se eu tivesse pulado aquela janela mais cedo – disse –, talvez pudesse ter evitado a morte dela.

Um remorso do qual só agora tomava consciência, ao colocá-lo em palavras.

– Mas você não disse que pulou a janela do banheiro só depois de ter ouvido os tiros?

– Disse.

– Então, como poderia ter chegado lá mais cedo?

Nate umedeceu os lábios, balançou a cabeça.

Abara agora caminhava a seu lado pelo suntuoso gramado do cemitério.

– Sabe o que acontece toda vez que olho para minhas filhas? – perguntou ele.

– Você lembra que o futuro é das crianças?

Abara olhou torto para ele, mas não riu.

– Fico me perguntando o que elas *não estão* me contando. Talvez por ser um agente. Mas você sabe como são as adolescentes. Tenho duas em casa. E é uma mentira atrás da outra. Não porque elas sejam desonestas ou algo assim, mas só porque a massa branca do cérebro delas ainda não está completamente formada. Sabe disso? Pois é. – E balançou a cabeça. – É difícil se comunicar com elas. É como se elas estivessem falando uma língua e eu...

– E nós não soubéssemos falar.

Abara riu, marcando as faces com duas covinhas.

– Não é? Pois então. Ontem à noite a mais velha chegou em casa depois da hora marcada. Perguntei onde ela estava e... claro, ela disse que estava na casa

de uma amiga. Eu *sei* que ela está mentindo, e ela *sabe* que eu sei que ela está mentindo, mas a gente continua fazendo esse jogo, entende? – Ele parou um instante, os dentes perfeitamente brancos rebrilhando ao sol da manhã. – Por acaso você já passou por isso também? Você está conversando com alguém e sabe que a pessoa está mentindo, e a pessoa sabe que você sabe, mas você continua lá, levando a conversa adiante?

O sorriso fácil permanecia, mas uma cortina de seriedade havia subitamente descido sobre os olhos.

Nate se incomodava com o terno quente que o apertava na altura do ombro. Escolhendo bem as palavras, disse:

– Claro. Também tenho uma filha adolescente.

– Pois é. Filhos. Tem horas que a gente não sabe o que é melhor para eles. – Abara tocou-o no braço. – A gente se vê por aí.

Nate ficou observando enquanto o agente ziguezagueava em torno das lápides. Virando o rosto, avistou um funcionário do cemitério entre os túmulos mais adiante: um senhor com os cabelos já grisalhos nas raízes, um traço de ancestralidade no lugar da boca, o sanduíche do almoço entre as mãos. Sentava-se respeitosamente na borda da pequena fonte que ladeava uma cova recém-fechada. Apá suja ainda se recostava em sua perna.

Nate se aproximou e baixou os olhos para a terra úmida. Fitando-o com o rosto castigado pelo sol, o coveiro baixou seu sanduíche e perguntou:

– Você é da família?

– Não – respondeu Nate.

– Ah. – O homem largou sobre o joelho o boné que até então mantinha debaixo do braço, depois apontou para o túmulo de Flores Esposita, em torno do qual alguns parentes ainda se consolavam, cercados de crianças. – Às vezes vem muita gente, mas tem vezes que...

Ele apontou com o sanduíche na direção da cova a seu lado.

Nate leu o nome do morto e percebeu que ali estava enterrado o segurança assassinado durante o assalto, o velhinho negro de meias listradas que terminara seus dias esparramado de costas no chão daquele banco.

– Espere aí. Este é o...

O coveiro fez que sim com a cabeça.

– O banco pagou pela sepultura dele.

– Meu Deus... – exclamou Nate. – Alguém deveria estar aqui. Alguém deveria...

Subitamente, sentiu-se fraco e precisou se acomodar na fonte, ao lado do coveiro.

– Isso não é jeito de morrer – disse o homem. – Ninguém para chorar a sua morte.

Nate imaginou como seria o próprio enterro. Alguns poucos colegas

recontando as mesmas histórias de sempre. Ninguém para jogar a última pá de cal. Um cerimonialista contratado, baixando a cabeça em sinal de luto, mas aproveitando para conferir as horas no relógio.

Com a camisa já para fora da calça e a gravata afrouxada, Nate ficou ali, saboreando o sol no rosto. O coveiro terminou seu sanduíche sem dizer nada, depois se levantou para voltar ao trabalho, fechando a mão calejada sobre o cabo de sua pá.

CHEGANDO À CASA DE Santa Monica, Nate foi recebido por uma música altíssima que tocava no interior da garagem. Não era exatamente uma canção, mas um turbilhão sonoro indo direto para os ouvidos dele. Uma voz masculina berrava a letra errada de um sucesso dos Guns N'Roses: "*Welcome to tha Jungul, we got funny games!*"

Nate passou pelos carros que haviam sido estacionados do lado de fora para liberar o espaço da garagem, dentro da qual um garoto alto e desengonçado pulava de um lado para outro com uma guitarra elétrica nos braços. Empoleirada num armário baixo, Cielle folheava displicentemente uma revista com os dedos de unhas pintadas de preto. O uniforme da escola particular – saia xadrez e camisa branca – não combinava com as unhas negras e muito menos com o esgar de seriedade que ela estampava no rosto, mas por algum motivo inexplicável Nate sentiu uma breve pontada de orgulho ao ver a filha vestida daquela maneira.

"Na na na na na na na na knees, knees! Come on, I'm gonna make you SPEED!"

O garoto enfim deu pela presença de Nate e largou a guitarra, deixando-a pendurada ao pescoço. Devia ter mais de 1,90 metro, mas apesar de encorpado era mais flácido do que forte naquele desconcerto de joelhos e cotovelos a que se resumiam quase todos os adolescentes do sexo masculino. Algumas cicatrizes de acne marcavam a pele clara do rosto no qual um projeto de barba se esforçava para ver a luz do dia. Um moletom largo, desses com capuz e forro xadrez, cobria parte da bermudas, que de tão compridas e largas pareciam uma saia escocesa. Sobre os cabelos pretos e desgrehados estava usando, quem diria?, um elegante chapéu de feltro do tipo Fedora. Nos lóbulos das orelhas, dois alargadores abriam buracos do tamanho de uma moeda. Os lábios insinuavam um sorriso de surpresa.

Jason. O namorado bundão.

Cielle ergueu as pupilas negras, mas sem levantar a cabeça da revista que vinha lendo.

– Ah, é você – disse ela, seca. – O mané que se diz meu pai.

Apesar da recepção, Nate se deu alguns segundos para admirar a filha. Linda. E o mais importante de tudo: intocada pela máfia ucraniana. Cielle enfim levantou a cabeça e franziu a testa ao ver que o pai a encarava com aquele ar de pateta.

– Mais respeito, menina – retrucou Nate, recompondo-se. – É sr. Mané.

– Belo terno, Nate – falou ela. Jason se desvencilhou da guitarra e quis entregá-la à namorada, mas Cielle o fulminou com o olhar e perguntou: – Por acaso tenho cara de cabide?

Jason cautelosamente depôs seu instrumento no chão, depois se voltou para Nate e disse:

– Cara, você é *o cara*. A galera já está usando uma camiseta escrita assim: O QUE NATE OVERBAY FARIA EM MEU LUGAR? Sério. É só dar um Google para ver.

– Do que você está falando, garoto? – quis saber Nate.

– Não tem visto os jornais? Você agora é uma celebridade.

– Não. Steve McQueen é uma celebridade. Estou mais para Monica Lewinski.

Jason queimou seus miolos, depois perguntou:

– Quem é Steve McQueen?

– E quem é Monica Lewinski? – emendou Cielle.

– Desisto – disse Nate.

– Graças a Deus – comentou Cielle, e voltou para sua revista.

Nate avaliou o candidato a genro.

– Jason, não é? Quantos anos você tem?

– Dezesete. Mas sou emancipado, porque meus pais também são dois manés.

Opa. Foi mal.

– Tudo bem. Mas você sabe que minha filha só tem 15 anos, não sabe?

Cielle virou uma página com uma força exagerada, fazendo-a estalar.

– Quinze e *meio* – corrigiu Jason. A ponta de uma tatuagem escapava da gola de sua camiseta. – São só dezesseis meses de diferença.

– Você é fera em matemática, mas continua velho demais para minha filha.

– Ou talvez você esteja ofuscado pela fabulosidade da minha pessoa.

– Ou talvez isso.

Lembrando a si mesmo que tinha mais o que fazer do que papear com um emancipado de orelhas alargadas, Nate saiu da garagem e foi para a varanda da casa.

Pete abriu a porta e voltou ao que estava fazendo, ajoelhando-se na entrada de casa com um vidro de pimenta na mão.

– Então, Nate, como está se sentindo hoje? – perguntou.

– Ah, sem essa, Pete. Pelo amor de Deus. E que diabo você está fazendo aí?

– Passando pimenta nos meus sapatos sociais.

Gaspar observava timidamente a cena à porta da cozinha. Vendo Nate, ergueu a cabeçorra na direção dele e o fitou com ar de perplexidade; as rugas na testa poderiam denotar um leque de emoções muito maior do que as de qualquer ser humano. Nate também olhou para o cão, depois voltou a atenção para Pete.

– Estou vendo. Mas *para quê*?

– Esse vira-lata já comeu metade dos meus sapatos.

– Então você resolveu passar pimenta neles.

– Para ver se ele aprende. Sei que o método é pouco convencional, mas já estou ficando sem sapatos. Quer dizer, sem sapatos que não me façam parecer

um mendigo.

Nate não pôde deixar de rir.

Pete enfim se levantou.

– Gaspar, vem. *Vem.* Junto, Gaspar! *Anda,* vem.

Nate estalou os dedos junto da perna e Gaspar veio trotando ao encontro dele, o quadril alheio a um ligeiro manquejar das patas dianteiras. Lembrava uma daquelas fantasias de cavalo em que uma pessoa pilota a parte da frente e outra, a de trás.

Pete puxou o cachorro pela coleira e o obrigou a olhar para os sapatos.

– Está vendo esses sapatos? Fica longe deles, ouviu bem? – disse.

Em seguida acariciou o cachorro atrás das orelhas, deixou-o partir e esfregou as mãos uma na outra.

– É um sem-noção – falou Pete. – Outro dia comeu um pacote inteiro de absorventes.

– É um cachorro extraordinário.

– É o que todos os donos de cachorro dizem. Já viu alguém falar que tem um cachorro ordinário?

– É verdade.

Nate olhou para Gaspar. Gaspar olhou para Nate. Ambos sabiam que não era bem assim.

– Então, Nate, em que posso ajudar?

– Na verdade, eu queria falar com você e com a Janie.

– Ela já deve estar descendo. – Pete foi saindo na direção da cozinha, depois disse, a contragosto: – Olhe... a pia está vazando. Já olhei o cano duas vezes e não encontrei nada. O que você acha que pode ser?

– É o ralo, não o cano. Aquela rodelinha de vedação é de plástico e vai se desgastando com o tempo. Tem uma caixa delas lá na despensa.

– Valeu. – Um sorriso constrangido. – Depois eu dou uma olhada. – Pete assumiu sua posição à ilha da cozinha. Havia milho cozinhando no fogão, e sobre a bancada se via um prato com bifinhos de peru moído, além de dois copos de refrigerante e outro de água, provavelmente para Cielle.

Pete jogava cebola no azeite quente em uma frigideira quando Janie entrou.

Ela inclinou a cabeça ao dar com o ex-marido. Estranho.

– Você ligou ontem à noite?

– Liguei. Olhe. Não tem muito jeito de dourar a pílula, então... Bem, não subi no parapeito daquele banco só para impedir um assalto. Eu estava ali para pular.

– Embora estivesse com os olhos voltados para a ilha de mármore, ele quase podia ver Janie e Pete empalidecendo. – A doença e tal... Tem mais uma coisa.

– O quê, Nate? – perguntou Janie.

– Vocês precisam tomar cuidado. Fiquem de olho na Cielle. O máximo que puderem.

– Espere aí. *Por quê?* Você está me assustando.

– É que... só tomem cuidado. Para o bem de vocês, e o de Cielle também.

– Ficamos *nove meses* sem ver você. *Nove meses* – retrucou Janie. – Você não está em condições de vir aqui dizer para a gente o que fazer. Muito menos sem explicar *por quê*.

– Tudo bem. – Nate respirou fundo. Mordeu o lábio, depois falou: – Eles me apagaram e... quando recuperei a consciência, eu estava semienterrado numa barra de gelo.

Janie já vinha esperando com uma resposta na ponta da língua, mas, emudecida pelo que acabara de ouvir, agora encarava o ex-marido com a boca entreaberta, o queixo caído. Ainda sem saber o que dizer, gesticulou para que Nate prosseguisse, depois ouviu atentamente enquanto ele contava seu martírio nas mãos dos ucranianos, a ameaça de Pavlo.

As cebolas queimaram na frigideira e uma fumaça preta foi espiralando no ar até que Pete tirou a panela do fogo e derramou o conteúdo na pia. Janie deixou-se desabar num dos bancos em torno da ilha. Pete bufou uma risadinha nervosa, secou a boca com o dorso da mão.

– Eles ameaçaram matar minha filha? – por fim conseguiu dizer Janie.

Dava a impressão de que o dissera apenas para que a ficha caísse em sua cabeça.

– Sim. Mas não vou deixar que isso aconteça.

– Com todo o respeito, Nate... – começou Pete, e arremessou um pano de prato para a bancada da pia. – Diante de tudo o que contou, você não está exatamente no controle da situação.

Janie parecia catatônica. Da garagem, a gritaria continuava: “*You can have anything ya want, but you better not take it from me!*”

– O que a gente tem de fazer é entrar no carro agora mesmo e sumir daqui – disse Janie.

– Ainda não – respondeu Nate. – Esse pessoal já mostrou que tem as garras longas. Tem recursos. Certamente estão de tocaia, e só Deus sabe o que vão fazer se vocês tentarem fugir. Ainda há um jeito de resolver essa história.

– Você quer o quê? Que a gente fique sentado aqui, esperando? – retrucou Janie.

– Você não quer que esse pessoal vá nos encontrar num motel de beira de estrada em Nevada, quer? – falou Pete.

A pergunta ficou pairando no ar, sem resposta. Nate virou-se para Janie.

– Você acha que a gente deve contar para Cielle?

– Está brincando? – interveio Pete. – A menina vai ficar apavorada. Contar *para quê?*

– Cielle detesta ficar por fora das coisas – argumentou Nate. – Detesta não ser ouvida. Janie... você está bem? – Nenhuma resposta. – Janie, olhe para mim. Vou

dar um jeito nisso.

– Será que a gente pode ficar sozinho um instante? – disse Pete.

– Tudo bem. – A contragosto, Nate desviou o olhar de Janie. – Preciso conferir uma coisa no quarto de Cielle. Então vou...

Meio que se arrastando, Nate tomou a direção da escada e subiu até o segundo andar da casa. Havia feito o possível para poupar a família do peso de sua doença, mas agora havia lhes infligido algo muito pior. Ao entrar no quarto da filha, foi direto para o closet e abriu uma fresta nas roupas penduradas. No fundo da prateleira havia um amontoado de bolsas. Bastou revirá-las para que encontrasse o que queria.

Um diário vermelho.

Tal como Pavlo havia dito. Os malditos nem sequer haviam piscado antes de entrar em ação após o assalto. Tinham estado exatamente onde ele estava agora. Revirado as roupas de Cielle, bisbilhotado o diário dela. Nate sentiu um bolo de revolta estorvar a garganta, uma revolta que logo resvalou para algo bem mais contudente. Fúria.

Tentando se recompor, respirou fundo enquanto batia na perna com o caderninho vermelho. De repente, algo chamou sua atenção: um objeto semiescondido sob um suéter preto, a ponta de uma moldura de madeira. O que seria aquilo? Com certa hesitação, ergueu o suéter e deparou com o retrato emoldurado que antes ficava na lareira. A velha foto deles, rindo e se abraçando, uns em cima dos outros. Cielle a havia guardado. No fundo de um armário, tudo bem, mas mesmo assim... Nate precisou conter o choro.

De repente, a porta do quarto se abriu com estrépito e Cielle entrou com Jason, dizendo:

– ... nem acredito, cara, que você teve a *coragem* de chamar uma amiga minha de “bacalhau” no seu Facebook.

Ela deu dois passos e parou tão logo viu o pai no interior do closet com a prova do crime na mão.

Como se alguém o intimidasse com uma arma, Nate ergueu os braços e disse:

– Desculpe, eu...

Cielle avançou e tomou o diário dele.

– Não estou *acreditando*! Sei que você está morrendo e tal, mas isso não lhe dá o direito de mexer nas minhas coisas e muito menos de *ler o meu diário*!

– Fala sério! – emendou Jason.

– Será que alguém pode tirar esse palhaço daqui? – disparou Nate.

– Fica frio aí, sogrão – disse Jason com as mãos espalmadas. – Já estou puxando meu bonde.

Em seguida, deu um beijo em Cielle, mas com os olhos sempre voltados para Nate. Uma pequena demonstração de poder que num passado nem tão remoto assim, quando a dívida de Nate com a filha ainda não era tão grande, poderia ter-

lhe custado um nariz quebrado. Dali a pouco o garoto descia a escada pisoteando os degraus enquanto cantarolava o refrão de “Paradise City”.

Em meio às roupas e revistas que se espalhavam no chão, fulminando o pai com o olhar, Cielle disse:

– Por que você voltou?

– Hein?

– Por que você voltou aqui? Suponho que não tenha sido só para ler o meu diário.

A vontade de Nate era abrir o jogo com a filha, contar toda a verdade, deixando de fora apenas os detalhes mais cabeludos, mas não tinha certeza de que isso seria o melhor para ela; além disso, a vontade de Pete e Janie também deveria ser levada em consideração. Ele pigarreou para ganhar tempo, mas Cielle não deixou barato:

– O que você estava fazendo lá naquele banco, Nate?

Uma guinada e tanto. Gaguejando, ele disse:

– Coisa de banco. Um depósito. Mas fui interrompido quando os assaltantes...

Já era tarde quando se deu conta das palavras equivocadas que havia escolhido.

– *Interrompido?* Em meio a quê? Um depósito?

– É – disse ele.

– Na televisão você falou que estava no banheiro.

Os olhos de Cielle crivavam os do pai sob os cílios compridos, perguntas e emoções dançando sob a superfície. Seria possível que ela soubesse de tudo? Nate não fez mais do que sugar as próprias bochechas. Não queria continuar mentindo, mas também não tinha coragem de dizer à filha de 15 anos que pretendia se matar.

– Pelo menos me faça um favor – prosseguiu Cielle. – Nós dois sabemos que você está mentindo. Você não precisa continuar fingindo.

– Ok Tudo bem.

Cielle não conseguiu evitar uma expressão de alívio, mas rapidamente disfarçou, levando o braço ao nariz para limpá-lo. Mais silêncio.

Nate foi saindo na direção da porta.

– Você detesta ele, não detesta? – disse Cielle.

– Quem?

– O bundão do Jason. Você *detesta* ele.

Com a mão na maçaneta, Nate parou e pesou as palavras, já antevendo a tempestade que estava por vir.

– Bem, ele não causa uma primeira impressão, digamos assim... animadora.

– Jay é *músico*. É um artista.

– Não. *Eric Clapton* é um artista. Jason é um pirralho com uma guitarra na mão.

– Quem é Eric Clapton?

Nate pensou: “Eu vou me matar. Agora é sério.” Cielle já desfiava seu rosário:

– Quem você acha que eu devia namorar? Um daqueles patetas da minha turma de física que só querem saber o que vai ou não vai cair na prova? Gosto do Jason porque ele é *diferente*. E quer saber de uma coisa? Ele está sempre do meu lado quando preciso dele. Ao contrário de *certas* pessoas.

– Você ainda gosta de mim um pouquinho, eu sei. – Nate apontou para o retrato semiescondido no closet. – Você guarda aquela foto ridícula até hoje.

Cielle encolheu os ombros largos, fechando-se em si mesma, as mãos novamente sumindo sob as mangas do suéter, os punhos transformados em bocas de fantoche.

– Não tinha outro lugar para guardar – argumentou.

Nate assentiu com a cabeça. Não havia mais o que dizer. Ao passar pela filha antes de sair do quarto, roçou o braço ligeiramente no dela e se deu conta de que aquele atrito de panos havia sido o primeiro contato físico que eles haviam tido em muitos anos. Como as coisas tinham chegado àquele ponto? A pergunta foi esfuziando em sua cabeça durante todo o trajeto até a cozinha.

O cheiro de cebola queimada empestava o ar. Pete perambulava em torno da ilha. Ainda sentada em seu banco, Janie crispava o rosto numa careta de dor, a cabeça inclinada, um dos braços esticados para baixo com o punho erguido.

– Tenho um conhecido que é policial – disse Pete. – Precisamos levar essa bomba para alguém que realmente saiba o que está fazendo.

– E falar o quê? – perguntou Nate. – Que provas a gente tem? Um par de algemas num armazém abandonado? A esta altura até o gelo já derreteu.

– Nenhum de nós tem condições ou preparo para lidar com uma situação dessas, Nate. Além disso, você já tem problemas demais nas costas. Precisamos pedir ajuda a um profissional especializado em lidar com esse tipo de gente.

– Pete, eu levantei a ficha do cara. Ele é barra-pesada. Não brinca em serviço.

– Ele ameaçou uma menina *de morte*. Eles podem agir rápido e prender o filho da puta.

– Investigações levam tempo. *Muito* tempo. E Pavlo Shevchenko é riquíssimo, cheio de contatos.

– Ele é o quê? Dono da polícia? – perguntou Pete, quase gritando, medo e frustração disfarçados de revolta. – Dono dos agentes federais? Que vão fazer o quê? Ligar para alertar o cara?

– Eu trabalho na polícia, Pete. Para dar com a língua nos dentes não precisa ser um policial corrupto. Pode ser um funcionário qualquer da burocracia. Alguém da informática, por exemplo, que se disponha a consultar um arquivo. Eu mesmo pesquisei um monte de coisas hoje que não deveria ter pesquisado.

Janie ergueu a cabeça, apertou o braço contra o peito e fincou os dedos no ombro, a mesma careta de dor estampada no rosto.

– O que estou propondo – disse Pete – é só uma consulta informal com esse meu conhecido. Que é de confiança.

– Acha que vale a pena correremos esse risco? – Nate apontou vagamente na direção do quarto de Cielle. – Levando-se em conta tudo o que Shevchenko pode fazer com ela caso esse seu conhecido não seja “de confiança”?

Pete parou onde estava, ainda mais contrafeito do que antes. O ralo pingava invisivelmente sob a pia.

– Não – disse Janie. – Pelo menos *ainda* não.

– Shevchenko me deu cinco dias – contou Nate. – Tenho até domingo.

– Para fazer o quê, Nate? Roubar um banco? – Pete bufou um suspiro, correu ambas as mãos pela cabeleira espessa. – Você está sempre aprontando alguma merda, Nate. É isso que você faz. Faz uma cagada, depois deixa pros outros limparem.

Janie cravou a mão no topo da cabeça e a puxou ligeiramente para o lado, alongando o pescoço para tentar desfazer o nó que surgia no lado direito sempre que ela ficava tensa ou contrariada com algo.

– *O ombro dela!*

As palavras saíram mais rípidas do que Nate havia pretendido.

– O quê?

– Porra, Pete, vai lá e faz uma massagem no ombro dela!

Após alguns segundos de perplexidade e inação, Pete enfim se postou atrás da mulher e começou a massageá-la, Janie se retorcendo em razão da dor.

Do outro lado da ilha, Nate tomou as mãos da ex-mulher e a fitou direto nos olhos azuis e amedrontados.

– Seja lá o que eu tenha de fazer, não vou deixar que encostem um dedo na nossa filha. Eu prometo.

Janie meneou a cabeça quase imperceptivelmente e Nate foi saindo da cozinha.

– Aonde você vai? – perguntou Pete.

– Tomar minhas providências.

A caminho da porta, Nate passou por Gaspar, que roía tranquilamente os sapatos formais de Pete. Parecia estar gostando da pimenta.

O DEPARTAMENTO DE MEDICINA LEGAL do Condado de Los Angeles já estava fechando as portas quando Nate deixou o jipe numa vaga do estacionamento. O majestoso prédio administrativo, com sua fachada de tijolos e pedra, ficava numa esquina da North Mission, ao lado do Centro Médico da Universidade da Califórnia do Sul. Inicialmente havia sido erguido em Boyle Heights, uma parte não exatamente agradável de Los Angeles, para funcionar como o Hospital Público do Condado. Os pisos de cerâmica ainda davam uma pista de sua função original. Dada a quantidade de filmes que tinha o prédio como locação, bem como o afluxo de turistas (sim, turistas), aquele era o único necrotério, pelo menos até onde Nate sabia, que dispunha de uma lojinha de suvenires. As macabras bugigangas incluíam sofás em forma de caixão e toalhas de praia com contornos de giz, desses que a perícia deixa no chão onde antes estava o morto. Uma placa ao lado do caixa informava: CHEQUES APENAS COM DOIS DOCUMENTOS OU HISTÓRICO ODONTOLÓGICO.

Era noite de quarta-feira, portanto Eddie Yeap, o legista predileto de Nate, certamente estaria trabalhando até tarde. Mesmo assim, Nate precisou apertar o passo para entrar no prédio antes que as portas se fechassem. Seu trabalho já havia lhe ensinado a começar sempre pelo corpo. Nesse caso o corpo era tudo o que ele tinha. Se quisesse descobrir um meio de chegar até o cofre de Urban, teria de levantar o máximo de informação possível sobre o homem. Por sorte, levantar o máximo de informação possível sobre o morto era o que ele, Nate, sabia fazer melhor.

A segurança do departamento fora reforçada desde que falhas na custódia de evidências haviam sido detectadas durante o julgamento de O.J. Simpson. Seguindo pelos corredores, Nate foi cumprimentando os guardas pelo nome até alcançar uma das amplas e geladas salas de autópsia. Eddie se debruçava sobre um cadáver, manuseando um par de bisturis com a mão enluvada. Um homenzinho afável, com uma risadinha nervosa, o legista tinha o estranho hábito de se referir a todos os cadáveres como Jonesy.

– Ah, Sr. Overbay. Mais uma notificação de óbito, hã? O senhor anda tão ocupado quanto eu ultimamente, hã?

O departamento realizava mais de vinte mil autópsias por ano, mas em razão da escassez de pessoal, o serviço se acumulava nos bastidores e o necrotério ia ficando sem espaço com a rapidez de um presídio, o laboratório e as criptas já operando na capacidade limite. A comoção havia sido grande quando, alguns anos antes, ratos começaram a circular pelo anexo refrigerado nos fundos do prédio principal para se alimentar dos indefesos inquilinos.

– Pois é. Deve ser a lua cheia. – O frio do ambiente retesava os braços de Nate, arrepiava os pelos da nuca. – Já examinou o Danny Urban?

– Nove milímetros acima do olho direito. Matador de aluguel. Pois é. Por isso o passaram na frente dos outros.

– Alguma coisa incomum na ficha dele?

– O sujeito tinha uma artilharia completa no armário, um desses tarados por armas, sabe como é? A polícia encontrou fuzis de assalto na casa do homem, além de explosivo C4. Chumbo grosso mesmo. Não é todo dia que aparece um Jonesy desses por aqui. – Eddie enfim ergueu a cabeça. – Mas isso não faz nenhuma diferença para você, não é? Só porque o cara era um matador de aluguel... Você ainda vai lá e fica segurando a mão dos parentes, consolando a família... Pode ler os relatórios se quiser. Se isso o ajudar no seu trabalho... Afinal, os parentes não têm culpa de nada, não é?

Nate respondeu com um sorriso chocho, aliviado ao ver o legista retornar ao trabalho.

– Onde o guardaram? – perguntou.

– Sei lá. Pode olhar no computador. Ainda estou logado. Eu checaria para você, mas como você pode ver... estou com as mãos ocupadas.

Eddie enterrava as mãos até o punho na incisão em Y que havia feito no cadáver à sua frente.

Nate conferiu o computador, depois se dirigiu à câmara mortuária em que se achava Urban. Um segurança abriu a pesada porta de metal e de dentro da câmara veio uma lufada fria, um cheiro forte de produtos químicos. Os corpos não estavam alojados em gavetas metálicas, mas jaziam expostos em prateleiras que iam ladeando as paredes feito beliches de um submarino, repletas até o teto. Macas acomodavam o excedente, e Nate foi andando entre elas, lendo as etiquetas que pendiam dos sacos mortuários ou dos próprios cadáveres. Não demorou para encontrar a maca de Urban. Agradeceu ao segurança e foi deixado sozinho com o corpo, tal como eles já haviam combinado.

Assim que desceu o zíper do saco mortuário, Nate sentiu o cheiro forte do etanol que se misturava ao doce aroma da morte. Agora podia ver o rosto de Urban, frio e enregelado. De repente, deu-se conta do ridículo de sua tarefa. No entanto, não sabia por onde mais começar.

– Qual é o número do seu cofre? – perguntou ao morto.

Teve a impressão de que Urban o encarava com os olhos vítreos.

Em seguida, começou a examinar o corpo sem nenhuma pressa. Testa, ombros, dedos do pé. Um dos tornozelos estava inchado e muito alvo, provavelmente torcido durante a confusão. Sem saber ao certo o que estava procurando, não encontrou nada que pudesse despertar algum interesse. Resignado, sentou-se na maca e, mais por hábito do que qualquer outra coisa, tomou a mão inerte do morto na sua, enfraquecida pela doença. Sozinho ali, ficou pensando na enormidade da missão que tinha pela frente: pouco mais de quatro dias para arrombar um cofre de aluguel do qual não sabia o número e tirar de lá

não sabia o quê. Caso contrário, Cielle seria a próxima da lista. Um longo caminho a percorrer antes que ele próprio pudesse descansar também.

Enfim se levantou da maca e, ao largar a mão do morto, notou certa aderência na ponta do dedo de Urban. Então virou-a para ver o que era. Um fiapo de algo pegajoso cobria a ponta do indicador e se acumulava um pouco sob a unha. Algum adesivo?

Ao sair da câmara, Nate ouviu a porta se fechar de forma ruidosa à suas costas e encheu os pulmões com o ar relativamente mais fresco dos corredores enquanto voltava à sala de autópsia.

– Tem um troço pegajoso no dedo de Urban. Você identificou o que é?

– Lembro de alguma coisa – disse Eddie. – Mas sei que não era nada de relevante. O relatório está aí na minha mesa. Pode ler, se quiser.

O arquivo se achava na caixa de saída de Eddie, o quinto de uma pilha gigantesca. O laboratório realmente havia analisado a substância encontrada sob a unha de Urban. Tratava-se da cola de uma fita adesiva. Grudada a essa cola eles também haviam encontrado uma cerda de tapete compatível com o carpete branco do quarto de Urban, onde ele havia sido encontrado.

Com o relatório à sua frente, Nate botou os miolos para funcionar e tentou fazer alguma associação que desse um mínimo de relevância àquelas informações. Em seguida, anotou o endereço de Urban e voltou ao estacionamento.

O céu já era um breu quando chegou à casa de Danny Urban, em Van Nuys, um dos muitos sobrados que se enfileiravam na rua. À soleira da porta se achava um pacote do tamanho de uma caixa de sapatos, deixado por um serviço de correio expresso, visivelmente castigado pelo frete. Nate o empurrou de leve com o pé. Constatou que era mais pesado do que havia imaginado e ouviu um barulho metálico quando o conteúdo se reacomodou. Do outro lado das fitas de isolamento da perícia, a porta do sobrado estava trancada. No entanto, pelo jeito como ela chocalhou quando Nate sacudiu a maçaneta, não se tratava de uma fechadura cilíndrica. Ele deu um passo para trás, olhou para ambos os lados e arrombou-a com um único chute. Passando por baixo das fitas de isolamento, entrou, recolheu o pacote e encostou a porta no batente avariado. Só então acendeu a lanterna que havia trazido do jipe.

Marcas de bala cobriam as paredes do corredor. Ali estava a resposta à pergunta que vinha intrigando Nate já havia algum tempo: como se explicava que os homens de Shevchenko não tivessem torturado Danny Urban para tirar dele o número do cofre? Resposta: nem sequer haviam tido a oportunidade. Este é o problema quando é preciso apagar um matador de aluguel: eles sabem contra-atacar.

Nate se agachou e abriu o pacote, rasgando e puxando o papelão até ver o que havia dentro. Decepcionou-se ao encontrar, aninhados no côncavo de um catálogo, mais ou menos uns vinte canivetes de lâmina única. Chegou ao ponto de olhar de novo para ver se não havia algo mais. Eram canivetes absolutamente comuns, mas Nate sabia muito bem do que se tratava: o estoque de Urban para trabalhos futuros.

Nate deixou o pacote no chão. O lume estreito da lanterna não lhe permitia ver muita coisa, então foi avançando lentamente, sentindo um frio no estômago a cada nova descoberta. O interior do sobrado contava toda a história do assassinato. Manchas de sangue estampavam o balcão da cozinha, onde os dedos da mão esquerda de Urban haviam sido mutilados a bala. Sem dúvida tinha uma arma a seu alcance quando percebeu a invasão, pois havia reagido rapidamente, crivando as paredes do corredor e estilhaçando o espelho da parede. Armários e gavetas se achavam jogados ao chão, vasculhados pelos homens de Shevchenko. A marca deixada pela mão ensanguentada de alguém podia ser vista na parede a meio caminho da escada que levava ao segundo andar. No corredor, pequenos armários derrubados, uma mesinha destruída a bala. A porta da suíte estava aberta, manchada com o que parecia ser uma pincelada de sangue. Mobiliado com falsas antiguidades, o cômodo se atulhava com toda sorte de tralhas, incluindo diversos DVDs de pornografia e números antigos da revista *Soldier of Fortune*. Nate saltou uma cadeira caída e foi correndo os olhos pelo carpete branco, arruinado com outras tantas mãos impressas em sangue, até encontrar a poça vermelha onde a cabeça de Urban havia aterrissado quando enfim ele foi alcançado pelo atirador, provavelmente Misha.

Tufos de espuma vazavam de rasgos no colchão. Uma escrivaninha havia sido completamente vasculhada: as gavetas estavam puxadas, os papéis revirados pelos ucranianos, pelos policiais ou por ambos.

Nate se ajoelhou diante da mancha ameboide, o sangue já endurecido sobre o carpete espesso. Lembrando-se da cerda branca encontrada na cola de fita adesiva sob a unha de Urban, correu os olhos pelas mãos de sangue que vinham se intercalando desde a porta. Urban certamente havia se arrastado pelo chão. Nate o imaginou ferido, engatinhando no carpete sem a metade de uma das mãos, banhado em suor enquanto ouvia os passos que se aproximavam às suas costas. Se os ucranianos haviam feito aquilo a alguém tão calejado quanto um matador de aluguel, que chance teria ele?

Passeando a lanterna à sua volta, Nate avistou uma pilha de camisetas militares camufladas, um aparelho de DVD arruinado, uma meia suja sem seu par. Algo brilhante chamou sua atenção nas imediações da escrivaninha, semiescondido por uma das pernas do móvel.

Um rolo de fita adesiva.

Uma corrente elétrica tomou-o de assalto, agulhando sua pele num misto de

empolgação e ansiedade. Atravessou o quarto e examinou o rolo. A ponta da fita estava manchada de sangue. Pequenos rasgos sugeriam marcas de dente. Nate imediatamente se lembrou da foto tirada pelos peritos, os dentes quadrados de Urban emoldurados pela tenebrosa forma oval que sua boca havia tomado na morte. O homem precisara morder a fita para rasgá-la. Quando chegara ao quarto, tinha apenas uma das mãos inteira.

Com um bando de atiradores na sua cola, por que diabo ele precisaria de uma fita adesiva?

Nate largou o rolo no chão e voltou para a ameiba de sangue. Não encontrou nada pelo caminho. A lanterna girou na direção da porta como se por vontade própria, iluminando a cadeira caída. Em seguida, lentamente, ele apontou o lume para o teto.

Um ventilador.

Mais uma vez, estremeceu com um arrepio. Urban havia corrido para o quarto não só para se proteger, mas também para esconder algo: aquilo que os homens de Shevchenko estavam buscando. Subira na cadeira para colar o objeto nas pás do ventilador, torcera o tornozelo ao cair dessa mesma cadeira, arrastara-se no chão à procura de algum lugar mais seguro. E depois...

Com o coração retumbando no peito, Nate endireitou a cadeira, subiu nela e foi tateando as pás do ventilador até que sentiu sob os dedos a ponta levantada de uma fita adesiva. Despregou-a e examinou-a sob a luz da lanterna.

Colada à fita como uma joia reluzente, lá estava ela, a chave do cofre de aluguel. Com o número 227 gravado na cabeça.

Nate bufou todo o ar que queimava em seu peito, sentiu a visão turvar. Em seguida, apertou a chave entre os dedos. Alívio. Agora bastava entrar na pele de um matador de aluguel, apresentar documentos falsos no banco, entrar no cofre, convencer um gerente a usar a segunda chave de segurança e retirar o conteúdo da gaveta sem deixar vestígios. Moleza. Mas mesmo assim. Ele tinha a chave. O que era mais do que Shevchenko e sua equipe de bandidos profissionais haviam conseguido. Talvez ainda houvesse uma luz no fim daquele túnel.

O silêncio no quarto foi subitamente quebrado quando o celular de Nate tocou, por muito pouco não o matando de susto. Ele cambaleou na cadeira e precisou ser rápido para descer sem cair, quase torcendo o tornozelo em solidariedade a Urban. Só então tateou os bolsos para sacar o celular.

– Nate? Nate? – Era a voz de Janie, mais aguda que de costume, distorcida pelo medo. – Nate, você precisa vir para cá. *Agora.*

NATE ATROPELOU O GRAMADO com o jipe, as rodas traseiras derrapando, até que parou diante da casa de Santa Monica e saltou do carro, deixando a porta escancarada atrás de si. Aos berros, esmurrou a porta da casa e numa questão de segundos Janie veio a seu encontro, as narinas e as pálpebras avermelhadas de tanto chorar.

– Cadê Cielle? – foi logo perguntando ele.

– Cielle está bem. Estava com Gaspar no quarto dela quando tudo aconteceu.

Ouvindo vozes, Nate irrompeu na direção da cozinha. Janie já havia descrito o invasor durante a breve conversa que eles haviam tido ao telefone. Yuri, o gigante que ele havia visto à porta do banco. O de nariz achatado, o da serra circular.

– Aquele cara esteve aqui... – disse ele, ainda digerindo os acontecimentos.

– Esteve. Mas não chegou a entrar na casa.

Nate encontrou Pete sentado junto à bancada da pia, acalentando a mão que havia embrulhado numa toalha com gelo. Boca cerrada, lábios empalidecidos e trêmulos, os ombros largos curvados. Cielle se achava à frente dele, Gaspar roçando as pernas dela como sempre fazia quando estava agitado e queria atenção.

– Eu estava no carro – disse Pete, engolindo as dores. – Chegando da rua. Janie estava dentro de casa.

Nate rapidamente se virou para Janie.

– Se aquele homem encostou um dedo em você...

– Não. Nem cheguei a vê-lo. Só ouvi o barulho lá fora. – Com muito cuidado, ela foi desembulhando a toalha enquanto Pete ofegava e gemia. – Depois ele foi embora.

– O que ele fez com você? – perguntou Nate a Pete.

– Agarrou minha mão. Depois bateu a porta do carro nela.

Cielle deixou escapar um gritinho de aflição, depois disse:

– Mas por quê? Ele *quem*?

Janie enfim terminou de desdobrar a toalha ensanguentada. A mão de Pete estava com um aspecto horrível, empenada ao meio, o polegar se projetando num ângulo esquisito. A pele estava rosada, irritada pelo gelo.

– Está quebrada, meu amor – disse Janie. – Quanto a isso não há dúvida. Precisamos de um médico para pôr isso no lugar e engessar.

– Como vou explicar? – perguntou Pete.

– Diga que caiu da escada – sugeriu Janie.

– Do que vocês estão falando? – interveio Cielle.

– Por que ele viria até aqui? – disse Nate. – Assim, do nada?

Janie reacomodou o corpo, visivelmente constrangida, e Pete retesou os

músculos do rosto.

– Pete ligou para o policial amigo dele – contou ela. – Mais cedo, do trabalho.

A julgar pela tensão nos lábios da ex-mulher, Nate deduziu que o assunto já tinha dado ensejo a uma discussão entre ela e Pete. Sentindo as têmperas latejando, retrucou:

– Mas a gente não tinha combinado que...?

– Não estou a fim de levar sermão agora – disse Pete.

– Foi por isso então que eles vieram atrás de você – falou Nate. – Você quebrou a regra número 1!

– *Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui?* – berrou Cielle.

– Não venha botar a culpa em cima de mim agora – revidou Pete. – Tudo isto começou com *você*, Nate. Este filho é *seu*...

Nate ergueu a voz para alcançar a de Pete:

– Você colocou a vida da minha filha em risco...

Pete ergueu a mão boa e gesticulou, explicando:

– Não, não coloquei. O cara disse: “Da próxima vez levamos ela.” Isso significa que por enquanto ela está segura. Pelo menos tão segura quanto estava *antes*.

Ao mesmo tempo furiosa e apavorada, Cielle novamente berrou:

– *Que diabo está acontecendo aqui?*

Fez-se um repentino silêncio. Agora se ouvia apenas o *teque-teque* do aspersor que regava o jardim dos fundos.

– *Que foi?* – insistiu Cielle, encarando-os um a um. – O que vocês estão escondendo de mim agora?

A não ser pelas sardas no nariz, Janie estava completamente lívida. Olhando de relance para Nate, ela sinalizou para que ele seguisse adiante.

– O cara que organizou o assalto ao First Union veio atrás de mim – explicou Nate. – Está pegando no meu pé porque frustrei os planos dele. Agora quer que eu roube um troço aí para ele.

Cielle arregalou os olhos e falou:

– Caso contrário...

– Ele ameaçou machucar você.

– *Me machucar?* Mas o que é que eu fiz?

Nate estendeu a mão na direção da filha, mas ela recuou como se estivesse fugindo de um tapa.

– Não vou permitir que encostem um dedo em você, Cielle. Vou fazer *qualquer* coisa para...

– Quer dizer então que esse grandalhão do qual vocês estão falando... – disse Cielle, ainda recuando, afastando-se do pai. – E vocês... vocês não iam me contar nada? É a *minha vida* que está em risco e ninguém ia me dizer nada, é isso?

– A culpa é minha – explicou Pete. – Não queria que você ficasse assustada.
– Ah, não queria... – devolveu Cielle, mas sem tirar os olhos de Nate. – Pois fique tranquilo, porque não estou assustada. Estou *apavorada*.

Com a maior das facas de cozinha sobre o colo, Nate montava guarda no andar de baixo, esparramado no sofá que um dia fora seu, olhando para a TV que um dia fora sua. No retângulo preto do aparelho desligado podia ver o reflexo do próprio rosto, bem como o retrato de Pete, Janie e Cielle na parede às suas costas. O trio pairava fantasmagoricamente sobre os ombros dele.

Janie havia levado Pete para o pronto-socorro, e ele, Nate, havia concordado em ficar com Cielle, que se fechara no quarto, furiosa. Por duas vezes ele havia batido à porta da filha, tentado consolá-la mesmo sem entrar, mas como resposta recebera apenas silêncio. Sabia que ela estava chorando, e isso o comovia de tal modo que a certa altura ele se recostou na parede e foi deslizando até sentar no chão do corredor. Ficou ali por um tempo, torturando-se até perceber que o sofá da sala seria uma guarita bem mais estratégica. As horas foram passando enquanto ele remoía sua raiva e pensava no que fazer.

De repente, o rangido da porta da garagem anunciou a volta de Janie e Pete. Nate foi ao encontro deles com a faca em punho. Com a mão engessada e o indicador imobilizado por uma tala adicional, Pete descia do carro com a ajuda de Janie.

– Algumas fraturas metacárpicas – disse ela. – Gesso por seis semanas.
– Sinto muito – falou Nate. – Você tem razão. Tudo isto começou comigo.
Pete apenas abanou a mão boa, ainda muito abalado.

– E Cielle? – perguntou Janie.
– Está lá em cima. Trancada no quarto.
Janie assentiu e foi atrás da filha.

Nate e Pete se entreolharam, ambos constrangidos.

– Vou dar um jeito nessa história, Pete. Mas sem envolver vocês. Prometo.
Vou lá falar com esse cara. Hoje ainda.

– Nate – disse Pete com os olhos vidrados –, será que a gente pode conversar um minuto?
– Claro.

Pete apontou na direção da garagem e Nate seguiu na esteira dele, intrigado. A porta desceu e eles se entreolharam mais uma vez.

– Olhe, Nate, vou ser honesto com você...

Pete estava claramente incomodado.

– Ande, Pete, desembuche.

– Aquele sujeito, quando ele me pegou pelo braço... foi como se eu fosse um boneco de palha. Quer dizer... esses ucranianos... Esse pessoal é *muito* barra-

pesada.

– Eu sei.

– Acontece que... Essa bagunça é toda sua, Nate. Já segurei a sua onda algumas vezes. Mas não sei se...

A luz automática da garagem se apagou e eles ficaram ali, iluminados apenas pelo luar que vinha da janela. Nate podia ouvir a respiração de Pete, podia ver o contorno de suor nas faces dele.

– Como é que é? – perguntou Nate. – Você está dizendo que...

Pete pigarreou.

– Porra, Nate. Que merda é essa em que você foi me meter? Essa merda é *sua*.

– Eu sei, eu sei.

– Quando a Sally morreu, quase morri com ela. Levei meses só para notar que a porra do sol ainda estava lá no céu, entende?

– Ninguém vai morrer aqui, Pete. Nem Janie, nem Cielle.

– Não sei se eu teria forças para passar por tudo aquilo outra vez... – Silêncio. Pete apertava as chaves do carro entre os dedos. Dali a pouco emendou: – Não faz mais que dois meses e meio que me mudei para cá.

– Espere aí – disse Nate. – Não. Não, não, não...

– Não vai dar, Nate. Essa cruz não é minha. Quitei a hipoteca desta casa antes que as coisas ficassem pretas financeiramente e...

– Isso não tem nada a ver com dinheiro, Pete. Elas *amam* você. Janie ama você. E Cielle... Você sabe muito bem quanto ela gosta de você. Pense nisso. Você não pode ir embora agora. Você *tem* de ficar.

– Eu também amo as duas... – retrucou Pete com a voz embargada. – Não pretendo levar nada comigo. Elas podem ficar com tudo. Mas não posso ir embora sabendo que elas estão... Você sabe, sozinhas.

Nate precisou reunir todas as forças para não dizer o que estava pensando. Cerrou os dentes, travou a boca. Mas depois afugentou toda a raiva e toda a tensão. Desinflando o peito, falou:

– Ok. Já entendi.

– Afinal, você já está metido até o pescoço nessa história. Não custa nada você...

– Pete. Já disse que entendi.

– Converse com elas. Explique que sou louco por elas, mas... Eu sinto muito. – Compungido, Pete reacomodou as chaves na mão, acionou o controle remoto e voltou ao carro com a mão engessada apertada contra o abdômen, talvez para protegê-la. Apesar da pouca luz, Nate podia ver que ele chorava silenciosamente.

A porta da garagem subiu outra vez, Pete saiu de ré e Nate ficou onde estava, esperando a porta baixar. Encheu os pulmões até senti-los doer, depois bufou todo o ar que havia sorvido. Só então entrou na casa.

Janie adulava Cielle no sofá da sala. Ambas ergueram o rosto ao ouvi-lo entrar, ambas com um brilho de tristeza no olhar.

– Ouvi a porta da garagem – disse Janie. – Achei que você tivesse ido embora.

– Não. – Nate mordeu o lábio inferior. – Foi o Pete.

Janie murchou imediatamente, incrédula.

Incapaz de encarar a mulher naquele momento de tanta dor, Nate baixou os olhos para os próprios sapatos e explicou:

– Ele ama muito vocês duas. Mas... é um peso muito grande para ele. Ou para qualquer outra pessoa. – Nate mal podia acreditar que estava defendendo o sujeito. – Ele faz questão que vocês fiquem amparadas financeiramente. Pelo menos no que diz respeito à casa. Estava arrasado. É louco por vocês, quanto a isso não tenho a menor dúvida.

Quando enfim encontrou coragem para reerguer a cabeça, viu que Janie já havia se recomposto, pelo menos até onde as circunstâncias permitiam. Por enquanto, ela e Cielle pareciam inteiras, apesar de todo o choque.

– Meu Deus... – disse Janie um pouco depois, piscando, enfim deixando cair as lágrimas. – Nós estamos sozinhas nessa confusão toda...

Nate podia ouvir o tique-taque distante do relógio da cozinha.

– Ainda estou aqui – falou.

E viu no rosto das duas que o consolo havia sido pouco.

ASSIM QUE PASSOU POR um centro comercial numa das ruas movimentadas de Tarzana, Nate avistou a placa iluminada na qual uma rebuscada tipografia informava: NEW ODESSA. O local de encontro sugerido por Pavlo Shevchenko. Nate sabia muito bem que ainda faltavam alguns dias para o tal encontro, mas não aventava outro lugar em que pudesse localizar o homem e, após a investida de Yuri, precisava acertar os ponteiros com ele. Janie havia concordado em ficar trancada em casa com o número da polícia na memória do telefone. Depois de prometer que voltaria mais tarde para vê-las, Nate passou no apartamento de Westwood para pegar sua arma e seus remédios, as duas coisas de que precisava para seguir adiante.

Tomou o retorno mais próximo, entrou com o jipe no estacionamento, parou numa das últimas vagas. Já ia tirando a Beretta do porta-luvas quando algo fez com que ele erguesse os olhos para o restaurante à sua frente. Um casal de meia-idade em roupas de festa, o homem num terno vagabundo com uma gravata fininha, a mulher num vestido de paetês muito curto e muito justo, aproximava-se da pesada porta de carvalho. Das sombras do toldo, emergiu um segurança corpulento e os revistou da cabeça aos pés, o casal se submetendo mansamente à inspeção como se aquilo fizesse parte da rotina de um romântico jantar a dois. Nate voltou os olhos para o porta-luvas. Deixou a arma onde estava, mas tirou sua caixinha de remédios e engoliu em seco os medicamentos da hora: a dose diária de Riluzol, os antibióticos, um analgésico para acalmar o ferimento no ombro.

O pulsar do coração ia reverberando nas mãos e no pescoço, fazendo eco aos passos que ele agora dava no estacionamento. Tão logo se aproximou do toldo, o segurança saiu de sua toca.

– Eu gostaria de falar com Pavlo Shevchenko – disse Nate.

– Abra os braços.

Nate obedeceu.

Imediatamente, o homem começou a apalpá-lo com as mãos enormes, descendo dos flancos para o perímetro do cinto, depois para as pernas e os tornozelos. Ao se abaixar, fez com que as pernas das calças se levantassem e deixou à mostra a arma que trazia no coldre de tornozelo. Por fim, levantando-se novamente, inspecionou o peito e o abdômen de Nate, decerto à procura de alguma escuta, puxando a camisa dele para fora sem a menor cerimônia.

– Venha comigo – falou.

Nate entrou com ele no salão escuro. O ambiente cheirava a fumaça de cigarro, perfume doce e peixe em conserva. Casais e grupos masculinos ocupavam quase todas as mesas, falando animadamente numa língua que Nate supunha ser ucraniano. Do outro lado de uma cortina de veludo vermelho ficava

um ambiente reservado em que alguns jantavam e outros dançavam, meio sonolentos ou bêbados, ao som de uma cantora cuja maquiagem era uma atração à parte. Nate ficou momentaneamente desorientado, como se tivesse atravessado um portal e chegado a um país estrangeiro.

O segurança plantou uma das mãos nas costas dele, forçando-o a seguir em frente. No fundo do salão ficava uma mesa cercada de pilares, o que lhe conferia relativa privacidade e um aspecto de importância, e à cabeceira dessa mesa estava Shevchenko, debruçado sobre o prato, os cotovelos fincados na toalha, mastigando. Parecia faminto, porém mais magro do que antes. Usava um terno escuro meio antiquado e uma camisa formal branca, provavelmente muito cara. As feições ficavam ainda mais angulosas sob a pouca luz. Ele ergueu os olhos gelados para Nate, encarando-o.

Na cabeceira oposta se achava um homem de lábios grossos, mais velho e mais corpulento, um ar de insatisfação geral com o mundo. As demais cadeiras eram ocupadas por homens que vestiam malhas de plush, traziam no pulso um gigantesco Rolex dourado e bebericavam sua vodca em copinhos pesados. Todos com cara de figurante em filme de máfia. Nate não localizou nenhum dos capangas que tinha visto no armazém. *Tyazhiki*. Povo das Sombras.

O segurança trocou uma palavra com um dos homens, mas Pavlo se adiantou a ambos e perguntou diretamente a Nate:

– Já cumpriu sua missão?

– Não. Preciso falar com você. Sobre o que aconteceu hoje à noite. Em Santa Monica.

Pavlo se recostou na cadeira, cruzou os braços.

– Sente.

Apontou para seu vizinho de mesa e o homem vagou a cadeira sem hesitar. Nate sentou-se nela e o segurança se postou às suas costas. No centro da mesa havia uma garrafa fina e comprida de vodca.

Apontando para o ocupante da outra cabeceira, Pavlo disse:

– Melhor restaurante ucraniano da cidade e o dono é da Geórgia. Dá para acreditar numa coisa dessas?

Nate examinou melhor o proprietário do lugar. Com os dedos amarelados, o georgiano tentava ajeitar uma mecha espessa que insistia em cair sobre a testa, um gesto de vaidade que não combinava com a grenha negra que ele tinha no lugar dos cabelos, tampouco com os modos visivelmente rústicos. Ao se barbear, havia ignorado alguns pontos do rosto, sobretudo os tufos pretos que ladeavam o canto esquerdo da boca. As olheiras muito escuras e cobertas de pintas lembravam as conchas de uma ostra. Um rosto magnífico. Um fotógrafo dos anos 1930 daria cambalhotas de alegria ao encontrar figura semelhante na fila do pão. O homem avaliava Nate com seu ar rabugento, em silêncio. Talvez não falasse inglês.

– Coma – disse Pavlo. – Blinis com caviar vermelho. Os americanos preferem o preto porque é mais caro, mas o vermelho é melhor. – Em seguida, ele apontou para os pasteizinhos cozidos que ladeavam uma tigela de creme azedo. – Esses são *varenyky*. Pequenos. Não tão grandes como o guioza dos japoneses. Coma. Você agora trabalha para mim. É um dos meus homens.

– Não estou com fome – falou Nate.

Pavlo permaneceu imóvel, as mãos enregeladas ao lado do prato.

– O georgiano ficará ofendido se você não comer.

– Que fique – devolveu Nate.

Silêncio. Os demais depuseram seus talheres.

– Seu capanga esteve na casa de minha ex-mulher – disse Nate. – Quebrou a mão do...

Pavlo empurrou seu prato para o lado e interrompeu-o:

– Você não chamou a polícia. Não quebrou nosso acordo. Só por isso sua filha ainda está respirando.

Nate olhou para a faca de carne nas imediações de seu cotovelo. Pavlo seguiu o olhar dele, deduziu suas intenções, mas não se alterou. Apenas disse:

– Este homem que avisou a polícia... da próxima vez ele vai morrer. Sabemos para onde ele ligou. Com quem falou. Mas a denúncia sumiu nos arquivos da polícia. Conhecemos muita gente por lá. Quem são eles, ou em que departamentos trabalham, você nunca vai descobrir. Cada vez que você ou alguém tentar falar com a polícia, vai estar brincando de roleta russa com a sua filha. Fui claro?

– Vou fazer o que você quer. Trazer o que está lá naquele cofre. Mas você vai ter de ficar longe da minha família.

Pavlo mostrou os dentes perfeitos e muito brancos, depois disse:

– Sua família agora é outra.

– Fique longe delas.

Pavlo plantou as mãos na mesa e empurrou sua cadeira para trás, fazendo-a chiar sobre o piso de falso mármore. Ficou de pé.

Imediatamente, os homens à mesa também se levantaram, inclusive o georgiano. Percebendo a movimentação que aquilo havia desencadeado à sua volta, Nate se virou para olhar e ficou arrepiado com o que viu. Todos os presentes no restaurante estavam de pé, mesmo os que ocupavam os sofás semicirculares do salão, atrapalhados com a exiguidade do espaço. Pareciam fígar o nada, evitando o olhar de Pavlo. Guardanapos se espalhavam pelo chão. A música que vinha do salão vizinho só fazia realçar o silêncio que se fizera do lado de cá da cortina.

Nate era o único que permanecia sentado.

Jamais tinha visto algo semelhante. Suas têmporas começavam a latejar com a enxaqueca que estava por vir. Todos os seus sentidos pareciam aguçados.

Alguém deixou cair um talher no chão, e para ele foi como se tivessem batido num tambor.

Pavlo sinalizou discretamente com a mão e isso bastou para que todos se sentassem de novo, voltando à conversa ou ao vinho de antes. Pavlo baixou os olhos para Nate e disse:

– Você veio me procurar aqui para uma *strelka*. Uma reunião. Como se fôssemos iguais. – Pela primeira vez ele subiu o tom de voz. Até o momento vinha insinuando sua superioridade e seu poder de fogo com meros sussurros. – Pois vou lhe mostrar quem sou. – Isso dito, puxou bruscamente as duas metades da camisa, fazendo cair os botões sobre a mesa, um depois do outro. De início, Nate estranhou a pele escura daquele torso, mas depois se deu conta de que o escuro não era da pele em si, mas das tatuagens ligeiramente borradas que a cobriam. Pavlo apontou com o polegar para uma rosa na base do pescoço. – Minha iniciação. – Em seguida, mostrou uma estrela pouco abaixo da clavícula. – Isto aqui diz que sou um *vor*. Um profissional. Não pertenço a mim mesmo. Pertenço a um código. Pertenço ao mundo do crime. Esta é a única família que tenho. – Abaixo da estrela vinha uma igreja de múltiplas torres. – Isto aqui... cada torre é uma passagem pela Zona. – Despiu o paletó e apontou para uma tatuagem no ombro: um punho segurando uma tulipa enlaçada três vezes por um arame farpado. – Eu ainda era menor de idade quando fui preso por furto. Três anos de cadeia. Cada farpa no arame representa um mês. E isto aqui – uma cruz e grilhões com números e caracteres em cirílico – é a segunda passagem pela Zona. Colônia Penal nº 6. Isto aqui, prisão solitária, Bloco Sete.

– Olhe... – começou Nate.

– *Calado*.

A fúria repentina obrigou Nate a engolir o que ia dizer.

Pavlo apontou para a tatuagem de um lobo com a boca arreganhada, presas à mostra.

– Minha promessa de vingança para todos os que me enjaularam – prosseguiu. Rasgando a camisa por completo, apontou o relevo de uma cicatriz no flanco. – Rua Derybasivska, em Odessa. Facada. – Nas costelas se via um pergaminho com caracteres em cirílico. Ele traduziu: – “Mãe, não chores mais por mim. Dê seu filho como morto.” – Virou-se de costas. Dois olhos tatuados não demandavam explicação, mas ele apontou para uma águia na altura da escápula. – Isto aqui representa minha fuga do Campo de Vorkuta. – E isto... – Mais uma cicatriz, agora redonda, mais ou menos do tamanho de uma moeda. – Tentativa de assassinato em Kiev.

Nate arriscou uma olhadela para o salão. As pessoas comiam e conversavam, sabiamente ignorando o que estava acontecendo à vista de todos. Dezenas de possíveis testemunhas, nenhuma que estivesse vendo alguma coisa. Ele fez que ia se levantar, mas dedos rijos como alicates fincaram seu ombro e o empurraram

de volta à cadeira. O segurança fungou às suas costas.

Pavlo deu um tapa na mesa, fazendo saltar talheres e copos sobre a toalha branca. Nate tentou se recostar, mas novamente foi detido pelo alicate no ombro. Com a mão espalmada, o ucraniano foi mostrando cada uma das tatuagens nos dedos, começando por um asterisco num círculo.

– Órfão de pai. Por isso fui parar no mundo do crime.

Uma cruz clara num retângulo escuro.

– Sobrevivi à cruz da solitária.

Um crânio dentro de um losango com barras.

– Prisão de segurança máxima. Só para os mais violentos.

Inclinando-se para a frente, exalando o cheiro cítrico e forte de uma colônia tradicional, Pavlo ficou a poucos centímetros do rosto de Nate e baixou as pálpebras para que ele lesse as palavras tatuadas: “Não me desperte.”

– Para fazer essa, o tatuador enfiou uma colher sob cada olho para firmar a pálpebra na hora de escrever – disse, e se empertigou novamente para tirar os sapatos. Os tornozelos eram tatuados com grilhões e a sola dos pés com algumas palavras que ele traduziu: – “Eles me levam sob a mira de um guarda.” – Em seguida, arrancou o cinto com um gesto brusco e deixou cair as calças, ficando apenas com a cueca, que se confundia com o tom escuro das tatuagens. Em cada patela havia uma estrela. – Não me ajoelho para ninguém – explicou ele. – E por último...

Apavorado, Nate viu o ucraniano levar as mãos aos quadris, afastar o elástico das cuecas com os polegares tatuados e descê-las até metade das coxas. Mais uma vez, tentou se levantar, agora com mais ímpeto e determinação, mas o ex-ocupante de sua cadeira juntou-se ao segurança para imobilizá-lo.

Sentia-se uma criança indefesa nas mãos daquela gente. O rosto ardia em chamas, o estômago se embrulhava com o cheiro forte do arenque servido à mesa. Podia ouvir ao longe o tilintar de pratos e talheres. Ninguém ousava parar de comer.

Pavlo cravou as mãos nos cabelos de Nate e puxou a cabeça dele na direção de suas partes nuas, que cheiravam a suor e talco, a glânde inchada despontando dos pentelhos grisalhos. Sob o umbigo se enfileiravam mais palavras em cirílico. Baixando a cabeça para seu interlocutor e escandindo as sílabas, quase sussurrando, Pavlo traduziu:

– “Que me odeiem, desde que me temam.”

A essa altura, a fúria já fermentava no peito de Nate, fazendo evaporar qualquer traço de medo. Recostando o pé numa das pernas da mesa, ele chutou o mais forte que pôde e o móvel derrapou uns 50 centímetros para a frente, talheres e pratos deslizando com ele. Os dois homens que o imobilizavam perderam o apoio e Nate ergueu o tronco, afastando-se de Pavlo tanto quanto possível. Mas antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, foi detido pelo

segurança, que cravou os dedos na cabeça dele e a empurrou contra o tampo da mesa. Segundos depois, Nate sentiu o cano frio de uma arma espetar sua têmpora, ouviu o cão ser puxado.

– Você quer me matar? – disse ele a Pavlo, vendo-o apenas de través – Então, *mate*. Mas não desperdice meu tempo com esse seu showzinho de horrores. Tenho mais o que fazer.

Receava que o crânio se partisse sob a pressão da mão do segurança, cujos dedos o achataavam no nariz e na boca.

Pavlo o avaliava calmamente enquanto recolocava o cinto e o paletó. A garrafa caída vertia vodca à frente de Nate, fazendo arder seus olhos.

– Acabe logo com isso ou então mande esse gorila me largar.

Durante todo esse tempo, o georgiano mal havia se mexido. Transbordando da cadeira, e um tanto afastado da mesa que Nate havia chutado, ele se pronunciou pela primeira vez num inglês de sotaque muito forte, quase incompreensível:

– Leve-o pra cozinha. Depois eu mando limpar.

Mas Pavlo fez que não com a cabeça. O grandalhão afastou a arma e largou a cabeça de Nate, que enfim pôde se endireitar.

– Esse aí é mais doido que um crioulo checheno – disse Pavlo. – Já vi muitos homens nas mais diversas circunstâncias... por isso posso afirmar: você, meu amigo, não é lá muito certo da cabeça.

“Isso de um homem que atende pelo apelido de ‘Psicopata’”, pensou Nate.

– Vamos ver se ainda lhe resta juízo bastante para saber o que deve temer – emendou Pavlo.

Embora já estivesse com as calças erguidas, bateu a mão acima da virilha, na altura da frase tatuada.

– Se você realmente quer pôr as mãos no que está trancado lá naquele cofre – disse Nate –, vai ter que sair do meu caminho. E ficar longe da minha família.

– Posso poupar sua família se você me obedecer. Mas vamos ficar de olho. Você tem quatro dias. Depois disso...

Pavlo simulou uma lâmina com a mão e fez como se cortasse a própria garganta com ela.

Só então apontou para a saída e se acomodou diante da mesa desarrumada.

Nate podia sentir os olhos que o seguiam enquanto ele contornava as mesas rumo à saída. Apertou o passo ao se aproximar da porta de carvalho, ávido pelo ar frio da noite.

JANIE TOMAVA UM CHÁ de camomila ao balcão da cozinha com Nate à sua frente. Já havia fechado todas as cortinas da casa, verificado todos os cômodos, e por um momento foi como se mais uma vez eles formassem um casal, a filha dormindo no andar de cima. Mas Nate subitamente se deu conta de que talvez fosse melhor ir embora.

Levantou-se do banco, tirou a Beretta da cintura da calça jeans e cuidadosamente a deixou sobre o balcão, dizendo:

– Caso eles voltem. Você está aqui com Cielle.

– Isto é mesmo verdade? – perguntou Janie, o olhar distante e vazio.

– Isto o quê?

– Tudo. Você morrendo. Cielle ameaçada de morte. Pete que se mandou.

– Não vou deixar que nada aconteça, nem a você nem a Cielle. Depois que tudo isto passar, Pete pode voltar e daí vocês conversam, acertam os ponteiros outra vez.

– Mas e você? – indagou ela. – A esclerose...

Nate sorriu e disse:

– Quanto a isso, não posso fazer nada.

Ela empurrou a Beretta na direção dele.

– Não quero ficar com isto.

Nate deixou a arma onde estava.

– Sei que não.

Janie ergueu os olhos da arma para ele.

– Leve com você.

Nate baixou o rosto para que ela não percebesse o que aquilo significava para ele. Recolheu a arma, guardou-a novamente na cintura.

– Vou dormir lá no sofá. Montando guarda.

– Mas antes vá falar com sua filha. Ela precisa de você. Mesmo achando que não – falou Janie, e foi lavar sua xícara na pia.

Nate ainda ficou um tempo admirando a ex-mulher pelas costas, depois tomou a direção da escada, com Gaspar na sua esteira. Hesitou por um instante antes de bater à porta da filha.

– Cielle? Sou eu, meu anjo.

– O que você quer?

– Ver seu rosto.

Um longo silêncio. Depois ela disse:

– Ouvi Pete falar para a mamãe: “Não quero mais limpar a bagunça dele.” É isso que eu era para ele? Uma bagunça?

– Poxa, meu anjo. Claro que não. – Nate apoiou o ombro na porta fechada. – Ele estava falando de mim e de toda esta confusão em que meti vocês. Pete

adora você.

– Então por que foi embora?

– Porque ficou com medo.

– Também estou com medo. Mas *eu* não posso me mandar. Porque *é de mim* que eles estão atrás. – Cielle precisou engolir o choro. – Ninguém dá a mínima para mim nesta casa. Vocês, adultos, resolvem tudo pelas minhas costas, depois sou eu quem tem de conviver com o que vocês decidiram.

– Pois de agora em diante... – disse Nate, uma das mãos pousada na porta. – Eu prometo, Cielle: de agora em diante vou contar tudo. Cada decisão que tomar, cada passo que der. E você vai poder opinar, está bem?

– O que você estava fazendo lá naquele banco? – perguntou ela à queimadura, nem um único segundo de hesitação.

Nate sentiu a boca secar. Como dizer uma coisa daquelas à própria filha?

– Você disse que ia me contar tudo – insistiu Cielle. – Então?

Nate tentou encontrar um ponto de entrada.

– Lembra quando eu contei que a vovó tinha morrido?

– Lembro – respondeu ela, mas sem abrir a porta. – Você disse que ela tinha morrido de câncer.

– Mas nunca contei como foi a morte dela. A barra que tive de enfrentar quando criança. Pois é... Agora sou eu que estou doente e... Não queria que você passasse por tudo aquilo que passei, entende? – Ele se calou por um instante para recuperar o fôlego. – Foi por isso que fui parar no beiral daquele prédio.

Ainda com a mão pousada à porta, Nate ficou ouvindo, esperando alguma palavra da filha. Nada.

Já ia se virando para ir embora quando Cielle enfim entreabriu a porta. Com o rosto vermelho de tanto chorar, ela fitou o pai diretamente nos olhos, de verdade, pela primeira vez desde que ele havia voltado. Em seguida, meneou a cabeça e voltou a se trancar.

ACORDANDO NAQUELE SOFÁ JÁ um tanto surrado, deparando com seu vaso de plantas predileto no canto da sala, com o relevo ao mesmo tempo irregular e estético do tampo de madeira da mesinha de centro, com seu cachorro enroscado sob o sol que vazava das cortinas, Nate sentiu um breve momento de paz. Mas, de repente, deu-se conta do metal duro que cerrava entre os dedos e ergueu a mão. Vendo a arma rebrilhar ao sol da manhã, novamente foi invadido pelo horror das circunstâncias. Sentou-se, esfregou os olhos. Gaspar se aproximou e ele acariciou a pelugem do cachorro, beijou-lhe a cabeça. Como era bom o cheirinho daqueles pelos depois de banhados pelo sol...

Vida que segue. Nate pescou do bolso a chave do cofre de Urban, com o número 227 gravado irregularmente na cabeça, e começou a batê-la contra os nós dos dedos, a jogá-la para o alto como se brincasse com uma moeda. Guardou-a mais uma vez no bolso.

Tomou seus remédios na cozinha, depois seguiu para o banheiro. Passando pela área de serviço, viu as roupas que Janie havia jogado ali na véspera, a calcinha dela no topo da pilha. O exemplar predileto, um modelo rosa da Gap, de renda. Não era exatamente o mais bonito, mas ainda assim, ao vê-lo, Nate sentiu uma onda de nostalgia. Quantas vezes já havia visto a mulher secando os cabelos vestindo só aquela calcinha, ou tirando-a da máquina de secar para depois dobrá-la cuidadosamente, ou tirando-a do próprio corpo para se despir? Pois agora ele desviou o olhar e seguiu adiante, uma vez que não era de bom tom ficar espiando as calcinhas alheias. A cambiante política da intimidade.

Ao voltar à sala, encontrou Janie se espichando diante da lareira, vestindo a camiseta dos Lakers que costumava usar como pijama, as pernas praticamente de fora em razão da posição em que se achava. Nate demorou um instante para entender o que a ex-mulher estava fazendo. À custa de algum esforço, Janie enfim conseguiu retirar o porta-retrato que ficava bem acima do consolo da lareira, pregado à parede. A foto dela com Pete e Cielle.

Ela se virou ao perceber a presença de Nate.

– Aposto que isso faz você feliz.

– Hoje, não.

Janie colocou o retrato no chão, apoiado em suas pernas, baixou os olhos e falou:

– Você sempre foi meio atrapalhado. Às vezes me deixava furiosa, mas daí a gente ia para a cama, trepava e... no dia seguinte... de duas, uma: ou eu ainda estava puta com você ou estava em êxtase. Uma coisa ou outra. Mas nunca... – aqui ela procurou pelas palavras corretas – nunca *moderadamente satisfeita*. Depois de você, Pete foi para mim uma espécie de porto seguro. Era um homem confiável, gentil, mas havia vezes em que eu pensava: “Se eu tiver de tomar mais

uma taça daquela porcaria de Kendall Jackson Pinot Noir, vou me enforçar com uma das gravatas de seda dele!”

Nate não pôde deixar de sorrir. Mas viu todo o seu contentamento ir embora quando reparou na expressão de cansaço que permanecera no rosto da ex-mulher. Janie estava confessando tudo aquilo que nos últimos anos ele havia sonhado ouvir de sua boca, mas, agora que seu sonho enfim se realizava, a sensação de vitória não era nem de longe a que tinha imaginado. Pelo contrário, tinha a impressão de que estava caminhando sobre uma fina camada de gelo que poderia se quebrar sob seus pés a qualquer instante. Bastaria um passo em falso para que desabasse na água gelada. Por isso, antes de dizer o que fosse, procurou identificar o que seria melhor para ela naquele momento.

– Pete também tinha as suas qualidades... – arriscou.

– Eu sei. – Janie levou o retrato para a cozinha e o deixou junto da porta dos fundos. O lugar do lixo. – Mas *nunca* vou perdoá-lo por ter ido embora dessa maneira.

Nate se lembrou daquele fatídico dia na praia, quando Janie, recém-resgatada do mar, havia discutido com o namoradinho dela à época. Assim como naquele dia, ele pensou: “Agora é um ótimo momento para ficar de bico calado.”

Ainda parada à porta, de costas para Nate, ela baixou a cabeça e encolheu os ombros tão adoráveis para soltá-los em seguida. Quando se virou, tinha os olhos marejados, mas procurou se conter.

– Estou com medo, Nate. Na verdade, estou apavorada. – Ela permanecia no mesmo lugar, bem longe dele, como se qualquer proximidade humana fosse dolorosa demais naquele momento. – Às vezes acho que é melhor sair daqui com Cielle enquanto você faz o que tem de fazer, mas uma mulher e uma menina sozinhas por aí... O que a gente pode contra esses caras? Do ponto de vista da segurança, talvez seja ainda pior. – Ela correu a mão pelos cabelos curtos e louros. – Sei lá. Acho que, chegada a hora, vou saber o que tenho de fazer.

– Não quero ir embora – disse Nate. – Daqui.

Sentindo a necessidade de desviar o olhar, percebeu que não estava mais falando apenas da segurança de sua família.

– Também não quero que você vá. – A pele à base do pescoço de Janie já estava rosada, como sempre acontecia quando ela tentava represar o choro. O peito subia e descia sob a camiseta. A aliança de brilhante cintilava na mão esquerda. – Mas não sei se posso contar com você.

– Você pode contar comigo.

– As pessoas não mudam.

– Eu mudei uma vez.

– É, mudou. – Um quase sorriso. – Para *pior*.

Nate podia sentir às suas costas o espaço vazio na lareira, lá onde antes ficava o retrato.

– Então posso mudar outra vez – garantiu e foi saindo para a varanda, sabendo que Janie o acompanhava com os olhos.

Passou pelo tijolo bambo e seguiu para o jipe. Antes que pudesse abrir a porta do carro, a mão estropiada de alguém foi mais rápida e se adiantou para abri-la. Era Charles, curvando-se feito um chofer de cinema, o sorriso de sarcasmo deixando à mostra os dentes quebrados.

– Está indo ao banco? – perguntou ele.

Nate se acomodou ao volante, bateu a porta, ligou o carro.

– Estou.

– Fazer o quê?

Nate apenas sorriu e arrancou com o jipe, deixando o amigo defunto para trás.

APÓS UMA SURREAL VIAGEM de elevador até o 11^o andar, ele atravessou o saguão de forma mecânica e entrou no banco, local dos cinco homicídios que ele próprio havia cometido. Programara sua chegada ali justo no horário do almoço, quando o movimento era maior. Quanto mais clientes, maior a desatenção dos funcionários. O carrinho do café de cortesia já havia sido colocado no lugar, claro, mas a lateral ainda se achava meio amassada no ponto onde sem dúvida um dos bandidos o havia chutado. Nate se serviu de uma xícara de descafeinado e ocupou seu lugar ao fim de uma fila razoavelmente comprida.

O que lhe deu tempo mais que suficiente para lembrar onde os corpos haviam caído, como o sangue havia jorrado deles e diversos outros detalhes de embulhar o estômago. Enquanto avançava na fila, apertava nervosamente a chave de Urban no interior do bolso, correndo o dedo sobre o relevo do número 227. A porcaria do cofre estava a menos de 20 metros dali, mas parecia a quilômetros de distância.

Quando enfim chegou sua vez, Nate foi atendido por uma jovem caixa que o colocou a par das regras para o aluguel de cofres. Era preciso ter conta no banco. Tudo bem, ele já era cliente. Seria preciso mostrar um documento e assinar um protocolo sempre que o cofre fosse usado. Problema nenhum. A assinatura teria de ser comparada com as do cartão de assinatura do banco. Ótimo. As gavetas estavam disponíveis em três tamanhos diferentes, qual deles ele preferiria?

– Olhe... – disse Nate, tamborilando os dedos na partição de vidro que o separava da moça. – Sou meio supersticioso, sabe? Tenho um número de sorte e queria saber se, de repente...

– Posso dar uma olhada, Sr. Overbay – retrucou ela, e voltou a roer as unhas.

Trazia ao pescoço um pequeno crucifixo de ouro, preso a uma correntinha.

– É o número da minha primeira casa: 228 – falou ele.

A moça começou a digitar em seu teclado, olhando ora para a tela à sua frente, ora para o rosto dele. Ele foi ficando nervoso, mas depois raciocinou: como ela poderia saber de suas segundas intenções?

– Infelizmente este número já está ocupado – informou a moça afinal.

Nate fez uma cara de decepção.

– Posso lhe dar a 328, serve? – ofereceu ela.

Depois de um displicente gole no cafezinho, Nate disse:

– Que tal a 229? Ou 226... ou 27...

– A 226 está livre. – Ela orientou Nate no preenchimento de alguns formulários, depois entregou-lhe a chave da gaveta de número 226, não muito diferente da que ele levava no bolso.

Nate esfregou o número como se a chave fosse um pé de coelho ou qualquer outro amuleto.

– Obrigado – disse, e guardou-a no bolso esquerdo.

– Vou abrir a porta para você, depois um dos seguranças irá acompanhá-lo até sua gaveta – explicou a moça. Antes que Nate lhe desse as costas, ela passou a mão sob a partição de vidro, tocou o braço dele e acrescentou: – Não quero constrangê-lo, Sr. Overbay, mas muito obrigada pelo que o senhor fez por nós na terça-feira. Eu estava aqui.

Reparando melhor, Nate viu que as unhas delas estavam roídas até o sabugo. O rosto parecia sofrer de muitas noites insones. Nate imaginou aquele rosto colado ao chão, a moça rezando pela própria vida enquanto as balas voavam por todo lado. E agora lá estava ela, alguns dias depois, fazendo seu trabalho da melhor maneira possível, tentando tocar a vida.

Nate tocou a mão dela e a moça meneou a cabeça algumas vezes antes de voltar a atenção para o cliente seguinte.

Afastando-se do balcão, Nate percebeu o gerente gorducho que se achava junto da fila, olhando para ele enquanto falava ao telefone. Seria possível que ele também o tivesse reconhecido? O homem abriu um pequeno sorriso de cordialidade e Nate se concentrou no que tinha a fazer.

Diante do portão do balcão dos caixas, fechou os dedos sobre a chave que guardava no bolso direito, a chave de Urban. A vida de Cielle dependia do que estava para acontecer nos próximos dois minutos.

Uma campainha ruidosa sinalizou a abertura do portão. Nate respirou fundo e passou para o outro lado do balcão. O segurança, um senhor mais velho com uma faixa de bigodes alourados, cumprimentou-o com a cabeça. A caminho da porta de aço do cofre, que já se achava aberta, Nate reduziu o ritmo das passadas e relembrou o esfuziar dos tiros que ouvira ali no dia do assalto. Também havia sido naquele lugar que a gerente caíra desfalecida, rosas de sangue brotando sob o paletó do terninho claro que ela vestia. A porta de vidro se abriu e Nate passou à área interna do cofre, fitando o canto em que havia disparado duas balas contra o abdômen de um dos bandidos. Em seguida, baixou os olhos para os próprios pés, que pisavam o mesmo o ponto em que ele estava quando levou no ombro a fincada do abridor de cartas. “Ele vai fazer você pagar. De maneiras que você nem imagina.”

O segurança tinha dito algo.

– Como? – perguntou Nate.

– O senhor está bem?

Nate deu um gole nervoso no café.

– Sim, sim, estou.

Precisava se recompor. Seguiu em frente e foi correndo os olhos pelos ninhos de gaveta já devidamente consertados, tal como Pavlo havia previsto. Por fim, localizou o que estava procurando.

A gaveta alugada por Danny Urban.

Logo abaixo da gaveta que ele, Nate, acabara de alugar.

O segurança já remexia em seu pesado molho de chaves e perguntou:

– Cofre 226... Não é isso?

Mais uma vez Nate levou a mão ao bolso. Ao bolso *direito*.

– Exatamente – disse.

O segurança por fim ergueu a chave-mestra, e Nate, fingindo atrapalhar-se com a chave e o copinho de isopor, deixou o recipiente cair. O líquido respingado manchou as barras da calça do segurança.

– Poxa, foi mal – desculpou-se.

– Não se preocupe – falou o homem, e baixou o tronco para secar a calça com um lenço enquanto Nate se agachava ao lado dele. – Isto aqui vai sair num minuto.

Nate se reergueu e rapidamente encaixou a chave 227 na gavetinha de Danny Urban. Esperou pacientemente, mas sem soltar a chave, escondendo com a mão o número gravado nela. Seu coração batia tão forte que parecia reverberar nas paredes de aço do cofre. De repente, a mão começou a tremer com a câimbra que ameaçava chegar, um lembrete da doença que o comia por dentro, devagar. “Agora não, porra”, Nate suplicou com seus botões, tentando ignorar a sensação e obrigar os dedos a obedecer-lhe.

Distraído, o segurança se reergueu também, guardou o lenço no bolso e encaixou a chave-mestra. Sinalizou para Nate e eles giraram suas chaves ao mesmo tempo. A portinhola de número 227 se abriu, Nate puxou a gaveta para fora e a portinhola se fechou automaticamente com seu sistema de molas. Ele e o segurança se viraram juntos e seguiram para a sala privativa, Nate sobraçando sua gaveta com firmeza.

Mais cinco passos e eles estariam fora do cofre. Nate os foi contando um a um, procurando não demonstrar pressa. Tão logo atravessou a porta de vidro, correu os olhos pelo balcão de caixas, depois pelo movimentado saguão, e de repente se enregelou com o que viu.

O agente Abara atravessava as portas do banco.

Nate automaticamente deu meia-volta, batendo de frente com o segurança que o seguia. Mas não ouviu nenhum ruído no interior da gaveta metálica que trazia sob o braço.

– Opa – disse o homem. – Por aqui, senhor.

Nate não poderia simplesmente voltar com a gaveta para o cofre sem nem olhar o que havia dentro dela. Seria suspeito demais. Além disso, quando teria outra oportunidade para botar as mãos no precioso conteúdo? Por outro lado, não podia correr o risco de ser flagrado pelo agente Abara com um cofre que não lhe pertencia, roubado de um falecido matador de aluguel.

O segurança decidiu por ele ao apressá-lo adiante e indicar uma porta à direita do cofre. Virando o rosto para não ser visto, Nate atravessou a tal porta e

logo tratou de fechá-la. A sala privativa era um tanto claustrofóbica, com uma mesa elevada, paredes brancas e uma única aquarela em que uma menininha brincava na praia.

Nate se lembrou do gerente gorducho que vira falando ao celular no saguão. Certamente, enquanto Nate estava na fila, ele chamara o agente, que devia estar em algum lugar próximo. Mas que motivo teria o gorducho para desconfiar dele? E mais importante ainda: de quanto tempo ele, Nate, ainda dispunha até que Abara viesse procurá-lo naquela sala?

Ele depôs a caixa metálica sobre a mesa elevada e abriu a tampa comprida, fazendo-a ranger nas dobradiças. Dentro havia um envelope. Um envelope branco, comum, desses de uso comercial. E nada mais.

Nate tirou o envelope, ergueu-o contra a luz. Tanta confusão só por causa de algo que cabia no interior de um envelope. A julgar pelo peso, ali não havia mais do que uma folha dobrada. Tamanha leveza só tornava aquele envelope ainda mais ameaçador. O que estaria dentro dele? Alguma coisa incriminadora? Algo parecido com as fotos que Pavlo havia esfregado no rosto de Nate naquele armazém?

Aflito, Nate deixou de lado as conjecturas e fixou o pensamento numa única coisa: fazer a entrega ao ucraniano e garantir a segurança de Cielle.

Mas, se Abara o revistasse, certamente confiscaria o maldito envelope. E isso, por mais indiretas que fossem as vias, culminaria em gelo e serra elétrica.

Mais aflito ainda, correu os olhos pelo ambiente espartano da sala, à procura de algum lugar em que pudesse esconder o envelope.

Lembrou-se do próprio Urban, desesperado para esconder sua chave de cofre enquanto sangrava e se arrastava pelo quarto.

Fita adesiva.

Uma mesinha de plástico abrigava um grampeador, alguns cliques de papel e um rolo de durex. Derrubando o pote de cliques em razão da pressa, Nate pegou o durex, cortou dois pedaços da fita e os colou no envelope, deixando metade para fora das bordas. Não poderia pregar o envelope sob a mesa – seria óbvio demais.

Seus olhos se voltaram para a aquarela na parede. A menininha na praia. Puxando o quadro pela borda inferior, mas sem tirá-lo do prego, ele colou o envelope no dorso da moldura. Depois, voltou o quadro à posição original, endireitou-o com um tapinha e só então recolheu a gaveta de Urban, saindo com ela da sala.

Abara se achava a uns 10 metros de distância, junto de uma janela, conversando com o gerente. Por obra de um milagre, não se virou para olhar. Nate baixou o rosto e tomou o rumo do cofre. O segurança o esperava com as mãos cruzadas sobre a barriga. Arqueou uma das sobrancelhas ao ver que Nate, apesar de todos os seus esforços para disfarçar a pressa, apertava o passo na direção da parede de gavetas.

O segurança seguiu na esteira dele. Nate chegou primeiro e foi logo encaixando a chave de Urban.

Mas a essa altura o segurança já o espiava por sobre os ombros, intrigado.

– Achei que sua gaveta fosse a 226.

Nate teve a impressão de que o ar frio do cofre havia congelado o suor em sua nuca.

– Não, 227 – disse ele.

O segurança crispou a boca, confuso, e deixou escapar um grunhido que parecia vir das cavernas de sua garganta.

Ouviu-se um pedaço de conversa no saguão principal:

– ... acredito que ele esteja no cofre, agente Ab....

Nate tentou sorrir naturalmente para o segurança, mas teve certeza de que o sorriso saiu duro e falso. Passos vinham se aproximando deles, ecoando nos metais do cofre, cada vez mais altos.

O segurança avaliava Nate com os olhos muito azuis. Por fim, ergueu a chave-mestra e a encaixou na segunda fechadura.

Nate fez o que pôde para abafar um suspiro de alívio. Eles viraram as chaves juntos, e a portinhola se abriu. Nate encaixou a gaveta no buraco e já estava prestes a fechá-la quando se deu conta de mais uma coisa: caso fosse revistado por Abara, não poderia ter consigo a chave da gaveta de Urban. Mas onde, no interior de um cofre, seria possível esconder uma chave?

A portinhola com seu sistema de molas pressionava o dorso da mão de Nate. Pois foi dela que veio a luz.

A portinhola se trancava automaticamente.

Nate abriu uma fresta na tampa comprida da gaveta, jogou a chave de Urban dentro dela e esperou o sistema de molas cumprir seu oportuno papel.

Foi então que Abara entrou.

Apesar da respiração ofegante, Nate conseguiu fingir um sorriso.

– Agente Abara – disse.

– Nate. – O homem vestia uma camisa formal, porém desabotoada no colarinho para exibir a pele bronzeada. – Acabou de alugar um cofre, não foi?

– Foi.

– Assim... de uma hora para outra?

– Depois do perrengue que passei aqui na terça-feira... achei que devia colocar minha papelada em dia e... por que não guardar alguns documentos importantes num cofre de banco?

– É, por que não? – Abara umedeceu os lábios. – Mas daí você achou por bem alugar um cofre no mesmo banco em que matou cinco pessoas.

– Já foi assaltado. Achei que seria o mais seguro da cidade.

Abara não riu. Virou o rosto para o ninho de gavetas.

– Qual delas é a sua?

Nate sabia que o segurança havia girado a cabeça em sua direção, podia sentir na nuca o olhar duro que ele lançava enquanto esperava uma resposta. Respirou fundo, sorvendo o ar metálico do cofre. Precisava dizer alguma coisa imediatamente, mas “imediatamente” já havia passado.

– Quer saber de uma coisa? – Foi o que lhe ocorreu. O tom era de indignação, o melhor que ele havia conseguido fabricar. – Tem algum motivo particular para que você esteja me seguindo e me interpelando desta maneira? Fui *eu* quem conteve aqueles bandidos. – Estava quase gritando, as palavras reverberando nas paredes. – Por acaso você não deveria estar me agradecendo em vez de ficar aí, andando na minha cola, pegando no meu pé?

O segurança do banco não tirava os olhos de Nate. Talvez não estivesse comprando o teatrinho dele. Já ia abrindo a boca para dizer algo quando o gerente gorducho surgiu à porta do cofre e, visivelmente nervoso, falou:

– Agente? Será que você poderia levar seu interrogatório para outro lugar? O banco está cheio de clientes.

– Perfeitamente – concordou Abara, e abriu seu indefectível sorriso. Parecia cada vez mais à vontade, cada vez mais petulante. – Tem algum lugar por aqui onde a gente possa conversar com privacidade?

Claro que tinha.

Eles saíram do cofre e o segurança destrancou a saleta privativa, deixando de lado a questão do número da gaveta de Nate.

Nate se viu novamente diante da aquarela da menina brincando na praia. Apavorou-se ao notar que o quadro, apesar de todo o seu cuidado anterior, permanecia um pouco torto na parede.

Abara mal havia fechado a porta quando soltou os cachorros para cima dele:

– Olhe só. Até agora banquei o policial gente boa. Uma conversinha aqui, uma insinuaçãozinha ali... Mas vou lhe dizer o que aprendi em treze anos de profissão: aprendi a detectar quando alguém está mentindo. E você está mentindo. Não sei por quê, nem sobre o quê. Mas que você está mentindo, disso eu tenho certeza absoluta. Você é esquisito pra caralho. A maneira como reagiu durante aquele assalto... A sua energia... Uma hora você está calmo, depois fica aí, todo nervosinho...

Logo acima dos ombros de Abara, a aquarela torta parecia gritar por atenção. E colado no verso dela estava o envelope que decidiria o destino de Cielle. Nate precisava fazer um esforço para manter os olhos voltados para o agente.

– Por outro lado – prosseguiu Abara –, sei que você não estava envolvido com aquela gente. Você não é um assaltantezinho filho da puta que resolveu passar a perna nos companheiros de golpe. – Ele esquadrinhou o rosto de Nate. – Acho que você voltou aqui em busca de alguma coisa. Não foi para guardar as fotos da vovó no cofre. Vou revistá-lo. Ou você me dá o seu consentimento agora mesmo ou levo você para ser interrogado no prédio da Polícia Federal, e aí vão revistar

you logo na entrada. Ent3o, o que vai ser?

Um longo momento de sil4ncio. Em seguida, Nate comeou a esvaziar os bolsos, jogando a carteira e o celular sobre a mesa elevada, refreando a vontade de endireitar a aquarela acima dela. Depois sacou a chave. A de n4mero 226.

Abara ergueu-a contra a luz, examinando a autenticidade.

– 4 esta aqui?

– 4.

– Se importa se eu revist4-lo?

– Vou *adorar* ser revistado por voc4.

Abara girou-o, n3o com delicadeza, e espalmou a m3o nas costas dele, obrigando-o a se debruuar sobre a mesa. Agora se achava cara a cara com a aquarela na parede: *Menina na praia, tombada para a esquerda*. Em seguida, correu as m3os pela virilha e pelas axilas de Nate, vasculhando os bolsos da cala, o profissionalismo e a frieza lembrando n3o s3o as apalpadas firmes do segurana que montava guarda 3 porta do New Odessa, mas tamb4m o despidorado cutucar dos m4dicos que Nate j3 havia aprendido a suportar nos exames cl4nicos que fazia regularmente.

Um corpo que cada vez menos lhe pertencia.

Os joelhos de Abara estalaram quando ele se reergueu.

Olhando para a aquarela, Nate disse:

– J3 terminou ou ainda vai rolar um boquete?

– Agora que voc4 voltou para casa – retrucou Abara –, vou deixar por conta da sua ex-ex-mulher.

Nate virou-se para ele, os dois homens cara a cara no espaa ex4guo da saleta.

– Voc4 anda me vigiando?

– Que nada – falou Abara, e recuou um passo. – Passei por perto, vi o jipe na porta. – Abriu a porta da saleta e educadamente gesticulou para que Nate sa4sse primeiro. – Foi voc4 mesmo que pediu que eu ficasse de olho.

A travessia do sagu3o foi para Nate uma eternidade. Suas roupas, molhadas pelo suor do p3nico, arranhavam-no. A m3o direita queimava, o pulso do4ia, uma pequena amostra do que a doena e o futuro lhe reservavam. Fechou a m3o em punho, pousou-a contra o peito e a cobriu com a outra como se estivesse protegendo algo muito precioso. Recebeu de bom grado o ar refrigerado do elevador que o levou de volta 3 portaria.

Vendo que todos os bancos de rua estavam ocupados, sentou-se no meio-fio. Sentiu no rosto o calor do dia misturado ao p3 de asfalto que os carros levantavam 3 sua frente. Ficou ali por um tempo, tentando recuperar o f3lego.

A DÚVIDA E O MEDO dançavam na cabeça de Nate, competindo pela atenção dele. Seria possível que não tivesse colado aquele envelope com a devida firmeza? E se o durex soltasse e o envelope escorregasse do quadro para a mesa? E se a faxineira da noite resolvesse tirar o quadro da parede para limpá-lo?

Eram quase seis horas quando Nate estacionou diante da casa de Santa Monica e desceu do carro. Mais três dias e seis horas para colocar aquele envelope nas mãos de Pavlo Shevchenko. Pelo menos ele já estava fora do cofre. Uma coisa de cada vez.

O sol se escondia para além dos telhados, as nuvens estriando o dourado do céu com suas manchas escuras. Seria um belo crepúsculo caso Nate estivesse em condições de reparar. Dobrados num dos bolsos traseiros de suas calças estavam os papéis do divórcio que ele tinha buscado no apartamento de Westwood antes de ir para Santa Monica. Na sacola havia algumas mudas de roupa, bem como a coleção de frascos de remédio que ele recolhera do armário do banheiro e jogara numa bolsa de supermercado. Antes de sair do apartamento, também havia tirado das paredes todas as fotos de Janie e Cielle que pregara com tachinhas. Todo o resto poderia muito bem ficar para trás.

Ao entrar na casa, foi recebido por Gaspar, que veio rebolando na direção dele, arranhando o chão com as unhas compridas. Janie emergiu da cozinha e foi logo perguntando:

– E aí, como foi?

Quase desabou de alívio ao ler nos olhos de Nate que as notícias eram boas.

Ele havia acabado de largar no chão sua sacola e as compras que fizera no supermercado quando Cielle veio descendo as escadas com Jason Bundão em sua cola. Nate precisou olhar duas vezes para o grandalhão antes de acreditar no que estava vendo. Virou-se para Janie e ela explicou:

– Cielle contou tudo para ele. Resolveram que ele vai ficar aqui.

– Você *o quê?* – disparou Nate para a filha. – Você contou para o seu namorado? Cielle... Este assunto é muito sério, filha.

Jason Bundão ergueu as mãos calmamente, a própria imagem da maturidade.

– Estou aqui para o que der e vier, *bro*.

Os músculos da mão esquerda de Nate começavam a se contrair, e ele fez o possível para espantar o nó que se formava nas carnes da palma.

– Cielle, você devia...

– *O quê?* Ter mantido segredo? *Vocês* não mantiveram. *Você mesmo* contou tudo para o Pete, e olha só no que deu. Então, por que *eu* não posso contar para alguém que é importante *para mim*?

– Ninguém deveria saber dessa história – disse ele.

– Não, Nate. O problema é outro. O problema é que você quer tomar todas as

decisões sozinho. Decidir quem conta o que para quem. – Ela desceu os últimos degraus e veio marchando na direção do pai. – *Você mesmo* falou que eu podia tomar minhas próprias decisões. Então. Essa foi a primeira. Uma decisão minha e do Jason.

Ela estendeu a mão para Jason às suas costas e o garoto engoliu em seco, fazendo saltar o pomo de adão. Ele havia retirado os alargadores das orelhas; os buracos nos lóbulos eram grandes o bastante para que se visse a lateral do pescoço através deles.

Janie virou-se para Nate.

– Você disse à sua filha de *15 anos* que ela podia tomar suas decisões sozinha?

– Não exatamente – respondeu ele.

Eles se postavam à entrada da casa como tanques inimigos numa clareira, prontos para arremeter e atirar.

– Vou ficar com ela – disse Jason. – Se o gigante voltar, cubro ele de porrada.

– Você não está entendendo – argumentou Nate. – Esse pessoal... eles não estão nem aí para nada. São piores que terroristas. É melhor você ficar longe dessa história. Estou falando para o seu próprio bem.

– Quero mais é que eles se fodam – devolveu Jason, sério.

– Ah, *ótimo* – disse Janie. – Valeu. Muito obrigada.

Já se deixando levar pela fúria, Nate cuspiu:

– Você está achando *o quê*, pirralho? Que isso tudo não passa de uma grande piada? Ou de um videogame qualquer? Vocês dois... por acaso vocês fazem ideia do...

– Sei o que é melhor para mim – interrompeu Cielle, vermelha.

– Você trouxe esse cara para cá, e isso prova justamente que *não sabe* o que é melhor para você.

Ouvindo isso, Cielle foi marchando para o quarto com o namorado a tiracolo. A meio caminho, Jason parou, apontou para Gaspar e disse:

– O cachorro está com o pinto para fora. Sei lá, achei que devia avisar. É muito nojento.

Cielle revirou os olhos, saiu arrastando o namorado e dali a pouco bateu a porta do quarto, deixando Nate e Janie sozinhos com um Rhodesian ridgeback excitado.

– Põe esse troço para dentro! – berrou Janie para Gaspar, e esperou que ele saísse dali.

Em seguida, esfregando a sobrançelha com o polegar, murmurou algo que Nate não compreendeu.

Nate ainda sentia um formigamento na pele, consequência de sua recente explosão com a filha.

– O quê? – perguntou ele a Janie.

– Ela não tem 7 anos, Nate. Tem *15*. Você não pode simplesmente pegar sua

filha no colo e colocar no ombro. Ela precisa participar disso. A gente precisa fazer com que ela *coopere*.

Nate engoliu um sem-número de objeções.

– Ok, ok... – disse. – O que a gente faz, então?

– Absolutamente nada. Por quinze minutos.

Ele foi na esteira da mulher para a cozinha. Desdobrou os papéis do divórcio, jogou sobre a ilha.

– Trouxe isto aqui. Você só precisa assinar e colocar no correio.

A goteira sob a pia pingava: *ping... ping... ping...*

Janie lançou um olhar cansado para o documento.

– Obrigada – falou, e recolheu os papéis, batendo com eles na lateral da perna.

Em seguida, saiu com eles para seu escritório, que não passava de uma pequena alcova ao lado da cozinha.

Nate encontrou sua caixa de ferramentas numa das prateleiras da despensa, ajoelhou-se com ela diante da pia e rapidamente trocou a ruela de vedação, dando fim à goteira. Depois de firmar todos os canos, buscou o saco de argamassa na garagem e fixou o tijolo bambo da varanda. Durante todo esse tempo, Janie havia permanecido em seu escritório, trabalhando, e Nate mais uma vez pudera saborear aquela tranquilidade doméstica de rotinas separadas, porém harmônicas. Ao voltar à cozinha, notou algumas manchas já secas do sangue de Pete no chão, então molhou uma toalha de papel e tratou de limpá-las silenciosamente de modo que Janie não percebesse. Por fim, foi ter com ela e bateu de leve na parede. Assim que ela recuou na cadeira de rodinhas, ele pôde ver que a ex-mulher empunhava uma calculadora com uma pilha de contas à frente.

Notando o olhar de Nate, Janie disse com firmeza:

– Contas atrasadas não são um problema. Pelo contrário, até ajudam a desligar a cabeça.

Nate assentiu, mesmo sem concordar.

– Então, já passaram os quinze minutos? – perguntou.

– Já.

Janie se levantou e eles subiram juntos para o quarto de Cielle. Ainda no corredor, puderam ouvir a voz grave de Jason dizendo:

– Eu queria ter 97 sentidos, só para te amar com cada um deles.

E Cielle:

– Que coisa mais cafona. Você deve ter entrado duas vezes na fila da cafonice.

– Deixa de marra, garota.

Nate abriu a porta bruscamente, sem bater. Cielle e Jason estavam sentados no chão do quarto, recostados na cama dela. Jason brincava com um isqueiro

Zippo decorado com uma caveira, abrindo e fechando a tampa.

– Não gosto do jeito que você fala com a minha filha – disse Nate.

– Pô... Você já viu o jeito que ela fala *comigo*?

Quase choramingando, Janie pediu:

– Olhe, Jason... vá para casa, ok? Cielle liga depois.

Ele sacudiu os ombros e foi se arrastando para fora do quarto.

Cielle examinava as próprias cutículas.

Janie sentou-se ao lado dela e Nate se recostou na parede vizinha. Eles trocaram um olhar de empatia, cúmplices na dificuldade de se educar uma filha.

Janie gesticulou para que ele comesse.

– Olhe... – disse Nate. – Quanto ao Jason...

– Eu *amo* o Jason – disparou Cielle.

– Eu sei, meu anjo. O garoto tem estilo, toca uma música subversiva e, quando você o vê, seu coraçãozinho começa a cantar. Eu *sei*. E é assim que tem de ser. Mas o problema agora é outro. É de segurança. Estou a um passo de tirar a gente desta confusão. Não podemos complicar as coisas justo agora.

– Jason não é uma *complicação* – devolveu ela.

Janie ergueu o braço para acariciar a filha, mas desistiu.

– Sei que você pensa que já sabe tudo a seu respeito, os caminhos que quer seguir, mas...

Cielle segurava a cabeça com os punhos. Subitamente, ela jogou as mãos para o alto, fazendo esvoaçar as mechas avermelhadas dos cabelos. Fritando Nate com o olhar, disse:

– Você não gosta do Jason porque ele é mais criativo do que você.

– Não – retrucou Nate. – Eu não gosto do Jason porque ele não é *humano*. Eu também não era quando tinha a idade dele.

Cielle voltou para as cutículas. Silêncio. Sem que a filha visse, Janie lançou uma careta de súplica na direção de Nate e ele cedeu, falando:

– Tudo bem. Foi mal. Desculpe, filha.

Cielle imediatamente ergueu a cabeça.

– Quer dizer então que ele pode ficar?

– Não.

Cielle enterrou o queixo sob o colarinho do suéter largo, depois disse:

– Ele pode ajudar se aqueles caras resolverem voltar aqui...

– Fazendo o quê? Espantando eles com aquela música de quinta?

Embolando o punho do suéter entre os dedos, ela secou o nariz com um gesto brusco, como se quisesse arrancá-lo do rosto.

– Você não entende...

– Não – disse Nate baixinho, mas com a firmeza de uma rocha. – É você que não entende. Todos nós corremos o risco de sermos *mortos*, Cielle. Ele inclusive.

Como você vai se sentir se o seu namoradinho acabar levando uma bala no peito?

A expressão de Cielle mudou bruscamente, as rugas sumindo da testa, a ficha da realidade enfim caindo em seu cérebro. Por um instante, Nate receou que ela fosse começar a chorar, mas a culpa que porventura estivesse sentindo, grande ou pequena, não era maior que a gravidade da situação.

O celular de Nate tocou no bolso da calça, quebrando o silêncio. Ainda um tanto combalido pelos acontecimentos recentes, ele se levantou com certa dificuldade e examinou o identificador de chamadas.

Janie leu os olhos dele e, com o mesmo desapontamento do passado, disse:

– Aposto que é trabalho...

Nate sacou o telefone e foi logo falando:

– Não posso.

Indiferente à falta de modos de seu subordinado, a sargento Jen Brown informou:

– Grávida estuprada e morta a facadas no Griffith Park algumas horas atrás. Acabaram de encontrar o corpo. Um pessoal que fazia um piquenique por perto.

– Não posso.

– O marido vai chegar em casa daqui a pouco. Ainda não sabe de nada.

– Não posso.

– Ele está em Westwood, a dez minutos do seu apartamento. Se você não for, vou ter de mandar o Ken.

Nate estava com a cabeça baixa, o pescoço começando a enrijecer, o fogo dos olhares de Janie e Cielle queimando em suas costas. Ken Nowak fazendo uma notificação de óbito a um homem que acabara de perder a mulher e o filho que nem sequer havia nascido... Nate sentiu câimbras no peito só de pensar no desastre que poderia advir daquilo. Fez o que pôde para apagar os pensamentos, para travar a língua, mas dali a pouco se pegou dizendo:

– É a última vez.

Janie bufou um pequeno suspiro de decepção e Cielle virou o rosto para encostar a parede.

Derrotado, Nate desligou e se virou para enfrentá-las.

– Olhe, daqui a uma hora estou de volta – garantiu. – Não dava para dizer “não”. Uma mulher acabou de...

Janie abanou a mão para interrompê-lo.

– Eu entendo. Pode ir – falou, e novamente se recostou ao lado da filha.

Nate ainda se demorou alguns minutos no quarto, mas ninguém parecia disposto a botar lenha naquela fogueira. Ele não as culpava. Então foi se arrastando para o andar de baixo e inalando os perfumes da casa ao longo do caminho: o desinfetante do carpete, o aroma deixado por uma vela de mel já apagada, as brasas que ainda ardiam na lareira. Uma chavinha fina percutia o telhado, a geladeira ronronava. Acariciou o cachorro na cabeça e saiu para a

varanda.

A meio caminho do carro, parou.

Virou-se e olhou de volta para a casa, para a janela da filha. Viu um movimento nas cortinas, depois Janie e Cielle surgiram para observá-lo do alto. Nesse instante, sentiu algo ir inchando no peito como um balão, e quando esse balão explodiu ele foi tomado por uma sensação híbrida, um misto de impotência e liberdade. Apertando as pálpebras contra a chuva, ficou ali por um tempo, respirando o ar frio da noite, olhando para as duas, elas fitando-o de volta, os três perfeitamente imóveis e mudos, como se o menor gesto pudesse atrapalhar aquela conversa sem palavras.

De repente, sacou o celular e digitou.

Jen atendeu com um ríspido alô.

– Não vai dar – disse Nate. – Vou tirar uns dias de folga.

– Ken já foi embora. E se eu lhe der uma ordem, você vai fazer o quê?

– Se você me der uma ordem, vou lhe dizer o que você pode fazer com ela.

Seguiu-se um longo silêncio, pontuado apenas pela respiração de Jen. Nate podia jurar que ela estampava um discreto sorriso do outro lado da linha.

– Está ouvindo esse barulho? – falou Jen afinal. – Deve ser a vaca tossindo.

Nate desligou e voltou para a casa. Baixava a cabeça em razão da chuva, mas sentia acima dele o olhar caloroso da mulher e da filha.

O BERRO DE CIELLE ESTILHAÇOU o sono de Nate e ele saltou do sofá, batendo o joelho na mesa de centro. Por um momento ficou perdido (apartamento de Westwood ou casa de Santa Monica? Pesadelo ou realidade?), mas depois caiu em si e foi atropelando os móveis na direção da escada.

Gaspar foi subindo na esteira dele, saltando os degraus de dois em dois, derrapando como se estivesse num lamaçal. Janie irrompeu de seu quarto, por pouco não colidindo com Nate no corredor, e dali a pouco estavam os três – pai, mãe e cachorro – correndo para a porta de Cielle. Encontraram-na o mais afastada possível da janela, espremendo-se de lado contra a parede como se quisesse cavar um buraco nela.

– Que foi?

– Você está bem?

Cielle tremia sob a camiseta e o short. Um dos olhos se escondia sob os cabelos escuros, o outro brilhava arregalado. A boca estava aberta, mas nenhuma palavra saía dela. A mão direita se ergueu, apontando para a janela.

Com os ombros baixos, Gaspar deu quatro passos até a janela e exalou um grunhido grave demais até para uma caixa torácica tão grande quanto a sua. Janie abraçou a filha e Nate, cuidadosamente, pé ante pé, foi caminhando para as vidraças descortinadas. Parou ao lado do cachorro, que rosnou um trovão a meia-voz.

Mais alguns passos cautelosos levaram Nate até o parapeito. Lá estava o jardim dianteiro com seus dois gramados gêmeos em forma de elipse, separados pela serpente de um caminho; a robusta magnólia com seus troncos que lembravam trombas de elefante, a copa escurecida pela chuva; os vasos que transbordavam de lavanda e zimbro. E mais adiante a rua larga com suas lojas e casas já tão familiares, paradas ali feito espectadoras de um desfile. Nate conhecia aquela paisagem como a palma da própria mão, cada detalhe gravado na memória como as curvas e os contornos de uma foto de grande valor sentimental. Uma paisagem de conforto.

No entanto...

Um vulto se achava bem no centro do gramado, diretamente abaixo da janela de Cielle. Das sombras saíam os jatos da fumaça de um cigarro, aplainados pela chuva. A cabeça se erguia na direção da janela; as pernas se plantavam com firmeza no chão, ligeiramente afastadas. O homem não fazia nada além de olhar e fumar, mas a mera presença dele ali, àquela hora, era invasiva, ameaçadora. Botas pesadas fincavam os torrões de grama que ele, Nate, alguns meses após a mudança, havia depositado com as próprias mãos na terra preparada. A imagem daquele homem ricocheteava em suas vísceras, fustigando os nervos, despertando medos primitivos demais para serem nomeados.

– Levantei para fazer xixi e... – dizia Cielle às suas costas.

– Quem está aí?

A respiração de Janie era audível.

Com o olhar fixado naquele rosto oval, Nate disse:

– Yuri.

A campainha do telefone percutiu feito um berro, assustando Cielle a ponto de arrancar um grito dela. Após a segunda chamada, Nate ressuscitou as próprias pernas e desterrou o telefone sem fio que se escondia sob a montanha de almofadas do futon.

A voz da Sra. Alizadeh parecia vir de outra dimensão.

– Não, não – disse Nate, voltando à janela. – Está tudo bem. Sim, sou eu. Voltei, voltei. – Do outro lado da rua, através do tecido diáfano das cortinas, ele podia avistar a silhueta da boa senhora, os ombros curvados de preocupação. Ela e ele, cada um em sua casa, ambos prisioneiros daquele vulto ameaçador no centro do gramado. O ridículo da situação o impeliu a dizer: – Deve ser um maluco qualquer que me achou depois de toda aquela confusão no banco. A senhora ficou sabendo o que aconteceu, não ficou?

– Não – retrucou a Sra. Alizadeh. – Não fiquei.

– Melhor ignorar, seja lá quem for – disse Nate.

– Ele está me assustando. Vou chamar a polícia.

– Não precisa.

– Não estou gostando nada disso, Sr. Overbay.

– Pode deixar que eu cuido de tudo – garantiu Nate.

Desligou, jogou o telefone de volta para o futon e foi saindo na direção da porta.

– Você vai lá? – perguntou Cielle.

– Tranquem a porta da frente depois que eu sair.

Janie e Cielle desceram com ele.

Na varanda, Nate esperou ouvir o girar da chave. Segundos depois, viu os rostos preocupados da mulher e da filha surgirem à janela da sala. Só então desceu para o jardim, os pés descalços afundando na grama molhada.

O vulto esperava pacientemente enquanto ele se aproximava e aos poucos ia reconhecendo o rosto na penumbra.

– Caia fora do meu jardim.

– Este jardim nem é mais seu. – A ponta do cigarro ardeu em brasa. – Pavlo vai continuar vigiando você e sua família até quando ele bem entender. Pelo meu intermédio ou de qualquer outra pessoa.

A chuva cuspiu em ambos. Olhando de relance para além do torso espadaúdo do ucraniano, Nate viu que a Sra. Alizadeh ainda o observava do alto. Ela se afastou um pouco ao perceber o movimento dele. Yuri olhou rapidamente para sua esquerda, decerto para Janie e Cielle. Ali estavam dois homens medindo

forças num gramado escuro, uma situação em que não convinha sequer olhar para o lado. A chuva realçava o perfume dos jasmims noturnos. Bastaria um passo em falso para que a violência explodisse naquela perfumada noite de Santa Monica.

– Você está assustando os vizinhos. Alguém vai acabar chamando a polícia.

– A polícia não é problema para nós. É para *você*. – Yuri apertava o cigarro entre os dentes com toda a pinta de um personagem de filme *noir*. – Reze para que eles não ponham as mãos na gente, porque se puserem...

Sem deixar cair o cigarro, abriu um sorriso e ergueu as toras que tinha no lugar dos braços para degolar o próprio pescoço com uma serra imaginária.

– Saia da minha propriedade – disse Nate. – Você sabe que tenho um serviço para fazer. Fique fora do meu caminho.

– Sei lá. Acho que vou ficar mais um pouquinho. Terminar meu cigarro. – Yuri apontou na direção da casa. – Ande. Tem duas gostosas esperando você.

Nate deu um passo adiante. Yuri enrijeceu o corpo quase imperceptivelmente sob o casaco escuro, pronto para entrar em ação. Em seguida, estalou a língua num muxoxo de provocação e censura.

Nate ficou imóvel por um tempo, olhando para o vapor da própria respiração, deixando que a chuva esfriasse sua cabeça. Precisava deixar a ira se dissipar até que fosse seguro mover-se novamente. Bater em retirada.

Dali a pouco recuou e foi caminhando de volta para casa com os olhos fixos em Janie e Cielle, ambas ainda postadas do outro lado da janela. Somente ao subir na varanda foi que olhou para trás.

Não havia mais ninguém no jardim.

Na grama molhada, um toco de cigarro ardia seu último suspiro antes de se apagar por completo sob os pingos da chuva.

MESMO ACORDANDO NO SOFÁ da sala, Nate teve a impressão de que se tratava de uma manhã quase normal. Trocou os curativos do ombro, tomou seus remédios, fez um café para a ex-mulher, que em breve seria *oficialmente* sua ex-mulher, e abriu o jornal molhado na triste página dos obituários.

Golfista fanático, Kevin Struthers deixa duas filhas, Nancy e Olivia, ambas pediatras, e uma “ninhada” de sete netos, tal como ele os chamava carinhosamente. Era viúvo de sua Elsie.

Nate fez um brinde de suco de laranja para o velho Kevin e deu um grande gole para lavar da boca o gosto amargo do Riluzol e dos antibióticos.

Dali a pouco espiou o jardim através de uma das janelas. Nada por lá, exceto duas pegadas profundas na grama molhada. Afugentando a preguiça daquele fim de manhã, foi se sentar junto do balcão e ficou ali, ouvindo o ronronar da máquina de café e flexionando a mão para testar os músculos. A dormência já havia ultrapassado o pulso e agora atingia o antebraço. Preocupado, achando que o estresse vinha acelerando o progresso da doença, cogitou se teria forças físicas para terminar o serviço que já começara.

Após a visitinha de Yuri na noite anterior, ele e Janie haviam ficado horas ao lado de Cielle, cumprindo o acordo tácito de fazer companhia à filha até que ela adormecesse. Os três tinham ficado muito agitados com tudo aquilo, a tensão de um aumentando a do outro. Já amanhecia quando Cielle enfim cedeu ao sono. Depois de um breve instante de indecisão e constrangimento no corredor, Janie e Nate haviam se separado, ela indo para o quarto, ele para o sofá da sala.

Janie agora se arrastava pela cozinha, esfregando os olhos, um penacho erguido nos cabelos. Deixara-se atrair pelo cheirinho de café. Cielle ainda dormia no quarto. Em hipótese alguma iria à escola naquele dia.

– Você aí, já todo pronto para sair... – engrolou Janie.

– Reunião no banco – disse Nate, e a serviu de uma xícara de café.

Foi então que ela percebeu a mão dele, tremendo de leve sobre o mármore do balcão. Involuntariamente. Nate tratou de escondê-la, baixando-a para o colo, mas ao fazê-lo derrubou um dos frascos de comprimido, que caiu com um estrépito bem maior do que parecia possível. Em seguida, fez-se um difícil silêncio.

– Você ia mesmo ter coragem? – perguntou Janie. – De se matar?

– Ia.

– Imbecil... – Ela bebeu do café. – Por quê? Por causa da doença?

Nate refletiu por um instante. Dada a monumentalidade da decisão, achou estranho que não tivesse uma resposta na ponta da língua.

– Eu não ia me matar por causa da doença – disse, afinal. – Ia me matar porque não tinha nada *além* da doença.

Janie agora se recostava à porta de seu escritório.

– Não dava para você encontrar alguma coisa? *Qualquer coisa*? Algo pelo qual valesse a pena lutar por mais um dia, mais uma semana?

– Tipo o quê? – indagou ele. – Não estou pesquisando a cura do câncer. Não sou o Lou Gehrig. Ninguém ia me chamar para fazer um discurso de despedida num estádio lotado. Tudo o que me restava era uma doença para jogar no ombro das pessoas.

Janie o encarava com o rosto rígido, de tristeza ou de raiva, ele não sabia dizer.

Nate se levantou e começou a vasculhar as gavetas da cozinha, revirando cardápios de entrega em domicílio e recibos velhos.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

– Preciso de um pretexto para entrar de novo na saleta privativa do banco. Alguma coisa com o aspecto de um documento importante para colocar no cofre. Algo que não dê para deixar em casa.

Ele examinava a correspondência antiga quando Janie falou:

– Leve isto aqui.

Algo na voz dela parecia diferente e ele interrompeu o que vinha fazendo para olhar. Janie lhe oferecia um documento de folhas grampeadas. Apesar da distância, ele podia ver o que era. Precisou pigarrear para dizer:

– Tem certeza?

– Claro que não.

Nate permaneceu imóvel junto das gavetas, sem saber ao certo o que fazer.

Por fim, ela sacudiu os papéis do divórcio com impaciência e o incitou:

– Ande, pegue. Tenho certeza, sim.

Nate pegou os papéis e saiu para o banco.

Da fila ele tinha uma boa visão das saletas privativas. Só então reparou que havia duas, uma surpresa que o deixou ainda mais apreensivo. Acabara de chegar ao início da fila quando um velhinho engelhado ocupou a saleta desejada. Vendo-se obrigado a fazer algo para ganhar tempo, começou a fingir que preenchia fichas de depósito. Tão logo viu o senhor ressurgir, adiantou-se até a atendente disponível e dali a pouco a moça abriu para ele a portinhola automática que dava acesso ao outro lado do balcão. O segurança veio a seu encontro, o mesmo que o havia atendido no dia anterior. Eles seguiram juntos para o cofre, o homem estudando Nate com os olhos duros e apertados.

– Cofre 227, não é? – perguntou ele.

Nate abriu o melhor sorriso que pôde, alheio ao suor que escorria de sua mão para os papéis do divórcio.

– Na verdade, é 226 – corrigiu.

E o segurança resmungou:

– Devo estar ficando caduco, só pode.

Agindo o mais tranquilamente possível, Nate retirou sua gaveta e foi com ela para a saleta privativa. A aquarela da menina na praia... ufa, ainda estava lá. Ele fechou a porta pneumática com o cotovelo e rapidamente tirou o quadro da parede, virando-o sobre a mesa.

De início, mal acreditou que o envelope ainda estivesse lá, colado com durex. Havia cogitado tantos pesadelos nas últimas 24 horas que rezeara ver um deles se tornar realidade tão somente pela força do pensamento. Mas não, o envelope continuava lá, e se despregou com facilidade. Nate descalçou um dos tênis, dobrou o envelope três vezes e escondeu o espesso retângulo sob a palmilha. Por fim, calçou o tênis novamente, apertando os cadarços muito mais do que o necessário.

Ao guardar os papéis do divórcio, acenar um adeusinho para eles e baixar a tampa da gaveta, não pôde deixar de notar quanto aquela caixinha se parecia com uma urna funerária. Aquele divórcio era um defunto que ele não se importaria nem um pouco de ver baixar à cova.

O guarda ajudou-o a recolocar a gaveta em seu nicho no cofre. Nate sorriu para ele, mas não foi retribuído. Saindo do banco, apesar do pé espremido pelo envelope dobrado três vezes, teve a impressão de que caminhava nas nuvens.

–ENTÃO, A GENTE ABRE ou não abre? – perguntou Janie.

– Não – disse Nate.

– Sei lá – falou Cielle, exatamente ao mesmo tempo que o pai.

Os três se achavam em torno da mesa da cozinha, o envelope ainda intocado à frente deles, um prato que aparentemente não apetecia a ninguém. Lá fora, as nuvens carregadas pareciam dar lugar ao anoitecer, uma transição de tons cada vez mais cinzentos.

O laptop de Janie reluzia no balcão, aberto na página do restaurante New Odessa, que além do endereço informava o número do telefone para reservas. Ao lado do computador estava o telefone sem fio. Nate se remoía de impaciência. Queria ligar para o restaurante para saber se Pavlo estava lá e propor a ele uma entrega antecipada.

– Esse tal de Shevchenko... – disse Janie. – Ele falou alguma coisa sobre abrir ou não este envelope?

– Nem chegou a falar o que estava no cofre.

Cielle pegou o envelope e o ergueu contra a luz. Nate e Janie já haviam feito a mesma coisa, e com o mesmo resultado: uma única folha dobrada, nada que se pudesse ler nela.

– O que poderia ser tão importante a ponto de caber numa única folha de papel? – perguntou Janie.

– Não importa – retrucou Nate, levantando-se. – Vou entregar essa porcaria logo de uma vez e dar o assunto por encerrado.

À bancada, ele discava o código de área quando ouviu alguém rasgar alguma coisa às suas costas.

Cielle, que acabara de abrir o envelope.

Ele desligou o telefone e voltou à mesa.

A menina sacudiu o envelope, deixou o papel escorregar para fora e o desdobrou com delicadeza à sua frente. Janie ficou de pé, debruçou-se sobre a mesa. Em seguida, deixou escapar um gemido de desânimo.

– Que foi? – disse Cielle. – Não estou entendendo nada.

Nate se postou às costas da filha e examinou o papel enquanto Janie dizia o que havia nele:

– Uma lista de nomes.

Oito nomes. Escritos à mão. E sob cada um deles um endereço na região de Los Angeles. O primeiro estava riscado.

Como se estivesse despencando num elevador, Nate sentiu o estômago gelar e subir ao pescoço.

– Não! – exclamou, quase berrando. – Você estava *segura*! Praticamente fora de perigo!

– Que *foi*? – devolveu Cielle.

Nate guardou na cabeça os primeiros nomes, voltou ao computador, abriu a página do Google e, digitando furiosamente, pesquisou o único nome riscado na lista, Patrice McKenna, junto com o endereço dela em Brentwood.

– O que foi, mãe? Por que vocês estão agindo desse jeito?

O Google apresentou o resultado da busca, e Nate clicou no primeiro link

Brentwood, CA: Patrice McKenna, professora primária de 37 anos, foi encontrada morta em seu apartamento hoje, com múltiplas facadas no corpo, infligidas por um canivete de caça encontrado no local.

Nate se viu novamente à porta do sobrado de Danny Urban, agachado diante do pacote deixado à soleira: o pacote com dezenas de canivetes de lâmina única.

À mesa, Janie engrolava algo através da mão pressionada sobre a boca:

– *Deus do céu, por quê?*

Nate pesquisou o nome seguinte: Luis Millan, endereço em Marina del Rey. Diversos links no Google, mas nenhuma notícia de assassinato. “Por isso o nome não está riscado”, pensou.

O terceiro, Wendy Moreno, de Westchester, produziu o mesmo não resultado.

Nate se recostou ao balcão.

– Alguém pode me dizer o que está acontecendo? – falou Cielle. – Vocês estão me assustando!

– Meu anjo... – exalou Nate com força. – Por que você acha que um matador de aluguel faria uma lista de nomes?

A ficha enfim caiu para Cielle, que se retorceu na cadeira e disse:

– Peraí. Não. Quer dizer que... essas são as pessoas que ele pretendia *matar*? E o tal do ucraniano quer esses nomes para...

– Exatamente – assentiu Janie. – Para terminar o serviço.

Nate pôde ouvir a voz rouca de Shevchenko falando: “Tivemos uma desavença quanto ao preço e à propriedade de certo objeto.” O ucraniano queria aquela lista de qualquer jeito, e isso só poderia significar uma coisa: ele não tinha aqueles nomes e havia contratado Urban não só para obtê-los como também para matar aquelas pessoas. Mas as coisas haviam desandado quando o matador pediu mais dinheiro para seguir adiante. O que dava ensejo a uma estranha pergunta: se aquelas eram as pessoas que Shevchenko queria ver mortas, por que diabo ele não sabia quem eram?

– Oito pessoas – disse Cielle. – Oito *vidas*.

– Sete. – Nate apontou para a lista. – Uma já foi riscada.

Cielle redobrou o papel e o guardou de volta no envelope amassado como se

quisesse rebobinar a fita dos últimos cinco minutos.

– E agora? O que a gente faz?

As complicações e as ramificações atreladas àquela folha dobrada eram amplas demais para serem aventadas. Devolvê-la seria o mesmo que matar sete pessoas.

– Vamos entregar isso aí ao Shevchenko – falou Janie –, exatamente como planejado.

– Mãe! Como você pode dizer uma coisa *dessas*?

– O mais provável é que as pessoas nessa lista sejam bandidos também, rivais do ucraniano.

– Mas também podem ser pessoas inocentes! – Cielle voltou-se para Nate. – Aquele primeiro nome. A mulher que foi esfaqueada. Você viu qual era a profissão dela?

Ele não conseguiu responder. Foi Janie quem respondeu:

– A gente não precisa saber disso. Não é uma questão de...

Fulminando o pai com o olhar, Cielle insistiu:

– *Responda.*

– Professora primária – disse Nate afinal.

Janie foi arrastando os cotovelos sobre a mesa até deixar as costas caírem no espaldar da cadeira.

– Então, o que *você* acha? – perguntou Cielle ao pai. – A gente entrega essa lista? E deixa essas pessoas morrerem, como a mamãe sugeriu?

Nate se virou novamente para o computador e baixou a tela. Podia ouvir o próprio coração batendo no peito, bombeando o sangue corpo afora, um pequeno jato a cada vez. Pensou então naquele pacotinho cor de rosa que havia admirado no colo de Janie ao sair com ela da maternidade, nas linhas já desbotadas que tinha riscado na porta lá de cima, marcando a altura da filha a cada aniversário.

Mal acreditando que o pai hesitava para responder, Cielle disparou:

– Mas e essas pessoas da lista?

– Essas pessoas da lista... essas pessoas eu não *amo* – disse Nate, com uma intensidade que mesmo aos ouvidos dele beirara a raiva.

– Por que a gente não pede ajuda à polícia? – sugeriu Cielle.

– Sua vida vai correr perigo se a gente fizer qualquer outra coisa que não seja devolver a lista a Pavlo Shevchenko – retrucou Nate.

– E a minha opinião, não conta? – insistiu Cielle. – Afinal de contas, a vida é *minha*. Sou *eu* quem vai ter de crescer sabendo que... que... – Ela já começava a desabar, as lágrimas despontando nos olhos. – Você não pode fazer isso. Não pode decidir isso por mim.

Nate sentiu uma pressão no peito, tão forte que receou se partir em dois. Mas vendo a angústia da filha, ajoelhou-se para tomar as mãos delas entre as suas e dizer:

– Tudo bem. Você tem razão.

Janie olhava para o nada, perplexa. Cielle apertava as mãos quentes nas do pai, as lágrimas gotejando sobre os dedos dele. Nate sentia os joelhos doerem contra o chão duro, mas não ousava se mexer, não *queria* se mexer.

Até que, dando fim àquele momento de serenidade, sirenes da polícia começaram a uivar na rua, cada vez mais ruidosas.

Janie ergueu a cabeça das mãos e começou:

– Será que eles estão vindo...

Nate viu seus lábios dizerem “para cá”, mas as palavras em si foram abafadas pela barulheira diante da casa, carros que freavam, portas que batiam. Ele se desvencilhou de Cielle e foi ver o que era, Janie correndo em sua esteira. Com uma última olhadela para trás, viu que Cielle permanecia sentada à mesa da cozinha, mas com o envelope entre as mãos.

Luzes azuis e vermelhas vazavam das janelas para o hall de entrada. Nate abriu a porta e passou à varanda, escorregando na massa fresca do tijolo recém-consertado.

Vestindo uma camisa do tipo *guayabera*, Yuri se achava sob a copa da magnólia, as mãos erguidas por vontade própria enquanto quatro policiais o cercavam. Sorrindo acintosamente, ele disse ao ver Nate:

– Ah, aí está ele. O meu amigo. Fale para eles.

Janie permaneceu na varanda e Nate desceu para o gramado, mais uma vez se assustando com o tamanho de Yuri. O ucraniano não era exatamente musculoso, mas tinha o porte de um penhasco enorme, uma rocha de muitas pontas e saliências.

Uma policial fardada disse:

– Recebemos um aviso de perigo para este endereço. Um invasor, é isso?

Do outro lado da rua, a Sra. Alizadeh espiava da janela de sua cozinha, aflita, os braços cruzados como se estivesse com frio, o telefone ainda apertado numa das mãos artríticas.

– Não sou nenhum invasor – disse Yuri. – Fale para eles, Nate. Fale que sou seu amigo.

O sorriso agora era sincero. Ele estava se divertindo.

Nate o fulminava com o olhar.

A policial acenou para os colegas e eles se aproximaram de Yuri, fechando o cerco. As mãos em luvas pretas pairando sobre as armas no coldre. O ucraniano parou de rir, o queixo quadrado formando uma expressão de ameaça direcionada a Nate.

Da varanda, Janie exclamou subitamente:

– Ele é nosso amigo!

Os policiais pararam de avançar e olharam para ela. Janie desceu ao encontro de Nate, passou o braço na cintura dele e disse:

– Desculpe, querido, esqueci de contar, mas fui eu que chamei o Yuri.
– Eu só estava terminando um cigarro aqui do lado de fora – acrescentou Yuri. – Eles não gostam que eu fume dentro de casa. Por causa da menina.

A policial avaliou Nate sob os cabelos de cachos perfeitos. Em seguida, disse:

– Então é um amigo.

– Um *velho* amigo – completou Yuri, sorrindo.

Nate sorriu também, mas parecia que estava apenas mostrando os dentes.

– Os vizinhos por aqui são meio assustados – disse.

Os policiais se retiraram, irritados, batendo as portas dos carros, e seguiram derrapando no asfalto molhado para atender às chamadas seguintes. O silêncio se reinstalou. A Sra. Alizadeh enfim se afastou da janela.

Yuri inclinou a cabeça e, dirigindo-se a Janie, falou:

– Uma mulher inteligente.

– O que você veio fazer aqui? – perguntou Nate. – Estragar as coisas?

Um chaveiro escapulia de um dos bolsos da camisa de Yuri.

– Você esteve no banco hoje.

Entre os cupinchas de Abara e Pavlo, Nate ficou se perguntando quantas pessoas estariam vigiando os passos dele a cada momento.

– Então, conseguiu pegar o bagulho? – perguntou o ucraniano.

Nate pensou em Cielle na cozinha, apertando o envelope nas mãos. Pensou também nas palavras que ela havia praticamente cuspidor: “Você não pode decidir isso por mim.”

– Não – respondeu Nate, mas à custa de muito esforço. – Ainda não. Estou quase chegando lá.

Yuri refletiu por um instante, depois disse:

– Hoje é sexta-feira. Amanhã o banco não abre. Seu prazo acaba no domingo.

– Como vocês mesmos disseram, agora sou cliente VIP naquele banco. Tratamento especial para o herói.

– O que você pretende fazer?

– Isso não é da sua conta. Domingo eu faço a minha entrega. Isto é, se você conseguir não ser preso de hoje até lá.

Yuri meneou a cabeça apenas uma vez, sério, depois foi se afastando até sumir do outro lado da cerca viva dos Kerners.

Janie deixou o braço cair da cintura de Nate e, apavorada, disse:

– Você poderia ter entregado aquela lista de uma vez.

Eles voltaram juntos para dentro de casa.

Mal haviam atravessado a porta quando sentiram o cheiro.

– Alguma coisa está queimando – falou Nate.

– Cielle? – Janie irrompeu casa adentro. – Cielle?

Nate correu atrás dela e logo avistou a fumaça no interior da cozinha. Cielle

se debruçava na pia, o rosto avermelhado pela emoção. A água ainda corria da torneira.

– Que foi que você fez? – berrou Janie. – Que foi que...

Cielle abriu a mão rechonchuda, deixando cair no chão o isqueiro de caveira do namorado.

– Eu não podia... – balbuciou. – Não podia deixar que essas pessoas morressem.

Horrorizado, Nate avistou o envelope vazio sobre o balcão, depois virou o rosto a tempo de ver um pedacinho de papel ainda incandescente alçar voo da pia e se apagar dali a pouco. Mal sentindo as próprias pernas, ele se adiantou até a pia.

A lista agora não passava de um triângulo chamuscado e molhado sob a água da torneira.

EXAUSTA, CIELLE FOI PARA a cama e se sentou nela sem se trocar. Vestia um moletom preto com o capuz caído sobre os ombros feito um xale. Agora abraçava o próprio tronco, fitando o nada com o olhar vidrado.

Nate carinhosamente desembrulhou os braços dela e foi baixando a filha para o travesseiro sem que ela se opusesse. Por fim, cobriu-a com os lençóis. Janie sentava-se à escrivaninha de Cielle, apoiando a cabeça no punho, igualmente catatônica.

– Que foi que eu fiz? – choramingou Cielle.

Nate podia sentir as próprias unhas fincando as carnes do antebraço.

– Um ato corajoso – disse.

– Assinei minha sentença de morte, não foi?

– Não – respondeu ele. – Vai ficar tudo bem.

– Como?

– Eu vou cuidar disso pessoalmente.

Com as pálpebras cada vez mais pesadas, Cielle disse:

– Estraguei tudo. E a escolha foi minha. Se você quiser sumir de novo, vou entender.

– Nunca mais vou abandonar você, filha.

Visivelmente aliviada, ela perguntou:

– O que você quer de mim?

– Quer saber de verdade? Verdade verdadeira?

– Existe outro tipo de verdade?

– São tantas coisas... – Nate precisou reprimir a vontade de acariciar os cabelos escuros da filha até que ela adormecesse, tal como costumava fazer quando ela era pequena. Em vez disso, começou a massagear a palma da mão, pressionando os ossos menores, procurando afugentar a queimação dos músculos. Também sabia que estava tentando criar coragem para responder. Pigarreou baixinho, depois disse: – Quero a oportunidade de significar alguma coisa para você outra vez.

Mas a essa altura Cielle já estava dormindo.

Então ele virou o rosto para a porta do quarto, para os risquinhos que marcavam a altura dela, os rabiscos de Janie registrando as datas importantes. Primeiro dia no jardim de infância. Aniversário de 5 anos. Formatura do primário. Haveria mais datas como essas? Faculdade, um casamento? À cabeça de Nate veio a imagem do gigante Yuri erguendo sua serra circular, os tendões se estirando sob a pele branca, os tufo de pelo nas axilas. Uma obscenidade.

Janie falou através dos dedos que cobriam sua boca:

– Você está apavorado, não está?

– Não – mentiu ele.

Em seguida, saiu para o corredor e foi ao banheiro da suíte. Fechou a porta, sentou-se no chão. Cobrindo a boca com ambas as mãos, recostou a cabeça no espelho grande da porta. As dores irradiavam do antebraço para o cotovelo feito pequenas garras de fogo. A mão esquerda achava-se completamente rígida e morta contra os lábios. Nate apertou os olhos e mais uma vez pensou nas marcações na porta de Cielle, que paravam mais ou menos na altura dos quadris dele. O pânico desabrochou em seu peito como uma planta venenosa. Ele exalou um suspiro, apertou as mãos ainda mais contra a boca.

Quando enfim ousou reabrir os olhos, não ficou surpreso ao ver Charles sentado sobre o tampo do vaso com as entranhas expostas, as mãos queimadas ainda soltando fumaça. Mas, pela primeira vez, o fantasma não estava sorrindo. Nate foi tomado por uma súbita e avassaladora sensação de impotência, a mesma que o havia acometido diante da casa dos pais de Charles, ele espiando no carro enquanto Grace Brightbill lavava a louça à pia da cozinha, ciente de que sua obrigação era ir até ela e fazer sua notificação de óbito. A mesma impotência que havia sentido noutra ocasião também, sentado ali no mesmo lugar em que Charles se achava agora, incapaz de convencer o corpo teimoso a se deslocar para o quarto vizinho a fim de consolar a mulher em prantos.

- O que eu faço agora? – perguntou ao velho amigo.
- Sabe o que você precisa fazer? – disse Charles. – Precisa seguir em frente.
- Minha mão está doendo pra caralho, Charles. Estou perdendo meu *corpo*.
- Você vai conseguir.
- Não, não vou. Sou o cara que amarelou naquele helicóptero, lembra?
- Bobagem – retrucou Charles. – Você é o cara que se jogou no mar para salvar uma moça enquanto todo mundo só ficava olhando.

Janie bateu à porta, fazendo vibrar o espelho contra os ombros de Nate. Charles ergueu os olhos na direção do ruído e abriu um sorriso enigmático.

Foi com uma voz de medo e preocupação que Janie perguntou:

- Você está bem?
- Estou – respondeu Nate, ficando de pé. – Estou bem, sim.

Esforçando-se para aquietar a mão, Nate levou à boca uma colher de sopa de tomate. Pressionado pelo interrogatório de Janie, confessara que não havia colocado nada na boca em um dia e meio, e ela havia esquentado uma Campbell's. Se havia um bom momento para um pouquinho de *comfort food*, aquele não poderia ser melhor.

Em razão da mão trêmula, Nate depôs a colher lentamente para que ela não rebatesse na borda do prato.

– O prazo para que aquela lista esteja nas mãos de Pavlo Shevchenko se esgota em 48 horas – disse. – Nossa única vantagem é *saber* que agora não temos

uma lista para entregar.

– Só mais dois dias para encontrar um plano B.

– Amanhã você e Cielle vão pegar um avião para bem longe daqui. Mas vamos tomar o maior cuidado do mundo. Comprar as passagens no aeroporto mesmo, algumas horas antes do voo. Não importa quanto vai custar. E vamos deixar a casa separados, um de cada vez.

– Mas e se ele descobrir mesmo assim?

Nate apertou os dentes, depois retrucou:

– O acordo era que *eu* não fugisse. Nada foi dito sobre vocês duas. Vou ficar aqui, bem à vista deles.

– Fazendo o quê?

– Aquele agente do FBI, o Abara... Ele desconfia de mim. Mas também sabe que o buraco dessa história é mais embaixo.

– Você pretende falar com ele?

– Sim, mas... o que tenho para dar a ele agora? A história de uma lista queimada? Preciso de algo mais concreto que isso. Concreto o bastante para que ele possa investir contra Shevchenko e sua gangue e botar aquela gente na cadeia o mais rápido possível. Algo sério o suficiente para que eles sejam presos sem direito a fiança.

– Uma indicição por homicídio, por exemplo – disse Janie.

– Exatamente. Preciso descobrir *por que* Shevchenko quer matar aquelas pessoas da lista. Se eu descobrir o que o vincula à professora assassinada ou aos outros nomes, talvez tenha algo para entregar ao Abara e dar a ele a chance de nos tirar dessa encrenca. Se o ucraniano for preso, de repente você e Cielle podem entrar num Programa de Proteção a Testemunhas, sei lá.

– Proteção a Testemunhas. Meu Deus... – Janie tirou a panela do fogão, colocou-a na pia e abriu a torneira, fazendo fumaça. – Mas o que você vai poder fazer agora que Cielle queimou a lista? A gente nem sabe mais os nomes que estavam escritos nela.

– Sabemos pelo menos três. – Nate puxou o computador para si e acessou o histórico de navegação na internet. Tal como previsto, lá estavam as últimas três buscas que ele havia realizado: Patrice McKenna, de Brentwood; Luis Millan, de Marina del Rey; e Wendy Moreno, de Westchester. – Amanhã começo por aqui.

Janie empurrou o prato de sopa na direção dele e falou:

– Coma mais um pouco.

Ele já ia alcançando a colher quando percebeu que a mão tremia, talvez em razão da energia consumida na digitação. Rapidamente tratou de escondê-la, levando-a para o colo. Tarde demais, pois Janie já havia notado. De novo. Ela contornou o balcão e se postou diante dele, tão perto que as pernas de um roçavam as do outro.

Gesticulando como uma enfermeira impaciente, disse:

– Deixe-me ver.
– Não precisa. Estou bem.
– Ande, deixe-me ver. Tenho uma dívida com você, Nate. Aquele dia na praia.

Ele forçou um sorriso, depois retrucou:

– Aquele tsunami depois da tempestade tropical...
– Exatamente. Você salvou a minha vida.
– Nada disso. Foi você que salvou a minha.

Janie cravou os dentes no lábio carnudo, mal conseguindo disfarçar a emoção.

– Deixe de filosofia. Não combina com você.

A proximidade entre eles agora parecia gritar. Ela de pé, ele sentado no banco. As coxas dela pressionando de leve os joelhos dele. Os lábios dela um pouco mais altos que os dele, mas próximos o bastante. Eles se encaravam como se buscassem decifrar algum código secreto nos olhos um do outro. Nate rezava silenciosamente para que ela não se afastasse, e ela não se afastou.

Janie começou a girar no dedo sua aliança de noivado, mas levou alguns segundos para se dar conta do que estava fazendo. Baixou os olhos para o diamante e aos poucos foi falando:

– Acho que no fundo... mesmo tendo dito “sim”, eu sabia que aquilo não fazia o menor sentido. Mas aí o tempo foi passando e... e essa *coisa* foi ganhando uma dimensão que... – Então ela reergueu os olhos para Nate e disse: – Que bom que você está aqui. – E sem hesitar: – Ele nunca foi você.

Nate se inclinou no banco, levando os lábios para os dela, porém sem nenhuma imposição. Janie se adiantou e pousou as mãos no rosto dele, mas subitamente enrijeceu e se desvencilhou dos braços dele.

– Desculpe – disse. – Olhe, com tudo isto que está acontecendo...
– O quê? – perguntou ele.
– E se isto não for real?
– É real.

Janie abriu um sorriso triste, recuou alguns passos e saiu na direção da escada.

CONDOMÍNIOS CAROS SE ENFILEIRAVAM à beira do mar em Marina del Rey, sólidas estruturas de vidro espelhado cercadas por uma carapaça de varandas. O fim de semana já esquentava as turbinas: universitárias tomavam suco nas esquinas, surfistas pedalavam com uma prancha sob o braço bronzeado. Uma brisa soprava do mar para os pequenos barcos da marina, trazendo com a maresia o leve cheirinho de esgoto das marés baixas.

A Lincoln Boulevard era uma das fronteiras que demarcavam a separação de classes: os apartamentos a leste dela não tinham vista para o mar ou para os cafês orgânicos da orla. O prédio em que Luis Millan morava, pelo menos segundo informavam diversos diretórios on-line, tinha três andares e fachada de gesso chapiscado rosa com ornamentações de bolo de noiva. Caminhões de obra proliferavam no estacionamento, no fundo do qual ficava uma oficina. Os aparelhos de ar-condicionado se projetavam da fachada, pingando na rua e ameaçando cair sobre algum pedestre à maneira de um desenho animado.

Depois de rodar pelo quarteirão algumas vezes para se certificar de que não estava sendo seguido, Nate subiu o primeiro lance de escada, novamente conferiu o endereço e tocou a campainha. Ainda não havia concebido um pretexto para sua visita, mas com a experiência que tinha em bater de porta em porta para dar más notícias, achou que acabaria encontrando o que dizer.

O sujeito que o recebeu usava um chapéu panamá, bermudas e uma camiseta de gola em V. A barba era rala e muito elaborada: um tufo pequeno e isolado sob o lábio inferior, um risco fino ao longo dos maxilares e outro sobre o lábio superior, ambos com o aspecto de que haviam sido desenhados a lápis. A corrente de ouro que trazia ao pescoço parecia ter sido comprada em algum camelô lá pelos anos 1980, destacando-se ainda mais em razão do colar cervical que acima dela mantinha a cabeça do homem tão ereta quanto a de um rei. Embora fosse magro, duas bolotas de músculo estufavam a camiseta na altura dos ombros. No sofá da sala, dois outros homens se divertiam com um Xbox, manipulando *joysticks* que de tão sofisticados poderiam aterrisar um jato.

– Luis Millan?

– Eu mesmo – confirmou o homem.

– Podemos conversar um minuto? A sós?

Apontando para o colar cervical, que Nate percebeu estar de cabeça para baixo, Millan disse:

– Você é do plano de saúde?

– Não.

– Tenho a impressão de que conheço você. Por acaso não estudou na North Hollywood High?

– Não. – Nate olhou para seu relógio. Três horas antes ele havia tentado

colocar Janie e Cielle num avião para Nova York, onde elas ficariam invisíveis entre nove milhões de pessoas. – Olhe, desculpe atrapalhar o seu sábado, mas realmente preciso falar com você.

Luis deu um passo para trás, deixou que ele entrasse.

– Ai, pessoal. Podem ir vazando. Vocês ouviram o cara.

Resmungando, os amigos de Luis se levantaram do sofá e se despediram do anfitrião com um complicado ritual de tapinhas e soquinhos das mãos. Luis buscou uma cerveja na geladeira e se recostou num dos armários da pequena cozinha.

– Tem certeza de que não é da seguradora? – perguntou.

– Tenho.

Só então retirou o colar cervical, jogou-o para o lado e esfregou a pele avermelhada do pescoço, aliviado.

– Fodi o pescoço. Um acidente. Precisei fazer fisioterapia e tudo, mas essas merdas de seguradoras só acreditam se a gente parecer tão fodido quanto o Christopher Reeve. Então meu advogado sugeriu que eu usasse esse troço aí.

Ele jogou alguns comprimidos de aspirina na palma da mão e os tomou. Nate lembrou-se então de que já estava atrasado para seus remédios da manhã; tirou do bolso um Riluzol e um antibiótico, atirou-os na boca e procurou um copo à sua volta. Luis não fez mais do que estender a garrafa de cerveja na direção dele. Dando de ombros, Nate pegou a garrafa e engoliu os comprimidos com a Pacifico de Luis Millan.

Ao receber sua cerveja de volta, Luis disse:

– São para quê? Os seus remédios.

– Só uns analgésicos.

– É, meu amigo. A velhice é uma merda. – Ele fez uma pausa, pensativo. – Mas eu até que dei sorte. Podia ter sido bem pior.

– É, podia – concordou Nate e se recostou na geladeira. – Preciso fazer um monte de perguntas esquisitas.

– Manda bala.

– Já ouviu falar de um homem chamado Pavlo Shevchenko?

– Não.

– Conhece uma certa Patrice McKenna?

– Também não.

– E Wendy Moreno?

– Não, cara. Será que você é de um daqueles programas de televisão e veio aqui para dizer que tenho uma filha que ainda não conheço?

– Não, não é nada disso. – Nate procurou um novo ângulo de ataque. – Você trabalha com o quê?

– Peças automotivas.

Luis apontou para o balcão que dava para a sala e sobre o qual se

acumulavam pilhas e mais pilhas de catálogos, além de pranchetas de faturas.

– Você trabalha em casa?

– Minha base é em Torrance. Mas viajo pra caramba.

Nate correu os olhos pelo apartamento. Um pôster velho dos L.A. Raiders ameaçava cair da tachinhas que o prendiam à parede. Ímãs da cadeia de autopeças Pep Boys prendiam diversos papéis à geladeira: cupons da Domino's Pizza, um panfleto com horários de ônibus para o aeroporto, fotos de Luis numa lancha com diversas mulheres de biquíni, uma garrafa de cerveja Pacífico na mão e um sorriso largo o bastante para deixar os molares à mostra. Uma pilha de chaves inglesas jazia no carpete encardido da sala feito uma mixórdia de ossos; algo nelas lembrava os canivetes de caça recebidos pelo correio por Danny Urban.

Nate decidiu ir direto ao ponto. Respirou fundo e disse:

– Alguém teria algum motivo para matar você?

A garrafa de cerveja já estava quase na boca de Luis, mas ele a baixou novamente e franziu a testa. Dali a pouco, deu uma risada e perguntou:

– Serve uma ex-mulher?

– Estou falando sério.

– Que motivo alguém teria para me matar?

– Sei lá.

– Você está falando desse sujeito aí... esse tal de... Pablo Shovechinko? Quem é o cara? E de onde ele me conhece?

– Não sei.

Luis cofiou o finíssimo bigode, pensou um pouco.

– Você disse que seu nome é...

– Eu não disse.

Luis meneou a cabeça lentamente. Deu um último gole na cerveja e depôs a garrafa vazia na bancada a seu lado, mas sem largá-la.

– Acho melhor você vazar, companheiro.

– Tudo bem. Mas acho que você precisa saber de uma coisa: seu nome estava numa lista. Tem um pessoal aí querendo pegar você. Não sei dizer por quê. Estou tentando descobrir. Mas, se você puder se mandar da cidade, fazer uma dessas suas viagens de negócio, agora seria um bom momento.

Luis estreitou as pálpebras até reduzir os olhos a dois riscos finos.

– Espere aí. Agora eu sei de onde conheço você. O cara daquele assalto no First Union. O que perdeu as estribeiras na entrevista com os jornalistas.

– Não – disse Nate. – Não era eu.

Eles ficaram olhando um para o outro, piscando, ambos incertos quanto ao próximo passo a dar. Nate se achava encurralado na pequena cozinha. Um impasse.

Por fim, Luis deu um passo para o lado, abrindo uma estreita passagem para

que Nate saísse. Espremendo-se através dela, Nate sentiu o bafo de cerveja que o homem exalava, notou que ele ainda apertava o pescoço da garrafa entre os dedos, mas sem erguê-la.

Luis esperou que ele saísse para o corredor e chutou a porta com uma de suas botas pretas.

ELES AGORA ESPERAVAM DIANTE do portão de embarque, tentando se misturar aos executivos e estudantes, às famílias carregadas de câmeras fotográficas e pacotes de fraldas. Janie também havia comprado uma passagem para Nate de modo que ele pudesse acompanhá-las até a porta do avião. Num constante estado de alerta, ele vinha estudando cada rosto que se aproximava, avaliando todas as rodas de passageiros, olhando para trás a cada dois passos. Como sempre, a movimentação era grande no aeroporto de Los Angeles, e as pessoas haviam se afunilado na inspeção de segurança. Enquanto via a multidão passar lentamente para o outro lado, Nate se dera conta de que aqueles poderiam ser os últimos minutos que teria ao lado da mulher e da filha. Quando enfim alcançaram o portão de embarque, os passageiros dos assentos do fundo já estavam sendo chamados.

Durante boa parte da manhã, Cielle havia permanecido soturna e praticamente muda, não fossem os inúmeros telefonemas sussurrados para Jason. Enquanto Nate fazia sua visita a Luis Millan, Janie havia tratado de sacar o máximo de dinheiro do banco e se certificar de que teria pleno acesso a seus recursos em Nova York, por mais magros que fossem. Não se tratava exatamente de um plano de longo prazo. Nate sabia muito bem que, se porventura voltassem a enterrá-lo num bloco de gelo no domingo seguinte, os problemas começariam a chover na cabeça de Janie no mesmo instante. Ela agora conferia e reconferia os documentos, a bolsa, o telefone e a bagagem de mão num ciclo ininterrupto de pequenas distrações que afastavam de sua cabeça o quadro geral das circunstâncias.

A comissária chamou mais um grupo de passageiros, o último antes do de Janie e Cielle. O tempo era curto também de outra maneira: Nate precisava visitar Wendy Moreno, o outro nome na lista de Urban, em Westchester na esperança de encontrar algum vínculo concreto com Shevchenko, algo que pudesse interessar ao FBI. A geografia era conveniente: o endereço de Moreno ficava apenas alguns quilômetros ao norte do aeroporto.

Nate respirou fundo e se aproximou de Cielle para se despedir. Vendo a preocupação no olhar dela, intuiu que enfim ouviria da filha alguma palavra de carinho ou consolo. Chegou a se alegrar um pouco com isso, mas caiu na real quando ela limpou o nariz e disse:

– Quando é que o Jay vai poder encontrar com a gente?

Apesar da sensação de que havia levado um chute no estômago, Nate disfarçou o melhor que pôde e deu a típica cartada paternal:

– Pergunte para a sua mãe.

Por fim, elas foram chamadas, precisavam ir. Nate se adiantou para abraçar Cielle, e ela fez o mesmo, mas de um jeito hesitante. O abraço que trocaram foi

curto e mecânico, dois robôs simulando um hábito humano.

Antes que ela se afastasse, Nate baixou o tronco para fitá-la diretamente nos olhos.

– Quando você nasceu – falou –, fomos com você para casa e a ideia era que você dormisse na nossa cama, com a gente. Mas você era pequenininha demais, e eu, grande demais. Eu morria de medo de rolar na cama e esmagar você, sufocá-la, e por isso não conseguia dormir. Foram várias noites de insônia até que sua mãe resolveu colocá-la num berço do lado da nossa cama. Só então eu consegui dormir.

Cielle o encarava com uma interrogação no olhar.

– Por que está me contando isso agora?

Os pensamentos fervilhavam na cabeça de Nate. Impossível encontrar alguma clareza naquele turbilhão de emoções conflitantes. Os passageiros restantes se afunilavam à porta do *finger*, os últimos grãos de areia de uma ampulheta.

– Não sei.

Janie puxou a filha pelo cotovelo.

– Venha, a gente precisa entrar.

Cielle saiu caminhando para o avião com Janie na sua esteira, carregando toda a bagagem de mão, Nate observando-as de longe.

Janie mal tinha dado alguns passos quando largou a bagagem no chão, deu meia-volta, se jogou nos braços dele e disse:

– Desculpe por não ter ido com você para uma segunda lua de mel em Paris. Desculpe por todas as vezes que gritei com você. Desculpe por ter chamado você de “babaca inútil”.

Nate permaneceu com as mãos erguidas no ar, perplexo, receando que a figura de Janie se dissipasse caso ele retribuísse o abraço.

– Não me lembro de você ter me chamado de “babaca inútil”.

– *Não?* – Ela agora pressionava o rosto quente e molhado de lágrimas contra o pescoço dele. – Você nem imagina quantas noites passei em branco me recriminando por essa e por outras tantas besteiras que fiz com você.

– Na verdade, imagino, sim.

Cielle esperava à porta do *finger* com seu cartão de embarque em punho, mascando o chiclete com impaciência e remexendo na echarpe roxa e verde que parecia ter saído de algum livro do Dr. Seuss. A comissária gesticulava para que elas se apressassem, mascarando a irritação com um sorriso duro.

Ainda com certa hesitação, Nate baixou as mãos para as costas de Janie, que ainda o abraçava sem nenhuma hesitação.

– Obrigado por tudo – disse ele e se desvencilhou.

Janie saiu correndo para o avião e não olhou mais para trás.

Nate começou a perambular diante das amplas vidraças do saguão, vendo as

malas sendo carregadas, o *finger* sendo recolhido, e dali a pouco o 767 foi se afastando do portão, recuando majestosamente. Com as mãos espalmadas contra o vidro, ele foi contando as janelinhas até encontrar a oitava fileira: lá estava ela, Cielle, o suéter puído formando um pontinho preto contra o branco ofuscante da fuselagem. Ela pressionou uma das mãos contra a janela e ele acenou de volta.

O avião foi seguindo seu rumo, praticamente desfilando diante de Nate. E foi aí que ele notou, na fileira seguinte à de Janie e de Cielle, um rosto pálido que preenchia quase todo o espaço da janela. Uma cabeça em forma de bala de revólver com os cabelos raspados rente ao crânio.

Apesar da distância, Nate rapidamente reconheceu aquele nariz achatado, a bocarra que se retorcia num princípio de sorriso. Ao sentir que as mãos doíam, deu-se conta de que elas estavam fechadas, esmurando a vidraça, o vapor de seu próprio hálito embaciando o reflexo do rosto enfurecido.

Yuri ergueu a mão e acenou enquanto o avião deslizava na direção da pista.

–O SENHOR VAI TER DE se acalmar...

Nate se debruçava sobre o balcão da American Airlines.

– Eu já disse que...

– O senhor quer que a gente cancele o voo? Só porque não gostou de um dos passageiros? Cujo sobrenome o senhor nem sabe qual é?

– Não, não é por isso. – Ele olhava através das janelas gigantes do aeroporto. O avião agora taxiava na cabeceira da pista. – Minha mulher e minha filha estão correndo risco de...

– Já providenciamos para que elas recebam seu recado logo no desembarque. Se tiverem algum problema durante o voo, poderão recorrer à nossa equipe de bordo. Por sinal, uma equipe muito bem treinada e...

O restante da resposta se perdeu no estrondo da decolagem do 767. Murcho, Nate recuou do balcão e ficou observando o jato subir pelo céu absurdamente limpo e azul até se resumir a um pontinho escuro no horizonte. Os demais que também acompanhavam a decolagem aos poucos foram voltando para seus jornais ou computadores.

Mais uma vez, ele ligou para o celular de Janie, depois para o de Cielle, mas ambos, claro, já haviam sido desligados. Discutindo consigo mesmo, agora hesitava entre ir embora e ficar, ora se levantando, ora voltando a se sentar, perdido numa liturgia de pânico.

E se Yuri as matasse a bordo? Ou durante o desembarque? Ele não poderia deixar que a mulher e a filha passassem um voo de cinco horas e meia sem saber que seu potencial assassino estava bem atrás delas. Mas que diabo poderia fazer?

O voo 4 da American agora era uma lembrança perdida num mar de nuvens. Já ia longe. Nate não conseguia encher os pulmões, e pela primeira vez não pôde culpar a esclerose. O que Shevchenko teria planejado para Janie e Cielle quando elas pousassem em Nova York?

Deu as costas para as vidraças, quase atropelando o homem que se achava atrás dele, olhando para o outro lado. Já ia se desculpando quando o sujeito, como num filme de terror, foi virando o rosto devagar, rigidamente.

Charles.

Ele abriu a boca e tirou das entranhas chamuscadas uma fantasmagórica nuvem de fumaça, que foi subindo à sua frente. Em seguida riu, impressionado consigo mesmo.

– Sabe quem era meu oficial predileto lá naquele deserto? – perguntou, como sempre completamente alheio ao contexto.

Nate, furioso, por pouco não conseguiu falar.

– Neste exato momento estou cagando baldes para quem era o seu oficial

predileto.

– O tenente Sapólio, lembra dele?

Nate fulminou o amigo defunto com o olhar, mal contendo o impulso de matá-lo ainda mais, caso isso fosse possível.

– Teve um dia em que a gente ia sair para uma operação de reconhecimento e eu passei na sala dele para pegar as coordenadas – prosseguiu Charles. – Ele não estava, mas tinha deixado um bilhete na porta, dizendo: “Na ausência de ordens, deduza quais seriam essas ordens e cumpra agressivamente.” – Ele se aproximou da vidraça e pousou as mãos nela, deixando escorrer fiapos de sangue cor de vinho. – Era um homem engraçado, o filho da puta.

Nate seguiu o olhar de Charles até o ponto do céu em que o avião havia sumido, a esteira de vapor começando a se dissipar. Por mais inconveniente que tivesse sido o timing daquela história maluca, ela ainda esfuziava em sua cabeça, sobretudo as palavras finais: “cumpra agressivamente”. Era isso que precisava fazer.

Nate enfim se afastou do portão de embarque e correu pelo saguão, passando por uma infinidade de lojas, lanchonetes e bancas de revista. Pouco antes da escada rolante que descia para as esteiras de bagagem, avistou aquilo que procurava: um telefone de cortesia. Tirou-o do gancho, se virou para a parede e esperou ser atendido pela telefonista. Tão logo ouviu a voz agradável da moça, disse:

– Estou ligando a respeito do voo 4 da American Airlines. Tem uma bomba a bordo, plantada pelo ucraniano sentado na fila 9. Se vocês não trouxerem o avião de volta, a bomba vai ser detonada.

Ele colocou o fone de volta no gancho e, com a cabeça abaixada, transpôs a pequena distância até a escada rolante. Enquanto descia, ligou para o celular de Janie a fim de deixar um recado na secretária eletrônica: “Janie, preste atenção. Sei que você só pode ligar seu telefone quando o avião estiver taxiando, mas Yuri está neste voo também, logo atrás de vocês. Não olhe para trás. Não dê nenhuma bandeira. Mas tome cuidado. Apague esta mensagem agora mesmo. A polícia vai estar por toda parte quando vocês desembarcarem. Pegue Cielle e vá para junto deles. A essa altura eu já vou saber o que fazer. Ok..”

De repente, viu-se atrapalhado com as palavras, sem saber como terminar a mensagem. Ainda pensava nisso quando aterrissou no movimentado saguão das bagagens.

Imediatamente, o celular foi arrancado de suas mãos, um braço o cingiu pela cintura e um objeto pontiagudo o espetou no flanco com tanta força que ele recebeu ter a pele rasgada caso agisse de maneira precipitada.

Virando o rosto, Nate viu apenas o bico de um boné de beisebol mais ou menos na altura do próprio ombro. O braço o apertou ainda mais, de modo que ele e o baixote agora se moviam como se fossem uma só pessoa. Nate retorceu-

se mais uma vez para tentar ver quem estava debaixo daquele boné.

Foi então que Misha ergueu seu rosto juvenil, os cabelos espremidos quase até os olhos pelo boné.

– Continue andando ou eu furo seu rim com esta chave de fenda – disse ele, e aumentou a pressão na ferramenta.

Nate sentiu uma ardência irradiar da lombar para as coxas.

– Ok, ok Para onde a gente está indo? – perguntou.

– Falar com o Pavlo.

– Como posso saber que ele não vai me matar?

– Porque você ainda está respirando.

Eles não haviam parado de andar. Atravessavam o saguão apressadamente, mas, apesar do movimento, ninguém parecia notá-los. As portas automáticas se abriram e eles saíram para a aridez quente do meio-dia. Quase imediatamente uma van branca se adiantou ao encontro dos dois. A porta lateral se abriu. Valerik esperava num dos bancos traseiros com uma arma no colo e o mesmo rabo de cavalo que de tão enrijecido pelo gel parecia uma escultura de madeira. Açulado pela chave de fenda que o espetava nas costas, Nate saltou para dentro do carro. Em seguida, Misha foi se sentar na frente com Dima.

Valerik fincou o cano de sua pistola no joelho de Nate e Dima arrancou devagar com a van, sorrindo calma e educadamente ao passar pelo guarda que controlava o trânsito do desembarque.

A VAN DEIXOU NATE E Misha numa parte especialmente sinistra do centro da cidade. Cada vez mais preocupado, Nate foi conduzido por uma escada de mármore já um tanto encardida e lascada até um lugar que se apresentava como *banya*, tal como informava a única placa com caracteres ocidentais. Logo pôde constatar que se tratava de uma sauna. Atravessou uma série de pesadas portas de carvalho e, certamente porque estava com Misha, passou direto pelo balcão do outro lado do qual funcionários grisalhos manipulavam caixas registradoras e toalhas. Sentados nos bancos compridos que se enfileiravam diante dos escaninhos do vestiário, homens parrudos e de traços rústicos, nus, conversavam numa língua europeia de sonoridade áspera enquanto comiam sua conserva de peixe ou bebericavam de uma caneca de chocolate quente.

Com a temperatura ambiente subindo a cada passo, eles avançaram por uma parede de mictórios, atravessaram um arco de pedra e chegaram a uma sala onde homens de todos os tamanhos e formatos chapinhavam em piscinas de água gelada, jaziam feito cadáveres em fumacentas banheiras de pé ou se banhavam nas duchas espalhadas sem nenhuma lógica pelo lugar.

Misha empurrou Nate adiante até entrar com ele na sauna a vapor. O ar, além de quente, era denso, pesado, a ponto de fazer Nate engasgar. Homens se espalhavam pelos bancos de mármore que margeavam as paredes do vasto ambiente. Em meio ao vapor, via-se aqui e ali o branco marmóreo de um corpo ou de outro. Todos completamente nus, exceto uns poucos que portavam enormes luvas felpudas ou ridículos chapeuzinhos de feltro em forma de sino. Um funcionário alimentava a caldeira com toras de videiro que exalavam um cheiro tão forte quanto o de eucalipto, porém menos medicinal. O ar externo que invadira o lugar com a entrada de Nate havia aberto uma espécie de túnel de limpidez através do vapor, revelando um vulto masculino sentado bem no centro do banco encardido, a pele já um tanto avermelhada sob o emaranhado de tatuagens.

Pavlo Shevchenko ergueu uma das mãos e no mesmo instante a sauna se esvaziou. Sem pressa nem confusão. As pessoas simplesmente foram saindo aos poucos, pisando o chão molhado, pingando suor.

As roupas de Nate grudavam no corpo, molhadas, opressivas. O calor daquela sauna era algo que ele jamais havia experimentado. Um arremedo do inferno com paredes suarentas de cerâmica branca, não muito diferentes das de um hospital psiquiátrico. Que espécie de gente se submeteria àquilo por prazer?

O vapor se refez, dando a Pavlo o aspecto vago de um fantasma, reduzindo suas tatuagens a meros borrões. O banco muito elevado lembrava um trono. Misha empurrou Nate adiante, e ele agora podia ver com certa nitidez, quase na altura dos próprios olhos, as estrelas tatuadas nos joelhos do ucraniano. *Não me*

ajoelho para ninguém.

O rosto de Pavlo era apenas uma silhueta na densa penumbra da sauna.

– Sei *tudo* o que você faz. Tenho acesso a quase todos os computadores desta cidade. Se você faz uma queixa na polícia, se usa seu cartão de crédito, se compra uma passagem aérea, eu fico sabendo.

Nate deu alguns passos para a frente até conseguir vislumbrar os olhos do homem.

– Você *nunca* disse que minha mulher e minha filha não podiam sair da cidade. Falou que *eu* não podia. E não saí. Ainda estou aqui, trabalhando para entrar no cofre daquele banco.

– Você também tinha uma passagem. No seu nome.

– Só para poder acompanhá-las até o portão de embarque. Elas entraram no avião, eu não.

Pavlo apenas o encarou em silêncio, o rosto esculpido em mármore.

– Onde elas estão agora? – perguntou Nate.

– Em Los Angeles. O voo foi abortado graças ao seu telefonema. Uma cartada inteligente da sua parte. Todos os passageiros foram interrogados. E soltos. Por sorte, Yuri tem um visto de trabalho. Tudo dentro da lei. Preciso de alguém que possa viajar.

– Por favor, não faça nada com elas. Nosso acordo não é esse. E eu não quebrei nosso acordo.

– De joelhos – disse Pavlo.

– O quê?

– *De joelhos.*

Shevchenko apontou para o chão como se estivesse dando ordens a um cão amestrado.

Nate permaneceu imóvel, aturdido, a camisa grudada ao tronco. A cicatriz do ferimento no ombro começou a coçar com tanta intensidade que ele precisou conter o impulso de levar a mão às costas e abri-la com as próprias unhas. O calor estava causando um pandemônio em seus sintomas: a mão e o braço pareciam em chamas, as pernas estavam fracas, os pulmões sorviam com dificuldade o ar empapado. “É assim que você vai se sentir muito em breve”, pensou ele. “O tempo todo.”

Pavlo ficou de pé, causando uma violenta movimentação no vapor à sua volta. Um totem enorme, furioso e suarento.

– *De joelhos!* – berrou.

Um golpe às cegas derrubou Nate no chão: Misha havia chutado uma das pernas dele, fazendo-o cair ajoelhado sobre o piso duro da sauna. Os músculos pareciam gritar com o calor.

Pavlo desbruçou-se e disse:

– Se você acha que vai conseguir entrar naquele cofre, por que entrou em

pânico e foi para o aeroporto?

– Eu tenho *um plano*. Sei que o cofre de Danny Urban é o de número 227, e consegui a chave. O agente Abara quer que eu faça outra reconstituição do assalto para ver se eu me lembro de mais alguma coisa. Por motivos óbvios, o gerente pediu que isso fosse feito num domingo. Amanhã eu vou entrar de novo naquele cofre e vou inventar algum pretexto para ficar sozinho dentro dele.

– Vai precisar de...

– Uma chave mestra, eu sei. Quando estive no banco na quinta-feira, eles me deram um tratamento VIP, me deixaram sozinho do outro lado do balcão dos caixas. – As ideias iam brotando no cérebro de Nate uma fração de segundo antes de saírem pela boca. Ele mentia quase tão rápido quanto conseguia falar. – Consegui fazer uma impressão da chave mestra, e na sexta mandei fazer uma cópia.

Shevchenko franzia a testa, impressionado.

– Nesse caso, por que botou a mulher e a filha num avião?

Nate ameaçou se levantar, mas empurrado por Misha, voltou a se ajoelhar. Estava com dificuldade para respirar e pensar. O braço esquerdo tremia, os olhos ardiam com o suor que escorria da testa. À custa de muito esforço, explicou:

– Minha filha tem um temperamento forte. É difícil lidar com ela. Achei que seria melhor tirá-la do meu caminho. Além disso... – ele inalou um pouco do ar molhado – não confio em você.

O silêncio que se instalou foi tão denso quanto o vapor da sauna. Mas logo Pavlo Shevchenko irrompeu numa sonora gargalhada, dando a impressão de que realmente estava se divertindo com tudo aquilo.

– Essa foi a primeira verdade que você contou até agora – disse e se sacudiu mais um pouco com sua risada de barítono. Uma risada não exatamente alegre. – Você tem problemas com a filha. Ela não o respeita mais. Vocês, americanos, dão muita corda para os filhos. Por isso eles faltam com o respeito. Por isso desobedecem. – Pela primeira vez ele exibiu no rosto uma expressão humana e familiar. – Sobre tudo as filhas. Criaturas impossíveis. Amarram o coração da gente com arame farpado, depois puxam.

Pavlo enfim gesticulou para que Nate ficasse de pé, e ele se reergueu aos poucos em razão das pernas que doíam.

– Você tem uma filha? – perguntou ele, em seguida. – Achei que vocês da máfia russa jurassem não ter família. Só uma irmandade de mafiosos.

– Máfia russa... – disse Pavlo, com um risinho. – Parece ameaçador. Como o Marlon Brando de vocês. Não somos uma máfia. Também não somos russos. E na Rússia, os piores criminosos são os que estão na Duma e no Kremlin. Não existem leis. Apenas brechas nas leis. Além de favores e propinas. Vivemos sob o jugo da guerra já há muitas gerações. Não tememos a Deus. Não acreditamos em nada. Para sobreviver, você precisa ter força. E *vontade* de sobreviver. Aqui

vocês precisam apenas de advogados. Que, aliás, eu tenho também. Um bando deles, quase todos judeus, trabalhando em equipe, virando noites quando é preciso. Protegem meus negócios. Minha liberdade.

Só então ele notou que Nate apertava um braço dolorido contra o abdômen. Nate baixou o braço e o deixou solto, embora a pele ardesse como se alguém a tivesse raspado com uma lixa.

– Um dos seus homens torceu meu braço lá no restaurante – disse rapidamente. – Deve ter quebrado alguma coisa.

Pavlo riu com ironia, depois falou:

– Não somos nossos corpos. Somos mais que isso. Maiores que isso. Isto aqui, a nossa pele, é a nossa jaula. Precisamos ser *mais*.

A caldeira emitia um fluxo constante de calor. Nate já estava com a visão turva. Nunca havia sentido os efeitos da doença de modo tão agudo, os músculos reduzidos a trapos de pano. “E ainda vai piorar”, pensou.

A expressão de Pavlo demandava uma resposta, então Nate apontou para as tatuagens do homem e disse:

– Mas o seu corpo o define.

– Porque está enfeitado? Não. Não sou meu corpo, do mesmo modo que você também não é. Tenho um *código de vida*, e me orgulho dele. Isto aqui? – O ucraniano correu o dedo pelas tatuagens suadas. – São os carimbos do meu passaporte. Minha história de vida. Tatuagens não mentem. Sabe qual era a moeda mais valiosa na prisão? Pigmento. A gente queimava a sola de uma bota, peneirava as cinzas com um pedaço de pano, depois misturava com mijo. A agulha? Uma corda de violão afiada na lixa de uma caixa de fósforo. Mesmo na pior das circunstâncias, a gente encontra um meio de contar nossa verdade. Um meio de dizer: “Esta é a minha promessa. Está gravada na minha carne.” – E então ele bateu no peito inchado, deixando marcas das mãos em ambos os peitorais. – Eu cumpro todas as promessas que estão escritas aqui.

– Então cumpra também a palavra que você me deu – retrucou Nate. – Não toque em minha família. Eu cumpri minha parte, não cumpri?

– Vá para casa. Sua mulher e sua filha estão esperando. Mas de agora em diante elas vão ter de se comportar. Você já sabe que estamos sempre de olho, não sabe? – Pavlo enfim voltou a se sentar, o traseiro nu batendo com estrépito no mármore molhado. – Aproveite a companhia dela nas próximas 36 horas. Da próxima vez que nos encontrarmos, ou você terá sua liberdade de volta ou será obrigado a ver sua filha morrer.

DIMA PAROU A VAN diante da casa de Santa Monica e Valerik enfim ergueu a pistola da perna de Nate. Misha abriu a porta lateral e o empurrou para fora. Após alguns passos cambaleantes na calçada, Nate ouviu um assobio às suas costas. Ao virar o rosto, viu que seu celular voava em sua direção, arremessado por um dos ucranianos. Chegou a erguer a mão, mas não conseguiu pescá-lo a tempo e o aparelho ricocheteou no chão, por sorte sem quebrar. Ele se abaixou penosamente para pegá-lo e a van seguiu em frente, deixando-o sozinho naquele anoitecer que cheirava a grama molhada. No celular, dezessete chamadas de Janie.

Caminhando na direção da porta, Nate sentiu um formigamento no tornozelo e percebeu que o pé esquerdo se arrastava muito ligeiramente sobre o concreto da calçada. O primeiro sinal do manquejar que anunciava, para os acometidos da doença, o início do fim. Não era à toa que Lou Gehrig vinha tendo problemas com as bolas rasteiras. Procurando se concentrar, Nate normalizou as passadas e se apressou na direção de casa, ansioso para ver a mulher e a filha.

A porta se escancarou muito antes que ele a alcançasse. Iluminados por trás, os vultos de Janie e Cielle se remexiam com visível aflição e, certamente, com o alívio de vê-lo de volta. Firmando a perna, Nate seguiu em frente, mesmo vendo que elas agora corriam a seu encontro. Todo o pavor que o vinha afligindo, tão sombrio quanto a noite que ameaçava cair, foi perfurado por um raio de luz, uma profunda gratidão pelo abraço que estava por vir.

Três da madrugada.

Ao lado de Janie no sofá, Nate massageava o antebraço enquanto admirava a filha na poltrona. Cielle olhava para o nada, atônita, batendo maquinalmente a ponta da echarpe contra a boca. Vendo aquilo, Nate mais uma vez se lembrou do que estava em jogo e precisou desviar o olhar de modo que a represa das emoções não cedesse dentro dele. Aquele havia sido um dia sem começo nem fim, apenas um prolongado episódio de sofrimento, avançando nas horas como um animal ferido que se recusa a morrer.

Após a visita forçada à sauna, havia tomado uma ducha, trocado de roupa e pegado emprestado o carro de Janie para procurar Wendy Moreno, um dos nomes na lista de Danny Urban, o último que eles tinham. Batera à porta dela, mas sem resposta, e após uma interminável espera de seis horas, deduzira que a mulher passaria a noite fora. Voltara a Santa Monica num estado de exaustão que beirava o torpor. Durante todo esse tempo, Janie havia revirado a internet pelo avesso para descobrir o que fosse possível a respeito de Patrice McKenna, qualquer coisa que pudesse vincular o assassinato da professorinha de Brentwood a Pavlo Shevchenko. Mas não encontrara muita coisa além dos testemunhos de

parentes e vizinhos consternados, variações de um mesmo tema: Patrice era um dos pilares de sua comunidade, a última pessoa a merecer semelhante fim.

Só mais 22 horas até a hora H, e eles ainda não tinham uma única migalha para entregar ao agente Abara. Na verdade, cada tiro n'água os jogava de volta à tenebrosa realidade dos fatos: nem sequer sabiam o que estavam procurando.

Restava-lhes então requestrar o plano B do plano B: na manhã seguinte, Nate voltaria ao endereço de Wendy Moreno na esperança de encontrá-la em casa e, por obra de algum milagre digno de Sherlock Holmes, tirar dela uma informação que pudesse virar aquele jogo contra Pavlo Shevchenko. Wendy morava perto do aeroporto, e ele poderia deixar Janie e Cielle no estacionamento para que elas buscassem o jipe, que acabara pernoitando ali, já que Nate havia sido sequestrado por Misha. Janie voltaria com o carro para Santa Monica, colocaria as malas dentro dele e permaneceria acintosamente em casa, na hipótese de que algum dos homens de Shevchenko estivesse de plantão. Nate ligaria assim que possível. Caso não encontrasse com Wendy a pista mágica para entregar a Abara e ao FBI, voltaria rapidamente para casa e eles fugiriam juntos de Los Angeles, muito antes do prazo de meia-noite dado por Shevchenko.

– Sem cartão de crédito – disse ele. – Sem reserva de passagem ou de hotel. Sem nenhum telefonema.

Janie olhou para Cielle e falou:

– Isso inclui Jason, ouviu bem?

Cielle crispou o rosto numa careta, revoltada com a injustiça de tudo aquilo, e estava prestes a dar sua opinião quando reparou algo na expressão de Nate.

– Que foi? – perguntou.

– Nada, meu anjo.

Franzindo as sobrancelhas, ela insistiu:

– E o nosso acordo? Você prometeu que não ia esconder mais nada de mim, esqueceu?

Nate baixou os olhos para as próprias mãos.

– Não consigo respirar direito desde que... Esse calor, acho que é isso que está acabando comigo. Primeiro foi o braço, depois os pulmões e agora a porcaria do tornozelo...

Uma olhadela na direção da filha bastou para que ele se calasse. As palavras haviam saído numa enxurrada, mais intensas do que havia pretendido.

Então balançou o braço de leve, tentando ressuscitá-lo.

Janie apontou para ele, dizendo:

– Você precisa de uma...

– Não, não. Estou bem – respondeu Nate.

Em seguida, pousou o braço na perna e correu o polegar sobre o músculo.

Cielle sentou-se sobre as pernas cruzadas e perguntou:

– Dá muito medo?

– A doença?

Ela fez que sim com a cabeça, depois a segurou com os punhos, fincando os cotovelos nos joelhos. Poderia ter 6 ou 10 anos.

– Como *que é*? – insistiu.

Nate podia sentir que Janie também o encarava, esperando a resposta. Fez-se um silêncio breve, porém elétrico.

– A doença ensina que nenhuma parte do nosso corpo é sagrada – respondeu Nate, enfim. – Mas que outras pessoas são.

QUANDO A PORTA DA garagem se levantou, revelando o céu cinzento da manhã, Nate pôde ouvir um acelerar na respiração de Janie e Cielle. O mundo havia se tornado um lugar diferente, povoado por acordos sinistros e olhos escondidos. Devagar, foi dando ré no carro de Janie, a rua entrando aos poucos em seu campo de visão, mas aparentemente não havia ninguém por ali. Nenhum sedã preto. Nenhum brutamontes de botuca atrás da árvore. Mesmo na autoestrada, seguindo rápido para o aeroporto de Los Angeles, Nate ainda sentia o coração tamborilando forte no peito.

Depois de deixar Janie e Cielle no estacionamento para buscar o jipe, Nate continuou seguindo na direção norte, para a casa de Wendy Moreno. Ao parar diante de um sinal vermelho, notou uma *board shop* diante da qual alguns garotos andavam de skate e outros fumavam, um mundo no qual ser descolado ainda tinha lá alguma importância. A *vibe* dos skatistas lembraram-no da malfadada visita que havia feito a Luis Millan, em Marina del Rey, apenas alguns quilômetros ao norte.

Era nisso que pensava quando sentiu um arrepio, prenúncio de uma estranha conjectura. Então parou o carro, tirou um mapa e uma caneta do porta-luvas e circulou os endereços de Wendy Moreno, Luis Millan e Patrice McKenna. Os três pontos praticamente definiam uma reta de norte a sul.

Que diabo isso poderia significar?

Batendo a caneta contra o papel amarfanhado do mapa, queimou os miolos por um tempo, depois dobrou o papel e o guardou no bolso. Três alvos enfileirados. De que maneira isto seria relevante? Que motivo teria Shevchenko para querer matar três desconhecidos cujos endereços se alinhavam?

Nate removeu a pergunta durante todo o trajeto até a casa de Wendy Moreno. O endereço ficava num bairro residencial, mas a rua em si era uma espécie de corredor e o movimento nela, razoavelmente intenso. Sempre com um olho no retrovisor, Nate deu algumas voltas no quarteirão até se certificar de que ninguém o seguia.

Na varanda da casa, enquanto esperava ser atendido, viu-se assolado por mais perguntas. E se Wendy estivesse fora da cidade? E se de algum modo os homens de Shevchenko já a tivessem identificado? E se ela não tivesse respondido na véspera porque já estava morta do outro lado da porta, empapando o carpete de sangue?

Mal tivera tempo de dar rédeas a essas possibilidades quando viu um Honda Civic estacionar diante da casa. Uma mulher de óculos, na casa dos 30 anos, desceu do carro e veio caminhando na direção dele. Trazia os sapatos de salto nas mãos enquanto endireitava o vestido de noite. Os cabelos estavam uma bagunça. A noite certamente não havia sido planejada.

– Wendy Moreno?

– Eu mesma.

– Posso falar com você um instante? Uma pessoa me deu seu nome, tenho umas perguntas que gostaria de lhe fazer.

– *World of Warcraft*? – Subitamente, ela ficou envergonhada. – Desculpe, achei que fosse um vendedor. Entre. Espere só um minuto. Preciso... você sabe.

Nate entrou na casa, que não era grande, e se acomodou no sofá, de onde pôde ouvir a moça ir para algum banheiro e abrir uma torneira. Dali a pouco ela voltou com um aspecto bem mais apresentável e perguntou se Nate queria um café ou uma água. Com um copo de água gelada nas mãos, ele deu início a seu interrogatório. Não, ela nunca tinha ouvido falar de Luis Millan, Patrice McKenna ou Pavlo Shevchenko.

– Espere aí – disse Wendy, em seguida. – Não estou entendendo. Achei que você fosse do pessoal que conheci lá na Blizzcon. A que comunidade você pertence?

Nate encheu os pulmões lentamente, contemplando toda a merda que poderia advir caso o momento seguinte fosse mal administrado. Um avião passou rugindo no alto, dando-lhe mais alguns preciosos segundos antes de confessar:

– Olhe, não conheço você do *World of Warcraft*. Seu nome era um entre tantos na lista de um homem muito perigoso, um criminoso. Você fez alguma coisa para entrar no radar dele.

Wendy deu uma risada, colocou uma mecha dos cabelos atrás da orelha, depois disse:

– Você está brincando, certo? Foi o Scytharian que mandou você aqui, não foi?

– Não, Wendy. Isto não é um jogo. É a realidade.

Seguiu-se um ir e vir em que as mesmas perguntas eram formuladas de forma diferente e respondidas com outras palavras, até que por fim Wendy Moreno se deu por convencida.

– Caramba... – disse. – A polícia já sabe disso?

– Ainda não. Só eu. Queria alertar você. Sei lá, de repente você poderia sair da cidade até que um de nós descubra o que realmente está acontecendo.

– Sair da cidade até que não seria difícil. Conheço um monte de gente do *World of Warcraft*. Gente de todo lugar. Mesmo assim... Caramba.

– Tem certeza de que não se lembra de nada? Alguma coisa que você possa ter feito para pisar no calo de...

– De um chefão da máfia ucraniana? Eu me lembraria de uma coisa dessas, não acha? A menos que ele também pertença ao *World of Warcraft* e seja um mau perdedor.

– Não faz o tipo.

Wendy começou a ofegar e dali a pouco estava chorando, sacudindo com os

soluções que ameaçavam sufocá-la. Depois de um tempo respirou fundo, fazendo estremecer o peito, se recompôs e disse:

– Puxa... Como as coisas mudam de uma hora para a outra... Tudo está normal na vida da gente e, de repente...

– De repente, vem uma onda e... *tchum!*

– Uma onda, exatamente.

Ela retirou os óculos, limpou as lentes.

Guiado pelos hábitos da profissão, que incluíam consolar e facilitar, Nate perguntou:

– Tem alguém para quem você possa ligar? Alguém que lhe ajude a mapear os próximos passos?

Mas, ao que parecia, Wendy estava interessada em questões mais existenciais do que de ordem prática.

– O destino é uma merda. Já parou para pensar nisso?

Nate girou o tornozelo, testando-o. Desde que acordara não havia sentido dormência alguma no pé, como se as poucas horas que havia dormido tivessem bastado para lhe devolver a firmeza do passo. Este era um dos problemas com a esclerose lateral: ela se instalava aos poucos, com idas e vindas nos sintomas. Todos sabiam muito bem onde dava aquela estrada, só não era possível prever o comportamento dos sintomas.

– Tenho pensado cada vez mais nos últimos tempos – respondeu Nate. – Nas bombas que consegui evitar. Nas outras que explodiram na minha cabeça.

Wendy deixou os óculos de lado. Estava pálida, o rosto ainda molhado de lágrimas.

– Uma vez presenciei um acidente de carro – contou. – Um Jaguar furou o sinal no cruzamento e... *bum!* A maior porrada. Era uma mocinha que estava dirigindo. Uma patricinha sem noção, completamente chapada. Mal conseguiu ficar de pé quando saiu do carro. Estava com o rosto todo ensanguentado. Mas o outro carro... *O outro carro...* Putz. Era um Volvo. Supostamente um carro seguro, certo? Pai, mãe e um bebê na cadeirinha de trás. Perda total. Ficou parecendo uma lata de cerveja amassada, sabe como? Reduzido a um monte de... *peças*. Bem ali na nossa frente. Daí fiquei pensando: mais dois segundos e a porcaria do Jaguar teria batido na gente. Dois ou três segundos, não mais que isso. Se eu tivesse saído de casa mais rápido, ou se tivéssemos acelerado mais depois de arrancar no último sinal, ou se a patricinha tivesse espirrado e tirado o pé do acelerador por uma fração de segundo, sei lá...

Ela mordiscou uma cutícula e prosseguiu numa espécie de transe, as palavras acachapadas pelo peso do conteúdo.

– As imagens ainda estão todas aqui, na minha cabeça. O celular escorregando do banco... Os bichinhos de pelúcia no asfalto... Aí fico imaginando: podia ter sido eu. Fico pensando na sorte que tive e depois me sinto

culpada por ter tido a sorte que aquela família não teve. Mas não consigo evitar. Penso: *graças a Deus* que aquele Jaguar não me pegou. Mas quer saber de uma coisa? A porra daquele Jaguar não me pegou naquele dia, mas pegou agora, não pegou? – Ela assoou o nariz num lenço. – Tudo na vida tem um preço, não tem?

– É, tem – disse Nate, mas sua cabeça já vagava noutra direção, trazendo de volta a imagem de Luis Millan com o colar cervical invertido.

“Fodi o pescoço. Um acidente.”

Espasmos de cognição, palavras e imagens se encaixando mais rapidamente do que Nate era capaz de processar. O rugido do avião que passava no alto. O panfleto pregado com um ímã da Pep Boys na geladeira de Luis. “Viajo pra caramba.” O rosto fantasmagórico de Shevchenko no vapor da sauna, a primeira centelha de humanidade no olhar dele ao dizer: “São criaturas impossíveis. As filhas. Amarram o coração da gente com arame farpado, depois puxam.” Nate pescou o mapa do bolso traseiro das calças, examinou os endereços que havia circulado. Aquela linha reta, de norte a sul. Ele correu o dedo por ela, ligando os pontos até chegar ao Aeroporto Internacional de Los Angeles.

Wendy dizia algo:

– ... se você acha que Chicago é longe, então...

– Você estava no ônibus do aeroporto – falou Nate lentamente. – Quando presenciou esse acidente com o Jaguar.

Wendy se calou de repente com um lenço de papel a meio caminho do nariz.

– Como você pode saber *de uma coisa dessas*? – perguntou em seguida, boquiaberta. – Eu estava indo ao casamento de uma amiga que conheci na internet.

– Tinha oito pessoas naquele ônibus – prosseguiu Nate. – Uma delas era um hispânico. Que machucou o pescoço.

– Exatamente. Um cara que teve uma lesão cervical. Nosso motorista praticamente *ficou de pé* em cima do freio.

– A moça que estava dirigindo o Jaguar... Vocês todos viram quando ela fugiu do local do acidente?

– Ela passou do lado do ônibus, trocando as pernas.

– O policiais pegaram a motorista?

– Pegaram. Mas só mais tarde. Até prestei um depoimento. Me ofereci para testemunhar caso eles... – Nesse momento ela empalideceu, dizendo: – Meu Deus... O tal ucraniano. Pavlo Shevchenko. A moça do Jaguar era filha dele.

Nate ficou de pé, tirou o celular do bolso.

– Você precisa sair da cidade. Imediatamente. Volte para o seu carro e caia na estrada. Shevchenko ainda não tem o seu nome, mas é melhor você não arriscar.

Wendy ainda chamou por ele, mas Nate seguiu adiante, movendo-se de forma mecânica, quase no piloto automático, a cabeça fervilhando com os

pensamentos. Já estava na varanda da casa quando Janie atendeu a ligação. Suspeitando de uma possível escuta na linha fixa, ele havia ligado para o celular dela.

– Os nomes na lista – disse. – Aquelas pessoas... todas elas foram testemunhas oculares de um acidente de carro que matou algumas pessoas. Era a filha de Shevchenko quem estava ao volante. Completamente bêbada.

– Jesus.

– Estou indo procurar o Abara. Acenda todas as luzes, deixe bem evidente que você está em casa. Me espere. Não sei quanto tempo vou levar com ele, mas vou buscar vocês bem antes de acabar o meu prazo.

– Mas... E se os homens do Shevchenko descobrirem que você está indo falar com o FBI agora?

– Não se preocupe. Falei para o Shevchenko que ia procurar o Abara hoje, que isso fazia parte do meu plano para entrar no cofre do banco. – Nate teve a impressão de que havia algo de estranho na rua, mas, quando correu os olhos por ela, viu que tudo estava normal e tranquilo. Nenhum carro suspeito. Nenhum ucraniano à espreita. Destrancou o jipe e disse: – Mantenha o revólver por perto.

Janie desligou e ele já ia entrando no carro quando se deu conta do que havia chamado sua atenção na rua: ela estava tranquila *demais*. Mais cedo, enquanto esperava Wendy, ele havia notado a movimentação constante dos automóveis, dos quais agora não havia o menor sinal. Nate bateu a porta do jipe e arrancou sem nenhuma pressa.

À sua frente, nada. Tampouco atrás.

O único movimento na rua era o das folhas secas que roçavam o asfalto, tocadas pelo vento.

De repente, no entanto, uma algazarra de motores quebrou o silêncio. Assustado, Nate viu uma frota de SUVs pretos surgir por todos os lados à sua volta, de tal modo sincronizados que poderiam fazer parte de um comercial de TV, um depois do outro, uma coreografia de balé. Completamente cercado, Nate agora ouvia os berros dos policiais que iam descendo de seus respectivos carros com armas apontadas para ele.

Dali a pouco, foi Abara quem surgiu à frente deles. Puxou Nate para fora do jipe, deitou-o habilmente no asfalto, imobilizou-o com um joelho nas costas e o revistou da cabeça aos pés, dizendo:

– Nate Overbay, você está preso.

– Posso saber *por quê*?

– Por emitir um alerta terrorista falso junto a uma companhia aérea americana. – Nem um pouco preocupado com as dores que poderia estar infligindo, Abara levantou Nate pelo dorso da camisa e pelo cinto até deixá-lo de pé. – Se está esperando aquele boquete – disse –, pode esquecer. Porque agora, Overbay, você vai levar direto na bunda.

Empurrado pelos policiais, Nate foi tropeçando até sumir no interior escuro de um dos SUVs.

QUANDO PAVLO ENTROU NA cozinha, Nastya estava comendo caviar vermelho numa fatia de pão *borodinski*, limpando as migalhas da boca com o dorso da mão. Dima e Valerik sentavam-se com ela à mesa, bebendo shots de vodka com raiz forte. Nastya vinha contando uma história, gesticulando de um modo engraçado com os braços graciosos enquanto os homens riam, enfeitados pelo charme dela. Usava um exíguo top preto e uma minissaia da mesma cor que deixavam à mostra o corpo feito de mulher, muito embora ainda fosse essencialmente uma menina que falava de boca cheia, ria à larga e usava óculos escuros mesmo quando estava dentro de casa e já havia escurecido. Um pingente no formato de uma lâmina de barbear, feito de algum metal espesso e afiado nas bordas, pendia de um cordão preto sobre o colo ossudo.

Misha permanecia sozinho junto à bancada, bebendo de sua garrafinha de *tarkhun*, um refrigerante verde-vivo da Geórgia, sabor de estragão. Com os dedos da mão livre ele remexia um par de algemas pretas como se rezasse um terço com elas. Olhava para a novela russa que passava na televisão de parede, mas não a via, os pensamentos em outro lugar, insondáveis como sempre.

Mais seis horas e meia de espera e depois disso eles saberiam o que fazer com Nate Overbay. Se recebessem a lista com todos aqueles nomes, muito em breve sete corações parariam de bater e a paz voltaria a reinar no mundo.

Parado à porta, Pavlo admirava a figura da filha. Jovem o bastante para ser sua neta, mas de uma beleza atemporal, eterna, o tipo de menina-mulher que ele costumava perseguir em Kiev quando tinha 12, 20, 40 anos. Ela estava emoldurada por uma ampla janela com a vista estonteante da cidade. As luzes da Sunset Strip cintilavam lá embaixo, a alta voltagem da avenida declarando guerra à noite que caía, sussurrando aos transeuntes que ainda era cedo para dormir, prometendo que ainda havia mais diversão a ser tirada daquilo que restava do dia. Juventude, beleza, promessas perigosas, tudo ali, encerrado no mesmo enquadramento. Haveria tradução melhor para o que era Los Angeles, a Cidade dos Anjos?

Misha foi o primeiro a notar a chegada de Pavlo, seguido pelos demais. Nastya sorriu e tirou os óculos escuros em sinal de respeito ao pai. A luz agora delineava o contorno do rosto dela, subitamente colocando em relevo a cicatriz que corria ao largo da orelha. Ao ver essa marca, Pavlo lembrou-se do dia em que fora ao encontro da filha na boate onde ela havia se refugiado após o acidente. Ainda ecoava em sua cabeça o telefonema confuso que recebera dela, as palavras truncadas pelo medo. Nastya se achava debruçada sobre a camiseta marrom de uma amiga, como se vomitasse nela, e somente ao se aproximar foi que ele viu que o pano não era exatamente marrom, mas que havia começado a noite como uma camiseta branca. Tão logo ouviu a voz do pai, Nastya erguera os

olhos, o rosto caindo para o lado como se preso por uma dobradiça.

Pavlo soubera imediatamente que o ferimento não era grave. Ao longo da vida, já havia visto um número suficiente de ferimentos, e infligido outros tantos, para conhecer de perto todas as idiossincrasias de um corpo machucado. Os amigos de Nastya haviam ficado pasmos com a calma dele ao administrar os primeiros socorros e sair com a filha embrulhada debaixo do braço. Por outro lado, ele não era como a maioria dos pais.

Nastya havia sido atendida pelos melhores médicos, entre eles um cirurgião plástico que se achava na cidade para retocar o nariz de uma pop star, e ao cabo de alguns dias todo o trabalho de reconstrução já tinha chegado ao fim. O inchaço diminuíra razoavelmente. Os hematomas agora podiam ser confundidos com um bronzeado. As carnes haviam sido recosturadas, deixando para trás apenas alguns fiapos vermelhos que mais lembravam pequenos vasos sanguíneos desenhados a lápis. Em pouco tempo, o único resquício do fatídico acidente era a cicatriz que corria à margem do rosto feito um selo do fabricante, lembrete de que as pessoas eram brinquedos que podiam se quebrar e, por vezes, quando a sorte e o destino conspiravam a favor, ser consertados.

– Papai? Que foi? Algum problema?

– Nada, minha linda.

Pavlo se adiantou e tomou o rosto da filha entre as mãos ásperas, delicadamente, como se ali estivesse um passarinho, depois a beijou de leve sobre a cicatriz. Nastya o apertou num abraço, os cabelos cheirando a cigarros franceses. Um cheiro adorável, o mais próximo que havia dos cigarros russos naquelas paragens.

Brindes foram feitos com os copinhos de vodca, e Dima arriscou uma piada, as risadas se dissipando no lusco-fusco do anoitecer. Um santuário de paz nas colinas de Hollywood, a salvo do frio da noite, das presas e garras do mundo. Até mesmo Misha estava sorrindo e engrossando o brinde com sua garrafa de refrigerante, as faces infantis se retesando em duas formas ovais.

De repente, foi Nastya quem se retesou nos braços do pai, o corpo reduzido a um saco de ossos e ângulos.

Pavlo se desvencilhou do abraço, seguiu o olhar dela.

A televisão. Um comercial. Bebezão gordinho, de fraldas, sentado num pneu de carro, gargalhando.

Novamente baixando os olhos para a filha, Pavlo viu toda a dor e todo o remorso que obscureciam o olhar dela.

A televisão logo foi desligada. Yuri estava com o controle remoto. Em seguida, os homens evaporaram da cozinha feito espíritos, deixando para trás apenas o ruído da respiração ofegante de Nastya.

– Eu esqueço tudo. Do mesmo jeito que a gente esquece um sonho. Um sonho confuso numa noite de porre. Mas depois as imagens aparecem na minha frente,

aqui e ali. – Nastya exalou um longo suspiro. – O bebê...

– Você não matou ninguém. Passou a noite inteira naquela boate. O Jaguar foi roubado por um dos manobristas da casa. E o seu ferimento... Alguém que a atingiu com uma garrafa durante uma briga na pista de dança.

– Eu sei – disse ela. – Mas não. A gente está sozinho aqui agora. Podemos falar abert...

– Não precisamos falar de nada. Só existe o que aconteceu. Você não bateu em ninguém. Passou a noite na boate. O Jaguar foi roubado por...

Um ruído agudo e estridente escapou da garganta de Nastya, um grito represado. Com o rosto molhado de lágrimas, ela jogou o peso do corpo de uma perna para a outra como se o piso da cozinha lhe queimasse os pés.

– Eu preciso dizer as palavras. Preciso saber o que eu fiz, saber quem eu sou.

Ela recuou um passo e deixou o corpo cair numa cadeira, sem notar que a minissaia havia se repuxado. Só então Pavlo pôde ver a série de linhas escuras que riscavam as carnes brancas junto à virilha da filha. Subitamente, ele sentiu sua velha aliada despertar no peito, a fúria que sempre esperava nas sombras para entrar em ação. Varreu todos os pratos da mesa com o antebraço, depois agarrou Nastya pelo pescoço e abriu as pernas dela com a mão livre.

– Que diabo é isto aqui? – perguntou. – Que foi que você fez consigo mesma?

– Papai... por favor... – balbuciou Nastya.

Pavlo ficou de joelhos e examinou as pernas da filha. Viu então que os riscos não eram tatuagens. Eram cortes que se enfileiravam ordenadamente. O mais alto já estava quase cicatrizado, os internos ainda tinham cascas e o último estava em carne viva.

Pavlo ficou olhando para aquilo sem entender. Cortes? *Ali*? Por quê? Havia esquecido que ainda prendia a filha pelo pescoço. Soltou-a e ela começou a tossir e a engasgar.

– Quem foi que fez isto com você?

Ela secou o rosto com a parte interna da gola.

– *Quem foi que fez isto com você?*

– *Eu mesma fiz!* – berrou ela de volta, retorcendo-se para se afastar do pai.

Ele ficou de pé e recuou alguns passos, perplexo e estranhamente desconcertado. Um embrulho no estômago.

– Você se cortou? Por quê?

– Para *sentir* alguma coisa. Eu só queria *sentir*. Só queria...

Ela se debruçou na mesa e enterrou a cabeça entre os braços nus.

O ar da cozinha parecia mais pesado do que antes. Pavlo estava com dificuldade para respirar. Precisava da amplidão de seus aposentos no andar de cima, de seu poleiro no topo do mundo. Os soluços de Nastya o seguiram pela escada. Mesmo enquanto marchava ao longo do perímetro do quarto imenso, contando os passos, podia ouvir o choro da filha, que parecia atravessar o chão.

Aquele pranto o tragou de volta para a noite.

De início, o jantar transcorreu com relativa calma. Um peru já desossado, servido por uma criada anônima que, como as outras, não falava uma palavra de inglês. Em razão do estado emocional de Nastyá, o clima era gelado na sala de jantar.

– Que foi? – Pavlo enfim perguntou à filha.

– Estou farta disto tudo – disse ela. – É sempre a gente. Eu e você. Sozinhos. Também estou farta *dela*. – Nastyá cravou os olhos na empregada e emendou: – Você nem entende o que estou falando, *entende?* – A moça se retirou humildemente. – É como se ela nem estivesse aqui.

Nastyá espetou o garfo numa cenoura e a ergueu diante do rosto.

– Você nem faz ideia do que tem – retrucou Pavlo baixinho. – Você tem *tudo*.

– Esta casa é igual a um mausoléu. – Ela largou o garfo, que estalou na porcelana fina do prato, lascando a borda de ouro 24 quilates. – É fria e vazia.

Pavlo cruzou as mãos, reunindo paciência.

– O que você quer?

– Quero *pertencer* a algum lugar.

– Seu lugar é aqui. Nesta casa.

– Não. A gente *flutua* nesta casa. Acima da cidade. Longe das outras pessoas.

– Nastyá deu um longo gole no vinho, o cristal refletindo fiapos de luz contra o rosto dela. Virou-se de lado na cadeira, olhou para a parede e perguntou: – Como era a minha mãe? Me conte mais uma vez.

Pavlo depôs os talheres. Empurrou o prato. Ficou olhando para as tatuagens nos dedos. Asteriscos no interior de um círculo, símbolo de um criminoso órfão de pai. Quando reergueu os olhos, viu que Nastyá já havia bebido todo o vinho de sua taça.

Ele repetiu seu mantra:

– Sua mãe era uma moça simples, do interior. Costureira. Era louca por você.

Nastyá derreou o corpo ligeiramente, aturdida, fitando o nada.

– E como foi que ela morreu?

– Epidemia de difteria. Ela pegou a doença.

Nastyá fechou os olhos.

– E ela disse...

– Em seu leito de morte ela disse: “Minha filha precisa saber que vou carregá-la para sempre no meu coração. E ela deve me carregar no seu.”

Nastyá repetiu as últimas palavras com o pai, mas sem dizê-las, apenas articulando a boca. Em seguida, como se estivesse em transe, levantou-se da mesa e foi para o quarto.

Pavlo permaneceu onde estava, ainda fitando as tatuagens nos dedos. Depois correu os olhos pela mesa. Peru, vinho, farofa, batatas... Uma molheira de prata transbordando. Todo aquele excesso tipicamente americano. Sentiu um buraco se

abrir na própria alma, um buraco que não poderia ser preenchido nem com comida nem com raiva. Lembrou-se então do pacotinho cor de rosa que aquela prostituta havia largado em seus braços anos antes, daqueles olhinhos azuis que o tinham despachado para uma nova vida.

Enfim, levantou-se também, fazendo chiar a cadeira ao arrastá-la para trás, e saiu marchando pelo corredor, os criados se espremendo contra as paredes enquanto ele passava.

Ao entrar no quarto de Nastya, deparou-se com o cheiro forte do cômodo, uma mistura de álcool e perfume doce. Um Gauloise se projetava do cinzeiro, emitindo um fiapo de fumaça. Um copo de plástico jazia ao lado de Nastya, que fazia algo no computador, manipulando o mouse. Assim que ouviu os passos do pai, ela rapidamente foi minimizando as páginas que abria.

Pavlo a havia procurado para consolá-la, mas agora seus passos sobre o carpete felpudo eram pesados e enfurecidos. Ele a empurrou para o lado, assumiu o controle do mouse e, com a mão pouco treinada, foi reabrindo cada uma das páginas fechadas.

– Papai, não... – choramingou Nastya. – Eu estava só...

Pavlo encarava o monitor, queimando os miolos para entender o que via. Solicitações feitas a um fórum de genealogia on-line. Assunto: “Moça americana tentando encontrar a mãe.” Uma resposta a um e-mail que ela havia mandado para a embaixada americana em Kiev. Uma base de dados de vítimas da epidemia de difteria que ocorrera pouco depois da Perestroika. Semanas, talvez meses, de pesquisas, solicitações e mensagens secretas. “Minha mãe está morta?”

Pavlo sentia o rosto queimar febrilmente. Empertigou o tronco e tentou se recompor. Em seguida, disse:

– Você está duvidando de mim? *De mim?* Do homem que deu tudo o que você tem? Que a trouxe para este país e lhe deu esta vida boa que você tem?

– Vejo as armas que os seus homens portam. Conheço as suas tatuagens. Não sou *burra*. – Ela cambaleava sobre as pernas de cegonha, encorajada pelo álcool. – Recebi uma carta da embaixada. Descobri que você já foi preso. Não sei nada da sua história. Não sei nada da história da minha mãe. Não sei nada da *minha* história.

– Já lhe contei mil vezes a história da sua mãe.

– Sei que é mentira. Sei que ela não era costureira porra nenhuma. Não sou mais uma criança. Tenho *17 anos!* – explodiu ela. Os olhos estavam vidrados, o hálito fedia a álcool. – O que aconteceu com ela?

– O que passou, passou. Não interessa mais.

– Nós *somos* a nossa história.

– Não. Somos quem *somos*. *Agora*. Eu e você. Temos um ao outro.

– Não é suficiente.

O buraco que ele sentia na alma agora parecia lhe devorar as entranhas também, o buraco de uma dor que não tinha mais fim.

– Abri mão de tudo *por você*. E é assim que você me agradece? – Pavlo cuspiu as palavras como num vômito, sem ao menos pensar nelas. Nastyia ia se afastando dele, atropelando os móveis, apavorada. – Você quer saber quem era a sua mãe, quer? Pois eu nem me lembro de ter deitado com ela. Só me lembro do dia em que ela apareceu com você e a abandonou nos meus braços como se fosse lixo. Sua mãe era uma puta que morreu com uma agulha espetada no braço.

Nastyia deixou escapar um grunhido de susto. E dali a pouco estava fugindo do quarto, atropelando a cama, arrastando consigo as cobertas.

Pavlo ouviu os passos da filha em disparada pelo corredor. Pouco depois ouviu a porta da garagem se abrir e bater no alto com uma força que lhe pareceu espantosa. O Jaguar fez rugir seus 470 cavalos de potência. O que se ouviu depois, um guincho metálico, certamente foi o carro raspando a lateral em algum pilar antes que Nastyia irrompesse com ele na noite escura de Los Angeles.

A EXPRESSÃO NO ROSTO BONITO do agente Abara era de tal modo indecifrável que Nate, tremendo de frio na sala de interrogatório, chegou a se perguntar se o homem realmente era de carne e osso. Não havia janelas no cômodo, mas ele sabia que estava em algum lugar do prédio da Polícia Federal, do outro lado do Cemitério Nacional de Westwood. Mais cedo, havia observado as janelas pelo caminho, antes de ser depositado naquela cadeira, diante daquela mesa. Um gravador digital jazia à sua frente, e da mesa se projetava uma barra de metal na qual podiam ser algemados os suspeitos de comportamento menos pacífico.

Nate já havia passado pelas mãos de todos os investigadores da Força-Tarefa Antiterrorismo, entre eles um ríspido supervisor de bigodes fartos e anacrônicos, além de uma sucessão de agentes do sexo feminino, cada uma mais inteligente que a outra. Havia contado toda a história, direcionando suas respostas quase sempre a Abara, rezando para que a relação prévia entre eles, por mais tensa que fosse, pudesse acelerar o processo. Ao confessar que havia subido àquele beiral para se matar, vira o agente repassar mentalmente todo o filme do assalto, agora com a peça que faltava no quebra-cabeça.

A menção a Pavlo Shevchenko havia despertado as cores no rosto do agente, que intensificara suas perguntas. Estava claro que ele tinha trabalhado com afinco nos últimos dias, colhendo dados em torno da suspeita que tinha de Nate. Bastara uma conversa com o segurança do banco para que ele chegasse ao cofre 227 e encontrasse dentro dele a chave de Danny Urban. Além disso, Luis Millan havia ligado para a polícia na véspera, logo após a estranha visita de Nate, e a denúncia rapidamente havia chegado à mesa de Abara. Todos aqueles nomes – como Danny Urban, Luis Millan – haviam contribuído para dar certa credibilidade à história de Nate sobre ucranianos malucos e listas de nomes, mas até que as devidas confirmações atravessassem todo o labirinto do sistema, Abara continuaria a interpelá-lo com uma ponta de ceticismo na voz.

Sua expressão permanecia tão insondável quanto antes, mas ao longo do interrogatório havia abandonado o canto da sala em que se recostara e agora se postava diante da mesa, despachando os demais agentes para esta ou aquela investigação.

– Meu prazo está acabando – disse Nate. – Você tem de acreditar em mim e fazer alguma coisa *já*.

Eles haviam confiscado o telefone dele, e evidentemente não havia nenhum relógio na sala, mas Nate podia sentir os minutos tiquetaqueando na direção do prazo estabelecido por Pavlo Shevchenko.

– Precisamos ter certeza de que você...

Desesperado, Nate bateu na mesa com as mãos, mas logo se arrependeu:

precisava aparentar calma de modo que não pusessem em dúvida sua sanidade mental.

O celular de Abara apitou. Uma mensagem de texto, que ele leu imediatamente.

– Que foi? – perguntou Nate. – O que foi isso?

– A confirmação de seu histórico médico. – Ele voltou com o celular para o bolso e, menos severo que antes, ofereceu: – Quer uma água? Precisa ir ao banheiro?

– Não. Quero que você me diga que horas são.

– São 6h37 – disse Abara.

Nate imaginou Janie e Cielle em casa, esperando um telefonema dele. Os homens de Pavlo à espreita, prontos para entrar em ação. Com os joelhos trêmulos sob a mesa, ele suplicou:

– Você *precisa* me tirar daqui, senão...

Nesse instante, um agente júnior entrou na sala com uma pasta de arquivo nas mãos; visivelmente preocupado, pediu para falar com Abara no corredor.

– Só um minuto – disse Abara a Nate e se dirigiu à porta.

– Tenho só mais cinco horas e pouco até que a minha filha seja cortada pela metade com uma serra elétrica – insistiu Nate.

Abara se virou para ele e falou:

– Não vou demorar.

Ora tamborilando os dedos na mesa, ora caminhando pela sala, ora se olhando no espelho de face única, Nate ficou esperando pelo que lhe parecia uma eternidade. Por fim, Abara voltou.

– Isto é o que temos – disse ele e deixou uma folha de papel diante de Nate.

Um carimbo grande informava: MATERIAL EVIDENCIÁRIO DA PROMOTORIA / CONFIDENCIAL. Lá estava a lista das testemunhas, os mesmos oito nomes da lista de Danny Urban.

Toda a sórdida história, confirmada.

– Anastasia Shevchenko já havia sido indiciada duas vezes por embriaguez ao volante e estava dirigindo com a carteira suspensa – disse Abara. – O que significa que agora ela será indiciada por homicídio doloso. Pode até pegar prisão perpétua. Dessa vez não vai conseguir escapar.

Finalmente eles haviam chegado ao cerne da questão. Nate procurou se acalmar de modo que o caso fosse analisado sem atropelos e resolveu antes que os agentes comessem a correr em círculos.

– A menos que Pavlo consiga eliminar todas as testemunhas – retrucou Nate.

– Essa é a única saída para Anastasia.

– Exatamente. Ela reduziu aquela família a pó e depois fugiu, como você já tinha dito. Foi aí que o pai entrou em ação para limpar toda a sujeira da filha, inclusive fazendo uma ocorrência policial, dizendo que o Jaguar havia sido

roubado. Os advogados dela, isto é, o batalhão de advogados estrelados do *pai* dela, vão tentar emplacar a tese de que não era a moça que estava ao volante do carro. Para que Anastasia seja condenada, será preciso provar que era *ela* quem dirigia o Jaguar no momento do acidente.

– Nenhuma outra testemunha?

– Não. – Pela primeira vez Abara pareceu cansado, os olhos ligeiramente inchados. Mas sob a capa do cansaço havia algo ainda mais áspero: uma fúria contida. Matar um grupo de testemunhas para proteger uma motorista bêbada provavelmente alcançava um nível de desrespeito à lei que nem mesmo um agente do FBI encontrava todo dia. – Depois do acidente ela foi se refugiar numa boate ucraniana chamada Nebesa. Toda terça-feira, religiosamente, a vagabunda vai para lá. E tendo em vista quem o pai dela é, não vai ser fácil anular os álibis que sem dúvida eles vão arrumar naquele antro.

– Como foi que Urban conseguiu botar as mãos na lista de testemunhas?

– Não sei. Ele tinha uns comparsas aí, uns hackers muito competentes, e muito manjados também. É possível que tenham conseguido invadir o computador da promotoria. A informação era superconfidencial, claro. O promotor não poupou esforços para manter os nomes em segredo. Apagou os relatórios da polícia. Todas as audiências até aqui foram feitas *in camera*, na sala da juíza, com apenas uma das partes presente, nenhuma transcrição para a defesa. A juíza já havia trombado com Pavlo em outros tribunais, conhecia a peça. Sabia que o risco de intimidação de testemunhas era alto o bastante para manter os nomes daquelas pessoas no mais absoluto sigilo.

– E o julgamento, quando será?

– Mês que vem.

– Daí a pressa de Shevchenko – disse Nate. – Mas por que as testemunhas não foram informadas de nada disso?

– Porque se soubessem contra quem teriam de testemunhar, talvez ficassem com medo.

– Talvez? – exclamou Nate. – *Talvez?*

– A gente nunca sabe. Vai que um deles é um porra-louca desmiolado que nem você?

Nate bufou um suspiro.

– E agora? – perguntou.

– Agora vamos procurar cada uma daquelas pessoas e garantir a segurança delas até que tudo se resolva.

– Quanto tempo você acha que precisa para prender Pavlo?

– Um caso desses demora para fundamentar – disse Abara. – E mais ainda para formalizar.

– Seu otimismo é muito tranquilizador.

Com os lábios tensos, Abara falou:

– Pode acreditar. Crimes assim, tão... *evidentes*? O sistema judiciário inteiro vai fazer questão de cooperar. Todos os mandados de que a gente precisar, todos os recursos, os juizes vão fazer fila para assinar o papel. Mas isso não significa que uma condenação será fácil.

– O que seria preciso para que ele não tenha escapatória?

– Uma confissão. – Abara riu com ironia, depois continuou: – Ganhar a filha dele, talvez, em troca de imunidade no caso de embriaguez ao volante. Conseguir que alguma das falsas testemunhas da boate mude de ideia. Em outras palavras, coisas que não vão acontecer tendo em vista quem Shevchenko é e o poder que tem sobre essas pessoas.

– Com o que você realmente *tem*, acha que pode conseguir pelo menos uma ordem de prisão?

– Provavelmente. Mas com os advogados que ele tem... Não vai ter a menor dificuldade para conseguir um habeas corpus. Além disso, os homens dele...

– O que tem os homens dele?

– Temos os nomes de alguns dos capangas que orbitam o ucraniano – disse Abara. – Esse pessoal tatuado que você teve a oportunidade de conhecer. Yuri Ivashko, que acabou de entrar com um pedido de naturalização. Valerik Koval. Dimitri Zotov. Claro, a gente pode dar uma dura nesses caras, ver se consegue tirar alguma coisa deles. Mas parece que Pavlo acabou de importar, lá da terra dele, um gorila novo, um sanguinário profissional.

– Misha – disse Nate. – O Número Seis.

– Não sabemos quem ele é, muito menos onde encontrá-lo.

Nate rilhou os dentes, calando um gemido de frustração.

– Minha família...

– Podemos despachar alguns agentes para a sua casa agora mesmo.

– Se vocês fizerem um estardalhaço na porta da minha casa vai ser o mesmo que pintar um alvo na testa da minha filha – argumentou Nate. – Você acha que ela e Janie podem entrar num Programa de Proteção a Testemunhas?

– Fique tranquilo. Vamos cuidar da segurança delas.

Nate sentiu um frio na barriga.

– Não foi isso que eu perguntei.

Abara virou-se de lado na cadeira e, desconcertado, mirando-se no espelho de face única, disse:

– Muita gente vem esperando há um tempão para botar as mãos em Pavlo Shevchenko. Além da promotoria pública, é claro. A Divisão de Grandes Crimes quer fazer os indiciamentos mais pesados, mas com os vínculos mais diretos e as provas mais concretas. O homicídio de Danny Urban, por exemplo. As testemunhas do acidente de Anastasia. Quanto a você, sua mulher e sua filha... infelizmente nenhum de vocês é testemunha de nada. Você não tem envolvimento direto com nada disso.

– O filho da puta me *sequestrou!* Ameaçou minha filha *de morte!* – A voz de Nate ecoou pela saleta gelada. Seguiu-se um instante de silêncio até que, avaliando o olhar duro de Abara, ele concedeu: – Tudo bem. Sei que não posso provar nada disso.

– É a sua palavra contra a de Pavlo. Basta olhar para a maioria dos casos de estupro para saber como esse tipo de situação termina. – Abara crispou as feições bonitas numa careta. Cheirava a água de colônia e desodorante. – Além disso, ninguém morreu.

– *Ainda* – emendou Nate.

Os dois homens ficaram se entreolhando, o ar frio da sala gelando os pulmões de Nate. Em razão das circunstâncias, mal prestava atenção à dor agonizante que o acometia no pulso esquerdo. Com a mão espalmada na mesa, Abara disse afinal:

– Tenho um amigo no Departamento de Justiça. Vou ligar para ele, ver o que ele pode fazer para colocar sua família no Programa de Proteção. Mas não quero alimentar sua esperança. Tem todo um processo que...

– E que diabo a gente faz enquanto isso?

Nate não gostou da nota de pânico que percebeu na própria revolta.

– Como eu disse, podemos mandar alguns carros para lá agora mesmo.

– Não é com o *agora mesmo* que estou preocupado. Agora elas estão seguras dentro de casa, pelo menos por mais cinco horas. Estou preocupado com o que pode acontecer daqui a um dia, uma semana, um mês, enquanto vocês tentam enquadrar Shevchenko.

– Olhe, podemos mandar um carro de patrulha de hora em hora, sei lá. Para ficar de olho nelas.

– Do mesmo jeito que você ficou de olho em mim depois do assalto? Porque em menos de oito horas Pavlo já tinha me levado para um armazém e me enterrado num bloco de gelo! – O latejamento se intensificou nos ossos da mão esquerda de Nate. Ele tentou fechá-la sob a mesa, mas os dedos não formaram mais do que garras bambas. – Diante do poder de fogo que esse homem tem, você acha mesmo que uma proteção policial meia-boca pode servir de alguma coisa?

Abara crispou os lábios. Não disse nada.

– O FBI não pode se mudar para a nossa casa e brincar de babá indefinidamente – falou Nate. – Eu entendo. Mas então me deixe sair daqui. *Agora.* Faltam algumas horas até o fim do prazo. Ainda posso tirar minha família dessa enrascada.

– Você foi indiciado, esqueceu? A ameaça terrorista?

Nate se levantou bruscamente, derrubando a cadeira às suas costas. Abara também ficou de pé e ergueu uma das mãos para apaziguá-lo.

– Você não vai me prender aqui – disse Nate. – Se *você* não pode proteger

minha família, *eu* posso. E vou.

– Vai fazer o quê, Nate? Matar todo mundo por aqui?

– Você viu o que eu fiz naquele banco.

Abara sentiu as têmporas latejarem. Abriu um sorriso tenso, depois retrucou:

– Sente aí. Vamos conversar mais um minuto.

– Não tenho mais um minuto, porra. Se você me prender, Janie e Cielle vão morrer. Além disso, quem garante que um sujeito como Pavlo Shevchenko não pode me apagar dentro de uma cadeia? De repente, é até mais fácil do que fazer isso na rua. Ele tem contatos por toda parte. Pode mandar me eviscerar a hora que quiser.

Abara se recostou na cadeira. Tamborilando os dedos na mesa, disse:

– Contrariando toda a lógica, gosto de você, Nate. Portanto não vou mentir. Mandar um carro de patrulha para a sua casa envolve, sim, certo risco...

– *Certo* risco? É o mesmo que emitir uma ordem de restrição quando tem um psicopata chutando a porta da sua casa! – Nate pegou a fúria pelos chifres, puxou-a para trás. Endireitou a cadeira, voltou a se sentar, cruzou as mãos sobre a mesa e disse: – O que você faria se fosse a *sua* família?

Abara não fez mais do que morder o lábio por um tempo. De repente, desligou o gravador à sua frente e respondeu:

– Você é dos que preferem cachorro a gato, não é?

Nate tentou ser paciente, mas não conseguiu.

– Você não vai me contar mais uma das suas historinhas familiares com uma moral mais ou menos escondida dentro dela, vai? Porque se for, pula logo para o final, pelo amor de Deus.

– Também tenho um cachorro – prosseguiu Abara, como se Nate não tivesse dito nada. – E ele é um *flâneur*. Gosta de passear pela cidade. Todo dia, antes de sair para o trabalho, abro o portãozinho do quintal e o deixo sair para a rua. Mas temos *anos* de confiança um no outro, esse tipo de confiança que só existe entre um homem e seu cachorro. Sabe do que estou falando, não sabe?

Nate arriscou uma olhadela esperançosa para o gravador desligado.

– Sei.

– Você está em maus lençóis neste momento. Um punhado de questões legais para resolver. Por outro lado, é um recurso no caso de Shevchenko. Se eu deixar você flunar por aí enquanto dou uma olhada nessa história do Programa de Proteção para a sua família, acho que posso confiar em você, não posso? Você não vai muito longe, não é? Afinal, posso precisar de você a qualquer momento. E você vai querer estar por perto, caso eu receba carta branca no Programa de Proteção.

– Como vamos nos comunicar?

– Seu celular.

A paranoia se instalou:

– Será que Pavlo não grampeou minha linha?

– Por mais numerosos que sejam os contatos dele por aí, Pavlo não tem como triangular um sinal de celular. Para isso ele teria de mover muitas montanhas. Tem vezes que nem eu consigo fazer isso *oficialmente*. – Abara se levantou, parou junto à porta e falou: – Já determinei que você não representa nenhuma ameaça terrorista para o país. Mas isso não significa que tenha se livrado do indiciamento. Enquanto estiver na rua, procure um bom advogado. – Ele pescou do bolso o celular de Nate e o deixou na palma estendida. – Sugiro que conceba um plano de longo prazo.

– Quando esta história chegar ao fim, já vou estar morto. – Nate pegou seu celular de volta. – Não preciso de nenhum plano de longo prazo.

Abara meneou a cabeça solenemente, deu um passo para o lado e escancarou a porta.

OS VENTOS FORTES DE outubro já sopravam na cidade, depenando as palmeiras, sujando as ruas com as folhas derrubadas. Enquanto fazia sua ligação, Nate pediu ao motorista do táxi que pisasse fundo no acelerador. Por sorte estava perto de casa: Santa Monica ficava a apenas alguns quilômetros do prédio da Polícia Federal.

O táxi já zunia pela Montana Boulevard quando Janie enfim atendeu.

– Nate? E aí? Como foram as coisas?

– Bem e mal. Explico mais tarde. Algum sinal dos homens de Pavlo?

As palavras haviam saído numa torrente, atropelando-se, formando uma única e longa frase.

– Não. Cielle está vigiando pelas janelas. Até agora, nenhum...

– Estou quase chegando em casa. Termine de colocar as coisas no jipe. A gente vai sair *agora*.

Nate se calou de repente, mas Janie, percebendo a urgência da situação, disse apenas:

– Ok Pode deixar.

Passando diante das casas milionárias com seus jardins iluminados e seus carrões que fulgiam de tão limpos, Nate não pôde deixar de contrastar sua situação atual com seu passado. Quando sua vida havia descarrilhado daquela forma? Era como se tivesse simplesmente dobrado uma esquina e despencado no Grand Canyon.

Ele pediu ao taxista que contornasse o quarteirão e o deixasse na rua dos fundos. Em seguida, atravessou o quintal dos Rajuns com o pé esquerdo se arrastando entre as folhas caídas. Alguém lhe dissera que os sintomas da esclerose podiam se intensificar à noite, e até aquele momento a informação parecia proceder: seu corpo ia enfraquecendo na mesma medida em que o céu escurecia. Com os dedos dormentes e lerdos, lutou para abrir o ferrolho de seu próprio portão e, não conseguindo, arrombou-o com uma cotovelada e caiu para o outro lado do quintal. Que estava deserto. Nenhum sinal de que alguém os vigiava. As luzes estavam acesas no andar de cima, mas não no de baixo, provavelmente para que ninguém visse que Janie e Cielle estavam carregando o jipe. Nate bateu nas vidraças do fundo e Janie desceu a escada às pressas, abandonando uma sacola de lona no chão e abrindo a porta de correr para que ele entrasse.

– Cadê Cielle?

– Pegando umas últimas coisas no quarto dela. Suba lá e chame sua filha. Suas coisas já estão no carro.

Janie estava com o rosto vermelho. Respirava com dificuldade, tentando controlar o medo. A Beretta pesava no bolso de seu casaco com parte da coroa

ranhurada para fora. Ao ver aquela arma ali, tão mal acondicionada por alguém que não tinha a menor intimidade com armas, Nate sentiu um aperto no coração.

Janie pegou a sacola de volta e saiu com ela na direção da garagem.

O telefone tocou.

Embora o aparelho estivesse do outro lado do balcão da cozinha, o LED do monitor podia ser visto na escuridão da casa: NEW ODESSA.

Janie parou onde estava. O telefone tocou novamente.

Nate tirou-o da base e, trêmulo, levou-o à orelha.

Imediatamente, ouviu a voz madura de Pavlo:

– Minha mercadoria, onde está?

– Meu prazo só termina à meia-noite.

– Não. Já terminou. Vamos resolver isso agora mesmo.

Com a garganta seca, Nate disse:

– Nosso acordo era que...

– A esta altura você já deve ter feito sua visitinha VIP ao banco e entrado naquele cofre. Então, tem ou não tem o que eu quero?

Nate respirou através de dentes cerrados.

– Sim, tenho.

– O que é, então?

Janie observava Nate com os olhos arregalados. Ele quis sopesar suas opções, mas viu que não teria tempo.

– Ande, fale – insistiu Pavlo

– Uma lista de nomes – disse Nate e ouviu do outro lado da linha um suspiro de prazer, quase um assobio. – Vou levar para você. Já estou saindo de casa.

Ele gesticulou febrilmente para que Janie terminasse de carregar o carro, mas ela não mexeu um músculo sequer. Ficou exatamente onde estava, a sacola pesando em seu braço.

– Não – falou Pavlo. – Me diga os nomes.

Qualquer nome que Nate informasse equivaleria a uma sentença de morte. Uma gota de suor escorreu de sua testa, fazendo arder o olho. Gaspar resmungava a seu lado.

– Agora – rugiu Pavlo.

– Patrice McKenna – respondeu Nate apressadamente.

O único nome que ele poderia dar sem remorso. A professora já fora morta por Danny Urban, não havia nada que Pavlo pudesse fazer contra ela.

Com evidente entusiasmo, o ucraniano disse:

– Isso. Agora os outros.

Nate considerou o raciocínio que acabara de ter. *Não havia como matar quem já estava morto.* O pensamento revoava em sua cabeça feito um passarinho que entra na sala e não consegue sair. Tinha sido exatamente isso que havia lhe ocorrido durante todo o episódio do assalto, o que lhe dera coragem para

enfrentar balas, blocos de gelo e serras elétricas. Quase automaticamente, ele respondeu:

– Aiden O'Doherty.

Tratava-se do garoto que havia morrido num acidente de carro, a última notificação de óbito que lhe coubera fazer.

Do outro lado da linha ouvia-se apenas a respiração ruidosa do ucraniano, que esperava. Puxando pela memória, Nate foi listando todos os mortos de suas últimas notificações:

Paula Jenkins, overdose.

Martin Padilla, atropelamento.

Shin Sun-won, facada no estômago.

Wally Case, mergulho suicida na frente de um ônibus.

Clarissa e Frederick Frigerio, mortos durante o assalto a uma loja de conveniência.

Assim que Nate terminou de lhe passar os nomes, Pavlo disse:

– Ótimo. Agora você pode me trazer a lista. Quero ver com meus próprios olhos.

Nate desligou.

Janie enfim se mexeu: saiu correndo com a sacola para o jipe. Sem hesitar, Nate irrompeu para a escada e foi subindo os degraus de três em três, gritando por Cielle com Gaspar em sua cola. Encontrou a filha no quarto, abraçada a alguns álbuns de fotografia, o telefone grudado à orelha.

– Não, Jason – dizia ela, puxando uma das mechas vermelhas dos cabelos. – Eu já falei: não venha para cá, *de jeito nenhum*.

Nate tomou-a pelo braço e decretou:

– A gente precisa ir.

– Ele já está quase chegando, pai, e...

Gaspar virou o cabeção para a porta, fazendo tilintar a coleira de metal. No lombo, a faixa em contrapelo parecia ainda mais eriçada. As orelhas se empertigavam, dobradas na ponta. Dali a pouco ele as baixou e foi saindo para o corredor com os passos lentos e pesados de um caçador de leões.

Cielle ainda não havia se mexido, mas já ia desligando o celular quando Nate sinalizou para que ela fizesse silêncio e ficasse onde estava.

Em seguida, saiu no encalço do cachorro, que descia a escada com a determinação de um predador. Nate ficou preocupado quando viu a porta da garagem fechada e não ouviu Janie do outro lado dela. Já ia correndo para abri-la quando viu Gaspar atravessar a cozinha rapidamente e seguir para a porta de correr que dava para os fundos da casa, onde ele parou e ficou rosnando. Nate foi atrás dele. Mal abrira uma fresta na porta, Gaspar se espremeu através dela e saiu para o quintal, parou a uns 10 metros da borda do gramado e ficou ali, rosnando para alguma coisa.

Nate saiu para a noite escura, deu alguns passos no pequeno pátio e parou ao lado do cachorro.

Olhando para o chão, viu duas pegadas enormes na grama alta, apontando na direção da casa.

Apavorado, virou o rosto lentamente.

Yuri acabara de entrar na cozinha e agora olhava Nate através da fresta na porta.

Nenhuma provocação, nenhuma centelha de fúria. Apenas um olhar cinzento e vazio.

Ele fechou a porta.

O vidro refletia não mais que o quintal e um pouco da luz que vinha da varanda da frente. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Nate viu o gigante ucraniano erguer a manzorra branca, tal qual um fantasma, e trancar a porta à sua frente.

GASPAR AVANÇOU IMEDIATAMENTE E plantou as patas dianteiras no vidro, latindo com furor. Nate enfim destravou as pernas e avançou também. Bateu com o antebraço na porta, mas caiu com o traseiro no chão. No vidro, via apenas o reflexo de alguns metros de pátio, o breu uniforme do céu e a própria expressão de pânico. Ficou de pé e grudou o rosto na porta para ver o que se passava do outro lado, o hálito embaciando o vidro a intervalos curtos.

Praticamente invisível em seu casacão preto, Yuri abriu a porta da garagem justo no momento em que Janie voltava para a cozinha, arma em punho, por muito pouco não batendo de frente com o grandalhão. A preocupação em seus olhos imediatamente resvalou para o pavor. Como se tivesse à sua frente uma bola de basquete, Yuri espalmou a mão no rosto dela e a empurrou de volta à garagem, derrubando a arma no chão da cozinha. Janie tropeçou nos degraus às suas costas, sumindo de vista. A porta bateu contra a parede e se fechou, e, sem nenhuma pressa, o ucraniano trancou Janie na garagem.

Agachando-se para recolher a arma caída, virou o rosto na direção do quintal e fixou os olhos em Nate.

Em seguida, reergueu-se e seguiu para a escada.

Nate sentia o próprio rosto arder em chamas, cada nervo, cada célula.

Gaspar parou de latir e começou a rosnar suas trovejadas, ainda arranhando a porta de correr com as patas dianteiras, por vezes tirando lascas da moldura de madeira. Nate pegou a primeira coisa que viu – uma das cadeiras de ferro do pátio – e, com o máximo de suas forças, arremessou-a contra o vidro. Apesar do estrépito, as vidraças duplas não fizeram mais do que tremer e a cadeira ricocheteou, por pouco não o acertando na cabeça, deixando no vidro nada mais que um sulco do tamanho de uma unha.

Tomado pela fúria, Nate derrubou mais uma cadeira, chutou a mesa até derrubá-la também, e só então notou o pesado círculo de ferro que servia de base para o guarda-sol e que estava ali, abandonado, esperando pacientemente pela primavera. Ele agachou e içou a base pelo cano de encaixe, a mão doente servindo apenas como uma espécie de gancho. Arriscando um acidente lombar, ergueu a base sobre um dos ombros e arremeteu contra a porta, girando de tal modo que o círculo de ferro atingisse o vidro primeiro.

O baque produziu um ruído seco, como se abafado por uma surdina, e as vidraças duplas se estriaram feito uma teia de aranha. Nate atravessou para o outro lado e se esborrachou de costas, a base de ferro rodopiando perigosamente a seu lado depois de rachar o piso da cozinha.

No andar de cima, Cielle berrava:

– *Pai, socorro! Me ajude!*

A súplica apavorada da filha, que pela primeira vez em muitos anos o havia

chamado de “pai”, fez com que Nate se levantasse de um salto, como se as palavras o tivessem erguido pelo colarinho da camisa. Presa na garagem, Janie batia na porta com tapas e murros. Nate nem sequer lhe deu ouvidos. Correu direto para a escada e praticamente voou para o andar de cima, saltando quatro ou cinco degraus a cada passada. Gaspar, como sempre, veio atrás dele, derrapando ao fazer a curva para a escada, as unhas arranhando as tábuas sintecadas do piso.

– *Pai! Paaaaai!*

Correndo sobre o carpete espesso do corredor, Nate irrompeu no quarto de Cielle e mal teve tempo de ver a filha acuada junto à janela quando o punho de Yuri surgiu do nada, um soco-inglês nos dedos que se fechavam em torno da Beretta tomada de Janie.

O golpe foi rápido e certeiro. Na testa.

Após alguns segundos de escuridão, Nate viu o branco do teto do quarto de Cielle e teve a impressão de ele o encarava de volta enquanto alguém dizia algo incompreensível a seu redor. Sangue escorria para dentro de seus olhos. Tentou erguer uma das mãos para limpá-los, mas os músculos não o obedeceram; piscar parecia ser o único movimento de que era capaz. Cravando as unhas na madeira, Gaspar tentava desesperadamente arrombar a porta que havia batido antes que ele pudesse entrar. As dores na cabeça e a paralisia momentânea transportaram Nate de volta a seu tenebroso passado: era como se novamente pudesse sentir a boca pressionada contra as areias do deserto, os tímpanos latejando com a explosão do helicóptero, as costas queimando com o ar quente deslocado.

Mas o presente era ainda pior.

Apesar de toda a barulheira do cachorro, ele agora podia entender o que se falava dentro do quarto. Era Yuri que dizia a Cielle:

– Sou muito maior que você. O poder é meu. O mundo é assim. Você ainda vai aprender.

A cabeça de Nate pesava como um bloco de concreto; ele a deixou cair para o lado. À sua frente estava o banquinho com o nome de Cielle talhado na madeira, derrubado ou chutado pelo ucraniano, as letras embaralhadas em seu campo de visão. Do outro lado do quarto, Cielle chorava baixinho, as faces manchadas pelo rimel que escorria. No rosto redondo, um esgar de perplexidade e medo.

Yuri virou-a de costas e a empurrou bruscamente contra a janela.

– Tire a roupa.

Ela tentou olhar para trás, deixando à mostra apenas uma meia-lua da bochecha corada. Num fiapo de voz, disse:

– Pai...?

Nate tentou se levantar, mas a dor que sentiu foi tão forte que era como se adagas lhe tivessem atravessado o crânio. Tossiu e acabou vomitando.

Yuri apertou o cano da pistola contra a escápula de Cielle, abrindo uma covinha na pele.

– Seu pai não vai poder ajudar agora. Vamos, tire a roupa.

Ela cruzou os braços debilmente, fechou os dedos na barra do suéter. Mas parou de repente e se deixou cair contra a janela, sem joelhos que a sustentassem.

– Não – disse ela. – Não.

– Relaxe. – Yuri baixou a arma e a pressionou na altura de um dos rins da menina, ameaçando-a. – Só quero ver as suas partes.

Nate apoiou o corpo nos cotovelos, mas sua visão ficou turva. Sabia que desmaiaria caso tentasse se levantar rapidamente. Ficou como estava, trêmulo, ofegante, a cena de horror se desenrolando bem diante de seus olhos.

– Volto já, *pryntsesa*.

Yuri foi caminhando na direção da porta, fazendo ranger o chão, e dali a pouco plantou a bota enorme no pescoço de Nate, imobilizando sua cabeça contra o carpete, praticamente fechando a traqueia. Nate tinha a impressão de que a cabeçorra do ucraniano, inclinada para um dos lados e sem nenhuma expressão no rosto, pairava a muitos quilômetros de distância. Sufocando, debatia-se no chão como se as pernas fossem duas serpentes. Ameaçava vomitar de novo, ou desmaiar, pois os pulmões já estavam quase vazios. Fechou os dedos na bota do gigante e tentou se desvencilhar, mas a mão esquerda se revelou inútil. Dali a poucos segundos perderia a consciência. Torturava-se ainda mais com o que podia ouvir ao longe: os soluços desesperados da filha.

Impotente, virou o rosto alguns centímetros na direção da porta, que se achava mais ou menos a um braço de distância. O cachorro ainda se debatia do outro lado, arranhando-a, latindo e rosnando, mas Nate não tinha como alcançar a maçaneta e deixá-lo entrar. Um ruído estridente esfuziava em seus ouvidos. A visão turvava novamente, mas ainda assim ele pôde ver uma faixa colorida que vinha do alto e roçava o carpete.

A echarpe roxa e verde de Cielle. Pendurada na maçaneta.

Na maçaneta *de alavanca*.

Nate tentou fisgar a echarpe. As pontas dos dedos tocaram de leve o algodão macio do tecido. Achando aquilo estranho, Yuri riu e disse:

– Você quer o quê? Me enforcar com esse pano?

Em seguida, pisou mais forte no pescoço de Nate.

Nate sentiu a garganta queimar, perdeu a visão quase inteiramente. Reunindo o pouco de energia que ainda lhe restava, espichou o braço e enfim conseguiu tocar a echarpe com a debilitada mão esquerda. Ordenou aos dedos que se fechassem. De início, eles apenas deslizaram ao longo do pano, mas enfim obedeceram, pelo menos o suficiente para dar um mínimo de tração.

Yuri percebeu tardiamente o que ele fazia e, num reflexo, ergueu a bota. Nate

sorveu todo o ar que pôde ao mesmo tempo em que puxou a echarpe, baixando a maçaneta o bastante para que a porta se abrisse. Antes que Yuri pudesse fazer o que fosse, a porta se escancarou de repente, atropelada pela força bruta de um animal.

A PRINCÍPIO PARECEU QUE O cachorro flutuava no ar. Suas patas mal tocavam o chão. Bastara um único impulso inicial, à maneira de um super-herói, para que ele alçasse voo e armasse seu bote. Yuri ainda girava com a arma em punho quando os 50 quilos do Rhodesian ridgeback desabaram diretamente sobre seu rosto.

A Beretta disparou duas vezes, a primeira contra a parede e então contra o chão, ao lado do rosto de Nate, até que caiu da mão do gigante. Gaspar não restabelecia contato com o chão. Enterrando as patas nas pernas e no pescoço de Yuri, pairava no ar, como num filme de terror, jogando-se continuamente contra o rosto do adversário. O ucraniano cambaleava, gritava, retorcia-se cegamente, ora trombando na cama, ora nas paredes. Por fim, conseguiu se livrar do animal e fugir para o corredor, o braço ferido deixando para trás um rastro de sangue na parede branca. Gaspar caiu de lado no chão, mas se reergueu rapidamente e saiu no encalço do fugitivo.

Do quarto, ouvia-se o embate deles escada abaixo. Os sons de queda e, de repente, um ganido de dor de Gaspar. Alguns passos estrondosos e o barulho da porta da frente se abrindo. Ouviu-se então um grito masculino, seguido de um baque. Nate agora se achava de quatro no chão, ofegando, o ar tão fresco que chegava a queimar os pulmões. À custa de algum esforço, ficou de pé e limpou o rosto com o dorso da mão. Cielle se agachava junto à janela, abraçando os próprios joelhos, o rosto molhado de lágrimas. Nate se aproximou e a puxou para um abraço. Cielle o abraçou de volta com força, finalmente se permitindo desabar. Ao mesmo tempo em que acolhia a filha, Nate obrigou-a a ficar de pé, os cabelos dela colando-se ao sangue da testa dele.

– Venha, meu amor. A gente precisa sair daqui.

Ela meneou a cabeça feito uma criancinha obediente. Nate recolheu a Beretta e saiu do quarto com a filha, escorando-a para que não caísse em razão das pernas bambas. Gaspar esperava ao pé da escada, uma das pernas erguida e ligeiramente dobrada para proteger a pata machucada. O focinho rebrilhava, molhado de um líquido escuro. Havia sangue nos degraus, nas paredes.

Sangue ucraniano.

Gaspar saiu trotando ao lado deles. Chamando por Janie, Nate correu para a garagem. Que estava vazia. O jipe continuava lá, devidamente carregado. O portão eletrônico, aberto. Eles voltavam para a cozinha quando Janie surgiu do outro lado da porta de vidro que dava para o quintal e atravessou o buraco que Nate havia aberto com o próprio corpo, os estilhaços caindo sobre os ombros dela. Janie correu ao encontro da filha e tomou o rosto dela entre as mãos, dizendo:

– Está tudo bem, está tudo bem...

As articulações dos dedos ainda estavam brancas dos tapas e murros que dera na porta da cozinha antes de perceber que poderia sair pelo portão eletrônico.

– Para o jipe, *agora* – disse Nate. – Vamos dar o fora daqui.

Eles entraram no carro depressa. Gaspar se acomodou no banco de trás ao lado de Cielle. Nate engatou a ré e pisou fundo no acelerador, deixando marcas de pneu no concreto do piso.

Ele manobrava diante da casa quando notou um vulto no canteiro de azaleias, caído entre os arbustos. Yuri? Nate meteu o pé no freio. O vulto se mexeu. Janie abriu sua janela e deitou o encosto do banco por completo para que Nate pudesse mirar a Beretta na direção das azaleias. Ele ergueu a arma, apontando por cima da mulher, pela janela aberta.

Ao lado de Cielle, Gaspar lambia ruidosamente a pata machucada. Todos observavam enquanto Nate fazia sua mira, tentando lembrar os ensinamentos básicos que aprendera no Exército. Calma. Firmeza na mão. Respiração uniforme.

As flores se mexeram novamente. Segundos depois, Jason, o Namorado Bundão, emergiu dos arbustos varrendo a terra da camisa de flanela. Tão logo viu Nate, levou as mãos para o alto como se estivesse sendo assaltado e berrou:

– Porra, cara! Vire essa merda para lá!

Apesar da distância, via-se claramente que estava com o olho inchado, um hematoma começando a se formar nas pálpebras. Via-se também um corte no lábio, provavelmente fruto da queda. O estojo do violão e a mochila ainda jaziam no canteiro onde ele havia caído.

Lembrando-se do grito masculino que ouvira no jardim, Nate juntou uma coisa com outra: ao irromper na varanda, Yuri certamente havia deparado com Jason e o derrubado com um murro certeiro. Por isso o garoto havia berrado, por isso havia caído no canteiro.

Nate baixou a arma e bufou através dos dentes cerrados. Jason recolheu suas coisas e veio saltitando na direção do carro.

– Para onde será que foi o gorila?

– Sei lá – berrou Nate. – Mas você precisa se mandar daqui. Volte para casa.

– Para onde vocês estão indo assim, com o carro todo carregado? Vocês estão... vazando da cidade, é isso?

Nate correu os olhos à sua volta, receando que a qualquer momento Yuri saísse das sombras com uma serra circular em punho.

– Jason – disse. – Não é seguro para você ficar aqui. Caia fora. Depressa.

Cielle se debruçava em sua janela, chorando.

– Jay, você precisa ir!

Nate novamente começou a dar ré, mas Jason foi correndo ao lado do carro, o estojo do violão batendo em seus joelhos.

– Espere aí! Vou com vocês!

Nate parou mais uma vez e berrou pela janela.

– Não dá!

– *Vá embora*, Jason. Você precisa sair daqui – interveio Janie.

– Espere! – Jason esmurrou a lateral do carro e falou: – Se vocês não me levarem, vou acampar aqui na sua casa. Vou falar com esses caras e... e contar para eles quem eu sou, e eles vão me matar, e a culpa vai ser toda de vocês! Vou dormir na varanda, não vou arredar o pé daqui! – Ele praticamente cuspi as palavras, meleca e sangue escorrendo do nariz para o queixo. – Amo a filha de vocês, ok? *Amo* a Cielle.

Cielle emitiu um ruído fanhoso, indicando que de alguma forma achava tudo aquilo muito romântico.

Jason permanecia ao lado do carro com sua mochila e seu estojo de violão, ombros pateticamente curvados, olhos de cão sem dono.

– Se vocês me abandonarem aqui – disse ele –, vai ser o mesmo que assinar minha sentença de morte.

Nate o avaliou por mais alguns instantes, depois pisou fundo no acelerador. O jipe recuou abruptamente para o asfalto, deixando Jason ali com as mãos espalmadas num gesto de súplica.

Ele manobrou na rua e engatou o *drive*. Antes de arrancar, notando que Janie o encarava, virou-se para ela e perguntou:

– *Que foi?*

– O ucraniano já viu o garoto. É bem provável que volte para pegá-lo. Tudo bem, ele é um mala, mas a culpa é toda nossa.

– Ele é um *menino*! – exclamou Nate. – Tem pai e mãe para cuidar dele. A gente não pode simplesmente...

Cielle o interrompeu, dizendo:

– Ele é *emancipado*. O pai já morreu e *faz meses* que não fala com a mãe.

Não havia tempo para discutir o assunto, muito menos para esgotá-lo antes que uma decisão final fosse tomada. Jason vinha caminhando na direção do carro ainda com as mãos espalmadas, como se mendigasse alguns trocados.

– Mãe, *por favor*... – suplicou Cielle.

– Ah, meu Deus – resmungou Janie. – Entre aí.

Cielle imediatamente fechou as comportas do choro. Jason saltou para dentro do carro e jogou mochila e estojo para o bagageiro. Rilhando os dentes, Nate enfim arrancou. Mal conseguia tirar os olhos dos dois retrovisores, o externo e o interno, receando que alguém o seguisse. Cinco quarteirões, depois mais cinco, e nada. Ninguém na sua cola. Eles agora já seguiam pela autoestrada, zunindo ao largo das rampas de saída.

Nate quase podia respirar normalmente.

– Então – disse Jason, tapando o olho roxo com uma das mãos –, o que

aconteceu?

Silêncio.

– Tá bom, já entendi – prosseguiu ele, resignado. Em seguida, inclinou-se para Nate e examinou o rosto dele de perto. – Você tá todo ensanguentado.

Nate ainda sentia na boca o azedume de toda a adrenalina liberada nas últimas horas.

– Sim, Jason, estou *toda ensanguentado*.

– Pode me chamar de Jay, cara. De boa. Senão fico achando que você tá *puto* comigo. – Ele piscou algumas vezes, esperando de Nate uma resposta que não veio. – Afinal, para onde a gente tá indo? – perguntou, vendo a enorme placa rodoviária que passava acima deles.

– *A gente*. Era só o que me faltava – resmungou Nate e apertou o volante do carro, preocupado com o formigamento que sentia nos dedos. Fugindo com a família e uma doença degenerativa que o comia por dentro. Nem de longe uma situação ideal. – Não podemos usar os cartões de crédito. Nem fazer reservas ou comprar passagens aéreas. Portanto, Jason, em resposta à sua pergunta... eu *não sei* para onde a gente está indo.

– Hum – disse o garoto, depois se virou para Cielle. – Me dá seu telefone aí.

Ela lhe entregou o iPhone e no mesmo instante começou a digitar. Nate o observava pelo espelho retrovisor, irritado. Janie mantinha os braços cruzados, fazendo o possível para conter a tremedeira. Cielle chorava baixinho, as lágrimas escorrendo pelas faces. O trauma, lentamente se instalando.

Vendo que Jason não dava sinais de que a digitação teria fim, Nate não se conteve e perguntou:

– Que diabo você está fazendo, garoto?

– Facebook

– Você não acha que as circunstâncias não são exatamente...

– Estou dando um confere nos meus amigos da rede de Los Angeles. Quer dizer, antes era uma rede, mas agora aparece só como “cidade atual”. O fim da picada.

– Um pouco de silêncio cairia bem agora, Jason – disse Nate.

– Saca só este cara aqui. Atualização do status: “Mal posso esperar pelas duas semanas em Maui.” Daí tem um link para o Twitter dele, com toda a parada em tempo real. Sacou? Sinistro. O último tuíte dele: “Curtindo à vera com os velhos em Grand Wailea.” Os velhos são os pais dele.

– Não diga.

– E com o tuíte vem um mapa com a localização dele. Vamos ver. Isso. O moleque está mesmo em Maui.

– Fascinante, Jason. A gente acabou de nascer de novo naquela casa, e você aí...

– Agora vou dar uma olhada nos tuitos mais antigos dele. Tipo este aqui:

“Maior bodum na minha gaveta de meias. Melhor nem chegar perto.” – Jason relinchou uma risada rápida. – Agora é só abrir este mapa aqui e... pronto.

Ele mostrou o telefone a Nate.

– O que é isto?

– Uma casa em Silver Lake – respondeu o garoto. – Vazia pelos próximos nove dias.

Nate pegou o aparelho e examinou o mapa. Janie se aproximou para ver também. Depois eles se entreolharam e ela, apesar dos olhos marejados, esboçou um sorriso de esperança.

Cielle secou as lágrimas e se inclinou para plantar um beijinho no namorado. Jason se recostou no banco, cruzou os braços à maneira de um gângster, depois disse:

– *Oh, yeeeeeah...*

– Eu já estava até simpatizando com ele – disse Janie, impassível, os olhos ainda vidrados. – Mas depois desse *oh, yeeeeeah...*

– Será que eles têm uma jacuzzi? – aventou Jason.

– Você deveria saber – retrucou Nate. – O cara não é seu amigo?

– Tu não manja nada, né não? – ironizou Jason. – Ninguém é realmente amigo de ninguém na internet.

Em silêncio, eles foram seguindo para a zona leste da cidade, Janie lendo o mapa eletrônico e informando o caminho com uma voz fraca, quase inaudível. Jason tomou a mão de Cielle, deu-lhe um beijinho rápido e Nate ficou surpreso com a própria reação: em vez de praguejar contra o garoto, gostou de ver o carinho dele com a filha. Cielle havia passado por maus bocados, e o Bundão pelo menos sabia como oferecer algum consolo. Absorvendo o silêncio, cada um remoia suas preocupações individuais, tragados pelo desconhecido.

Nate tomou a saída para Silver Lake, território dos descolados, dos aspirantes a artista, dos músicos independentes e dos naturebas. Uma região de muitas colinas e árvores, a leste de Hollywood e a norte do centro de Los Angeles. Eles agora atravessavam um corredor polonês de cafés, butiques, bistrôs, estúdios de pilates, livrarias gays e *Martini clubs*, todos repletos com sua respectiva fauna. A certa altura passaram pela famosa escadaria na qual o Gordo e o Magro haviam escalado e escorregado com um piano, mais ou menos uma dúzia de vezes, no filme *Caixa de música*. Dali a pouco já estavam avançando morro acima na direção da represa e do endereço marcado no iPhone de Cielle com um ícone que mais parecia uma paleta de violão.

A arquitetura das casas era bastante variada: bangalôs em estilo espanhol se misturavam a muitas imitações e alguns poucos originais de Richard Neutra, o gênio modernista. Enfim chegaram à casa, um projeto moderno de concreto e

vidro, e Jason assobiou, impressionado. Após deixar o jipe na rua e caminhar feito um grupo de mortos-vivos, imundos e exaustos, entraram no jardim dianteiro da casa e ficaram ali, avaliando portas, janelas e portões à procura de alguma vulnerabilidade.

No jardim lateral, Nate encontrou uma janela destrancada, uma das que davam para a lavanderia da casa. Ergueu a vidraça e esperou. Nenhum alarme. O perfume dos detergentes e amaciantes vazava pela fresta aberta, cheiros de uma vida normal. Nate virou-se para chamar os outros, mas não encontrou a própria voz. A lembrança de uma existência comum e tranquila o havia emudecido, as circunstâncias pesando sobre as cordas vocais. Engoliu em seco, sentiu o sangue craquelar na testa e tentou novamente.

O SOL DESPONTOU NO HORIZONTE, dourando as vidraças que iam do teto ao chão, invadindo lentamente a amplidão da sala: as bordas do tapete oriental, a mesinha de centro em forma de gota, o ninho de lençóis em que Jason Bundão dormia, a ponta do sofá, os pés, as canelas e os joelhos de Nate. Finalmente ele poderia saborear o amanhecer em vez de se sentir perseguido por ele na contagem regressiva de um prazo sinistro. Após algumas horas de um sono leve, havia despertado como se por um choque elétrico e permanecido no sofá, montando sua guarda silenciosamente enquanto Jason roncava a seus pés e Janie e Cielle dormiam num dos quartos do corredor. Saíra da casa apenas uma vez, esgueirando-se até a rua para substituir a placa do jipe pela do Range Rover estacionado na garagem.

Jason enfim acordou. Com os cabelos praticamente em pé, levantou-se do chão, esfregou o olho roxo, bocejou e, correndo os olhos pelos móveis da sala, disse:

– Caramba. Quem diria que o Monkey Biz12 era montado na grana?!

Nate preferiu ouvir aquilo como uma pergunta simplesmente retórica. Fechou os olhos, respirou fundo e testou os músculos. Mão esquerda, fraca. Mão direita, funcional apesar do formigamento. Em seguida, ergueu o pé esquerdo e o girou como se quisesse alongar os músculos do tornozelo. Nenhum sinal da ladeira anterior, mais um pequeno milagre das recuperações matinais. Arrastou-se para a cozinha, depôs a Beretta no balcão, serviu-se de um copo d'água e tomou seus comprimidos. Para o ferimento já quase curado no ombro, antibióticos. Para os sintomas da esclerose, o Riluzol que nos últimos dias vinha produzindo pouco mais que um efeito placebo. Ainda assim, fez questão de tomar o comprimido. Caso seu estado piorasse, seria arriscado demais deixar a clandestinidade para procurar um médico. Sabia muito bem que já despencava ladeira abaixo de forma irrefreável: o máximo que poderia fazer era apertar o cinto e continuar se medicando.

Cielle e Janie emergiram do corredor, amarfanhadas pelo estresse. Os quatro se entreolharam num desconcerto geral, sem saber o que dizer ou fazer. Gaspar também surgiu dali a pouco, riscando o chão com as unhas, mancando um pouco. Tal pai, tal filho, pensou Nate, fitando-o com empatia. Ao relemburar os acontecimentos da véspera, viu o tamanho da dívida que tinha com o cachorro e se agachou para coçar a barriga dele. Gaspar automaticamente ergueu uma das patas traseiras.

Foi Janie quem quebrou o silêncio:

– A gente precisa se limpar.

Eles encontraram toalhas, dirigiram-se aos diversos banheiros da casa e, de banho devidamente tomado, voltaram a se reunir na sala. Com a habilidade de

uma enfermeira, Janie tomou a iniciativa de cuidar dos feridos. Examinou o olho de Jason com uma lanterna, viu que a córnea estava intacta e deu a ele um comprimido de Advil para conter o inchaço. No kit de primeiros socorros do carro, encontrou o que precisava para fazer um curativo na testa cortada de Nate. Inclinou-se sobre ele, a testa franzida pela concentração. Diante de tanta proximidade, Nate não pôde deixar de admirá-la: os dentes que fincavam as carnes do lábio inferior, as sardas desbotadas que enfeitavam o nariz perfeito, o toque macio dos dedos, o hálito quente que soprava em seu rosto.

Por fim, ela se afastou e disse:

– Isso aí vai durar pelo menos até o próximo ucraniano.

Apesar da piada, via-se claramente o medo que ela traía no olhar.

– E agora, o que a gente faz? – perguntou Jason, com um descabido entusiasmo.

– Estou *morrendo* de fome – comentou Cielle.

Jason a abraçou pela cintura.

– Ainda está muito pilhada? – indagou. – Depois de tudo o que aconteceu ontem?

– Se demonstrarmos medo, os terroristas vencem – brincou ela.

Estava parodiando algum comentarista da Fox News, mas não deixava de ter alguma razão. Nate pôde perceber um discreto tremor na voz da filha.

– Já dei uma olhada na cozinha – disse Janie. – Geladeira, armários, tudo vazio. Eles devem ter feito uma limpa antes de viajar. Alguém vai ter de sair para fazer umas comprinhas.

– *Eu* vou – ofereceu-se Jason e, antes que Nate pudesse protestar, emendou: – Pô. Não tem ninguém no meu pé. Pelo menos isso. Além do mais, sei me defender. Já fiz *tae kwon do*.

Caprichou na pronúncia mais do que parecia necessário.

– É, fez – disse Cielle. – Até a faixa *amarela*.

– Amarela com uma listrinha verde!

– Meninos, *chega*. – Janie tirou algum dinheiro da carteira. – Tome cuidado. Vá num pé e volte no outro, Bruce Lee. Direto para casa, sem parar em lugar nenhum.

– Exceto na Nicky D's – retrucou Jason.

– Nicky D's? – perguntou Janie, cansada. – Que diabo é isso?

– *Que diabo é Nicky D's?* – Jason revirou os olhos, mal acreditando no que acabara de ouvir. – Só a melhor pizza... *que já existiu!*

Nate se deu conta de que o Bundão tinha a mesma maturidade emocional de Charles. Ou vice-versa. Um, solto na eternidade. O outro, infelizmente presente.

– Não estou gostando disso – falou. – Acho que sou eu quem deve ir.

– Estragado assim? Feito Frankenstein? – argumentou Jason.

– Ele tem razão, pai – disse Cielle. – É melhor você ficar.
– Relaxa, cara. Sei me virar. – Jason se dirigiu à porta, mas de repente parou e disse: – Sou estritamente vegetariano.

Janie forçou um sorriso e comentou entre dentes:

– Eu já imaginava.

– Achei que devia avisar. Espero que ninguém reclame. Da pizza.

– Compre o que quiser, Jason.

– *Jay!* – suplicou ele. Depois: – Cielle pode vir comigo?

– *Não!* – responderam Nate e Janie juntos.

– Ok, ok – Jason encolheu os ombros, deu mais alguns passos e, antes de sair, achou por bem esclarecer: – Sra. Overbay... Só para sua informação: Bruce Lee lutava *jeet kune do*, e não...

– Rua, Jason! – disse Janie.

Assim que ele se foi, Cielle se jogou no sofá e ligou a televisão. Um reality show. Peruas muito falantes, nadando em joias e maquiagem, discutiam para saber qual era o melhor sushi de Beverly Hills. Cielle chamou o cachorro para junto de si e começou a acariciar as orelhas de seu herói, falando com ele em uma linguagem infantil. Um quadro ridículo: um dragão fazendo as unhas na manicure.

Janie caminhou até as vidraças da sala e ficou olhando para a represa ao longe. Nate se juntou a ela. Aquecidos pelo sol forte do meio-dia, eles ficaram ali, admirando a bucólica paisagem a seus pés. Douradas pelo sol e encapeladas pelo vento, as águas do lago mais pareciam uma grande chapa de cobre martelado. Ciclistas pedalavam nas margens; casais passeavam de mãos dadas; cachorros puxavam seus donos pela coleira. A vida em movimento. Ninguém ali suspeitava da existência e dos problemas daquelas três pessoas do outro lado das vidraças, daquela família capenga que, apesar das circunstâncias, procurava fazer seu melhor. Que o mundo prosseguisse com seus pequenos prazeres e desafios cotidianos revelava-se um inesperado consolo.

Nate sentiu uma queimação na mão esquerda, como se a estivesse apertando, mas ao baixar os olhos, viu que ela pendia solta. Acusou então os músculos traidores.

– Eu queria tanto ligar para os meus pais... – disse Janie baixinho. – Para os meus amigos... Mas Shevchenko descobriu sobre o nosso voo para Nova York, não foi? Só Deus sabe o que, ou quem, ele pode estar monitorando neste exato momento. Então... só nos resta ficar aqui. Presos nesta bolha, isolados do mundo.

Nate não conseguiu encontrar algo para dizer, então ficou calado.

– Vou sacar mais dinheiro – prosseguiu Janie. – Passar por vários caixas eletrônicos, aleatoriamente, até chegar ao limite diário de saque. Essas coisas que a gente vê em *Law & Order*.

Sob as palavras, Nate ainda podia notar um levíssimo traço do cecear que ela

tentava suprimir, uma daquelas imperfeições que pareciam receber e refletir toda a luz que ela emanava.

Janie pôs uma das mãos na vidraça à sua frente como se estivesse testando a temperatura dela.

– Estamos seguros aqui. Por enquanto. Mas e depois?

– Vou tentar falar com Abara – disse Nate. – Ver se ele pode nos dar alguma estimativa para a resposta do Programa de Proteção.

– E se ele *não* conseguir botar a gente no programa?

– Nesse caso, você e Cielle vão ter de cair na estrada.

– Não quero. Me sinto mais segura do seu lado. Cielle também.

– Então vamos rezar para que as coisas não cheguem a esse ponto.

Janie engoliu em seco e se recompôs. Nate arriscou fitá-la diretamente. O sol deixava os olhos dela quase transparentes, um cartão postal de tão azuis, e ele achou por bem virar o rosto antes que ela pudesse ler o que diziam *seus* olhos.

Atrás deles, vindo da TV: “*Sua cafona, você não reconheceria uma Vuitton verdadeira nem que ela te mordesse na...*”

– Ligue para o Abara – disse Janie.

Ao tentar abrir o celular, Nate sentiu uma dorzinha de leve em ambos os braços, como se eles estivessem doloridos de um treino de musculação. Acrescentou o novo sintoma à sua lista e seguiu em frente. Não havia tempo para maus presságios naquelas circunstâncias.

Apesar da fraqueza dos dedos, enfim conseguiu abrir o aparelho e ligá-lo com um golpe do polegar. Deparou com um recado de sua chefe. Sabia que havia algo de errado quando ela incluía a patente antes do nome.

– Nate, aqui é o sargento Jen Brown. Fomos notificados de que você foi detido numa investigação de terrorismo e que está prestes a ser indiciado. Desnecessário dizer que você está suspenso até que tudo se esclareça. Preciso que venha até aqui, limpe sua mesa, entregue os relatórios das últimas notificações que realizou e assine uma papelada do Jurídico.

O que ela queria mesmo era que ele assinasse a porcaria dos papéis, quanto a isso ele não tinha dúvida.

Ignorando o recado, Nate ligou para Abara, que respondeu baixinho:

– Só um minuto.

Nate percebeu que o agente estava se deslocando. Dali a pouco ouviu o vento que batia no aparelho dele.

– Você não pode me ligar *assim*, Overbay.

– Quando você vai ter uma resposta sobre o Programa de Proteção?

– Em breve. Olhe, agente firme. A Promotoria não está nem um pouco contente comigo por ter deixado você sair antes do indiciamento. Não posso falar agora, muito menos por telefone.

– A gente mal pode colocar os pés na rua – argumentou Nate. – Estamos

passando por maus bocados, Abara.

O agente suspirou, depois disse:

– Me dê mais 24 horas.

– Como a gente vai...?

– Vou marcar um encontro com você por SMS. Depois discutimos qual será o nosso próximo passo – retrucou Abara e desligou.

Nate usou o queixo para fechar o celular. Olhou para Janie e falou:

– Só amanhã.

Ela assentiu solenemente, depois voltou os olhos para o lago.

Por um tempo eles ficaram em silêncio, saboreando aquele momento de paz, o primeiro que haviam tido desde a fuga de Santa Monica. Subitamente, Cielle crispou o rosto e, sem motivo aparente, começou a chorar no sofá. Janie se aproximou dela e a abraçou enquanto Nate acompanhava a cena da cozinha, impotente, consumido pelo desejo de uma vingança sanguínea. Eles passaram quase mais outra hora sem dizer nada, Cielle aturdida no sofá, Janie e Nate perdidos nos próprios pensamentos e conjecturas.

Cielle ia para cozinha com seu copo d'água quando a porta dos fundos se escancarou e um vulto encapuzado saltou à sua frente e berrou:

– Uááááá!

Janie deu um berro e Nate praticamente voou para buscar sua arma. Só então viu a caixa de pizza que o invasor trazia nas mãos.

O Bundão baixou o capuz do moletom e, às gargalhadas, disse:

– Assustei vocês, é?

Cielle revirou os olhos para o teto, um gesto exagerado que acentuava a maquiagem das pálpebras.

– Se você assustou a gente? – falou. – Imagina. Na verdade senti até um calorzinho bom no coração, sabia?

Jason pareceu decepcionado.

Sem nenhuma cor no rosto, recostada às vidraças e ainda amassando o tecido da camisa, Janie ameaçou:

– Se você fizer isso de novo, Jason, juro que mato você com as minhas próprias mãos.

Jason olhou para Nate, viu que ele fumegava pelas ventas com a arma na mão. Um tanto assustado, deixou a pizza na bancada da cozinha, umedeceu os lábios e disse:

– Ok, foi mal. Mas vocês também não precisam se estressar assim, né não? Já estou de saco cheio de ser tratado feito um mané nesta família.

– Então pare de agir como um – retrucou Nate.

A ficha aparentemente caiu na cabeça do garoto.

– Poxa, pai – intercedeu Cielle. – Pega leve, né?

– Tudo bem – falou Jason. – Deixa pra lá.

Em seguida, saiu para o carro, voltou com diversas sacolas de supermercado e as deixou no chão da cozinha. Leite, suco de laranja, pão, um pacote de Red Vines, biscoitos, ração para o cachorro, espaguete, sorvete, manteiga de amendoim, refrigerante. Nate se aproximou para pegar uma das sacolas, mas as alças escorregaram de sua mão esquerda. Procurando se concentrar mais, tentou uma segunda vez, mas os dedos cederam ao peso e o pote de sorvete caiu no chão.

– Quer uma mãozinha? – ofereceu Janie, do outro lado do balcão.

– Não, obrigado.

Nate ergueu a mão direita, mas viu que ela estava trêmula. “Feche esta mão, porra, e pegue a sacola”, ordenou a si mesmo. Mas novamente os dedos falharam.

Na sala, Cielle e Jason encenavam uma luta de espada com as balas Red Vines.

Suando copiosamente na testa, sentindo engulhos no estômago, ele tentou pescar a sacola mais uma vez.

Janie, agora junto à geladeira:

– Tem certeza de que não quer ajuda?

– Tenho. Obrigado.

A sacola subiu alguns centímetros do chão, mas depois caiu, e o pote de manteiga de amendoim rolou para fora. Nate ficou olhando para os próprios dedos, arrasado, Cielle e Jason gargalhando às suas costas. Irritado, ele se reergueu e disse:

– Cielle, guarde isto aqui.

– Mas você já está aí na cozinha, ora.

– Não discuta. Ande – ordenou ele, bem mais ríspido do que havia pretendido.

Janie se virou para ele, estudando-o, e só então notou os potes caídos no chão. Nate fez que não percebeu. Foi até a pizza, abriu a caixa. Pizza havaiana: lombinho canadense com abacaxi.

– Você não era vegetariano? – perguntou a Jason.

– Ah – disse Jason. – Pois é. Menos com bacon.

Todos se entreolharam.

– Que foi? – retrucou ele. – Pensem bem. O que torna tudo gostoso? Bacon. Um BLT, por exemplo. Só presta por causa do bacon. Uma salada. Também só presta com bacon. A batata assada...

– Certo. Bacon. Já entendi.

– Minha tese é esta: se eu comer só bacon, ainda assim vou continuar sendo um bom vegetariano. Ah, e churrasquinho grego também.

O tempo foi passando e eles atravessaram a tarde sem dar muita fé por ela, procurando ficar longe das janelas, mesmo com as cortinas fechadas. Sentado no chão, recostado ao sofá, Nate acabou pegando no sono enquanto via o sol se pôr

do outro lado das vidraças. Gaspar se enroscava nas pernas dele como se ainda fosse um filhotinho, transbordando para os lados; fazia anos que não cabia no colo de alguém, mas ainda não tinha dado por isso.

A certa altura, num estágio intermediário entre o sono e a consciência, Nate recebeu uma breve visita de Charles, que acariciou o cachorro com a mão ensanguentada, dois dedos faltando na altura das articulações.

– Um vegetariano que come bacon – disse ele. – Se você não der umas porradas naquele imbecil, eu dou.

– Eu dou, eu dou. Mas depois que eu acordar, pode ser?

A casa estava escura quando Nate enfim despertou; para não chamar atenção, eles haviam concordado em deixar a maioria das luzes apagada. Ele se desvencilhou de Gaspar e o cachorro engrolou um resmungo de irritação.

Com as colheres no pote de sorvete, Cielle e Jason eram dois zumbis diante da televisão. Nate parou à porta e ficou observando a dupla, a luz da TV tremulando no rosto deles, transformando a sala num aquário azul de tranquilidade. Eles se davam as mãos sobre uma almofada, e havia nisso algo de tal modo juvenil e inconsciente – até mesmo casto – que Nate chegou a se emocionar por um instante. Cielle raspou o pote e, vendo que o sorvete já havia acabado, disse:

– Saco.

Jason, que já ia enfiando a própria colher à boca, levou-a à boca de Cielle e deixou que ela comesse o restinho de sorvete.

– Valeu – disse ela de boca cheia.

Jason ergueu a mão dela para um beijinho.

Tudo isso sem tirar os olhos da televisão.

Pela primeira vez, Nate relaxou, pelo menos um pouco, o veredicto que havia formado desde que vira o garoto pela primeira vez. Quem sabe aqueles dois não estivessem lá muito longe de um casal brincando de casinha numa quitinete de Westwood, dando comidinha na boca um do outro?

Ele saiu pelo corredor escuro à procura de Janie. A luz do banheiro estava acesa na suíte principal da casa, e foi lá que encontrou a mulher, sentada na borda da banheira com uma pinça em punho, concentrada numa das mãos. Um frasco de álcool se achava aberto na pia.

Ela ergueu o rosto e sorriu, dizendo:

– Que bom que você conseguiu dormir um pouco.

Aproximando-se, Nate notou as articulações dos dedos dela, ainda esfoladas em razão dos murros que dera na porta da garagem durante o ataque de Yuri. A aliança de brilhante de seu noivado com Peter também havia machucado o anular. Nate se deu conta de que a mulher tinha passado a manhã inteira cuidando dos outros, mas que ninguém se dera ao trabalho de cuidar dela.

Ajoelhou-se à sua frente e falou:

– Me deixe ver isso aí.

Janie lhe estendeu a mão, mas não sem algum floreio, como se fosse uma donzela setecentista. Erguendo-a contra a luz, Nate encontrou pequenas farpas espetadas em diferentes pontos da pele muito branca. Girou a aliança de modo que pudesse ver melhor o que havia debaixo dela.

– Esta aliança está atrapalhando, não está? – disse Janie e terminou de tirá-la do dedo. Em seguida, a arremessou cegamente e ela alçou voo, ricocheteando na pia e na parede antes de aterrissar e ficar rodopiando no chão pelo que pareceu uma eternidade. – Eles que fiquem com essa porcaria. A título de aluguel – continuou. – Agora vamos acabar logo com isso.

Nate estendeu a mão diante dela e, feito um médico, pediu:

– Pinça.

– Pinça.

Feito uma enfermeira instrumentista, Janie bateu com a pinça na palma dele.

Nate a encarou e avisou:

– Vai doer.

– Eu sei.

Por algum motivo insondável, as mãos dele se revelaram fortes e firmes quando começou a trabalhar com a pinça. Mesmo assim, se desculpou a cada vez que ela estremecia de dor. Opa. Foi mal. Desculpe.

Terminado o trabalho, todas as farpas já devidamente retiradas, Nate permaneceu ajoelhado no chão com a mão de Janie entre as suas, os olhos voltados para baixo, ainda repetindo baixinho:

– Desculpe, desculpe...

As palavras agora tinham outro significado.

Janie o calou com um beijo.

Um beijo terno e carinhoso. Depois menos terno, menos carinhoso.

Nate se ergueu desajeitadamente e Janie recuou um pouco na banheira, abrindo as pernas para que ele pudesse se aproximar. Ambos recebiam interromper o beijo e depois não ter coragem suficiente para retomá-lo. Dali a pouco estavam de pé, arrastando-se juntos para o quarto escuro, batendo os joelhos, tropeçando um no outro, até que Janie caiu de costas na cama, uma das mãos na nuca de Nate, puxando-o para junto de si.

Beijos tórridos. Um retorcer de corpos. Roupas emboladas nos pés. A pele dela, nua e quente, contra a dele. Braços, coxas e troncos misturados num único corpo. Janie cruzava os tornozelos sobre as costas dele, apertando-o contra si, ficando-o com as unhas nas escápulas.

– Por que você me fez esperar tanto assim? – sussurrou ela junto ao peito de Nate.

Saciados, eles permaneceram abraçados na cama, ofegantes. As pálpebras

de Janie foram pesando aos poucos e não demorou para que ela adormecesse. Admirando a mulher a seu lado, tão linda e aparentemente tão em paz, Nate preferiu não pensar nos segundos que iam resvalando para o futuro em compasso com o próprio coração.

NA MANHÃ SEGUINTE, TODOS comiam cereal na sala quando Nate recebeu o torpedo de Abara: 21h. TRAVEL TOWN, GRIFFITH PARK. LOCOMOTIVA 3025. O telefone foi passando de mão em mão para que os demais pudessem ler.

– Então hoje vamos ter alguma notícia – disse Janie. – Para o bem ou para o mal.

Eles passaram o dia inteiro enjaulados na casa feito fugitivos, e de fato era assim que Nate os via. Embora se esforçasse para não pensar no encontro marcado para aquela noite, ficava cada vez mais apreensivo à medida que a noite caía, irritando-se facilmente com a agitação de Cielle e Jason. A lua de mel já havia chegado ao fim, e agora eles brigavam como... bem, como dois adolescentes.

Enquanto preparavam o jantar, ele e Janie podiam ouvir a conversa dos dois na sala:

– Eu não falei que ela é *gostosa* – protestava Jason. – Só falei que *não é feia*. É bem diferente.

Conferindo a panela, Janie disse:

– Ele falou que ela era gostosa, sim.

Era Cielle quem berrava agora:

– Christina Verducci! Haja estômago... “Ai, eu daria tudo para fazer uma *pedicure a-go-ra*. Como vou sair de casa assim, feito uma bruxa?” Porra, Jason. Se é nesse tipo de mulher em que você se amarra, então o que está fazendo aqui comigo, hein? *Hein?*

Janie verteu o espagete no escorredor e a essa altura a discussão na sala já havia se intensificado.

– Quando você *me* manda calar a boca – dizia Jason –, você não está calando a *sua* boca.

Janie, mais uma vez na sua condição de comentarista:

– Ela *realmente* falou que era para *os dois* calarem a boca.

Cielle, de volta à ofensiva, a voz ecoando no corredor:

– Você está tão errado, mas *tão* errado, que eu só queria ter um gravador aqui para você poder ouvir o *tamanho* do seu erro.

– E eu só queria ter um gravador aqui para provar que eu nunca disse que Christina Verducci era gostosa.

– Se a gente perguntasse, tipo, para cem pessoas, 99 iriam concordar comigo.

– Ah, claro. Assim como a Rosie O'Donnell é gay.

– Rosie O'Donnell é gay, idiota.

– Eu quis dizer... assim como ela *não é gay*.

Apesar da gritaria, a infantilidade da discussão arrefecia um pouco a agonia

da espera, Nate enfim admitiu. Janie passou a ele uma pilha de pratos e ele os arrumou sobre a mesa, o tilintar da louça momentaneamente se sobrepondo a Tom e Jerry. Quando terminou de servir água nos copos, as coisas já haviam se acietado no corredor.

Janie inclinou a cabeça, dizendo:

– O que será que vem agora?

– Forest – dizia Cielle.

– Não – retrucou Jason com sua voz roufenha, quase inaudível. – Forest é nome de hippie. Que tal... Carson?

– Carson, não. Eu conhecia um Carson no primário que comia as próprias sobralhas. O que você acha de... Taylor?

– Acho maneiro. Taylor Hensley.

– Não. Taylor *Overbay*.

Mal acreditando no que estava ouvindo, Nate disse:

– Meu Deus. Será que eles estão...?

– Estão – disse Janie.

Eles continuaram ouvindo. E nada.

– Silêncio não é legal – disse Janie, mas Nate já se mexia.

Ele saiu correndo para o corredor e no escritório da casa encontrou Cielle e Jason se beijando no sofá de couro, sentados, graças a Deus. Pigarreou acintosamente e os dois pombinhos se separaram na mesma hora, encarando-o com olhos de Garfield.

– Não, ouviram? Apenas isto: *não*. Agora venham comer.

A dupla saiu se arrastando na esteira dele, Jason resmungando:

– Pô... era só um beijo. Até parece que a gente tava na maior pegação.

Bastou que Nate erguesse um dedo para que o garoto se calasse.

Para evitar a luz forte das luminárias, Janie havia acendido velas na cozinha, e o efeito delas era ao mesmo tempo sedativo e elegante. A massa fumegava nos pratos, mas em obediência a algum acordo tácito, ninguém tomava a iniciativa de comer. Nada se ouvia além do crepitar das velas e de Gaspar mastigando a ração, a coleira batendo na saladeira que Nate havia improvisado como tigela. Baixando os olhos para o guardanapo dobrado à sua frente, pela primeira vez na vida ele entendeu por que as pessoas costumavam dar graças antes das refeições. Por um breve instante eles poderiam esquecer o que os esperava do outro lado das paredes reconfortantes daquela casa emprestada. Sentar-se ali, diante daquela mesa tão bem posta, dava à situação deles um súbito alívio. Até mesmo o Bundão mantinha a boca fechada.

Foi Cielle quem deu uma primeira e hesitante garfada. Só então os outros começaram a comer, quase timidamente.

Nate perdeu o ânimo ao notar a rapidez com que suas mandíbulas cansaram de mastigar, uma dor irradiando das juntas dos ossos. Aquele era o primeiro

sintoma a aparecer na cabeça, perigosamente perto do cérebro, e seu fim lhe pareceu ainda mais inexorável, senão mais próximo. A ironia da coisa era de embrulhar o estômago: ele enfim havia conseguido soltar as amarras que o mantinham afastado da família, e agora seus músculos pareciam conspirar no sentido de paralisá-lo. Fazendo o possível para mascarar os sentimentos, largou o garfo na mesa.

– Tudo bem com você? – perguntou Janie.

– Tudo – disse ele. – Só não estou com muita fome. – Depois limpou a boca com o guardanapo e se levantou, falando: – Com licença.

Equilibrando-se nas pernas meio bambas, foi até o banheiro da suíte e jogou um pouco de água no rosto. Os dedos fracos escorregavam na torneira, então ele a fechou com uma cotovelada. Olhando-se no espelho ordenou:

– Segure a sua onda.

Em seguida, fez xixi e precisou usar a palma da mão dormente para apertar a descarga. Diante da dificuldade para voltar com as cuecas para dentro das calças, ficou desesperado e por pouco não se desmanchou em lágrimas. Enfim conseguiu, mas então deparou com o maldito botão que não entrava na casa. Muito em breve teria de comprar calças de elástico, pensou.

Faltava pouco para a reunião marcada com Abara, e para comparecer ele precisaria de braços e pernas minimamente funcionais. Vendo que o braço esquerdo era o pior dos dois, tentou massageá-lo com o polegar direito, apertando o máximo possível a fim de sentir alguma coisa familiar, *qualquer coisa*. No entanto, por mais que se esfregasse, podia constatar que as dores permaneciam indiferentes, senão piores. Em pouco tempo começou a perder as forças também na mão direita. Então cravou os olhos nela e mentalizou para que os dedos voltassem a se firmar, para que respondessem aos sinais que ele tentava transmitir.

Alguém bateu de leve à porta.

– Só um minuto.

Janie entrou mesmo assim.

– O que está acontecendo?

– Nada. Eu... eu... Não é nada – disse ele, as forças faltando inclusive na voz.

Janie o olhou de cima a baixo. Cinto desafivelado. Braço esquerdo enrolado contra o abdômen, mão direita apertando-o debilmente. Nate ficou vexado ao pensar na triste figura que apresentava à mulher.

Em silêncio, Janie se adiantou até ele, fechou o botão da calça e afivelou o cinto. Nate permaneceu imóvel, como se quisesse ficar invisível. O braço tremia contra a barriga. A mão direita o apertava sem sequer sulcar a pele.

Vendo isso, Janie tomou o braço dele entre suas mãos quentes e firmes. Nate tentou se desvencilhar, mas ela não deixou.

– Olhe para mim – pediu.

Ela agora o encarava com os olhos impossivelmente azuis e implacáveis, obrigando-o a fitá-la de volta. Ele e seu braço inerte não iriam a lugar algum.

– Estou aqui. Vou ajudar.

As palavras que ele mesmo dissera ao salvá-la no mar.

À custa de algum esforço, ele enfim relaxou e deixou que ela massageasse seu punho, com delicadeza. Assustou-se um pouco quando viu o tremor parar. Janie interrompeu a massagem por uma fração de segundo, mas depois a retomou nos músculos do antebraço, lentamente os trazendo de volta à vida.

Um sorriso despontou em seus lábios, melancólico e quase imperceptível.

– Vou ajudar – repetiu ela.

NATE JÁ SE SENTIA bem melhor quando saiu à rua. A lerdieza muscular havia sucumbido totalmente ao toque de Janie, e as mãos permaneceram firmes no volante do carro, inclusive nas curvas, durante todo o trajeto até as colinas escuras do Griffith Park. Confinado por três autoestradas ao sopé das montanhas de Santa Monica, o parque municipal era a versão local do Central Park novaiorquino, porém bem maior e de vegetação mais selvagem. Nate passou pelas placas do zoológico e do carrossel, e mais adiante pela do observatório onde o rebelde James Dean havia enfrentado um bando de valentões com seu canivete e seu olhar lendariamente penetrante.

Durante o dia o lugar era um formigueiro de gente, uma democrática explosão de movimento e cores. À noite, no entanto, prevalecia o breu das matas. Os faróis do jipe davam um ar sinistro aos poucos carros e pedestres que se aventuravam por ali, lembrete de que as tentações e os vícios da cidade estavam tão próximos quanto a autoestrada que ronronava ao longe, do outro lado dos carvalhos.

Um trecho de 3 hectares ao norte do parque, conhecido como Travel Town, era um híbrido de estação e museu ferroviário onde a garotada costumava brincar nos vagões e locomotivas antigos antes de saírem para um passeio a bordo de um trem Pullman em miniatura.

Nate deixou o jipe nas redondezas. Em razão da fraqueza, teve dificuldade para escalar a cerca de ferro e precisou contornar o perímetro do terreno até encontrar uma caçamba para usar como degrau. Enfim pulou para o outro lado e rapidamente ficou de pé, varrendo a terra da camisa. O lugar mais parecia um cemitério de elefantes, os imponentes vagões perceptíveis apenas como vultos na escuridão. Caminhando entre os diferentes trens, chegou a se emocionar ao ver de perto aqueles velhos gigantes poupados do ferro-velho após uma longa vida de bons serviços prestados, abandonados ali para se arejar um pouco em meio às gargalhadas das crianças. Tratava-se de uma interpretação romântica e sentimental, e pensando melhor, Nate viu que estava refletindo sobre a própria condição muito mais do que sobre o destino de máquinas a vapor. Apreensivo, seguiu em frente, procurando o local do encontro com Abara.

A locomotiva de número 3025 despontava mais adiante, um colosso de mais de 100 toneladas que na sua rota ao longo da costa até São Francisco havia transportado personagens ilustres, presidentes até, como Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson. Anos antes, Nate havia levado Cielle ali para a festa de aniversário que uma coleguinha de escola tinha organizado naquela mesma locomotiva. Ele parou um instante e ficou pensando nos chapeuzinhos de cone, nas toalhas de papel, a mãozinha miúda da filha puxando a corda para fazer soar o sinete.

Pensou também nas duas fotos puidas que mantinha na geladeira do apartamento e agora trazia sempre consigo no bolso das calças: Janie e ele rindo na primeira dança de sua festa de casamento; Cielle depois do treino de futebol, abrindo seu sorriso banguela de criança. Mais ou menos um ano após essa última foto ele havia partido para o deserto, e o tempo transcorrido desde então parecia ao mesmo tempo uma eternidade e um átimo, uma longa noite de sono e um mero piscar de olhos.

Subiu na venerável locomotiva, esperou os olhos se habituarem à penumbra e só então localizou o vulto de Abara, esparramado na cadeira do maquinista. Caminhou até o agente e se sentou ao lado dele. O ambiente recendia a óleo e metal.

Abara o avaliou por um instante.

– Belo curativo aí na sua testa.

– Como disse, a gente escapou por pouco. – Nate respirou fundo. – Então, em que pé estão as coisas?

– Andei mexendo meus pauzinhos por aí, mas... – começou Abara. O tom deixava claro que as notícias não eram boas. – Entrar num Programa de Proteção é muito mais complicado do que eu havia imaginado. Só com uma assinatura do promotor. Dele e de mais ninguém.

– Então não vai rolar, é isso?

– Infelizmente, não. – Abara esfregou os olhos. Uma medalhinha de ouro pendia do colarinho da camisa, rebrilhando na escuridão. – Sei que não é nenhum consolo, mas as testemunhas daquele acidente de carro... Já estão todas fora de perigo, graças a você.

Nate conseguiu pelo menos menear a cabeça.

– Fico feliz.

– Estão sob nossa proteção até o mês que vem, quando irão testemunhar contra a filha do ucraniano. Luis Millan até mandou um pedido de desculpas para você. Vamos rezar para que Shevchenko não descubra o nome deles. Será muito mais seguro para todo mundo se ele continuar sem saber quem são seus alvos.

– Este alvo aqui ele já conhece – retrucou Nate, apontando para si mesmo, deixando escapar um leve sorriso. – Você não conseguiria para a minha família o mesmo tipo de proteção que conseguiu para essas testemunhas? Nem que seja só por um mês?

Ele já sabia a resposta, mas precisava dizer alguma coisa para conter o desespero.

– Muito em breve você será indiciado por terrorismo – lembrou Abara. – Neste momento você não é exatamente um queridinho da polícia, Overbay.

– É. Suponho que não.

– Você nem imagina a merda que tem caído na minha cabeça porque deixei você ir antes do indiciamento. Se dependesse do promotor, você estaria agora

numa cela, esperando...

– Abara – interrompeu Nate. – Sei que você não tem culpa de nada.

O agente se calou um instante, os traços ainda mais juvenis na escuridão.

– Tem mais uma coisa – disse ele em seguida.

– O quê?

– Tem havido umas buscas não autorizadas nas nossas bases de dado. Alguém querendo saber de você. Da sua mulher e da sua filha também. Essas buscas foram feitas em diferentes departamentos, em diferentes estados. Investiguei algumas delas. Usuários e senhas sempre diferentes. O que significa...

– Que as pessoas estão fazendo login com nomes de terceiros. Para não deixar rastros.

– Exatamente. Essas informações, se você se hospedou em algum hotel, se usou o cartão de crédito, não são lá muito confidenciais. Infelizmente as pessoas prestam favores dessa natureza o tempo todo, seja para descobrir se a babá que a amiga contratou é de confiança, seja para saber para onde foi o marido fujão da prima... Coisas assim. – Abara bufou, irritado. – Não é difícil fazer uma pesquisa básica.

Nate sabia disso. Ele mesmo havia feito pesquisas semelhantes no trabalho. Com a boca seca, disse:

– Foi assim que ficaram sabendo das passagens para Nova York.

Abara assentiu, depois falou:

– Dei uma investigada nas solicitações e só encontrei poeira. – Respirou fundo e emendou: – Portanto, podemos dar por certo que Shevchenko tem muitos amigos por aí, de olho nos monitores.

– Sim, mas e daí?

– E daí que você não deve confiar em ninguém.

– Eu estava esperando alguma coisa mais concreta do que isso.

– Receio que você terá de segurar as pontas até que a gente possa eliminar Shevchenko da equação. Sua família não estará segura até que a gente consiga fundamentar um caso contra ele.

– E em que pé está isso? O caso?

Abara não fez mais do que roçar sua medalhinha de ouro.

– Abara? – insistiu Nate.

– Não está fácil – respondeu ele afinal. – Examinamos as contas de Danny Urban à procura de pagamentos de Shevchenko, mas seu amigo ucraniano sabe como apagar suas pegadas. Tudo o que encontramos foram algumas transferências bancárias com origem na Moldávia, e você pode imaginar o buraco negro que isso representa. Se não conseguirmos estabelecer um vínculo entre Urban e Shevchenko...

– Sem ele vocês não conseguem pegá-lo por homicídio ou coação.

– Exato. Tudo para na morte de um matador de aluguel. No caso de Pavlo,

temos apenas o motivo. Mais nada.

– E com os advogados que ele tem, um motivo é o mesmo que nada.

Abara espalmou uma das mãos, depois a deixou cair sobre o joelho.

– Não sei como ajudar você, Nate – disse e voltou os olhos para os controles da locomotiva.

Foi então que Nate teve um lampejo.

Lembrou-se da resposta irônica que o agente dera ao ser perguntado o que seria preciso para que a promotoria conseguisse fisgar o ucraniano: “Ganhar a filha dele, talvez, em troca de imunidade no caso de embriaguez ao volante.”

E durante o interrogatório na Polícia Federal, Abara dissera: “Depois do acidente ela foi se refugiar numa boate ucraniana chamada Nebesa. Toda terça-feira, religiosamente, a vagabunda vai para lá.”

Nate sacou seu celular e conferiu a data estampada no monitor: 30 de outubro, terça-feira.

– Talvez eu possa encontrar um jeito de ajudar *você* – disse.

Abara se virou e Nate pôde sentir o peso do olhar dele.

– Não posso envolver você numa investigação policial.

– Não estou pedindo que me envolva em nada.

– Ótimo. – Eles ficaram ali na locomotiva, olhando através do para-brisa, sem sair do lugar. Depois de um tempo, Abara balançou a cabeça, pensativo. – Mas você tem meu celular. Se quiser mandar um torpedo, não tem nada que eu possa fazer para impedir.

– Não, não tem.

Abara ficou de pé e deu um tapinha no ombro de Nate. Antes de sair, falou:

– Eu diria para você não fazer nenhuma besteira, mas... parece que é *só isso* que você sabe fazer.

MUITO BADALADA, E COM um pé no cafona, ou dois, a boate Nebesa confirmava todos os estereótipos de uma casa noturna à la Europa Oriental. Canhões de luz varriam os céus. Range Rovers e limusines pululavam na rua. Uma gigantesca marquise de neon violeta encimava os manobristas. Muitas das moças que entravam poderiam facilmente ser confundidas com prostitutas, e o segurança era um gorila sem pescoço embrulhado num falso terno de grife.

Com algumas notas de vinte dólares na mão, Nate passou para o outro lado da corda de veludo vermelho e se aproximou da porta, fazendo o possível para firmar o tornozelo esquerdo e não arrastar a perna. O segurança o olhou de cima a baixo, testa franzida, mãos cruzadas na altura da virilha, uma postura certamente aprendida na escola dos seguranças. Em seguida, pousou os olhos nas notas de vinte, mas não ficou nem um pouco impressionado. O físico e o semblante eram muito parecidos com os dos outros capangas ucranianos que Nate já conhecia, e o sotaque se revelou exatamente o mesmo quando ele disse:

- Não pode entrar.
- Por que não? – perguntou Nate.
- Não é bonito o suficiente.
- Isso explica por que você está aqui fora.

O homem não tinha sobrancelhas, mas no lugar delas ele ergueu dois reluzentes nacos de carne. Em seguida, acomodou o corpanzil, alinhando os sapatos com os ombros.

Outro gorila emergiu do interior da boate e falou:

- Algum problema?
- Não, nenhum. Nosso amigo já está de saída.

O homem assentiu com a cabeça e voltou para dentro.

– Vim por ordem de Pavlo Shevchenko – disse Nate. – Tenho um recado para a filha dele. Ele não vai gostar nada se vocês não me deixarem entrar.

O gorila riu e retrucou:

– Você não tem cara de amigo do Sr. Shevchenko. *Não fala* como amigo do Sr. Shevchenko.

Nate permaneceu imóvel, encarando o homem com o que esperava ser um olhar de mau. A boate pulsava com a música alta. No estacionamento, duas mulheres se cumprimentaram com gritinhos histéricos. O corte na testa de Nate começava a coçar sob o curativo.

Por alguns segundos o segurança não fez mais que sobreolhá-lo. Mas depois, com uma acintosa careta de enfado, calmamente retirou do bolso interno do paletó uma faca não muito comprida, mas de aspecto bastante letal. Em seguida, tocou a ponta dessa faca pouco abaixo do olho de Nate.

Nate não se mexeu, não recuou.

O homem roçou a faca pelo rosto dele, passando pela boca e pela garganta, e só quando alcançou a articulação do ombro foi que aplicou um pouco de pressão.

Nate foi avançando contra a lâmina até que ela espetasse a camisa branca e tirasse da pele uma primeira gota de sangue.

Assustado, o homem rapidamente puxou a faca, mas Nate não deu trégua e avançou ainda mais até tocar a lâmina com a própria garganta. Sem tirar os olhos do segurança, disse:

– Não pareço, mas *ajo* como amigo do Sr. Shevchenko.

– Você age como um maluco.

Nate mais uma vez se precipitou contra a lâmina, deixando-a fincar no pomo de adão.

– Você vai me deixar entrar ou prefere que eu acorde o Sr. Shevchenko e peça a ele para resolver este probleminha pessoalmente?

Com cautela, o homem afastou a faca e a guardou de volta no paletó.

– Ela está no camarote VIP do mezanino – disse, o crânio raspado brilhando sob as luzes. – Desculpe aí. Nem sempre a gente reconhece os homens do Sr. Shevchenko...

Nate passou por ele e atravessou a porta prontamente aberta pelo segundo gorila, que meneou a cabeça num gesto de deferência. A barulheira o atropelou feito um caminhão, e as luzes estroboscópicas atrapalharam seu equilíbrio ao subir a escada. Apesar da proibição, o lugar fedia a cigarro. No topo da escada, uma moça de olhos vidrados e vestido de látex virou-se, pescou a cereja de sua taça de martini, chupou-a com a boca muito vermelha e rodopiou o cabinho na direção dele.

Com os panos que caíam do alto à maneira de uma tenda, as cadeiras acolchoadas e a vista panorâmica para a multidão dançante na pista, não havia dúvida de que ali estava o camarote VIP. Junto do parapeito, adultos e rapazes se apertavam enquanto pulavam e sacudiam punhos no alto, fotografando com o celular alguma cena que Nate não podia ver. À medida que foi se aproximando, no entanto, pôde constatar qual era a causa de tamanha comoção: uma loura e uma morena, tão altas e magras que pareciam espichadas a fórceps, trocavam um tórrido beijo para a plateia de ensandecidos. Estavam realmente dando um show, esfregando-se, apertando-se, línguas ao léu, longas unhas vermelhas correndo por coxas que não tinham mais fim.

Nate passou pelos marmanjos, respirando os perfumes fortes que empestavam o ar.

– Anastasia Shevchenko?

A loura interrompeu o beijo e ergueu a cabeça languidamente.

– É *Nasty* – corrigiu ela. – O que você quer?

Os marmanjos com seus celulares não gostaram da interrupção e rapidamente foram ficando agressivos. Nate se virou para eles e rugiu:

– Fora daqui. Podem ir vazando, todos vocês. *Bora! Circulando!*

Notando o curativo na testa e a mancha de sangue na camisa, eles foram se dissipando aos poucos e sumindo na multidão. A morena se levantou do sofá, ajeitando a minissaia, e Nasty a voltou os olhos vidrados para Nate. O azul-safira das íris só fazia acentuar as belas feições do rosto. A beleza da moça era de tal modo perfeita que parecia falsa.

Ela reajeitou a saia justíssima sob o cinto de tachas que a cingia na cintura minúscula, encontrou um maço de Gauloises e sem nenhuma pressa acendeu um cigarro.

– Estraga-prazeres... – resmungou.

Nate se sentou diante dela e respirou fundo para se acalmar.

– Sei que era você que estava dirigindo aquele carro – disse. – Foi você quem matou aquela família.

– Você é mais um parente? – quis saber ela, impassível. – Porque, se for, já falei que não posso comentar o assunto. Sei que vocês precisam culpar alguém, mas não era eu que estava dirigindo. Não era eu.

Nasty a trago o cigarro com um tranco dos pulmões, a luz laranja incidindo no rosto dela e iluminando por um instante a cicatriz que corria pela face de porcelana, uma cicatriz alta, no formato de um pequeno galho. O estrago ficava ainda mais evidente na pele perfeita. Nate tocou-a no queixo e virou o rosto dela, expondo a costura atrás da orelha.

– Não era você, é? Então o que é isto aqui?

Ela se desvencilhou com um gesto brusco, o primeiro com alguma emoção.

– Não bati em ninguém. Passei a noite inteira aqui. Meu carro foi roubado por um dos manobristas. Levei uma garrafada no rosto durante uma briga na pista de dança – disse ela, mas com uma voz dura, quase robótica.

– Nós dois sabemos que isso não é verdade.

– Não bati *em ninguém!* Passei a noite inteira aqui. Meu carro foi roubado por um dos manobristas. Levei uma garrafada no rosto durante uma briga na pista de dança.

Ela havia cuspid o as palavras como se fossem as balas de um revólver, mas Nate tinha experiência suficiente com a adolescência da própria filha para perceber o que havia do outro lado de tanta fúria. Podia ver a negação estampada no rosto dela, no fundo dos olhos.

– Não – disse ele.

– Não bati em ninguém – repetiu ela com a voz trêmula. – Eu... eu...

A essa altura o cigarro longo já havia se reduzido a um cilindro de cinzas que desafiava as leis da física, recusando-se a cair.

– Olhe só para você – disse Nate. – Nem aqui você consegue segurar a sua onda. Imagine o que vão fazer com você numa sala de tribunal!

Novamente ela respirou com sofreguidão, o cigarro se equilibrando nos dedos

trêmulos.

– Você fez uma grande merda – prosseguiu Nate. – Pessoas morreram. Pode acreditar: você vai carregar essa culpa para sempre. Mas com o tempo... com o tempo você vai poder tocar a vida, encontrar um outro jeito de viver.

Uma lágrima despontou nos cílios carregados de rímel.

– Como você pode saber?

– Eu sei, acredite em mim. Mas não é só isso. Seu pai... Ele encomendou a morte de todas as pessoas que viram você naquele Jaguar.

Nate se inclinou para avaliar melhor a reação dela, mas nem precisava. Nasty arregalou os olhos, surpresa. Sorveu pequenos bocados de ar, como se estivesse sufocando, depois disse:

– Não é verdade.

– Infelizmente, é. A primeira testemunha, Patrice McKenna, já foi eliminada. Morta a facadas. Seu pai ainda está tentando descobrir os outros nomes.

– Não dá para acreditar numa coisa dessas. Não *pode* ser verdade.

– Ele está disposto a matar todas essas pessoas só para proteger *você*. Tenho uma filha da sua idade. – Dizendo isso, Nate imediatamente lembrou as circunstâncias explosivas em que se encontrava sua própria família, sentiu o peito queimar de aflição. Procurando não se emocionar, emendou: – E se alguém não contiver o seu pai, ele vai matá-la também. Na minha frente.

Nasty entreabriu os lábios para entrar mais um bocado de ar.

– Ele está me responsabilizando – prosseguiu Nate. – Está responsabilizando as testemunhas. Vai fazer *qualquer coisa* para proteger *você*. Portanto, *só você* pode fazer alguma coisa para contê-lo. Converse com ele. Faça ele contar tudo o que já fez até agora.

Subitamente pálida, ela disse:

– Meu pai não faria uma coisa dessas. Isso aí que *você* falou. Nunca, *jamais*.

– Não faria, é?

Nasty agora olhava para todas as direções que não fosse a dele.

– Se *você* tiver algum apreço pela vida dessas pessoas, e pela da minha filha também, converse com seu pai e faça com que ele se abra com *você* . Depois procure a polícia e conte tudo o que descobrir. Eles vão saber como agir. Se fizer isso, é bem provável que eles poupem *você* da prisão e...

– Todo mundo só se preocupa com isso: prisão, prisão, prisão... Não estou nem aí se for parar na cadeia.

– *Você* pode pegar perpétua – disse Nate.

A música pulsava na boate como um ser vivo, fazendo trepidar o camarote, o chão, a pequena almofada às costas de Nate. As cinzas do cigarro enfim caíram sobre a mão de Nasty, mas ela nem notou.

– Sua filha... Ela tem um namorado?

– Se a gente pode chamar aquilo de namorado... – respondeu Nate.

– Você não gosta dele?

– Não.

– Mandou alguém dar uma dura nele? Torcer os dedos dele com um alicate?

Assim?

Ela fez uma pequena mímica da tortura sobre o próprio indicador.

Nate sentiu a súbita mudança de assunto como algo físico, uma elevação da temperatura no camarote.

– Não – disse ele.

– Funciona, sabia? – prosseguiu Nastya e o fitou com a cabeça meio bamba, como se estivesse alcoolizada. – E essa sua filha... ela tem amigos? Amigos *de verdade*? Que gostam dela pelo que ela é, e não apenas por... – ela foi apontando para os drinques à sua volta, as cortinas do camarote, a vista para a pista de dança – *isto*?

Nate fez que sim com a cabeça.

Crivando-o com o olhar, Nastya ainda perguntou:

– Ela tem uma mãe?

– Tem – respondeu ele. – Ela tem uma mãe.

– Uma mãe que a leve para almoçar... que converse com ela... que dê conselhos...

Nate não disse nada. A música retumbava, ensurdecadora.

– Ele é tudo o que já tive na vida – prosseguiu Nastya. – Você falou que eu vou pegar perpétua... Pois *já vivo* numa prisão perpétua.

Ela piscou para afugentar as lágrimas, apagou o cigarro no cinzeiro e se levantou do sofá. Nate se levantou também, mas a essa altura a ucraniana já havia sumido na multidão.

ENSANGUENTADO, IMUNDO E COSTURADO feito uma bola de beisebol, o rosto de Yuri mais parecia uma máscara de Halloween. A pequena academia de porão cheirava aos tapetes de borracha azul nos quais Yuri, em dias melhores, levantava os pesos de um halterofilista olímpico. O médico examinou a circulação dele em diferentes lugares, espetando sua caneta nos pontos de inchaço, depois se afastou do banco de supino que vinha usando como maca. Recebeu o envelope de Pavlo e rapidamente o enterrou no bolso do jaleco branco.

– Volto amanhã de manhã – disse em ucraniano e saiu.

Pavlo flexionou as mãos e ficou olhando para as tatuagens nos dedos: losangos e cruzes, asteriscos e linhas. Quantas vezes vira uma agulha espetar suas carnes enquanto olhava para o teto de uma prisão? Havia guardado toda aquela dor, espetada por espetada, engolindo-a em seco para no futuro dar a ela algum fim prático.

Num canto da academia, sentados nos tapetes de borracha, Dima e Valerik fumavam e jogavam uma partida de baralho. Misha fazia seus abdominais, centenas deles, uma tábua reta no lugar da barriga; sem camisa, trazia na cabeça uma bandana da Fila para prender os cabelos claros que havia partido para o lado.

Dima olhou para o rosto de Yuri.

– Está doendo? – perguntou.

Yuri se levantou com um grunhido.

– Não.

Pensando na fuga de Nate Overbay, Pavlo rilhou os dentes e disse:

– Ele ainda está com a lista. A caçada vai começar. Está na hora de vocês cobrarem mais alguns dos muitos favores que já prestei por aí. Não importa quanto isso vai custar. Cada voo, cada fronteira, cada estação rodoviária. Quero tudo revirado. Entendido?

Yuri fez que sim com a cabeça.

– *Quero mais!* – exigiu Pavlo.

– Ele deixou você na mão – interveio Misha, prosseguindo nos abdominais sem ao menos ofegar. – Apanhou de um cachorro.

– Você não viu esse cachorro – devolveu Yuri. Aproximou-se de Misha, fulminou-o com o olhar. – Talvez esteja achando que pode fazer melhor do que eu.

Misha fez mais alguns abdominais, batendo palmas entre cada repetição, depois ficou de pé para confrontar Yuri.

– É para isto que estou aqui. Para fazer melhor do que você.

Os cabelos presos continuavam intactos apesar do exercício.

– Não – interveio Pavlo. – Ainda não. Deixe Yuri percorrer os canais de praxe. Há muitas maneiras de localizar uma pessoa neste país. Muitas. A força é apenas uma delas.

– E se ele não encontrar o homem? – aventou Misha.

– Vou encontrar – garantiu Yuri.

– Mas... e se não for a tempo do julgamento da Anastasia?

– Se preciso for – respondeu Pavlo –, despacho um batalhão com semiautomáticas até o gabinete do promotor uma semana antes do julgamento.

– Isso, sim, pode funcionar – comentou Misha e foi saindo para a varanda, atropelando Yuri com o ombro.

Yuri não reagiu, embora fosse bem maior, pelo menos uns 50 quilos a mais de força bruta. Misha agora alongava os músculos no escuro, irradiando vapor dos ombros.

Pavlo ouviu a porta da frente se abrir no andar de cima. Um molho de chaves foi jogado sobre a mesa do saguão de entrada.

– Papa? *Papa!*

Ele subiu imediatamente. Logo viu que havia algo de errado: Nastya ainda se achava à porta, o rosto todo borrado de maquiagem. Atrás dela o sedã preto já seguia para a garagem.

– Venha, entre. Saia desse frio.

Nastya arfava, as costelas formando um discreto relevo sob o tecido da roupa.

– É verdade?

– O quê?

– Que você está matando elas? As pessoas que me viram no Jaguar?

Ela erguia o telefone com uma matéria de jornal estampada no pequeno monitor.

Pavlo conseguiu ler o nome na manchete: Patrice McKenna. Teve a impressão de que o sangue havia parado de circular em suas veias, que as entranhas haviam petrificado.

– Quem foi que lhe disse isso?

– *É verdade?*

Ele tomou a filha pelo braço, obrigou-a a entrar em casa, depois fechou a porta e ordenou:

– Não levante a voz para mim.

– Não estou nem aí para você! Ande, *responda!* É verdade que você está matando essas pessoas?

Pavlo buscou a mão de Nastya e delicadamente a conduziu para a sala, sentando-se com ela num canapé de madeira que tinha por braços duas ridículas volutas envernizadas em tom de cereja. A confissão estorvava sua garganta, prestes a ser cuspidas. Contendo-se, ele procurou abordar a questão de outro

ângulo:

– Você não vai conseguir sobreviver numa prisão.

Ouvindo isso, Nasty a desabou como se alguém tivesse partido as cordas que a amparavam. Curvou o tronco, como se não houvesse ossos dentro dele, e retorceu a boca para tirar das profundezas um estranho grunhido.

– Conheço a prisão – prosseguiu Pavlo. – Já estive lá muitas vezes, por muitos anos. Sou um *fruto* da prisão. Mas a minha filha, não. Eu mataria o mundo antes de deixar minha filha ir parar numa prisão.

Nasty a fincou o antebraço do pai e falou:

– A escolha não é sua.

Pavlo se virou bruscamente para a filha.

– *Tudo* é escolha minha. Tudo! – berrou, espargindo saliva no ar. – Por você eu trai quem eu era. Traí meu código. Permaneci íntegro durante todo o tempo que passei na prisão, mas por você... *por você* fui contra minha própria pele. – Aqui ele recolheu uma das mangas da camisa para mostrar as tatuagens azuladas que havia adquirido na Zona. – Isto não é para você, viver atrás das grades como seu avô, seu *dedushka* em Babi Yar, passando fome, perdendo as forças a cada dia, sendo obrigada a carregar um saco de sal molhado de lá para cá no pátio daquele antro. De lá para cá, de cá para lá. Um arremedo de vida. Uma celebração do horror. Você nem pode imaginar. Nunca passará por tudo isso que nós passamos. Foram muitas gerações com a mesma sina. Todos nós, imundos e marcados. Mas você, não.

– Eu *sou* imunda – disse ela aos prantos. – Eu *sou* marcada.

– Não. Você é *pura* – rebateu ele com veemência. – E assim vai continuar. Nem que eu precise destruir o mundo. Nem que eu tenha de declarar uma guerra.

– Minha vontade e nada é a mesma coisa – resmungou ela. – Não tenho nenhuma escolha. Pare com isso, *papa*. Por mim.

Nasty a fizera sua súplica em ucraniano, e as palavras calaram Pavlo com um peso ainda maior, provocando arrepios.

– *Tudo* é por você – retrucou ele.

– Por favor, *papa*. Por favor – repetiu Nasty, agora baixinho, a mão espalmada contra o peito do pai. – Não leve essa maluquice adiante... Por favor, estou pedindo...

– Pare com isso! – rugiu Pavlo. – Não me questione. Eu lhe dei uma vida. Tirei você das ruas. Você *respira* por minha causa.

Nasty a se enregelou contra a almofada feito um animal assustado. Não dava um pio. Nem sequer choramingava. Pavlo tremia com as mãos poderosas fechadas em punho, mas dali a pouco a tocou no braço e ela amoleceu, arfando para encher os pulmões, uma, duas vezes. Pavlo agora a cariciava nos cabelos, e

ela se deitou no colo dele, relaxou o pescoço.

– Escute o seu pai – falou ele com delicadeza.

– Ok

– Vai acabar tudo bem.

– Ok

– Vou cuidar de você.

– Ok

– Você vai ver.

Nastya ficou ainda um tempo aninhada no pai, mas depois se levantou. Praticamente sem nenhuma expressão no rosto e num tom monocórdio, disse:

– Estou cansada. Preciso dormir. Preciso esquecer tudo isso. – Postando-se diante de Pavlo, tomou o rosto dele entre as mãos, beijou-o na testa e acrescentou: – Sei que você me ama, *papa*.

– Amo muito – garantiu ele.

Ela descalçou os sapatos de salto, deixou-os no tapete à frente de Pavlo e, pisando o chão com as meias-calças, arrastou-se de volta para o quarto. Fechou a porta, recostou-se nela e ficou ali, olhando para a vista magnífica que se estendia do outro lado das amplas janelas. Hollywood, o pulso do universo. Todos aqueles sonhos vendidos por alguns centavos de dólar, moídos e jogados dentro da máquina, o combustível que mantinha aceso aquele mar de luzes. Pessoas do mundo inteiro se deixavam atrair feito mariposas por aquelas avenidas incandescentes, sonhando com uma vida nova, um lar, uma identidade.

Nastya buscou sua nécessaire, pescou uma gilete e começou a pressioná-la contra o alto da coxa, quase a ponto de cortar a pele. Não havia tomado uma decisão consciente, nem sequer sabia o que havia feito enquanto admirava a vista da cidade. Botando pressão na lâmina, enfim cortou a meia e a pele, gostou quando sentiu a súbita descarga de endorfina. Quanto alívio, sentir *alguma coisa*. Cortar a própria superfície, tomar posse do próprio corpo. Com os olhos marejados, ela agora mordida o lábio numa expressão de êxtase. Deixou cair a gilete e ficou ali, sentindo o pequeno arroio de sangue que escorria perna abaixo.

À custa de algum esforço, despregou-se da porta e foi se limpar. Secou o sangue com um lenço de papel, passou um lápis hemostático no corte e o cobriu com um Band-Aid de tamanho médio. Tratar do corte fazia parte do ritual da mesma forma que a ação em si. Ela havia prometido ao pai que manteria o corpo intacto e pretendia cumprir a promessa, pelo menos até onde se sentia capaz.

Com o mais forte dos batons rosa, escreveu na janela: BASTA. Em seguida, fechou as cortinas pesadas contra as luzes da paisagem, deitou-se no chão e tirou de baixo da cama o tesouro que escondia ali, a pasta com os papéis da pesquisa que vinha fazendo para encontrar a mãe. Árvores genealógicas com ramos incompletos, informações colhidas em diversas salas de bate-papo, pistas que

ainda não levavam a lugar algum. Jogou toda a papelada sobre o edredom que cobria a cama.

Depois, puxou a cadeira da escrivaninha até o centro do quarto e olhou para o alto, meio tonta, os cabelos compridos roçando um dos braços. Com um sorriso distante, correu os dedos sobre o pescoço de cisne, reconfortando-se com a maciez da pele, depois fez o mesmo sobre a cicatriz. Tirou o cinto de tachas e o fustigou contra o tapete, uma única vez.

Por fim, subiu na cadeira e testou a robustez do ventilador de teto.

NATE DESPIU A CAMISETA com uma careta de dor e Janie franziu a testa ao ver o novo ferimento no ombro dele.

– Como se não bastasse a esclerose, a facada nas costas e o talho na testa... – disse ela.

– Foi o preço da entrada. A boate era muito exclusiva.

Exceto pela luminária apontada para o corte, a casa de Silver Lake se achava inteiramente no escuro. Com o aquecimento desligado e a abundância de janelas, o piso da sala estava gelado. Janie se encolhia dentro de um suéter. Nate sentava-se numa poltrona de couro, Cielle e Jason cochilavam em diferentes sofás diante da TV. Nate havia retornado algumas horas antes e enviado um torpedo para Abara, colocando-o a par da conversa com Nasty na boate. Nenhuma resposta até então.

Apesar de todo o sangue, o novo corte era superficial. Janie mais uma vez se incumbiu de fazer o curativo, alheia às caretas de Nate. Terminado o trabalho, perguntou:

– E os sintomas, como estão?

Ele jogou a cabeça para trás e olhou para o alto, dizendo:

– Piorando.

– As articulações? Os músculos?

– É. Além disso... sei lá, ando meio *cansado*. Sobre tudo à noite. Um pouco de tontura também. Uns enjoos de vez em quando. As mãos e os punhos estão bem fracos, como você já sabe. O tornozelo esquerdo dorme e acorda, dorme e acorda...

– Parece divertido.

– Praticamente um circo.

Janie novamente o encarou e, com seu sorriso agridoce, perguntou:

– Então, marido, quer que eu prepare alguma coisa para você comer?

A velha brincadeira entre eles.

– Não, esposa, obrigado. – Nate sorriu também, embora tivesse ficado um pouquinho emocionado com a conversa. – Sempre perco o apetite quando preciso fugir da máfia ucraniana.

Ela pousou a mão no rosto dele, dizendo:

– A gente devia ir a Paris. Aquela lua de mel que nunca rolou.

– Sei lá. Estou me desintegrando aos poucos. Não sou a melhor companhia para uma vida na clandestinidade.

Janie se inclinou e o beijou.

– Agora a doença subiu para a sua cabeça.

O celular de Nate chiou sobre a mesa da cozinha. Uma mensagem de texto.

No sofá, Jason bocejou e se sentou.

Nate disse:

– Deve ser Abara.

Tentou ficar de pé, mas a perna reclamou e ele voltou a se sentar.

– Deixe que eu pego – falou Janie. – Talvez Nastya já tenha arrancado uma confissão do pai. Talvez Abara esteja ligando para dizer que a gangue já está toda atrás das grades, que a gente ganhou na loteria e que a medicina encontrou uma cura para esclerose lateral...

Janie se calou assim que olhou para a tela do celular, a boca ligeiramente aberta.

– Que foi? – perguntou Nate. – *Que foi?*

Jason ficou de pé e estalou a coluna, um ruído audível o bastante no silêncio da casa.

– Que nojento – comentou Cielle.

Nate não tirava os olhos da mulher. Perplexa, ela correu de volta para a sala, lhe passou o telefone e disse:

– A gente vai ter de ir embora.

Ao ler a mensagem, Nate sentiu uma pontada no estômago que foi se repetindo como o rufar de um tambor. Atrapalhando-se com as palavras, precisou reler o texto: ANASTASIA SE MATOU. PAVLO VAI FICAR MALUCO. NUNCA DISSE ISSO, MAS ESQUEÇA OS SEUS PROBLEMAS COM A POLÍCIA E SUMA NO MAPA. AGORA.

Nate ficou pasmo, um ruído de culpa esfuziando em seus ouvidos. Nastya era uma moça problemática que havia se enredado numa situação muito difícil. Pensou na garota no sofá da boate, o peso da negação gradualmente cedendo, as palavras que dissera sobre o pai: “Ele é tudo o que já tive na vida.”

Através da neblina dos próprios pensamentos, subitamente notou luzes piscando na periferia de seu campo de visão. Luzes azuis e vermelhas, tranquilizantes, quase angelicais. Também ouviu Jason dizer alguma coisa junto a uma das janelas da frente, palavras que ele mal compreendia.

Jason então repetiu o que dissera, mais alto e mais claramente:

– A polícia está aqui. Na rua. Bem em frente à casa.

Nate enfim despertou de seu torpor. As luzes que havia percebido vagamente através das cortinas eram mesmo as luzes giratórias de uma patrulha policial. Ficou de pé rapidamente. Com o cobertor jogado nas costas feito uma capa, Cielle também saltou do sofá e assustou Gaspar, que dormia a seu lado.

Janie desligou a luminária com um gesto rápido e brusco, por pouco não a derrubando no chão.

– Eles não têm como saber que a gente é *a gente* – falou.

– Você quer dizer, que a gente é uma família de sem-teto que invadiu a casa dos outros – emendou Cielle.

– Porta dos fundos – sussurrou Nate.

– Não – devolveu Jason, também sussurrando. – Dois caras já estão entrando pelos portões laterais. – Em seguida, fechou a fresta que havia aberto na cortina e se recostou na parede. – Outros dois estão subindo pelo caminho do jardim. *Daqui a pouco* estão batendo aí.

Estavam petrificados, cada um em seu lugar. Uma fuga na direção da cozinha ou da garagem os exporia em razão das folhas de vidro jateado que ladeavam a porta de entrada da casa. Fugir para o corredor os exporia através das cortinas diáfanas. Gaspar rosnou baixinho e Nate estalou os dedos, ordenando:

– *Quieto.*

Jason se empertigou e disse:

– Vou sair para a rua feito um maluco.

– Eles vão pegar você – retrucou Cielle.

– Eu sei, mas só lá no fim do quarteirão, aí vocês já vão ter tido tempo de fugir. É só para distrair os caras. Depois falo que invadi a casa por brincadeira, para pagar uma aposta, sei lá.

– De jeito nenhum – decretou Cielle. – Não vá fazer uma besteira dessas, pelo amor de Deus.

– Foi ideia minha vir para cá – insistiu ele. – Posso até ser preso, não estou nem aí. Mas vocês podem *morrer*.

Deu um passo na direção da porta, quase se colocando diante dos painéis de vidro.

– Pare com isso, Jason – pediu Cielle. – Você está me assustando.

– Os mafiosos também já o conhecem – argumentou Nate, nos limites do que ainda poderia ser chamado de sussurro. – Yuri viu você, esqueceu?

Jason olhou para Nate, deu de ombros e disse:

– Então que seja eu, e não Cielle.

Olhando para o marmanjo de ombros caídos e moletom de capuz, os cabelos desgrenhados em razão da soneca no sofá, Nate sentiu uma súbita afeição por ele. Até mesmo admiração.

A essa altura, já se ouviam as passadas dos policiais a caminho da porta, via-se o lume irregular das lanternas que traziam consigo. Jason já se preparava para se entregar quando Nate percebeu que estava longe demais para detê-lo.

Mas então Janie disse:

– *Espere.*

Rapidamente ficou de pé, descalçou os sapatos e despiu a calça jeans, ficando apenas com o par de cuecas que Nate havia lhe emprestado. Em seguida, tirou o suéter, revelando a camiseta justa demais sob a qual se via o relevo dos mamilos.

– Hum, Sra. O.? – disse Jason, pasmo.

Cielle havia caído de volta no sofá e agora observava a mãe com os lábios ligeiramente abertos. Nate ainda tentava formular uma pergunta razoável para fazer à mulher quando a campainha tocou, ecoando casa adentro. Uma lanterna

bateu à porta algumas vezes, com força.

Janie virou-se para Nate e sussurrou:

– Deite no chão, depressa.

Nate imediatamente se jogou no piso de tábuas corridas, os dois terços inferiores da porta desaparecendo do outro lado da meia parede que confinava o saguão de entrada.

– Você também, *deite* – disse ela à filha.

Cielle se abaixou no sofá e sumiu do outro lado do encosto, encolhendo-se entre as almofadas, uma vampira voltando ao caixão. Gaspar se retraiu ao lado do sofá, obedecendo ao mesmo comando.

Janie olhou em seguida para Jason, que nem sequer piscava junto à porta, ainda perplexo.

– Não se mexa – ordenou ela.

Ele se espremeu contra a parede, a poucos centímetros das folhas de vidro jateado.

Janie bagunçou os cabelos. Com as mechas douradas apontando em todas as direções, foi caminhando na direção da porta, gritando:

– *Já vai.*

Fingindo um aspecto de sono e cansaço, abriu a porta, represou um falso bocejo e disse:

– Pois não?

– Sra. Newell? – perguntou o jovem policial, olhando por sobre os ombros dela, espiando o interior da casa.

– Por acaso vocês sabem que horas são?

Os dois carros de patrulha junto à calçada pareciam iluminar a vizinhança inteira. Não se via ninguém na rua. Um discretíssimo ruído se fez ouvir no sofá da sala. O cachorro escondido deixou escapar um ganido quase inaudível.

– Desculpe. Sabemos que é tarde, mas recebemos um telefonema do seu vizinho, o Sr. Sullivan. Suponho que tenha visto luzes na casa e...

– Ah, claro. Esqueci de avisar o Sully. Precisei voltar mais cedo das minhas férias em Maui. Uma emergência familiar. Devo ter deixado uma das luzes da sala acesa. – Janie esfregou um dos olhos teatralmente. – Olhe, estou exausta... O senhor não se importaria de...

– Sinto muito, Sra. Newell, mas nossa obrigação é averiguar todos os...

– Eu sei, eu sei. Fico feliz que tenham vindo. É sempre bom saber que a polícia está por perto quando a gente precisa dela, mas...

– Podemos dar uma olhada rápida na casa, só para ver se está tudo em ordem, e depois vamos embora. Não vamos demorar.

O policial colocou um dos pés para dentro da casa e foi empurrando a porta ligeiramente com o dorso dos dedos.

Janie recuou um passo, deixou que a porta se abrisse mais um pouco. Poucos

centímetros a seu lado, Jason permanecia tão imóvel que poderia se passar por um objeto pregado à parede, uma obra de arte.

Como se estivesse em dúvida, Janie subitamente fíncou o pé onde estava e por pouco não foi atropelada pelo policial que já vinha entrando com a cabeça baixa. De um segundo a outro eles se viram próximos demais, e ela disse:

– Olhe, está tudo bem por aqui. É que realmente estou muito cansada e preciso dormir.

O policial hesitou um instante, sem querer recuar, mas tampouco forçar uma barra. Bastaria um pequeno passo adiante para que ele visse Jason.

Janie olhou direto nos olhos do jovem policial, no qual ela quase roçava o nariz. Em seguida, abriu seu sorriso de máxima voltagem, não só para ele, mas também para o oficial mais velho que o acompanhava na patrulha.

– Rapazes, por favor... – disse, mas não sem um tom maroto na voz.

Os dois homens baixaram os olhos para os seios dela e os ergueram de novo. Subitamente atropalhados, menearam a cabeça e engrolaram algumas palavras, já recuando. O mais velho assobiou para os policiais que haviam entrado pelos portões laterais, e eles acenaram com a cabeça antes de voltar para a rua.

Janie fechou a porta, abaixou a cabeça e exalou um trêmulo suspiro de alívio. Ficou ali até ouvir os dois carros se afastarem na rua. Em seguida, com a voz retesada pela adrenalina, disse:

– Pronto. Agora a gente pode ir.

O CÉU CINZENTO ASSINALAVA O nascimento ou a morte de mais um dia, mas Pavlo não sabia dizer qual. Havia perdido a noção do tempo. Ou melhor, havia abandonado o tempo em si, como se tivesse mergulhado através de uma fina camada de gelo para submergir em águas criogênicas. Um primeiro fiapo de sol despontou a leste, afastando um pouco da sonolência matinal. Seguindo seu caminho pela esburacada calçada no centro da cidade, ele fitou aquele solitário ponto de luz no horizonte e pensou: “Então é isso. Um novo dia.”

A venerável escadinha de mármore, desgastada pelo trânsito de muitos anos, destacava-se do cimento aparente e da madeira podre que a cercavam. Pavlo escalou os poucos degraus, abriu a imponente porta de carvalho e entrou nas termas. A umidade quente do lugar era um forte contraste com o frio da manhã, e ele teve a impressão de que ela invadia seus poros.

Não sabia o que o havia levado até ali.

A lembrança voltou de repente, menos um pensamento e mais um impulso primal, uma violenta torrente de impressões que lhe tomara os neurônios de assalto. Por volta da meia-noite, havia entrado no quarto da filha para ver como ela estava. Aquelas pernas finas, os pés balançando no ar. Uma cena que se via quase todos os dias na prisão. Parado à porta, sem ar algum nos pulmões, lentamente fora digerindo cada um dos dolorosos detalhes. A poeira de gesso sobre os ombros dela, caída das rachaduras abertas no teto. A correntinha do ventilador que ainda balançava. Aqueles dentes perfeitos, rebrilhando sobre o queixo caído. Quando dera por si já estava com a filha deitada em seu colo, apoiando a cabeça dela com uma das mãos e apertando o próprio peito com a outra, como se receasse que o coração caísse. Sentia convulsões no peito, um silencioso tremor. Chegara a pensar que estava morrendo. Engasgando-se com a própria respiração, sentira as faces umedecerem. Não havia chorado desde a infância, já havia esquecido como era. Não emitira um único som.

Após o vaivém dos paramédicos e dos bombeiros e o interminável interrogatório dos policiais, aquele vira-lata hispânico que atendia pelo nome de Abara havia chegado com outro agente para se aboletar no sofá da sala – o sofá *dele*, Pavlo – e fazer telefonemas. A casa não era mais sua, ele havia pensado. Médicos e policiais zanzavam de lá para cá, usando o banheiro e deixando as toalhas sobre a bancada da pia. Nastyia por fim havia sido levada num saco mortuário branco, amarrado com cintos a uma maca. Alguém lhe dera um número de telefone para que ele ligasse pela manhã.

Depois de ver sair o último dos invasores, havia fechado a porta atrás de si, ouvindo o clique que parecia estabelecer uma linha divisória entre o passado e o resto de sua vida. Foi à cozinha, serviu-se de um copo d'água e o bebeu. Por dezessete anos, todos os copos d'água que havia bebido, todas as fatias de pão que

havia comido, todas as refeições que havia feito, ele o fizera na qualidade de um pai. Não mais.

Lavou o copo, secou-o com um pano de prato e o voltou para o armário. Ao se virar, deparou com seus homens na cozinha. Agora que a polícia já havia partido, podiam dar as caras.

O rosto de Yuri mais lembrava uma fruta podre em razão do inchaço e dos muitos pontos que havia levado. Dima e Valerik postavam-se atrás dele como de costume. Misha, no entanto, estava ao seu lado, com um aspecto bem mais descansado que o do gigante, trazendo no rosto redondo e juvenil uma ligeira expressão de contentamento. Havia esperado pacientemente sua vez, e a hora estava prestes a chegar.

Pavlo se aproximou e parou a poucos centímetros dele. Misha não mexeu um único músculo, nem sequer piscou.

– Agora não haverá mais julgamento – disse Pavlo. – Não precisamos mais nos preocupar com testemunhas. Só há *uma* coisa a fazer neste mundo.

– Já posso imaginar o que é – respondeu Misha.

– Minha filha se foi. E a filha dele ainda vive. – Pavlo retesava o rosto de tal modo que sentia dores nas têmporas. – Você vai tirar dele a mesma coisa que ele tirou de mim. E depois vai continuar tirando, membro por membro.

– É para isso que estou aqui – disse Misha.

– Não existe mais *aqui* – continuou Pavlo. – Não existe mais Estados Unidos. Só existe *vorovskoi mir*.

Misha assentiu e manteve a cabeça baixa em sinal de respeito. Pavlo tomou-o pelo queixo com ambas as mãos, reergueu-lhe a cabeça e plantou um beijo em cada uma das faces. Sem soltá-lo, grunhiu:

– “Que me odeiem, desde que me temam.”

Agora, suando no ar denso das termas, passou por diversos funcionários que recolhiam os pratos e os copos da véspera, preparando o lugar para o novo expediente. Todos foram abrindo caminho e baixando os olhos à medida que ele passava. A notícia já havia se espalhado.

Chegando ao vestiário, Pavlo parou diante de seu escaninho, despiu o paletó e o jogou no amplo banco às suas costas. Depois se sentou, tirou os sapatos e os deixou ao lado do paletó. Foi nesse instante que a porta se abriu com estrépito e um ruidoso grupo de bêbados entrou no recinto: jovens que decerto tinham virado a noite numa boate qualquer e estavam ali para se desintoxicar com uma sauna. Com a barba por fazer e fedendo a álcool, aproximaram-se dos escaninhos. Pavlo ficou de pé e foi desabotoando a camisa social.

– Tire a sua tralha daí – disse um dos rapazes em russo. – O banco não é só seu.

Sem ao menos virar o rosto, Pavlo despiu a camisa, deixando à mostra o peito e os braços azulados. Tão logo viu as tatuagens, o rapaz recuou com tamanho afã

que foi perdendo o equilíbrio até cair de costas contra os amigos, que o seguraram a tempo de evitar um tombo pior. Ele e os demais rapidamente trataram de se desculpar. Pavlo, por sua vez, continuou se despindo sem tirar os olhos do escaninho à sua frente. Pouco depois ouviu o grupo bater em retirada pela mesma porta por onde havia entrado. O silêncio enfim se refez.

Uma vez nu, Pavlo pegou o pente que deixava na prateleira superior do escaninho e o passou pelos cabelos já umedecidos pelo próprio ambiente. Passou-o outras tantas vezes, mas pressionando o bastante para machucar o couro cabeludo, para sentir os dentes de plástico arranhando o próprio crânio.

Em seguida, voltou à antessala onde ficavam as banheiras de pé e as piscinas de água gelada. Sob uma torneira gotejante, um barril abrigava um feixe farto de ramos compridos de bétula. Pavlo escolheu um deles e o balançou no ar para fazer uma avaliação, sentindo no rosto as gotículas que havia espargido. Sim, aquele estava bom.

Na sauna propriamente dita, a caldeira ardia feito a boca de um demônio. Um funcionário a alimentava com toras, semi-invisível em meio ao vapor.

– Mais quente – ordenou Pavlo, e o vulto assentiu com a cabeça, jogando mais uma tora na pança do monstro.

Pavlo deixou o ramo de bétula no degrau de mármore e alongou o corpo, primeiro as coxas, depois a virilha. Inclinando-se na direção do calor, escancarou a boca e esvaziou os pulmões com um sopro forte e ruidoso, sentindo no próprio hálito o fedor das entranhas, um cheiro de cigarro e mortalidade. Tinha a impressão de que o calor o espetava com os dentes de um ancinho, queimando-lhe a pele.

– Mais quente! – rugiu.

O vulto obedeceu sem hesitar, e lá se foram mais toras para o interior da caldeira.

Suando copiosamente, Pavlo pegou o ramo de bétula e começou a fustigar as pernas com ele. As picadas eram divinas, pareciam vir de outro mundo para trazer à tona as toxinas e deixar que elas evaporassem junto com o suor.

Em seguida, fustigou os grilhões tatuados nos tornozelos, expurgando os venenos do corpo. Era para isso que serviam os ramos, claro, mas só agora, despertado pelas chicotadas, foi que se deu conta do motivo que o levava até ali.

Na prisão, o maior pecado que um *vor* podia cometer era ferir o código dos ladrões e desgraçar a irmandade. Quem não fizesse jus às condecorações tatuadas precisava ser subtraído delas. Com um pedaço de lixa. Cacos de vidro. Um naco de tijolo. Havia vezes em que o pecador era imobilizado por quatro homens para que um quinto apagasse esta ou aquela tatuagem com uma frigideira quente. Portanto, era por isso que ele havia sido atraído para aquele inferno.

Com o ramo em punho, continuou a se açoitar. As mãos e os dedos tatuados.

O tronco com as estrelas de oito pontas, as elaboradas torres de igreja que simbolizavam cada passagem pela Zona, o pergaminho com caracteres em cirílico: ДÊ SEU FILHO COMO MORTO. O suor ia pingando do nariz e do queixo, formando uma poça no chão. Aumentando a intensidade das chicotadas, bateu o ramo contra a tulipa três vezes enlaçada por um arame farpado, depois contra o lobo de focinho arreganhado que cobria um dos ombros. Em seguida, curvou o tronco e começou a açoiar os olhos tatuados nas costas. Os gritos deram lugar a rugidos animalescos, as veias se estufando no pescoço. As chicotadas iam intensificando o calor da sauna, e a certa altura teve a impressão de que o corpo inteiro ardia em brasa.

– Mais quente! – berrou para o funcionário, que já havia sumido por completo na densidade do vapor.

As folhas do ramo estalavam ao bater em seu corpo, um instrumento primitivo marcando um ritmo imemorial. Algumas delas se desprendiam dos gravetos para grudar nas carnes vermelhas do flagelado. As narinas de Pavlo queimavam, os pulmões pulsavam. Ele arfava com o cheiro forte da pele lanhada, intoxicava-se com o gosto da própria agonia, sufocava com a pureza lancinante do ar. Apesar disso, continuava a fustigar os lanhos sangrentos para que o fio das folhas os abrisse ainda mais e apagasse a tinta da pele. Aos berros, e com as mãos ensanguentadas, buscava a dor não só para apagar as próprias imperfeições, mas sobretudo para esquecer uma dor maior. Seu corpo chorava sangue.

Pavlo enfim se aquietou, vencido pela exaustão. Arfando sofregamente, o rosto enopado de suor e lágrimas, deixou o ramo de bétula cair da mão e viu as gotículas escuras que mancharam a cerâmica do piso.

Em seguida, examinou o próprio corpo através do vapor ondulante e teve a impressão de que as tatuagens se mexiam como seres vivos, deslocando-se na pele, latejando, respirando. A revelação brotou subitamente das profundezas: não havia apagado as condecorações do próprio corpo.

Havia-lhes devolvido a vida.

–NEVADA? – SUGERIU CIELLE.

– Cara, o Grand Canyon é *muito* irado.

Janie massageou as têmporas, dizendo:

– Em primeiro lugar, Jason, o Grand Canyon fica no *Arizona*...

– Jura?

– Pelo menos desde a última vez que eu chequei. E em segundo lugar, não estamos numa viagem de férias.

Eles haviam saído pouco antes do amanhecer e logo alcançaram a State Route 2, seguindo na direção de Eagle Rock. Não haviam ido longe quando pararam numa lanchonete de beira de estrada. Precisavam arquitetar um plano, mas também havia outro motivo para o *pit stop* tão precoce: Nate sentia as mãos bambas, temia que dali a pouco não fosse mais capaz de manter o jipe na estrada. Numa avaliação direta e honesta, tinha de admitir que nunca havia se sentido tão mal quanto agora, tão debilitado pela doença. Não eram só os músculos, mas também as tonteiras, a fraqueza generalizada, as pontadas no estômago.

Já na lanchonete, a caminho de uma mesa de canto, ele diminuiu o passo com Janie para dizer, baixinho, que ela precisaria assumir o volante. Janie assentiu solenemente, depois sussurrou:

– Talvez a gente não devesse se arriscar em uma estrada. Não podemos continuar fugindo de um lado para outro com você...

– De jeito nenhum – interrompeu Nate. – Se as coisas chegarem a esse ponto, vocês me deixam no primeiro ponto de ônibus.

Janie não achou graça.

– Precisamos sair do estado – prosseguiu Nate. – O mais longe possível. Além disso, onde mais a gente poderia ficar por aqui? Invadir a casa dos outros não é lá muito seguro, como acabamos de constatar.

Cielle e Jason alcançaram a mesa mais adiante. Vendo que a filha havia percebido o pequeno colóquio cochichado entre eles, Nate e Janie rapidamente fizeram cara de paisagem e se sentaram com os garotos para pedir seu café da manhã.

De costas para a parede, com a pistola no bolso interno do casaco e alguns milhares de dólares atochados nos demais, Nate vigiava os caminhoneiros e os funcionários postais que bebiam café e comiam panquecas ao balcão. Cielle beliscava sua comida enquanto Jason abocanhava a dele com garfadas gigantes; depois de perguntar se os ovos eram orgânicos (não, não eram) e se os biscoitos eram feitos com gordura animal (sim, eram) ele catolicamente havia se resignado em pedir uma salada. Com bacon.

Nate enfileirou seus comprimidos ao lado da caneca de café. Mais quinhentos

miligramas de antibióticos para acabar de vez com seu estômago; mais uma dose do invariavelmente inútil Riluzol. Numa juke-box antiga, os igualmente antigos Lovin' Spoonful cantarolavam: *"Believe in the magic that can set you free..."* "Quem me dera", pensou Nate, "poder simplesmente acreditar e ser libertado."

Cielle olhou para o pai e disse:

– Por que você está assim, tão calado?

– Por nada – respondeu Nate e se constrangeu ao ouvir a fraqueza da própria voz.

Não conseguira injetar nenhum ânimo nas palavras. Com a mão trêmula, levou os comprimidos à boca e os engoliu com uma golada do café descafeinado que havia pedido.

– Ele está bem – acrescentou Janie, talvez rápido demais. – Está cansado, só isso. Como todos nós.

O café estava amargo, e Nate automaticamente pensou em adoçá-lo. Já havia pegado um pacotinho de açúcar quando se deu conta do desafio que tinha pela frente: rasgar a embalagem, despejar o conteúdo, mexer o café. Dispicentemente começou a sacudir o sachê no ar, mas viu que Cielle ainda o encarava com desconfiança, talvez percebendo a encenação. Não demorou para que o sachê escorregasse de seus dedos trêmulos. Sem querer esconder a mão, porque seria óbvio demais, procurou quietá-la tão somente com a força do pensamento. Por sorte, foi acudido por Janie, que, afetando um gesto romântico, cobriu a mão dele com a sua para esconder o tremor.

A cabecinha lunática de Jason também contribuiu para que a atenção se desviasse de Nate:

– Não, de boa. Aquela mina... a filha do cara... difícil acreditar que tenha se matado.

Do outro lado do balcão, uma fileira de salsichas foi deixada na grelha, produzindo um chiado e uma nuvem de fumaça.

– Ela só tinha 17 anos... – disse Nate.

– Uma psicopata bêbada que matou não sei quantas pessoas – emendou Cielle.

– Mesmo assim, era uma criança – insistiu Nate. – Como vocês dois.

Cielle desviou o olhar, ofendida.

Desvencilhando-se da mão da mulher, Nate novamente tomou sua caneca para beber dela, mas só conseguiu derramar um pouco do café sobre os dedos. Constrangido por causa da filha, manteve os olhos baixos durante todo o tempo em que se limpou com um guardanapo e, quando enfim os reergueu, confirmou sua suspeita: Cielle cravava os olhos nas mãos dele.

– Tem uma terapia experimental – disse ela, fungando o nariz. – Na Suíça.

– Não, filha, por favor...

Mas Cielle prosseguiu:

– Pesquisei na internet.
– Não, meu anjo. Não tem nada que...
– Não? Apenas *isso*? Se a gente conseguir sair desta merda, você não vai querer nem tentar?

– Olhe o vocabulário, minha filha – interveio Janie.

Fulminando o pai com o olhar, Cielle disse:

– Depois você pergunta por que eu te odeio tanto!

Então esmurrou a mesa, fazendo saltar pratos e talheres.

Uma colher aterrisou no colo de Jason. Todos se calaram na lanchonete, voltando sua atenção para a mesa do canto. De repente, Cielle se levantou e voou para o estacionamento, deixando a porta abanar às suas costas. Nate a acompanhava através da janela. Gaspar aguardava no jipe, chicoteando o banco da frente com o rabo.

– Pelo menos ela odeia você – observou Jason.

– *Hein?* – disse Nate, confuso.

Jason baixou a gola da camiseta para mostrar a tatuagem que tinha em torno do pescoço, um colar no qual se lia: VELHO SACANA 23/01/1970 – 10/05/2010.

– Cirrose – disse. – Morrer só fez dele um sacana ainda maior. Eu vivia dizendo que odiava o filho da puta, mas só o que eu queria era que ele visse... que reconhecesse, sei lá, alguma coisa em mim. O ódio é uma reação emocional, sacou?

Em seguida, levantou-se também e foi atrás de Cielle.

Nate bebeu um gole d'água. Sentia o rosto formigar e levou um tempo para perceber que não era porque estava aborrecido. Teve a impressão de que a voz de Janie havia saído de um poço muito profundo quando ela disse:

– Você está bem?

Apoiando uma das faces com a mão, Nate fez que sim com a cabeça e sentiu o músculo saltitar sob a pele grossa da palma. “Fasciculação”, era assim que os médicos chamavam. Ele já havia sido prevenido.

– Preciso de... um banheiro, só isso – falou, a voz ainda mais fraca do que antes.

Com algum desequilíbrio, conseguiu alcançar o banheiro masculino. Fechando a porta com os quadris, deparou-se com um lugar abafado e úmido, povoado por moscas pretas. Olhou-se no espelho enferrujado. Vendo as pequenas contrações sob o olho direito, apertou as pálpebras numa tentativa de pôr fim àquilo, mas não conseguiu. Uma súbita tonteira fez com que sua visão se embaralhasse, e ele agora via apenas alguns pontos pretos que se misturavam às moscas. Sentiu as pernas bambas, cambaleou e bateu com a cabeça na caixa metálica das toalhas de papel. A visão se turvou ainda mais.

Precisava de ar fresco. Rápido.

Irrompendo do banheiro, deu uma guinada para a direita e atravessou

correndo a cozinha da lanchonete, por pouco não arrancando a porta de tela ao sair para os fundos da construção. Tomado de assalto pelo cheiro fétido da caçamba de lixo, caiu de joelhos no chão, ao lado de uma pilha de caixotes que sem dúvida abrigava algumas cabeças de repolho podres. Tentou se levantar, mas foi vencido pela náusea. Sentia a cabeça girar como se estivesse bêbado e dali a pouco bateu com ela no concreto do chão.

As pálpebras pesavam, sonolentas. A cada respiração que exalava pela boca, um guardanapo amassado à sua frente era soprado um pouco mais para longe. Um vulto masculino se aproximou, bizarro e difuso, içando as calças jeans à maneira de um caubói. Sangue pingava no chão, ao lado das botas militares que ele vestia. O sol atravessava o buraco que o homem tinha no tronco, do qual os intestinos vazavam como se fossem os títeres de uma marionete. Quando se agachou, o buraco sumiu e uma sombra caiu sobre Nate: a sombra da morte. Erguendo os olhos, Nate viu que era Charles quem o fitava do alto, uma ponta de tristeza escondida sob o esgar brincalhão.

– A gente se vê daqui a pouco, companheiro – disse o amigo e usou os polegares para fechar os olhos de Nate.

–HOSPITAL, NÃO – MURMUROU Nate, praticamente desfalecido no banco do carona, o vento fresco da janela lambendo seu rosto.

A paisagem externa ia correndo feito um borrão.

Janie buzinou e pisou fundo no acelerador para ultrapassar um Mercedes.

– Seu voto perdeu a validade depois que você desmaiou naquele beco.

No banco de trás, com a voz embargada, Cielle disse:

– Você vai ficar bom, não vai?

– Eu... eu estou bem, meu anjo – retrucou Nate.

E Jason:

– Pela voz ele não está *nada bem*.

Com um sonoro tapa no namorado, Cielle esbravejou:

– Cale essa boca, seu... sem-noção.

– Para onde que...? – Foi só o que Nate conseguiu dizer entre um engulho e outro.

– Para o hospital onde eu trabalho – respondeu Janie. – Mas só depois que esse barbeiro na minha frente aprender a dirigir.

– Não... o primeiro lugar que... vão procurar...

– Conheço os médicos. O pessoal da recepção também. Posso internar você sem dar entrada no sistema. Você será tratado como um anônimo. Não temos uma opção melhor que essa.

A essa altura, já haviam deixado a autoestrada. Seguindo pela poluída Van Nuys Boulevard e sempre beirando o limite máximo da velocidade, não demoraram a avistar o gigantesco cubo branco em que se resumia a fachada do Sherman Oaks Hospital. Apesar de mal localizado, o hospital público tinha uma equipe altamente qualificada que atendia à mais variada fauna de doentes e feridos. Quando passava por lá para almoçar com Janie no início do casamento, Nate poderia presenciar tanto um jardineiro entrando no pronto-socorro com o dedo mutilado embrulhado num lenço quanto o filho de uma atriz hollywoodiana saindo da mundialmente conhecida unidade de queimaduras.

– ... Cielle não deveria... com a gente...

– Ela pode esperar naquele parque no fim da rua.

– Posso levar o carro – ofereceu Jason com entusiasmo.

– Ótimo. – Janie tirou do bolso um maço de notas de cem e entregou a Cielle, dizendo: – Leve o jipe e o cachorro. Ligo daqui a uma hora.

Nate tentou balbuciar mais alguma reclamação, mas precisou se concentrar na respiração para não vomitar. Janie parou o carro diante das portas do pronto-socorro, e Jason saltou para assumir o volante, Gaspar latindo no banco de trás. Janie contornou o veículo e abriu a porta para Nate, que caiu nos braços dela.

As portas automáticas do hospital se escancararam feito um bocejo para que

eles entrassem.

– Antibióticos? – O Dr. Griffin folheava o prontuário. – Quem foi o maluco que prescreveu *antibióticos* para ele?

Janie olhou para Nate, que, deitado no leito, remexendo-se sob o lençol muito engomado, disse baixinho:

– Uma médica do... pronto-socorro.

– Uma médica do pronto-socorro. Era só o que faltava. Um paciente nesse estado e ela não achou necessário pegar um telefone e ligar para o clínico dele? Ou pelo menos consultar Hipócrates no iPhone dela? O que ele está tomando, afinal?

– Keflex – respondeu Janie. – Quinhentos miligramas.

– Para quê?

– Volta e meia alguém... me dá uma facada – disse Nate.

O Dr. Griffin ergueu o rosto subitamente e o encarou por sobre a armação de tartaruga dos óculos que insistiam em escorregar do nariz. Quase tão escuros quanto a pele, os olhos tinham uma acuidade que contradizia o desleixo do físico: a barriguinha professoral, a barba por fazer.

– Estamos falando de uma interação medicamentosa, é isso? – perguntou Janie, trazendo de volta o foco do médico.

Embora Nate não o conhecesse, estava claro que Janie tinha alguma intimidade profissional com o homem.

– O antibiótico eleva o nível do Riluzol no sangue – explicou Griffin. – As enzimas hepáticas vão lá para a estratosfera, o que pode causar uma falência do fígado ou, quando nada, aumentar a possibilidade e a gravidade de diversos efeitos colaterais como...

Janie enumerou por ele:

– Fraqueza, cansaço, enjoos, enxaquecas, dores abdominais, tontura...

– ... que por sua vez podem exacerbar os sintomas da própria esclerose.

Nate rolava a cabeça no travesseiro enquanto acompanhava o pingue-pongue da conversa com a cânula de um soro intravenoso espetada no braço. Já se sentia bem mais lúcido. Tentando decifrar o jargão médico, chegou a sentir uma pontinha de esperança.

– Quer dizer então que vai melhorar? – perguntou. – A fraqueza muscular?

– Deve arrefecer, sim, com os enjoos e a tonteira. Assim que os níveis sanguíneos estabilizarem.

Nate respirou aliviado.

– Quanto tempo isso vai levar? – perguntou, ainda com a voz fraca, nenhum peso sustentando as palavras.

– De seis a oito horas para o Keflex sair da corrente sanguínea – respondeu

Janie. – E outras seis, mais ou menos, para o nível do Riluzol voltar ao normal.

– Mas isso nem é o mais importante – emendou o médico, beliscando uma papada surpreendentemente flácida. – Você precisa de cuidados. De soro, de repouso...

– *Repouso?* – protestou Nate.

– Você está *doente*, Sr. Overbay. Não preciso lhe dizer que esclerose lateral é um problema sério. Isso que está fazendo consigo mesmo... não dá para continuar assim. Você está desidratado, hipoglicêmico, com um sério déficit de sono. Na sua condição, isso é inadmissível. – Griffin deixou o prontuário ao pé da cama e se voltou para Janie, dizendo: – Dê mais outro litro de soro ao nosso anônimo aí, depois tente colocar algum juízo na cabeça dele.

Janie cruzou os braços, ergueu os olhos e bufou um suspiro.

– Faz anos que venho tentando – retrucou.

A pressão da agulha em seu braço permanecia constante, mesmo durante o sono. Despertando de um breve cochilo, Nate deparou com um vulto miúdo junto de sua cama. De início achou que era a imagem de um sonho que perdurava, uma visão do mundo espiritual. Piscou para ver melhor. Lá estava um garotinho de traços hispânicos, mais ou menos 6 anos, muito magrinho, coitado, a cabeça completamente careca, sem dúvida em razão de uma leucemia. Somando-se a tudo isso um par de olhos muito grandes, o menino tinha todo o aspecto de um extraterrestre. Vestia um pijama preto estampado com ossos brancos, uma fantasia de esqueleto, e trazia na mão uma fronha de travesseiro.

– Gostosura ou travessura! – disse.

Nate rapidamente se sentou na cama. Com Charles ele já estava acostumado, mas aquilo?

– Hein? – foi só o que conseguiu dizer.

O menino sacudiu a fronha como um pedinte.

– É Halloween.

Halloween? Nate rebobinou os dias, reorientando-se. Sim, era mesmo Halloween. E o menino era real, ou pelo menos aparentava ser. A cortina que separava os leitos se achava parcialmente aberta, de modo que ele podia ver, sobre o leito vazio a seu lado, o crepúsculo que caía do outro lado da janela. Exatamente a hora de sair à caça de gostosuras.

Nate examinou o que tinha sobre a bandeja de comida.

– Serve gelatina? – perguntou.

– Não. Ali, ó. – O menino apontou para um copo de plástico na mesinha lateral. – Eles põem doce para a gente ali. Tá vendo? Para a gente poder comemorar o Halloween, mesmo preso aqui.

Nate pescou uma minibarra de chocolate do copo, e com a mão trêmula,

jogou-a na fronha do menino.

– Quer mais? – perguntou.

– Não. Você tem de guardar para as outras crianças.

– Outras crianças?

Mas a essa altura o menino já estava junto da porta, a caminho de sua próxima coleta.

– Meu esqueleto brilha no escuro, quer ver? – disse ele antes de sair.

Apagou a luz e, tal como prometido, os ossos do pijaminha ficaram ligeiramente esverdeados.

Nate ainda trazia no rosto uma careta de espanto quando o menino reacendeu a luz e saiu. Não demorou para receber a visita seguinte, uma menina com asas de anjo e uma queimadura horrível que descia do queixo para o pescoço. Atropelando o nó de emoção que se formara em sua garganta, Nate abriu um sorriso para a menina e a presenteou com um palito de chocolate. Em seguida, veio uma pré-adolescente que arrastava consigo o suporte do soro, e outras tantas crianças ainda surgiram depois dela, uma atrás da outra, cada uma com sua vizinha miúda e sua fantasia de Halloween. Todas de partir o coração.

Após a última visita, Nate cuidadosamente despregou a cânula do soro e saiu ao corredor, onde as crianças se reuniam em pequenos grupos, supervisionadas por uma servente de aspecto bondoso. Sua mão tremia, e o tornozelo mais uma vez estava dormente. Ainda assim, recusava-se a tirar os olhos daquele comovente espetáculo e voltar para a cama. Via no amontoado de esqueletos fluorescentes e asas de anjo um prenúncio do lugar para onde, cedo ou tarde, teria de se retirar. A meninada comparava suas fantasias e doces, os rostinhos iluminados de alegria. Tanta esperança e tanta resiliência, apesar de todos os pesares.

Mais adiante, junto à estação das enfermeiras, Janie também acompanhava a festinha. Nate a cumprimentou com um aceno da cabeça e ela, sorrindo, acenou de volta.

– Vamos lá, pessoal! – gritou a servente para sua trupe. – Hora de atacar o andar de cima!

Como um bando de patinhos em fila, as crianças foram seguindo a moça na direção da escada. A meio caminho, um diminuto e asmático Darth Vader precisou tirar a máscara para respirar melhor.

A cena comovente despertou algo no peito de Nate, trazendo à tona toda a angústia dos últimos dez dias. Ele se recostou na parede e pressionou os olhos com o polegar e o indicador. Em vão, pois a emoção o tomou de assalto feito uma enxurrada. Baixou a cabeça e, arfando, procurou espantar o choro.

Janie veio a seu encontro e começou a acariciá-lo nas costas, de algum modo captando o inexplicável. Dali a pouco Nate se virou e se jogou nos braços dela, a cabeça rodando com um turbilhão de lembranças. A mãe morrendo aos poucos

naquela cama hospitalar em meio à penumbra da sala. O cheiro da deterioração no hálito dela. Abibas sombreando os olhos e fitando o helicóptero do alto daquela duna. McGuire olhando em estado de choque para a perna mutilada: “Não me deixe aqui, não me deixe aqui, não me deixe aqui.” A menina de rosto queimado com asinhas de anjo.

Por um tempo, ele e Janie ficaram abraçados ali, respirando juntos em meio aos cheiros e ruídos do hospital. Uma lufada de iodo. O ranger das rodinhas de uma maca. A tosse distante de um paciente em seu leito.

Um par de tamancos surgiu na visão periférica de Nate. Uma enfermeira dizia:

- Que bom ver você de novo por aqui, amiga! Estava de férias?
- Mais ou menos – respondeu Janie. – Bom ver você também, Renée.
- Ah, bati o ponto para você.

Janie petrificou-se nos braços de Nate.

- Espere aí. Você o quê?
- Você se esqueceu de bater o ponto. Não ia receber se...
- Quando? *Quando?*

– Calma, garota. Voltando da minha ronda, vi você aqui com o Dr. Suspensório. Tipo o quê? Uns quarenta minutos atrás?

No mesmo instante, a campainha do elevador piou ao fim do movimentado corredor. Nate sentiu as faces queimarem, já antevendo o que estava por vir. Endireitou-se, ergueu a cabeça e viu a seta iluminada que sinalizava a chegada do elevador.

Apesar do trânsito intenso de médicos e pacientes, pôde ver quando as portas do elevador se abriram e Misha saiu para o corredor.

O SEGURANÇA QUE TRANSBORDAVA DA cadeira dobrável ao lado do elevador olhou por sobre o jornal que vinha lendo, depois voltou à sua leitura. Misha se dirigiu à estação das enfermeiras, onde Janie havia estado minutos antes.

– Estou procurando pela enfermeira Jane Overbay.

– Ela não está trabalhando hoje.

Misha seguiu adiante, contornando o balcão. Ainda não havia localizado Janie e Nate, que permaneciam imóveis feito duas estátuas.

– Senhor, onde está o seu crachá de visitante? Sinto muito, mas o senhor não pode entrar aqui sem um crachá de visitante. *Senhor!*

Sem interromper a caminhada, Misha sacou a arma do interior do paletó, virou-se para mirá-la contra a enfermeira e a matou a sangue-frio. O impacto foi tão violento que a moça caiu de sua cadeira para convulsionar no chão. O segurança mal teve tempo de ficar de pé antes que Misha sacasse uma segunda arma com a mão livre e disparasse duas vezes, manchando de vermelho a parede atrás do homem. Uma seção do jornal caiu do alto e aterrissou no corpo inerte dele, empapando-se de sangue.

Seguiu-se um breve momento de silêncio.

E depois veio o caos. Pacientes berrando, cadeiras de roda capotando, um mar de gente correndo na direção das escadas. Enquanto Misha seguia marchando pelo corredor, chutando as macas e os suportes de soro que encontrava pelo caminho, Janie empurrou Nate de volta para o leito. Ele imediatamente pegou seu casaco e revirou os bolsos, ordenando as mãos para que fossem mais ligeiras.

Passos. Gritos. Outro disparo, seguido de um guincho primal.

– Ele está atirando *em todo mundo* – disse Janie.

Assim que encontrou sua arma, Nate empurrou a mulher para o outro lado da cama e rapidamente fechou a cortina divisória, fazendo com que as roldanas de plástico ganissem no trilho. No corredor, o estrépito de um carrinho derrubado misturou-se aos gritos de pânico da multidão.

Uma porta arrombada aos chutes em algum lugar. Um grito de susto. O ganido de outra cortina sendo aberta bruscamente.

Apavorada, Janie sussurrou no ouvido de Nate:

– Ele está indo de leito em leito.

O tecido verde da cortina tremulava rente ao rosto deles. Com um polegar hesitante, Nate destravou o pino de segurança da Beretta.

Passos pesados. Provavelmente botas. Protestos de uma voz debilitada, um estrépito, um leve gemido. Mais um disparo: *bum*. Mais uma cortina ganindo.

A voz do Dr. Griffin logo ali, no corredor:

– Não, por favor, *não*...

Disparo.

Janie represou um grito com ambas as mãos sobre a boca. Eles podiam ouvir a respiração do médico, molhada e ofegante.

Agora no leito vizinho: *bum*; cortina ganindo.

Janie falou baixinho para Nate, soprando seu hálito quente no ouvido dele:

– A gente tem de sair daqui!

Nate firmou a mão no cabo da arma e sussurrou de volta:

– Não dá tempo!

Não demorou para que a porta do leito dele também se abrisse. Eles não teriam o benefício de uma advertência. Mas os passos se aproximavam.

Tep, tep, tep.

Pausa.

De algum modo, mesmo com a cortina que o separava do ambiente vizinho, Nate pôde sentir uma mudança na qualidade do ar. Uma presença. Sabia que Misha estava junto da porta. Ouviu quando ele caminhou bruscamente leito adentro.

Então ordenou ao antebraço que se aquietasse. Pisando o mais silenciosamente possível, recuou e ergueu a Beretta. O cano da arma tremia apenas ligeiramente em seu punho fraco.

Janie se apertava contra a parede, o rosto crispado num esgar de aflição. Nate mirou contra a cortina, mais ou menos na altura do peito, pronto para qualquer movimento no tecido.

Ouviu-se um grito no corredor, depois os sons de uma mulher correndo na direção das escadas.

Misha parou.

Sem dúvida cogitava se devia continuar avançando para a cortina ou seguir a mulher no corredor. Talvez pensasse que era Janie quem estava correndo lá fora. Eles podiam ouvir a respiração do ucraniano. Uma respiração calma e regular. Os batimentos cardíacos provavelmente nem passavam dos sessenta.

Nate mirou contra o tecido emborrachado da cortina, sabendo que Misha se encontrava alguns metros do outro lado, mas sem saber exatamente onde. Um tiro em falso seria respondido com uma tempestade de balas.

No corredor, a mulher parecia cada vez mais próxima.

Misha deu outro passo, arrastando a bota de leve no chão. Nate apontou a arma na direção do barulho e viu que ela silenciosamente escorregava de seus dedos fracos.

Com toda a concentração de que era capaz, ordenou às mãos que se firmassem, mas os músculos não lhe deram ouvido. A arma girou num movimento em câmera lenta, a superfície áspera da coronha atritando contra as pontas de seus dedos. Então ela escapou de vez e agora girava no ar rumo às

lajotas do piso.

Nate tentou sorver um pouco de ar, mas constatou que os pulmões já estavam cheios. Rapidamente se abaixou para pescar a arma. Não conseguiu. Mas a mão de Janie surgiu do nada e a recuperou por ele, a Beretta já a poucos centímetros do chão. Tudo isso sem o menor barulho.

Agachados, os dois ficaram se entreolhando com os olhos arregalados, mal ousando respirar. Do outro lado da cortina se ouviu um leve ruído, Misha reacomodando uma das botas.

Em meio a tanto silêncio, também puderam ouvir quando a mulher que corria lá fora dobrou para outro corredor mais distante, seus passos sumindo aos poucos. Foi aí que, na rua, ainda ao longe, fizeram-se ouvir as sirenes da polícia.

Misha bateu em retirada, talvez para ir atrás da mulher.

Nate e Janie exalaram juntos, uma explosão de alívio. Gemidos vinham do corredor. Eram do Dr. Griffin, que agonizava.

Janie abriu uma fresta na cortina e eles espiaram através da porta aberta do quarto. O médico jazia no chão do corredor, as mãos sobre a coxa, sangue jorrando entre os dedos em compasso com os batimentos cardíacos, desenhando linhas finas no piso.

– Hemorragia arterial – falou Janie e devolveu a arma para as mãos de Nate.
– Vou estabilizá-lo e volto já. Um minuto, no máximo.

Ela foi saindo, mas Nate a puxou pelo braço, dizendo:

– Misha ainda está por aí.

Janie apontou para o médico e retrucou:

– Ele vai *morrer* se eu não for lá.

O olhar desesperado que trocaram não poderia ter durado mais que um segundo, mas pareceu estender-se por uma eternidade, as múltiplas objeções rodopiando na cabeça de Nate. No entanto, percebendo a determinação que a mulher estampava no rosto, viu que não poderia fazer nada para movê-la. Resignado, ordenou:

– Leva a arma. Não tenho forças para empunhá-la.

Enterrando a Beretta no bolso, Janie enfim saiu para o corredor e, com uma rápida olhada, pôde ver os pacientes que jaziam por toda parte, bem como o médico residente que se escondia atrás de uma maca. Nenhum sinal de Misha.

Rapidamente buscou o aparelho de pressão que localizara num carrinho próximo e voltou para junto do médico. As mãos ensanguentadas do homem faziam um contraste ainda maior com a pele que havia empalidecido. Ele já estava fraco demais para estancar a hemorragia por contra própria. Suprimentos médicos se misturavam à poça de sangue que havia se formado a seu redor; ele havia derrubado um carrinho ao ser atingido.

– Acho que desmaiei por conta do choque – balbuciou Griffin. – Mas já estou consciente de novo.

Janie tirou o sapato dele e foi passando a braçadeira do aparelho de pressão por cima da meia, deslizando-a ao longo da calça empapada até ultrapassar o ferimento que sangrava pouco acima do joelho. Griffin petrificou-se em razão da dor, mas Janie ignorou a reação dele e começou a bombear o aparelho, inflando a braçadeira até a capacidade máxima. A hemorragia foi diminuindo aos poucos, e dali a pouco já havia parado por completo.

Entre os suprimentos derrubados, Janie encontrou um pacote de gaze. Abriu-o com os dentes, colocou alguns pedaços sobre o ferimento e, tomando a mão do médico, disse:

– Melhor do que nada. A hemorragia já foi estancada, mas... fique com esta gaze aqui e pressione. O mais forte que puder.

Em seguida, encontrou um rolo de fita cirúrgica, destacou a ponta e já ia finalizando o curativo quando Griffin levantou o rosto e a expressão de gratidão nos olhos dele subitamente deu lugar a outra – de susto. Janie nem sequer teve tempo de se virar antes que alguém às suas costas plantasse a mão pesada em sua cabeça para içá-la pelos cabelos.

ESPIANDO ATRAVÉS DA PORTA, apavorado, Nate não chegou exatamente a ver Misha puxando Janie pelos cabelos, mas *anteviu* o que ele estava por fazer, o receio de cada segundo torturante enfim se transformando em realidade. De Misha propriamente dito viu apenas o braço que o ucraniano esticou do outro lado da porta, a mão se fechando em punho, os tendões flexionando com vigor.

Janie sumiu tão rápido quanto se tivesse sido puxada por um caminhão, a Beretta escorregando de seu bolso para o chão. Segundos depois ela deu um berro, um rugido ao mesmo tempo de dor e de fúria, depois do qual Misha exclamou:

– Nate Overbay! Sua mulher está comigo! Saia de onde estiver!

Ainda agachado, Nate podia ouvir os passos dele pelo corredor. Também escutava as sirenes que já uivavam mais alto, mas não próximas o bastante. Ele se levantou de um salto. Não encontrando apoio no tornozelo dormente, foi ao chão e se reergueu o mais agilmente possível, cambaleando na direção da porta.

O médico grunhia de dor, e só por isso Misha não ouviu quando Nate saiu ao corredor. De costas para Nate, e sem nenhuma pressa, o ucraniano seguia literalmente arrastando Janie pelos cabelos. Ela se retorcia e gritava de dor, os olhos arregalados numa medida impossível; com as mãos imundas do sangue do médico, apertava o punho de Misha a fim de aliviar a pressão sobre os cabelos.

Empunhando uma de suas pistolas e levando a outra no bolso traseiro da calça jeans, Misha seguia marchando com passadas largas corredor afora, pisando o chão com as botas pesadas, ainda sem perceber a presença de Nate às suas costas. As sirenes ficavam cada vez mais altas.

Ao ver o servente que acabara de abrir uma porta mais adiante, nem se deu ao trabalho de interromper a caminhada: simplesmente atirou contra o homem, acertando-o no ombro. O servente girou o tronco e caiu do outro lado da porta, que se fechou por conta própria, manchada de sangue.

Por mais incrível que fosse, a Beretta ainda rodopiava no lugar onde havia caído. Nate passou pelo médico caído e a recolheu do chão, a mão sofrendo com o peso do metal. Tentou erguê-la para atirar, mas o cano não parava quieto em razão dos dedos bambos. Um tiro a esmo seria muito arriscado.

Frustrado com a própria condição e já começando a se enfurecer, Nate estava prestes a deixar a arma de lado para seguir no encaixo de Janie quando avistou algo no chão.

Um rolo de fita cirúrgica com a ponta já destacada.

Nate recolheu-o. Em seguida, passou o indicador pelo gatilho da Beretta e foi usando a fita adesiva para colar a arma na própria mão, a fita chiando ligeiramente ao ser arrancada do rolo. Foram voltas e mais voltas em torno da pistola.

– Nate Overbay! Se eu chegar ao elevador antes de você aparecer, vou abrir um furo no crânio da sua mulher!

Misha ia se afastando no corredor com Janie se retorcendo às suas costas. Nate exalou através dos lábios crispados. Via que o tiro ia se tornando cada vez mais difícil. Janie tentava dissuadi-lo com um olhar de súplica. As sirenes urravam na rua.

Nate ergueu a pistola. Procurou firmar o cotovelo e os músculos do braço, mas a arma continuava a tremular à sua frente, a mira adejando indecisamente entre Janie e Misha.

Alcançando o fim do corredor, Misha apertou o botão do elevador e foi virando o rosto para trás.

Nate fechou os olhos e respirou uma única vez antes de reabri-los.

Misha agora o encarava na ponta do corredor, do outro lado da caótica paisagem de carrinhos revirados, cadeiras tombadas e feridos no chão. A situação não era lá muito diferente de um duelo entre o mocinho e o bandido num filme de banguê-banguê. O rosto do ucraniano se iluminava com um misto de surpresa e divertimento.

Nate o via através da mira da Beretta, os três pontinhos brancos que se alinhavam perfeitamente sobre o cano metálico.

As portas do elevador se abriram atrás de Misha.

Assim que o viu erguendo a pistola, Nate disparou.

Uma pequenina nuvem vermelha eclodiu do ombro do ucraniano. Ele soltou Janie e cambaleou alguns passos para trás, entrando no elevador. O esgar de susto não durou muito: logo recobrou a compostura e calmamente examinou o rasgo na manga da camisa manchada de sangue. Tratava-se apenas de um raspão, mas que o havia obrigado a soltar os cabelos da mulher.

A confusão das múltiplas sirenes misturava-se ao roncar dos carros que dobravam a esquina, um após o outro, talvez a uma única quadra de distância. As portas do elevador começaram a se fechar, e Janie rolou para o lado, saindo do alcance de Misha antes que ele resolvesse puxá-la para dentro.

O coice da Beretta havia deixado o braço de Nate em chamas, fatigando o músculo; ele se esforçava para mantê-la erguida, mas o cano já apontava para algum ponto do chão a uns 5 metros de onde ele estava.

Com um sorriso irônico, Misha ergueu a mão e deu um peteleco no sangue do ombro, apenas um gesto de provocação como se quisesse dizer: “O que é seu está guardado, filho da puta.” As portas se fecharam por completo e ele sumiu de vista.

Janie rapidamente ficou de pé e correu até o balcão para ver como estava a enfermeira baleada. Causa perdida, foi o que ela disse apenas com a expressão facial. Depois saiu correndo ao encontro de Nate e Griffin, parando apenas para recolher uma bolsa de soro jogada no chão e espetá-la com a ponta de uma

cânula esterilizada.

As mãos do médico agora apertavam a gaze com força; a braçadeira do aparelho de pressão aguentava firme no lugar.

– Não se preocupe comigo, estou bem – disse Griffin. – Vá embora daqui.

Mas Janie já estava de joelhos, tirando uma agulha de cateter da embalagem plástica e espetando a veia dele com um gesto seguro e rápido. Encaixou a ponta livre da cânula na agulha, deixou a bolsa de soro no colo do médico e falou:

– Aperte isto aqui com uma das mãos e continue firmando a gaze com a outra. Entendido?

A essa altura, a barulheira das sirenes já era de furar os tímpanos. Griffin fez que sim com a cabeça, retrucando:

– Ótimo. Muito obrigado.

Janie conduziu Nate ao corredor dos fundos, amparando-o sempre que o tornozelo dele ameaçava ceder sob o peso do corpo. Diante do elevador de macas, ela sacou seu cartão de identificação, passou-o pelo leitor eletrônico e ficou apertando o botão até o elevador chegar. Durante a descida, pegou o celular e ligou para a filha.

– Encontre a gente no estacionamento da delicatessen que fica duas lojas à esquerda na saída do parque. Agora. *A-go-ra*, ouviu bem?

Olhando para a tela do aparelho, viu que a bateria acabara de morrer, e só então notou a crosta de sangue acumulado nas próprias mãos.

O elevador descia numa lentidão enlouquecedora. Nate usou os dentes para retirar a fita cirúrgica com que havia colado a Beretta na mão. Em seguida, guardou a arma no bolso das calças e fez um carinho na mulher, dizendo:

– Seus cabelos...

– Estou bem, estou bem – garantiu ela, apesar dos joelhos que tremiam. – Assim que a gente descer, vamos dobrar à esquerda e sair para o beco dos fundos pela cozinha do refeitório. Entendido?

– Entendido.

As portas do elevador enfim se abriram. Não se via ninguém sob as lâmpadas fortes do refeitório. Eles desceram para o salão e foram seguindo pela rota combinada. Janie escondeu as mãos ensanguentadas nos bolsos antes de sair para a noite gelada que os aguardava do lado de fora.

Os carros da polícia iam passando na rua enquanto eles atravessavam o beco na direção da calçada, Nate mal se aguentando nas próprias pernas. Um policial passou correndo pela entrada do beco, aparentemente sem perceber a presença deles.

Nate exalou entre os dentes cerrados. Eles seguiram em frente.

Segundos depois, no entanto, o homem recuou e, da calçada, avistou-os no interior do beco. As pernas de Nate travaram. O policial levou a mão ao coldre.

Janie se adiantou, colocou-se na frente de Nate e, ostentando o cartão de

identificação que trazia pendurado ao pescoço, disse:

– Sou enfermeira do hospital. Alguém está atirando lá em cima e...

– Eu sei – disse o oficial. – Já estamos...

– Este é um dos meus pacientes. Há outros que precisam de ajuda no terceiro andar, e um médico também está ferido.

– Trouxemos muitos paramédicos. Tem uma entrada de fundos aí nesse beco? Vamos evacuar o prédio e depois...

– Rápido. Por aqui.

O homem obedeceu e passou correndo por eles, falando ao rádio. Nem sequer olhou para Nate.

À custa de algum esforço, Nate reavivou as pernas, passou o braço pelos ombros de Janie e foi seguindo com ela pela Van Nuys Boulevard. Um casal comum, fazendo sua caminhada noturna. Com o hospital às suas costas, Nate praticamente podia sentir o calor das luzes giratórias da polícia. Portas eram batidas nos carros, ordens eram dadas aos berros, rádios crocitavam por toda parte. Janie resmungava algo para si mesma, mas Nate não entendia o que ela dizia.

A delicatessen já estava a uns 20 metros de distância quando um jipe entrou voando no estacionamento, catando o meio-fio com um dos pneus traseiros. Nate viu de relance o rosto apavorado de Cielle no banco do carona e puxou Janie para perto de si. Enfim pôde decifrar o que a mulher ainda resmungava feito um mantra:

– ... *pronto, já acabou; pronto, já acabou; pronto, acabou, acabou, acabou...*

Ajudou-a a subir no carro e só então ela desabou, entregando-se ao choro sem nenhuma amarra.

AO LADO DE NATE no banco de trás do carro, Janie permanecia dura, inclinando-se para a frente para abraçar os joelhos, a nuca em evidência. Embora o hospital já tivesse ficado para trás desde muito, ela ainda pensava estar fugindo dele. Já havia parado de chorar, mas estremecia o tronco a cada vez que inalava.

Batendo o ritmo no volante, Jason cantarolava incorretamente a letra de uma canção do disco do AC/DC que havia surrupiado da casa de Monkey Biz12, em Silver Lake:

– *“The walls was achin’, my heart was bakin’, and we were shakin’, ‘cuz you...”*

– Para onde a gente vai? – perguntou Janie. – Eles são capazes de rastrear tudo. Não temos para onde ir. Nem para quem ligar.

– Meu pai – disse Nate.

No banco da frente, Cielle imediatamente desligou a música e falou:

– Você falou *pai*?

– Eu nem cheguei a conhecê-lo – comentou Janie.

– Por isso mesmo é que a gente deve ligar para ele – argumentou Nate. – O velho não está em nenhuma das nossas listas de contato de emergência, não tem histórico telefônico, nada. Ninguém vai lembrar que ele existe.

– Ele ainda mora na casa em que você foi criado, não mora? Será que eles não vão aparecer por lá?

– Ele tem um chalé. Ou pelo menos tinha.

Jason fez uma curva a uma velocidade bem acima do aconselhável, e Gaspar despertou entre as malas no bagageiro. Nate deixou seu celular no colo e ficou olhando para o aparelho por um tempo. Seu corpo formigava: eram muitas lembranças enterradas naquelas células. Os pneus zumbiam contra o asfalto. Absolutamente calados, todos olhavam deliberadamente para a paisagem externa, dando a ele a privacidade necessária.

Nate discou com o polegar o número que ainda sabia de cor. A ligação foi atendida na segunda chamada:

– Alô?

A voz estava ainda mais seca do que antes. No entanto, mesmo numa ligação telefônica Nate poderia reconhecer qualquer sutileza naquele timbre que conhecia tão bem.

– É o Nate – disse ele.

– Quem?

Pela janela, a estrada passava num borrão.

– Sou eu, pai.

Em meio a alguma estática, o homem falou:

– Nate.

As palavras eram difíceis de dizer. Nate precisou cuspi-las:

– Por acaso o senhor ainda tem aquela casinha em Bouquet Canyon? Com os seus amigos?

O Sr. Overbay precisou de alguns segundos para digerir o inusitado da pergunta. Em seguida, respondeu:

– Agora somos só eu e Ross. Hugh morreu. Mas tenho quase certeza de que sou o único que...

– Ela está em seu nome? A casa?

– Não. Ross abriu uma sociedade, ou sei lá como se chama isso. Qual o problema, Nate?

Nate pressionava a testa contra o vidro da janela. Lá fora, faróis e faroletes estriavam o breu na rodovia, o mundo inteiro passando por eles, eles passando pelo mundo. Seguiu-se um tempo até que ele encontrasse as palavras certas, e outro tanto para ter coragem de dizê-las.

– Pai... estou em apuros.

Do outro lado da linha se ouvia apenas a respiração distante do Sr. Overbay. Nate não tinha a menor ideia do que poderia vir depois.

O velho limpou a garganta à guisa de preâmbulo. Depois falou:

– Encontro você lá.

Obedecendo às instruções dadas pelo pai de Nate, eles seguiram para os subúrbios de Santa Clarita e lá tomaram uma segunda rodovia, menor que a primeira, até saírem numa estrada de mão dupla. Com o tempo, as casas à beira dessa última foram ficando cada vez mais infrequentes e o trânsito, cada vez mais fraco, a não ser por certa regularidade de motos Harley Davidson que sugeria a presença de um bar de motoqueiros em algum lugar naquela floresta de pinheiros. Eles passaram pela entrada do parque Angeles National Forest, depois pela represa do parque, a estrada serpenteando cada vez mais agressivamente à medida que se aproximavam de Bouquet Canyon. De quando em quando, pescadores podiam ser vistos entre as árvores, a cabeça escondida sob um chapéuzinho de sarja, o ombro servindo de apoio para as varas ou para os cachos de truta que rebrilhavam contra os faróis do carro. À beira da estrada, famílias recolhiam para a carroceria de suas camionetes o lixo do piquenique já terminado, as crianças resmungando e brigando entre si, os pais dando um último trago na cerveja antes da viagem de volta.

No cruzamento, alguém havia se adiantado ao calendário e colocado um totem de Papai Noel a bordo de um helicóptero com os dizeres pintados com tinta spray: QUAL É O SEU DESEJO PARA O ANO NOVO? Jason virou à direita e foi margeando um riacho até que as casas, grandes demais para serem

chamadas de chalé, começaram a rarear, e depois de um tempo a paisagem se resumia aos pinheiros e aos carvalhos da floresta, costurados aqui e ali pela fumaça de uma recôndita chaminé. Aquele era um dos milagres de Los Angeles: o lugar ficava a menos de uma hora da badalada Rodeo Drive, mas um desavisado poderia pensar que o haviam abduzido para o Colorado. A ansiedade de Nate ia aumentando com a altitude. Depois de quinze anos sem ver o pai, não sabia exatamente o que esperar, em todos os aspectos, daquele encontro.

Jason acenou com entusiasmo quando eles passaram por alguns carros da guarda florestal. Pela primeira vez nos últimos trinta minutos, Janie falou:

– Ainda bem que você tem carteira de motorista.

Através da cabeleira que caía para o rosto, o garoto olhou para o retrovisor e retrucou:

– Nunca falei que tinha carteira. Falei que sabia dirigir.

Fez-se um silêncio tumular. Cielle não fazia mais do que olhar para a estrada a sua frente. Dali a pouco, no entanto, Nate relaxou a testa franzida, Janie deixou escapar um risinho e os quatro gargalharam um pouco, Jason mais que o resto.

– Quer dizer então que posso... – arriscou ele.

– Encoste o carro – disse Janie e assumiu o volante naquela última perna da viagem.

O chalé pré-fabricado ficava ao pé de uma pequena lombada de terra, a poucos metros da água. Uma bucólica pontezinha de madeira, saída de um filme qualquer da Disney, se arqueava sobre um dedo do riacho. O pai de Nate se achava ao lado da varanda fechada, debruçado sobre um bujão de gás, lutando com a torneira.

Ele se reergueu, limpou as mãos uma na outra e, sem acenar, veio caminhando na direção do jipe.

– É ele? Jura? – disse Cielle, ansiosa.

O velho estava mais grisalho, os ombros já um tanto vergados pelo peso dos anos, mas as faces ainda eram razoavelmente coradas e os olhos brilhavam, espertos e lúcidos. Usava uma camisa de flanela rigorosamente abotoada até o colarinho e Nate se deu conta de que nunca tinha visto o pai de camiseta. Num lampejo de memória, voltou para seus 5 anos e se viu amarrado ao banco traseiro do LeSabre conversível, o pai com o cotovelo apoiado na janela do motorista, seguro, confiável, o esteio do mundo.

Eles desceram do jipe. Gaspar saltou do porta-malas, espreguiçou o corpo e bocejou com a língua para fora. Parados ali, em meio às folhas caídas no chão, eles se entreolharam por um instante até que Nate, apoiando o peso do corpo no pé direito, disse:

– Cielle, esse é o seu avô.

Os olhos do velho brilharam ao ver a neta pela primeira vez.

– Então... muito prazer – cumprimentou ele.

Cielle ergueu a mão num tímido aceno.

– Oi. – Foi só o que ela encontrou para dizer.

Janie deu um rápido abraço no sogro, depois Jason se adiantou e se apresentou:

– Sou o Jason. Namorado da Cielle.

Sem grande interesse, o pai de Nate apertou a manzorra do garoto e, olhando por sobre os ombros dele, falou para Nate:

– Eles não vão dormir no mesmo quarto.

– Ah, mas não vão mesmo – concordou Nate. Ele o pai se entreolhavam a uma distância segura. – Você deve estar se perguntando que diabo está acontecendo...

– Tudo a seu tempo. Já é tarde. Você parece cansado.

Pela primeira vez na vida, Nate ficou grato pela reticência do pai.

– Obrigado por ter vindo – falou, emocionado.

O velho nem sequer meneou a cabeça à guisa de resposta. Tomando o caminho da casa, disse:

– Venham. Vamos entrar.

Eles tomaram banho e se trocaram enquanto o pai de Nate fritava os bifes de carne de alce que depois serviu com ovos fritos moles e canecas de sidra quente. Secando os cabelos desgrehnados e olhando para seu prato, Jason disse:

– É que sou vegetariano...

Ao que o pai de Nate respondeu:

– Coma, filho, e não me amole.

Para um refúgio masculino, o chalé até que era bastante acolhedor: carpete felpudo, cobertores para as pernas nas poltronas, vigas aparentes no teto sem forro. Nenhuma televisão. O pai de Nate jogou algumas toras de cedro na lareira e eles foram jantar nos sofás em torno dela, saboreando o cheirinho doce da madeira, aquecendo-se junto ao fogo. Gaspar também abocanhava sua parcela de alce, esfomeado o bastante para ir empurrando a tigela com o focinho, os pingentes da coleira batendo na borda metálica da vasilha; resmungou um trágico ganido quando a comida acabou.

Embrulhada num suéter emprestado, grande demais para seu porte miúdo, Janie se recostou em Nate e ele passou o braço pelos ombros dela. Cielle os encarou, mas, ao contrário do que seria esperado, não fez nenhum comentário cínico. Volta e meia, Nate olhava de relance para o pai, mal acreditando que eles estavam ali, dividindo aquele mesmo teto de vigas aparentes. Por vezes, tinha a impressão, quase podia jurar, que o velho ameaçava abrir um sorriso. Sentia que os músculos estavam bem mais relaxados, talvez por conta dos remédios que já começavam a sair de circulação, ou talvez porque finalmente haviam

encontrado aquela pequena trégua. Cielle contou uma piadinha infame, riu de si mesma e deitou a cabeça no ombro da mãe. Janie começou a rir também, depois Nate. Vendo seu reflexo com a mulher e a filha no protetor da lareira, que era de vidro, Nate achou a imagem familiar e dali a pouco uma gaveta se abriu nos escaninhos de sua memória: o retrato que mantinham no consolo de sua própria lareira, em Santa Monica. A mesma pose, oito longos anos depois. Todos já estavam bem diferentes, claro, mas de algum modo, iguais. Eles terminaram de comer, conversaram um pouco, depois ficaram ali, saboreando o momento sem nada dizer, sem querer dar fim àquela inusitada reunião familiar. Um momento mágico, um breve descanso da realidade.

Dali a pouco, atendendo a pedidos que não deixavam muito espaço para recusas, Cielle e Janie se levantaram para recolher e lavar a louça. Nate pegou seu celular e já ia saindo para fazer uma ligação quando Janie o tomou pelo braço e perguntou:

– Aonde você vai?

– Encontrar um sinal. Vou ligar para Abara. Depois do que aconteceu no hospital...

Janie roubou o telefone das mãos dele e o desligou.

– Hoje não – falou com delicadeza. – Só uma noite, vai?

Nate achou razoável.

Mais tarde, à custa de um significativo esforço, ele escalou a escada que levava ao mezanino onde Cielle havia se acomodado para dormir. Do outro lado da mansarda, copas escuras balançavam contra o céu estrelado. Arrastando-se no chão como nos tempos de exército, Nate foi se deitar ao lado da filha.

– Ficou *maluco*? – disse ela. – Subir aqui com esse seu corpo todo detonado?

– Fiquei – respondeu Nate e se aproximou para plantar um beijinho na testa dela, mas Cielle se adiantou e o puxou para um abraço, pendurando-se no pescoço do pai.

– O que vai acontecer com a gente? – perguntou com a voz embargada.

Nate podia sentir o rosto quente da filha contra o seu. Tentou se afastar para responder, mas Cielle o puxou de volta, apertando o abraço.

– Não vou deixar que nada lhe aconteça – disse ele.

– Você não pode prometer uma coisa dessas.

– Posso, sim.

– Acha que um dia a gente vai poder voltar para casa?

“Eu *já estou* em casa”, pensou Nate.

Ele beijou a filha na testa e já ia se arrastando de volta para a escada quando Cielle perguntou:

– Por que você e a mamãe se separaram?

Nate parou onde estava e disse:

– Levei muito tempo para voltar da guerra.

– Quanto tempo?

Ele refletiu um instante, depois falou:

– Acho que só cheguei agora.

– Você deixou de gostar dela? Da mamãe?

– Não. Nunca.

– Mas você...

– Eu não sabia como amar sua mãe do jeito que ela merecia.

– É assim que os homens são? É *isso* que me aguarda no futuro?

Nate apenas sorriu e ela continuou:

– Se você a amava... se amava *a gente*... como conseguia ficar longe?

– Não conseguia. Achava que o amanhã seria diferente.

– E não era?

– Não, não era. Mas hoje foi.

Cielle sorriu secretamente e deitou a cabeça no travesseiro.

– Pai... Será que...

– Claro, meu anjo.

Nate voltou para o lado da filha e ficou lá até que ela dormisse.

Em seguida, com a mesma dificuldade de antes, desceu para a sala e procurou o pai. Avistou-o junto à porta dos fundos, despejando restos de comida num pequeno depósito de compostagem. Foi caminhando ao encontro dele, mas parou ao ver os porta-retratos que decoravam as paredes do pequeno corredor: fotos dele, Nate, desde os tempos de jardim de infância até o segundo ano do ensino fundamental. E só até aí.

No ano seguinte, sua mãe ficaria doente.

Por um tempo, Nate ficou admirando aquela pequena galeria que o pai havia lhe dedicado. As camisas de colarinho, os cabelos meticulosamente partidos para o lado, o rostinho ainda poupado das agruras da vida. A interrupção abrupta no segundo ano do fundamental. De repente, lembrou-se das linhas a lápis que havia feito na porta de Cielle, marcando a altura da filha em diferentes etapas da vida. Qual delas indicaria o fim da infância? Em seguida, lembrou-se de Nastya no sofá daquela boate, do cigarro que ela equilibrava entre os dedos de unhas pintadas.

“A gente sempre acaba deixando os outros na mão”, pensou Nate. “Sempre. Por mais que tentemos fazer diferente.”

Ainda assim, havia espaço para novas tentativas.

Só então notou que o pai estava a seu lado, olhando com ele para as pequenas fotografias emolduradas.

– Você merecia uma parede inteira de fotos.

Nate ainda não havia encontrado o que dizer, mas o velho já seguira seu caminho corredor afora. Ficou ali por mais um tempo, recostado à parede de fotos, até que ouviu um violão tocando baixinho na varanda da frente. Atravessou

a cozinha e, pela porta da sala, pôde ver Jason do lado de fora, sentado à maneira de um índio, com os ombros largos caídos sobre o instrumento. Aproximou-se da janela e ficou ali, espiando. Jason cantava tão baixinho que mal se fazia ouvir. No entanto, não havia dúvida de estava tocando “Blackbird”, de Paul McCartney. Tinha uma voz surpreendentemente boa, aguda e cristalina, quase feminina.

– ... *take these broken wings and learn to fly* ... – Era o que ele entoava quando Nate chegou à porta, mas parou assim que viu que não estava sozinho.

Deixou o violão desajeitadamente no colo, o instrumento lembrando um cachorro que poderia atacar a qualquer instante.

Eles ficaram se olhando por um tempo em meio à escuridão da noite. Nate deixou a porta se fechar às suas costas, sentiu o frio subir pelas mangas da camisa e pela nuca.

– Por que você não toca isso no lugar daquela porcariada que costuma tocar? – perguntou.

– Puxa, você realmente sabe como fazer um elogio.

– E você realmente sabe tocar.

O garoto chegou a corar.

– É, eu...

– Sério. Por que você não toca outras coisas assim?

Jason deu de ombros e sacudiu a cabeça para tirar os cabelos da testa.

– Sei lá. Acho que... tipo... sempre achei que não tinha o direito de ser bom em alguma coisa.

Nate sentou-se ao lado dele no sofá de balanço.

– De repente, é mais fácil dar uma de esquisitão por aí – disse.

– Não – rebateu Jason. – Cansa *pra caralho* ser esquisitão.

Nate riu.

– A vida inteira eu só ouvi “não” – prosseguiu o garoto. – Não, você não pode ir brincar lá fora. Não, você não tem capacidade para fazer álgebra. Não, você não pode namorar uma garota inteligente. Quer saber? Já estou de saco cheio.

O tom era quase acusatório.

Nate refletiu um instante, depois falou:

– Sei como é.

Os grilos faziam sua ruidosa serenata na escuridão.

Pensativo, Jason prosseguiu:

– Sabe quando a gente ouve uma música no rádio, fica amarradão e depois a música *gruda* na sua cabeça? Pois é. Daí você vai lá e baixa para o iTunes. Primeiro só ouve aquilo. Na pista de skate, na praia, em tudo quanto é lugar. Mas chega uma hora que você não aguenta mais a porra da música. Ouve de novo no rádio, mas aquilo não diz mais nada. Porque você já está em outra, sacou? – Ele passou a língua pelos lábios ressecados. – Pois é. Era isso que acontecia com as outras garotas. Mas com a Cielle, não. Com a Cielle é diferente.

Eles ficaram um tempo sem dizer nada, apenas balançando no sofá da varanda. Antes que o silêncio se tornasse insuportável, Jason bateu no ombro de Nate, talvez um pouco forte demais, e disse:

– Que bom que a gente levou esse papo, sogrão.

Reprimindo um sorriso, Nate se levantou e falou:

– Boa noite, Jason.

– Opa, peraí – disse Jason, espalmando as mãos. – Este não é o momento em que a gente vai para o quintal bater uma bola? Tipo, para estreitar os laços?

Nate não respondeu. Voltou à sala e só então deixou escapar uma risada baixa.

A luz das estrelas entrava pelas janelas descortinadas, pintando de azul uma parte da cama. Deitada com os lábios no peito de Nate, suada de amor, as escápulas formando um sensual relevo na escuridão do quarto, Janie foi fazendo um caminho de pequenos beijos até encontrar a boca dele. Iluminada pelas estrelas, teria um ar angelical não fosse pelo sorriso maroto que trazia nos lábios carnudos. Nate cravou os dedos nos cabelos dela, úmidos e pesados na nuca, e ela cedeu à pressão, inclinando a cabeça como se quisesse esticar o pescoço.

O momento era atemporal – ou melhor, era de *outro* tempo. Um tempo anterior ao quartel de Fort Benning e à guerra, ao deficiente mental acorrentado num barracão, a Abibas, ao helicóptero explodindo a poucos metros do chão. Anterior às notificações de óbito e à crise de covardia à porta dos pais de Charles. Anterior aos pesadelos, aos fantasmas e ao apartamentos em Westwood com duas fotos pregadas com tachinhas na parede. Anterior aos cofres no banco, aos interrogatórios e ao gigante que deixa pegadas na grama. Anterior aos neurologistas, aos comprimidos brancos, a um corpo traidor e imprevisível.

Mas, claro, tratava-se apenas de uma ilusão.

Janie sentiu quando o músculo estremeceu sob uma das faces de Nate. Foi o que bastou para uma súbita mudança de clima, o paraíso interrompido por um reles episódio de fasciculação. A doença havia trazido Nate de volta para casa, a mesma doença que o impediria de ficar.

– Vou morrer – observou ele com a voz rascante.

– Não estou nem aí – retrucou Janie e o acariciou no rosto.

– Você faz *ideia* do circo de horrores que será o meu futuro?

– Não estou nem aí. – Os lábios de Janie ficaram trêmulos, mas depois se firmaram com raiva para dizer: – Seus olhos podem até secar, você pode até parar de falar e começar a sufocar com o líquido dos pulmões... não estou nem aí. – Ela se apertou a ele, fincando-o com as unhas sob a clavícula. – Mesmo que você não consiga mais engolir e tenha de respirar com um ventilador mecânico enfiado na garganta. Mesmo que não tenha forças nem para piscar. Mesmo

assim eu quero você *do meu lado. Só para mim.* Morrendo. Eu não me importo.

Janie baixou a testa molhada para o peito dele e se deixou ficar ali por um tempo. Abraçado à mulher, os olhos voltados para o horizonte estrelado, Nate ficou pensando na própria morte e achou estranho que todos continuassem lá, vivos na manhã seguinte e nas tantas outras que viriam depois. Seguiu acariciando as costas de Janie até ver que ela já havia dormido. Não sentia metade do próprio corpo em razão do peso dela, mas não ousava se mexer, não querendo perder um único instante daquele momento de paz.

Por fim, ela que se mexeu e se afastou, erguendo o rosto pesado de sono para comentar:

– Não estava falando sério...

Nate correu os dedos lentamente pelas costas dela, dizendo:

– Eu sei, eu sei.

NATE DORMIU UM SONO profundo e acordou renovado. O espaço a seu lado na cama estava vazio. Janie já havia se levantado, mas o deixara ali, dormindo. Ele flexionou as mãos, girou os pés, estirou os maxilares. Restos de fraqueza, pequenas dores. De qualquer modo, infinitamente melhor do que antes.

Levantou-se, cruzou as mãos no alto da cabeça e alongou o corpo, espichando-se o máximo possível na direção do teto. Adorou a sensação. A interação medicamentosa tinha lhe dado um prenúncio do futuro. Mais uma vez testando a força das mãos, percebeu que agora tinha pela frente uma breve janela de relativa saúde antes que a decadência resolvesse voltar para levá-lo ao fim.

Prometeu a si mesmo não desperdiçá-la.

Assim que deixou o quarto, foi ao jardim e saiu à procura de sinal para o celular. Pensando tratar-se de um convite para brincadeiras, Gaspar correu para o lado dele e começou a açoitá-lo com o rabo. Nate já estava no meio da pontezinha de madeira quando enfim duas barras de sinal surgiram no telefone, acompanhadas de uma vacilante terceira. As águas do riacho estavam tão límpidas quanto o céu; viam-se claramente os seixos musgosos que cobriam o leito.

A mensagem que Nate enviou para Abara foi a mais simples possível: **PODE FALAR AGORA?** Segundos depois veio a resposta: **ME LIGUE EM 20 MIN.** E um número de telefone.

Voltando ao chalé, Nate mais uma vez ficou boquiaberto quando o pai lhe entregou uma xícara de café, o jornal da manhã e um prato de panquecas frescas com mirtilos. Então se deu conta de que fazia anos que o velho morava sozinho e talvez por isso tivesse adquirido tantos talentos na cozinha.

Nate deu um gole no café, fechou os olhos para saboreá-lo melhor, depois devolveu a xícara, dizendo:

– Agora só posso tomar descafeinado.

O Sr. Overbay achou aquilo estranho, mas não perguntou nada.

Janie estava no banho, e os garotos, no mezanino. Ouvia-se a conversa sussurrada deles, o que era até agradável, mas a experiência dizia que a qualquer momento eclodiria uma discussão.

Nate comeu, tomou seu Riluzol e começou a ler o jornal. A manchete principal não era nada sutil, **MASSACRE NO HOSPITAL**, e a matéria não trazia nenhuma informação realmente útil: atirador não identificado, dois mortos, múltiplos feridos, todos os sobreviventes já fora de perigo. Nenhuma menção a ele ou a Janie. O FBI sem dúvida não estava passando todas as informações à polícia. Mais abaixo vinham as fotos do segurança e da enfermeira que

comandava a estação no momento do ataque. Os dois retratos em preto e branco captaram a atenção de Nate.

Espantava-se com o pouco ou nenhum respeito que Misha havia demonstrado pela vida daquelas pessoas, que para ele, e para Pavlo também, não passavam de meros obstáculos. Abara já havia advertido que, com o suicídio de Nastya, Pavlo ficaria “maluco”, e ele tinha toda a razão. Tudo indicava que agora o chefe ucraniano tinha um único objetivo em mente: vingança.

Movido pelo hábito, Nate passou à sessão de obituários do jornal e ficou surpreso ao ver a mesma fotografia da enfermeira reproduzida ali. A dedicação de Luanne Dupries à enfermagem, bem como seu espírito de liderança na comunidade, era uma inspiração para seus muitos amigos e colegas. Com o indicador, ele foi acompanhando as duas últimas frases do texto:

Luanne será eternamente lembrada pelos pais, irmão, filho, nora, sobrinhos e sobrinhas. Também será lembrada com carinho pelo noivo e pelos quatro filhos dele.

Antes de sua morte estúpida, Luanne Dupries havia deixado uma marca. Conquistara o afeto de muita gente, seria lembrada por todos. Nate silenciosamente pediu licença à enfermeira, bateu os dedos de forma respeitosa na foto dela e saiu para a ponte com o celular em punho.

Vários recados antigos se acumulavam na memória do aparelho: a sargento Jen Brown deixando bem claro que havia toda uma papelada a ser assinada, diversos repórteres que de algum modo haviam descoberto seu número, alguns amigos querendo saber do assalto ao banco. Nate deletou todos e teclou.

Abara foi direto ao ponto:

– Que *porra* foi aquela no hospital?

– Bom dia pra você também.

– Caralho. Cheguei a pensar que fosse uma merda qualquer no Iraque! Você está acompanhando os noticiários?

– Não.

– Não se fala de outra coisa. Até o prefeito fez uma declaração na TV. O secretário de segurança também. Circo completo.

– Você vai conseguir incriminar Shevchenko?

– Claro que não. Examinamos as câmeras de segurança. O atirador *nem existe*! – Alguns ruídos abafados. – Espere aí... Pronto. Desculpe. Ainda está tudo muito confuso, mas pelo menos as testemunhas oculares identificaram você como uma das vítimas. Acho que agora a promotoria e os principais investigadores da polícia estão começando a perceber o que está em jogo.

Ligando uma coisa a outra, eles vão acabar entendendo por que você fez o que fez; estou falando da ameaça terrorista.

Nate exalou um suspiro de alívio contra o frio da manhã.

– Quer dizer então que estou livre da força?

– Ainda não, mas é para lá que as coisas estão caminhando. Você ainda tem muito o que responder, mas estou trabalhando nisso.

– Emitiram uma ordem de prisão para mim?

– Não. Querem você para fazer um interrogatório tipo casca-grossa, claro, mas essa nem é a minha maior preocupação. Você e sua família não podem ficar andando por aí depois de tudo isso que Pavlo e sua turma mostraram que estão dispostos a fazer. Essa merda só tende a piorar. E se eles pegarem vocês num shopping?

– Não estávamos pensando exatamente numa tarde de compras...

– Você entendeu o que eu disse. Precisamos manter *vocês* seguros se quisermos garantir a segurança da *população*. Aqui nas internas já estamos falando novamente na possibilidade de um programa de proteção. Você e eu precisamos encontrar um jeito de você se entregar e negociar tudo isso para que vocês fiquem devidamente protegidos. Mantenha a porra do telefone ligado durante o dia todo. Vou ser seu guia nessa tempestade de merda.

Abara desligou e Nate ficou olhando para o celular. Em seguida, voltou ao chalé e colocou todos a par das notícias quase boas. O Sr. Overbay ouvia a história ao mesmo tempo que arrumava a casa, apenas resmungando um ocasional “ahã”, e Nate deduziu que Janie já havia lhe contado toda a situação. Uma centelha de esperança se acendeu nos olhos de Janie e Cielle assim que elas ouviram o plano de Abara, o que deixou Nate preocupado. Ainda era cedo demais para acreditar que suas vidas poderiam voltar ao normal, que o governo lhes daria a proteção necessária para que pudessem se reintegrar ao mundo de antes, tal como o conheciam.

Nate voltou com o celular à minúscula zona de recepção que havia encontrado na ponte. Sentou-se na borda e deixou os pés tocarem a água. Cheirando a lama e almíscar, Gaspar rapidamente se aproximou e recostou o lombo pesado nele, ficando ali até que Nate o cingisse pelas “asas de anjo”, tal como eram chamados os dois triângulos de pelagem mais clara que ladeavam a tora do pescoço. O gigante acompanhava com interesse os passarinhos que adejavam de árvore em árvore.

Pouco depois o pai de Nate veio se juntar a eles.

– Que tragédia grega você tem nas mãos... – disse. – E como se não bastasse, uma esclerose lateral. – Com o grunhido de um veterano, ele se sentou ao lado do filho na ponte assim que o cachorro, muito a contragosto, lhe cedeu o lugar. Eles ficaram ali, admirando o azul extraordinário do céu, o dourado outonal das árvores que dançavam ao sabor do vento frio. – Você tem seguro de vida? Para

Janie e Cielle?

Assim era o Sr. Overbay, as providências práticas antes de qualquer outra coisa.

– Tenho – respondeu Nate. – Desde que eu não cometa suicídio.

– Você chegou a pensar nisso?

– Sim.

O velho meneou a cabeça num gesto solene.

– Morrer é muito difícil. Como também é difícil viver errado, acho.

– Viver errado... Isso eu conheço bem – comentou Nate, ainda tocando a água com a ponta do tênis, vendo a espuma que se formava em torno dela.

O ar recendia ao perfume ligeiramente defumado dos pinheiros.

– Eu também.

– Poxa, pai, nem sei como agradecer tudo isto que você está fazendo por nós.

O Sr. Overbay deu um risinho, mas Nate não entendeu o que ele havia achado tão engraçado.

– Quando sua mãe morreu, cheguei ao fundo do poço, você sabe disso. Eu via que você só queria ficar fora do meu caminho, mas você era um menino, não sabia como. E eu não tinha a menor ideia do que fazer para ajudá-lo. Muito menos para *me* ajudar. É uma sensação terrível, saber que está fazendo uma cascata e continuar fazendo mesmo assim.

Nate lembrou-se da noite em que invadira o quarto de Cielle com sangue na testa, levado por um pesadelo, de Janie chorando no quarto enquanto ele ouvia do outro lado da porta fina do banheiro. Tantas vezes havia se enregelado, muito antes do bloco de gelo em que os ucranianos o haviam metido.

– Depois que consegui me reerguer – prosseguiu o Sr. Overbay –, vi que tinha uma dívida com você. E resolvi pagar na mesma moeda: ficando fora do *seu* caminho. Achei que você não ia me querer por perto.

Até então Nate nunca tinha visto o pai falar tanto e de um só fôlego. Por isso achou por bem honrar o momento e resistir ao impulso de dizer qualquer trivialidade ou falsidade apenas para consolá-lo.

– Talvez isto seja a única coisa boa nesta história toda – falou, afinal.

– Isto o quê?

– Nós dois aqui, juntos.

O velho abafou um pigarro no fundo da garganta e meneou a cabeça, um sorriso triste engelhando a pele na altura das têmporas. Sentados lado a lado, ele o filho ficaram observando os desenhos da espuma na água, as espirais tão efêmeras que iam se formando para depois serem levadas correnteza abaixo, apagando-se.

O celular permanecia pousado na perna de Nate. Até então, nada. Ele estava

preso feito um cachorro àquela ponte, o único lugar em que havia sinal de telefone. O perfume dos pinheiros e a movimentação da água amenizavam seu suplício. Interpretando o papel de uma garçonete, Janie havia lhe levado um cobertor e algumas xicaras de café descafeinado, recebendo a cada vez um beijinho a título de gorjeta. De olhos fechados, ele agora inalava o ar fresco da manhã e esperava pelo apito do maldito celular, avisando a chegada de uma nova mensagem.

No balanço da varanda, Cielle folheava uma revista. A seu lado, Jason encenou um falso e cômico bocejo somente para espichar o braço e pousá-lo no ombro dela. Cielle o repeliu, dizendo:

– Sai pra lá. Você está fedendo que nem um... *garoto*.

Seguiu-se a previsível discussão, que foi esquentando até Jason bater em retirada chalé adentro. Cielle revirou os olhos para o pai em cumplicidade tão logo viu que ele ainda se empoleirava na ponte. Arrastando os pés como se calçasse botinas de chumbo e deixando a gravidade vergar os ombros, deixou o sofá e foi se sentar ao lado dele.

– Às vezes o Jason é tão *babaca*... – disse.

– Achei que fosse *bundão*.

– Hein?

– Nada – falou Nate, depois surpreendeu a si mesmo ao emendar: – Até que ele não é tão mau assim.

Cielle inclinou a cabeça, mal acreditando no que acabara de ouvir.

– Você está defendendo o *Jason*?

– Falei por falar. Você sempre foi tão inteligente, tão verdadeira... Mas tem vezes que usa isso para... machucar as pessoas.

Cielle entreabriu a boca num sorriso de perplexidade.

– A gente está falando do *Jason*. Tipo. Do meu namorado *Jason*.

– Eu sei. Jason... até que ele é um cara legal.

– Espere aí. Vou buscar o gravador.

– Escute, filha...

Dirigindo-se a uma pessoa imaginária, Cielle disse:

– Sr. Estenógrafo, pode repetir o que esse senhor acabou de dizer?

– ... às vezes você é inteligente *demais*, e isso pode atrapalhar. Você acaba dando um tiro no pé quando...

– Você não está em condição de acusar ninguém – rebateu ela.

– Claro que estou. – Fincando o indicador no próprio peito, Nate disse: – Não seja igual *a mim*. – Em seguida, arriscou erguer os olhos para a filha e afrouxou um sorriso para acrescentar: – Só quero que você entenda uma coisa, filha: você merece ter o que você quiser.

– Mas às vezes ele é tão *chaaaaato*...

– E eu não sei? Mas ele também tem alguns atributos que... que não são de todo repreensíveis, digamos assim.

De repente, o celular enfim tocou. Nate atendeu sem hesitar.

– Minha casa, meia-noite. Estou mandando o endereço agora – disse Abara e desligou.

Nate guardou o telefone no bolso.

Cielle mordia o lábio, certamente ruminando as últimas palavras dele. As franjas pareciam cortadas a régua, brilhando de tão negras. Eram os cabelos mais escuros que Nate já vira. Um triunfo da natureza.

– Eu... – começou a dizer ela.

– Que foi?

– Nada. Bobagem minha.

– Pode falar. Que foi?

– É que... eu queria tanto ser alguma coisa que deixasse você orgulhoso de mim...

Ela chutava a água delicadamente, as gotículas caindo no rosto deles feito agulhas de gelo.

– Você tem razão – disse Nate.

– No quê?

– Isso *realmente* é uma grande bobagem sua.

As faces de Cielle se enrugaram num sorriso involuntário. Com o dorso da mão, ela deu um tapinha no ombro do pai.

– É orgulho que você quer? – disse Nate. – Pois *you* é a melhor coisa que eu fiz nesta vida, sabia? – Ele esperava algum contato visual, mas Cielle mantinha os olhos grudados na correnteza a seus pés; estava com as bochechas coradas, não só em razão do vento frio. – Já abandonei você uma vez – prosseguiu Nate – e muito em breve vou ter de abandonar de novo. – Nesse momento ele engoliu em seco e juntou suas forças para acrescentar: – Você e sua mãe são as duas únicas pessoas de quem vou sentir falta.

Cielle desviou o olhar, depois abriu um sorriso tímido e doce e falou:

– Pare com isso. – Limpou o rimel que escorria e, como um pequeno mimo para a filha, Nate fingiu não ter notado. – Mas tem tanta coisa – ela fungou, depois secou o nariz com a manga do suéter –, tem tanta coisa que você ainda não teve a oportunidade de fazer...

– Mas tive a oportunidade de fazer *isto* – disse Nate e passou o braço pelos ombros da filha.

O anil do céu ia esmaecendo aos poucos, quase imperceptivelmente. Depois de um tempo Cielle deitou a cabeça no peito do pai.

NÚMEROS ENFERRUJADOS E PREGADOS a uma cerca de madeira indicavam o endereço do agente Abara. Entre a cerca e a casa propriamente dita havia um longo caminho que atravessava um bosque de eucaliptos, troncos enormes que sumiam no breu da noite. Não era possível ver a casa da rua principal. Nate passou direto pelo endereço, estacionou uns 400 metros mais adiante e voltou a pé. Nos últimos dez dias, havia aprendido que precaução nunca era demais.

A propriedade de Abara isolava-se num braço das montanhas de Santa Susana. Rochedos de relevo irregular chegavam a invadir o asfalto da rua em alguns pontos. Às costas de Nate avultava-se o Rocky Peak, ao pé do qual se estendia o San Fernando Valley, começando por Chatsworth e seus parques, estúdios de pornografia e cracolândias. Um pouco de tudo naquelas paragens rurais que ficavam cerca de 50 quilômetros a sudeste do centro de Los Angeles.

Um tapete de cascas de eucalipto forrava o caminho até a casa de Abara, amortecendo os passos de Nate. Ele levava no bolso o celular, em modo silencioso, com a última mensagem do agente.

O cheiro forte dos eucaliptos circulava com a brisa, lembrando Nate do ambiente úmido da sauna ucraniana. Uma casa de aspecto modesto ia se deixando ver em fatias verticais à medida que ele avançava entre as árvores. Mais adiante, havia um celeiro que praticamente se confundia com as sombras da noite. Boa parte da casa principal estava escura, embora luzes estivessem acesas em alguns poucos cômodos. Um pedaço de papel tremulava à porta da frente, um bilhete logo abaixo da luz da varanda. Estranho. Nate sentiu uma pontada de apreensão. Aquilo cheirava a uma boa cilada.

Ficou olhando para o bilhete, indeciso, depois deixou a varanda e começou a circular a construção o mais silenciosamente possível, espiando através das janelas. A casa, menor do que aparentava ser, pertencia claramente a um solteirão. Nenhum quarto feminino, nenhuma bolsa ou peça de roupa de mulher esquecida nas cadeiras. A sala principal tinha basicamente uma televisão e um bar. Um quarto de solteiro era decorado com flâmulas e outros artigos dos Lakers de Los Angeles. Por um instante, Nate recebeu estar no endereço errado. Mas dali a pouco avistou na parede do pequeno escritório o diploma, devidamente emoldurado, do centro de treinamento do FBI na Base Naval de Quantico, na Virgínia. Credenciais jaziam na mesa ao lado das chaves do carro. Não havia dúvida: a casa era mesmo do agente. Mas não se via nela nenhum sinal da esposa porto-riquenha que volta e meia perdia sua cartela de pilulas, nem das filhas adolescentes que viviam pregando mentiras, tampouco do cachorro leal que sempre voltava para casa quando saía pelo portãozinho de um quintal que nem sequer existia.

Mesmo sabendo que o agente havia contado suas anedotas familiares apenas como tática de manipulação, Nate ficou espantado com a extensão das mentiras. No fim das contas, Abara era um policial que vivia sozinho e havia inventado uma família inteira na esperança de estabelecer um vínculo emocional com seus suspeitos. Nate quis se sentir traído e ficar furioso por conta disso, mas, ao ver o solitário prato sujo na bancada da cozinha e a fileira de controles remotos do braço do sofá, só o que conseguiu sentir foi empatia.

Ainda assim, era estranho que Abara o tivesse convidado à casa em que todas as suas mentiras seriam desmascaradas. Seria possível que diante da gravidade das circunstâncias tivesse resolvido dar fim à sua farsa? Sobre o que mais teria mentido? Quem sabe não era mais um dos amigos regamente remunerados que Pavlo tinha no sistema? Parecia improvável. Nate tinha uma intuição visceral de que Abara era um bom sujeito.

Mas nos fundos da casa não encontraria nenhuma resposta. O mais sensato agora seria voltar ao bilhete deixado na porta da frente.

Sem pressa e atento a cada movimento, Nate foi retornando à varanda. A certa altura, um ligeiro formigamento deu o ar de sua graça no tornozelo esquerdo, a doença mandando dizer que ainda rondava o sistema nervoso dele, insidiosa. Pisando forte com o pé dormente, Nate pensou: “Agora não.” Por fim, alcançou os eucaliptos da frente e arriscou subir à varanda. As palavras no bilhete eram visíveis mesmo a certa distância: “Nate, estou no celeiro.”

O celeiro escuro nos fundos do terreno.

Nate sacou a Beretta da cintura da calça jeans, depois seguiu cautelosamente na direção do galpão. Com a mão livre, pegou o celular e teclou o número de emergências da polícia, mas ainda não apertou o LIGAR.

O celeiro não tinha janelas. A porta da frente estava fechada; consideravelmente grande, não haveria meio de abri-la sem fazer barulho. Dirigindo-se para os fundos, Nate encontrou uma segunda porta de correr, já entreaberta para a penumbra do interior. Pelo pouco que se via, o lugar havia sido readaptado para outros fins. Abrigava alguns carros montados pela metade, bem como motores dissecados e ferramentas mecânicas espalhadas pelo chão de cimento. Uma lâmpada nua pendia do alto num dos cantos, mal e porcamente iluminando o que se escondia do outro lado de uma decrepita partição. Seria possível que Abara estivesse ali, trabalhando em alguma coisa?

Nate mais uma vez foi invadido pela paranoia. Hesitou um instante, depois decidiu não se anunciar e foi entrando silenciosamente com a arma erguida à sua frente. Além de manchado de óleo, o piso era de tal modo gelado que poderia fazer as vezes de um sistema de refrigeração. Nate prestava atenção a cada passo que dava, sem querer atropelar algum alicate ou chave de fenda ao longo do caminho. O ambiente fechado cheirava a bolor com uma nota de podridão.

Mais adiante, tentou espiar o que havia do outro lado da tal partição, mas

diversas máquinas e a carcaça enferrujada de um Mustang bloqueavam o caminho. O cheiro agora era bem mais forte, e bem mais fétido. Nate parou ao tocar a ponta do tênis em algo leve e delicado no chão, algo que deslizou para o lado, produzindo um discreto ruído metálico. Petrificado, apertou com força o botão de LIGAR do celular, a pistola erguida na outra mão. Mal respirava, procurando não fazer o menor barulho.

Sem tirar os olhos da escuridão à sua frente, e sobretudo sem baixar a arma, agachou-se lentamente e foi tateando o chão até encontrar o objeto em que havia pisado. Encontrou-o sem dificuldade e o ergueu diante dos olhos para ver melhor o que era.

Uma correntinha de ouro com uma medalha de santo. A correntinha de Abara. Com o fecho rompido.

Assim como o chão, a correntinha se achava extremamente gelada.

Não só gelada. Molhada também.

Nate ergueu a antena de todos os sentidos, preparando-se para o pior, o celeiro escuro subitamente assombrado por todo tipo de ameaças invisíveis.

Ele apoiou as mãos trêmulas no piso de concreto. Uma poça. Glacial.

Gelo derretido.

Com o estrépito de uma chave de força industrial, todas as luzes do celeiro se acenderam simultaneamente, inundando a amplidão do lugar. Nate perdeu o equilíbrio no chão escorregadio e caiu sentado. Piscando contra a súbita claridade, viu que estava cercado por quatro homens e que cada um deles apontava uma arma para sua cabeça. Eles já o vinham esperando, próximos o bastante para tocá-lo na escuridão. Mas os ucranianos não eram o que havia de mais temível ali.

O mais temível era o que agora se via do outro lado da pequena partição.

OS HOMENS IMEDIATAMENTE AVANÇARAM sobre Nate, pisando as botas nos punhos dele, confiscando primeiro a Beretta, depois fechando o celular e interrompendo a ligação que ele acabara de fazer. Chutaram-no uma única vez na altura da têmpora, e ele jogou a cabeça para trás, deparando mais uma vez com a medonha paisagem sob a lâmpada nua.

Bloco de gelo. Abara esquartejado. Serra elétrica no chão, completamente destruída, lâmina circular empenada pelo uso abusivo. Algemas pretas, agora vazias, presas a uma corrente que caía do alto.

Ainda tonto em razão do chute na cabeça, Nate precisou ser içado para ficar de pé. Outros dois blocos de gelo esperavam no fundo do celeiro, com diversos rolos de plástico para cortinas. Reservados para ele e sua filha.

Acometido pelo pavor e ameaçando vomitar, Nate teve de lembrar a si mesmo que desmaiaria caso não voltasse a respirar.

Pavlo contornou a partição, escorregando uma das mãos sobre o bloco de gelo. As tatuagens escapavam do colarinho e dos punhos da camisa.

– O Sr. Abara era um homem triste. Não tinha mulher. Não tinha filhos. Sozinho no mundo. – Pavlo se aproximou. Não havia dúvida quanto à fúria bestial que tentava esconder sob a epiderme. – É muito difícil viver sozinho. Não ter *ninguém* para dar sentido à sua vida.

Ele secou a mão nas calças, deixando nelas uma mancha escura.

Valerik prendia um dos braços de Nate e Dima, o outro, enquanto Misha fincava o cano de uma pistola na testa dele. Yuri apenas acompanhava a cena. Ainda com o rosto em frangalhos, usava luvas nas mãos e mais uma de suas *guayaberas* pretas. Estava todo sujo de sangue: na camisa, nos antebraços, no rosto, até mesmo no chaveiro que escapava do bolso da *guayabera*. Lutando para respirar, Nate virou o rosto a fim de ver qualquer outra coisa que não fosse aquele macabro bloco de gelo.

Pavlo no mesmo instante o agarrou pelo queixo, cravando os dedos dolorosamente na altura dos molares, e o obrigou a olhar de volta para os restos de Abara.

– Esse homem era sua última esperança – disse, próximo o bastante para que Nate sentisse seu hálito. – Ele contou *tudo*. Do mesmo modo que *você* vai contar onde está sua filha. Depois vamos lá buscá-la.

– Não – engrolou Nate, o rosto ainda espremido pelas garras do ucraniano.

Pavlo riu.

– Você não entendeu uma coisa. Antes mesmo de começarmos a jogar esta nossa pequena partida de xadrez, você já havia perdido. Por acaso acha que não podemos comprar suas leis, ou os seus sistemas de computador, ou suas informações confidenciais, só porque estamos nos Estados Unidos? Vinhamos

acompanhando cada um dos seus movimentos. Cada saque que sua mulher fazia nos caixas eletrônicos.

Com os olhos de água fixos em Nate, ele ficou esperando uma reação.

– Eu sei. Você compra as pessoas...

– Não. Compro o *tempo* das pessoas. Em pedaços de cinco minutos. Pequenos favores. Uma base de dados aqui... um extrato bancário ali.. Não há neste país nenhum lugar para onde você e sua família pudessem ir sem que eu ficasse sabendo. Como eu disse, você já havia perdido antes mesmo de começar a jogar. E agora vamos ter os dois aqui, você e sua filha, juntinhos, um do lado do outro. Não tenha dúvida: vai chegar um momento em que você vai *implorar* para que a gente comece a machucar a menina em vez de você.

– Vocês vão acabar me matando de qualquer jeito – disse Nate.

– Sim. Você vai morrer. Mas essa não é a parte que me interessa. – Uma centelha de humor se acendeu nos olhos do ucraniano. – O que realmente importa são os sessenta minutos *anteriores* à sua morte. – Sem desviar o olhar, ele gesticulou para Yuri e ordenou: – Traga a serra.

Yuri se aproximou e começou a roçar a serra ensanguentada no rosto de Nate. Enjoado com o cheiro, ele conseguiu agarrar a empunhadura da máquina e afastá-la.

Yuri ergueu a serra e olhou para as marcas que Nate havia imprimido no sangue da empunhadura, para a lâmina empenada que agora raspava o corpo da máquina. Satisfeito, caminhou até o bloco de gelo e a deixou ali. Acintosamente.

– Ele confiava em você – falou Pavlo. – O agente Abara. Mas os outros, não. Vão ficar aborrecidos quando descobrirem que as suspeitas que tinham não eram infundadas. Você gostaria de ouvir a gravação da ligação que ele fez para a polícia, dizendo que tinha mudado de ideia com relação a você? Que estava desconfiado que você era...

Sem encontrar a palavra que queria, virou-se para Misha, e este completou:

– Instável.

Nate precisou represar mais uma ânsia de vômito. Tirando as palavras a força, argumentou:

– Mas o FBI tem um dossiê sobre você...

– *Todo mundo* tem um dossiê sobre mim.

– Eles têm provas que o vinculam ao assassinato das testemunhas. Estão fundamentando uma acusação para...

– Deixe-me esclarecer uma coisa para você – disse Pavlo, quase escandindo as sílabas. – Eles podem reunir um exército inteiro de peritos forenses, mas *nunca* vão conseguir me vincular a Danny Urban e àqueles assassinatos.

Diante da convicção que o ucraniano havia manifestado tanto no olhar quanto na voz, Nate viu suas esperanças se reduzirem a pó. Seu único aliado na polícia estava esquartejado sobre um bloco de gelo. Ele próprio havia sido capturado e

sem dúvida teria o mesmo destino do agente. Cielle seria a vítima seguinte. Mais uma vez engasgou com o cheiro de guerra e a sensação de sangue nas mãos. Engasgou, sobretudo, com o próprio desespero.

Tentou encontrar forças nas lembranças mais recentes. Janie sussurrando ao ouvido dele: “Por que você me fez esperar tanto assim?” A promessa que fizera à filha: “Não vou deixar que nada lhe aconteça.”

“Você não pode prometer uma coisa dessas.”

“Posso, sim.”

Nate ergueu a cabeça, determinado a reagir. Ganhar tempo. Colher informações, negociar, redirecionar. Qualquer coisa que pudesse fazer germinar aquela semente de esperança.

Pavlo havia se juntado a Misha para dizer:

– Vamos começar.

– Você teve esse trabalho todo só para sujar a minha barra com a polícia – começou Nate. – Mas depois que encontrarem meu corpo esquartejado, eles vão saber que não matei Abara. E aí vão partir para cima de você.

Misha varreu dos olhos um fiapo dos cabelos dourados, ridiculamente cortados à la Beatles e fixados num único bloco à base de muito laquê.

– Ninguém vai encontrar os seus restos – falou. – Apenas as suas impressões digitais. E o agente. Porque vamos limpar a cena. Prepará-la para a chegada da polícia.

– Você vai nos dizer onde a gorda da sua filha está – disse Pavlo. – Vai matá-la com as palavras que sairão da sua própria boca.

– A serra está quebrada – cuspiu Nate. – Vão fazer o que comigo?

Foi Yuri quem respondeu:

– Temos uma serra reserva.

Pavlo sinalizou para ele e o gigante foi caminhando na direção da porta.

Nate disse rapidamente:

– Liguei para a emergência. Antes de entrar aqui.

Com uma careta de enfado, Misha disse:

– Não fez, não.

– Segundos antes de vocês me pegarem. Podem conferir o telefone. – Nenhum dos homens se mexeu. – *Podem conferir!* – repetiu Nate.

Parando onde estava, Yuri enterrou a mão no bolso, sacou o celular de Nate e conferiu as chamadas realizadas.

– Uma ligação de dois segundos – falou. – Grande merda.

E seguiu andando.

Nate, no entanto, não deixou de perceber uma pontinha de preocupação no olhar de Pavlo. Então arriscou:

– Minha linha certamente está sendo rastreada pela polícia. Eles estão doidos para botar as mãos em mim. E de uma hora para outra encontram uma ligação

para a emergência, interrompida, mas que pode ser localizada numa torre de transmissão perto da casa do agente Abara. O mesmo homem que vocês obrigaram a ligar para dizer que me achava uma pessoa instável.

– Eles não virão – afirmou Misha.

– Talvez não – retrucou Nate, mas olhando para Pavlo.

Yuri esmagou o aparelho entre os dedos. Literalmente. Pedacos do plástico escapuliram de sua mão em diferentes ângulos, alguns caindo para o chão. Em seguida, o ucraniano irrompeu na direção de Nate, o chaveiro balançando no bolso da camisa, mas Pavlo o deteve, dizendo:

– Vá buscar o carro. Sem fazer muito barulho. Vamos levá-lo daqui. Para o armazém, onde teremos *todo o tempo do mundo*.

Estas últimas palavras foram endereçadas diretamente a Nate.

Fulminando Nate com o olhar, Yuri saiu para cumprir sua ordem. Os demais ficaram esperando no frio, os blocos de gelo estalando aqui e ali à medida que derretiam. Nate ainda não conseguia olhar para a pilha de restos mortais sob a lâmpada. Dali a pouco, o ronco de um motor quebrou o silêncio e foi ficando cada vez mais próximo. Era o carro dos ucranianos que vinha subindo entre os eucaliptos e agora parava diante do celeiro. Mesmo do lado de dentro do galpão foi possível ouvir quando Yuri encaixou sua chave e abriu o porta-malas.

Segundos depois, a imensa porta do celeiro foi deslizando nos trilhos e na fresta aberta surgiu o gigantesco vulto de Yuri. Atrás dele se achava o sedã preto de Pavlo Shevchenko. Sem nenhuma cerimônia, Yuri caminhou até Nate, agarrou-o pelas roupas e saiu puxando-o na direção do porta-malas aberto como se levasse consigo um tapete enrolado, Nate arrastando as pernas atrás de si, mal conseguindo respirar em razão da camisa que o cingia na garganta. Com a mesma facilidade de antes, Yuri o içou para o alto e o jogou para dentro do porta-malas. Ao aterrissar, Nate bateu com a cabeça no conteúdo duro de uma sacola que ocupava boa parte do espaço à sua volta e submergiu na total escuridão quando Yuri bateu o porta-malas do sedã com a delicadeza que lhe era peculiar.

Imediatamente, começou a examinar o chaveiro que conseguira surrupiar do bolso do gigante, mas, afobado, acabou deixando que ele caísse em algum lugar nas imediações do pescoço. Retorcendo-se, correu as mãos pelo escuro e assim que localizou o chaveiro foi tateando os pequeninos botões da chave até encontrar aquele com um relevo na superfície. O carro apitou duas vezes, trancando-se.

Do lado de fora vinham os fragmentos de uma conversa:

– ... como foi que ele...?

– ... outra chave?

– ... você está dizendo que ele está trancado dentro do...?

Nate rolou para o lado e começou a chutar o encosto do banco traseiro na esperança de conseguir dobrá-lo e se arrastar para o outro lado do carro. Sua

respiração ofegante parecia ricochetear no teto enquanto as escápulas atritavam com a sacola dura às suas costas. Juntou as forças e deu um último chute.

Nada. Estava claro que o sedã não dispunha do banco dobrável pelo qual ele havia rezado. Não havia como sair dali.

Algo no conteúdo da sacola o espetava na altura dos rins. Nate se lembrou então do barulho metálico que ouvira ao bater a cabeça nela. Cogitou se encontraria ali algo duro o bastante para arrombar a divisória. Ouvindo a discussão que se acirrava do lado de fora, puxou a sacola, abriu o zíper e tateou o conteúdo, imaginando que diabo seria aquilo.

Suas mãos se fecharam sobre uma empunhadura curva e metálica, e pela primeira vez naquela noite achou que o vento soprava a seu favor. Puxou a corda e imediatamente ouviu rugir a serra circular que os ucranianos haviam trazido de reserva. A lâmina agora esfuziava na exiguidade do porta-malas, uma besta-fera de muitos dentes que exalava um jato de calor. Bastaria um único descuido para que perdesse um dedo ou dois. Firmando-se tanto quanto possível, Nate empurrou a serra contra o encosto do banco traseiro e de repente se viu em meio a uma chuva de fagulhas e estilhaços. O cheiro do estofado queimado, misturado ao da graxa da máquina, estorvava sua garganta. Não demorou para que começasse a sentir os músculos enfraquecerem em razão do esforço; ele não seria capaz de manter a pressão por muito tempo. Dali a pouco, afastou a máquina, esperou a lâmina se aquietar e chutou o círculo que havia cortado. O pé passou para o outro lado, mas o buraco era estreito demais para o resto do corpo.

Do lado de fora:

– ... trancado aí com a...

Nate voltou a acionar a serra a poucos centímetros do rosto; estava nisso quando ouviu um estalo ensurdecedor e viu um feixe de luz invadir a escuridão do porta-malas.

Um furo aberto a bala na lataria do carro.

Convocando todas as forças que ainda lhe restavam, foi retalhando toda a divisória, depois deixou a serra de lado e se jogou contra o que havia sobrado do encosto traseiro, a tempo de escapar da saraivada de balas que agora crivava o tampo metálico do porta-malas. Ofegante, atropelou o console e se jogou no banco do motorista.

Misha se achava a uns 2 metros da janela, apontando a arma para a cabeça de Nate. Então era assim que tudo acabaria: no banco dianteiro de um sedã preto. Nate teve apenas uma fração de segundo para se perguntar por que Misha estava tão longe quando puxou o gatilho.

Não pôde conter o grito quando o vidro a seu lado estremeceu e cuspiu apenas uma pequena lasca.

A janela era à prova de balas.

Nada mais natural que o carro do poderoso chefe ucraniano fosse blindado.

Nate deu partida no sedã e pisou fundo no acelerador. O carro saltou ao arrancar, derrapou nas rodas traseiras e raspou de leve na porta do celeiro. Todos os ucranianos pularam de susto, menos Pavlo. O para-choque traseiro passou a poucos centímetros dos joelhos dele, mas o homem ficou exatamente onde estava, impassível, apenas fuzilando Nate com o olhar duro enquanto via o carro se afastar, prometendo a si mesmo que a vitória do americano era apenas temporária.

Ao fim do longo caminho de cascalho, Nate irrompeu no asfalto e deu uma perigosa guinada para a direita, recuperando o controle do carro apenas quando já estava praticamente ao lado do jipe, que, por sorte, ficara na rua. Deixou o sedã ali mesmo e correu para o próprio carro já com as chaves na mão.

Arrancou o mais rápido que pôde. Secou o suor da testa com o antebraço, plantou as mãos ensanguentadas no volante e pisou fundo no acelerador, sempre mirando o capô na linha pontilhada que brilhava no asfalto sob a luz dos faróis. Voando baixo na noite escura, chegou a pensar que havia escapado do próprio túmulo.

ERAM TRÊS DA MADRUGADA, e Nate acabara de limpar o sangue de Abara das próprias mãos. Entrara sorrateiramente no chalé ao voltar para Bouquet Canyon, cuidando para não acordar o pai e os garotos. Vira Janie se mexer na cama quando passou para o banheiro, mas faltara-lhe coragem para acordar a mulher e contar a ela o que haviam feito ao agente.

Sob a água escorchante do chuveiro, aos poucos foi se conformando com a triste e irrevogável realidade dos fatos. Envolto num manto de pessimismo, saiu do banho e deparou com Charles, que lhe estendia uma toalha enquanto pingava sangue na cerâmica limpa do piso. Nate recebeu a toalha com o braço esquerdo ligeiramente trêmulo, preferindo não dar atenção à dor que latejava no interior do músculo.

– Estou ficando sem opções, Charles – disse. – E correndo contra o tempo. Preciso tomar uma decisão. Mas não quero.

Charles ouviu isso com um ar solene, sugando uma das bochechas.

– Você era o cara que pulou no mar para salvar a vida de uma garota – lembrou.

– Era.

– Mas, quando a gente se ferrou, você perdeu alguma coisa.

Nate por pouco não conseguiu pronunciar as palavras em voz alta:

– Você está falando do helicóptero. Da minha paralisação naquele dia.

– Naquele dia e depois também, quando foi até a casa da minha mãe – retrucou Charles. – Você poderia ter contado a ela que eu estava morto. Já estava lá, estacionado bem na frente da casa dela. Mas mamãe teve de receber a notícia da boca de um estranho.

Nate meneou a cabeça. Nem sequer piscava. Quando enfim venceu o medo de falar, disse:

– Você nunca me perdoou. É por isso que ainda está aqui.

– Claro que perdoei – respondeu Charles. – Foi *você* que não se perdoou.

– Mas não estou entendendo. O que isso tem a ver com toda esta confusão que está rolando? Essa decisão que preciso tomar?

Com o rosto imundo de sangue seco, os cílios empapados de areia, Charles disse:

– O que você precisa decidir de uma vez por todas é o seguinte: quem é você? O cara da praia ou o cara que amarelou na casa da minha mãe?

Nate foi se secando com a toalha, parando aqui e ali para flexionar a mão esquerda. A respiração de Charles vazava pelos pulmões estourados na cavidade torácica. Nate se vestiu, dobrou a toalha meticulosamente, pendurou-a no toalheiro. Já ia saindo para o quarto quando disse:

– O cara da praia.

Ele e Janie se sentavam de pernas cruzadas na cama, de frente um para o outro, do mesmo jeito que costumavam fazer nos tempos da universidade. No entanto, o clima agora era outro. Nate não conseguia afastar a imagem de Abara da cabeça. A ideia daquela casa solitária, um prato sozinho na bancada da cozinha.

– Pessoas boas e corretas continuam morrendo por minha causa... – dizia Nate.

– Não – devolveu Janie, o rosto ainda quente depois de ter ouvido o relatório dele. – Por causa de Pavlo Shevchenko. Não deixe que a culpa embaralhe sua cabeça.

– As coisas não podem continuar desse jeito. Não posso ficar de braços cruzados. Até porque... daqui a pouco não vou poder fazer muita coisa. Assim que encontrarem minhas impressões digitais naquela serra, será o meu fim. Vão pensar que matei um agente federal e...

– Você pode se entregar e explicar...

– Acha que vão acreditar em mim? Mesmo que a verdade esteja do meu lado, não tenho como explicar tudo. São muitas coisas contra mim, Janie. Você sabe disso. Abara era meu melhor... quer dizer, meu *único* defensor. Mas antes de ser morto ele foi obrigado a telefonar e dizer que tinha mudado de opinião a meu respeito. Então. Com as minhas impressões digitais... com este meu corpo que já não vale mais nada... Acabou, Janie. Acabou.

– Mas a polícia ainda está tentando enquadrar o Shevchenko, não está?

– Não vão conseguir vinculá-lo àqueles assassinatos. O homem sabe muito bem como apagar seus rastros. Além disso, a gente não pode continuar escondido para o resto da vida. Você sabe disso também. É só uma questão de tempo até que os ucranianos encontrem você e Cielle aqui. Ou em qualquer outro lugar. Vocês não podem viver assim.

Janie já começava a ofegar.

– Então, a gente faz o quê?

O luar aplainava as arestas do quarto, e Nate ficou pensando no pequeno hiato de segurança e paz que haviam saboreado na noite anterior, ali naquela mesma cama. Uma fantasia, claro, mas uma fantasia que valera a pena acalantar.

Acariciando o rosto da mulher, ele respondeu:

– Só há um jeito de atravessar essa porta. De frente.

– O que você pretende fazer? – perguntou Janie, afastando-se. – Declarar uma guerra?

Nate não disse nada.

Janie tossiu um risinho e ergueu os olhos para o teto, falando:

– Como declarar guerra se nem arma você tem? A única que tinha, eles levaram.

– Vou dar um jeito.

Janie cobriu a boca com a mão; fossem outras as circunstâncias, alguém poderia ver naquilo um gesto de pudor.

– Cometi tantos erros na vida... – observou Nate. – Mas os erros dos quais mais me arrependo são aqueles que *não cometi*. As coisas que deixei de fazer porque fiquei com medo. Mas agora, diante disto... – Ele ergueu o braço esquerdo e girou o punho enfraquecido. – Diante disto e de todo o resto... Acabou-se o medo. Acabou-se o “não fazer”. – Tomou a mão da mulher entre as suas e acrescentou: – Não vou para debaixo da terra sabendo que aqueles caras estão atrás de você e da nossa filha.

– Mas o que você pretende fazer? – perguntou Janie, aflita. Agora era ela quem apertava a mão dele.

– Tudo o que for preciso – respondeu Nate, sofrendo com a mão apertada, mas sem reclamar.

– Prometa que vai voltar – suplicou ela, mordendo o lábio inferior até roubar dele toda a cor. – Nem que seja só para dizer adeus.

Nate precisou de algum esforço para se desvencilhar da mulher.

Gaspar o seguiu corredor afora, fazendo mais barulho do que devia ao arranhar o chão com as unhas compridas. Nate bateu de leve à porta do pai e recebeu uma sonolenta resposta:

– Pode entrar.

Parado à porta, esperou o velho se sentar na cama e colocar os óculos. A manhã cinzenta vazava para o quarto através das cortinas.

– Pai – disse Nate –, o caldo vai engrossar.

– Mais?

– Mais. Daqui a pouco vão me acusar de ter matado um agente do FBI. A polícia inteira vai vir atrás de mim, além dos ucranianos que já estão no meu pé. Preciso ir embora para resolver umas paradas aí. Vai ser perigoso para você ficar com Janie e Cielle.

– Elas estão comigo e pronto.

– Será muito mais seguro se você voltar para...

– Não estou perguntando, Nate. – As palavras ríspidas ecoaram no quarto. À guisa de um pedido de desculpas, o Sr. Overbay pigarreou e disse: – Posso ajudar a protegê-las desses homens. Eles e quem mais vier.

– Não quero que você se arrisque, pai.

O Sr. Overbay tirou os óculos e baixou a cabeça para esfregar os olhos. Ao reerguê-la, exibia no rosto enrugado uma expressão de vulnerabilidade que poucas vezes Nate tinha visto.

– Tem tempo que não faço nada de útil – disse o velho. – Não me prive dessa oportunidade, filho.

Eles se entreolharam através da penumbra.

Nate meneou a cabeça uma única vez e se retirou.

Pavlo se achava no quarto de Nastya sob o ventilador que ainda ameaçava cair do teto em razão do corpo que se pendurara ali. Havia jogado todas as roupas da filha sobre a cama e agora, com uma gilete – a gilete *dela* –, destruía cada saia e cada camisa, cada calcinha e cada sutiã, com a virulência de um pai incapaz de aceitar a tragédia dos fatos. Precisara colocar os óculos bifocais, a única concessão que fazia ao envelhecimento, e as lentes lhe conferiam uma dignidade e uma elegância sóbria que raramente se viam nele. Sem os óculos, não poderia se desincumbir daquela tarefa ao mesmo tempo espinhosa e vital. Com a gilete firme entre os dedos, apoiava um vestido no braço enquanto via a ponta da lâmina rasgar o tecido como barbatana de um tubarão cortando as águas do mar.

Do outro lado das janelas, as luzes da cidade cintilavam pardas contra a manhã que despontava no horizonte. A vista maravilhosa se livrara de uma vez por todas das cortinas que Pavlo havia espicaçado com as próprias mãos, e o recado que Nastya havia escrito com batom agora se reduzia a um borrão vermelho na vidraça.

Yuri e Misha entraram no quarto e, como dois garçons, ficaram esperando silenciosamente até que fossem notados. Pavlo pescou um sutiã vermelho da pilha de roupas, retalhou um dos bojos, depois o outro.

– O que foi? – disse, afinal.

– A polícia apareceu no celeiro de Abara – informou Misha. – Compraram nossa história e agora estão colhendo provas.

– Ótimo. – Pavlo foi arrancando um por um os botões de uma camisa transparente. – E Overbay? – perguntou.

Foi Yuri quem respondeu:

– Estamos observando os aeroportos e...

– *Encontrem-no* – ordenou Pavlo, interrompendo o que vinha fazendo. Em seguida, reergueu a gilete e cortou as costas da camisa em duas metades. – Não fiquem apenas observando. *Façam*.

– Já gastamos uma grana para levantar alguns endereços aí – prosseguiu Yuri. – Os companheiros de guerra do americano. Os amigos. Os parentes. Os pais da mulher moram num condomínio em Arrowhead. O pai dele tem uma casinha em Bouquet Canyon. Um amigo da mulher, um médico, tem uma casa de praia em Malibu. É esse tipo de lugar que estamos pesquisando. É assim que a polícia acaba achando os criminosos.

– E o ex-namorado da mulher dele? – quis saber Pavlo.

– Se mandou para o Leste depois que topou com a gente. Ontem à noite deu

entrada num hotel em Ohio. Não fez nem recebeu nenhuma ligação. Não tem nenhuma serventia para o americano e a família dele.

Pavlo tomou os papéis das mãos de Yuri e os examinou rapidamente.

– Quanto foi que isto me custou?

– Quinze mil dólares.

Pavlo devolveu os papéis e voltou a atenção para uma calcinha sobre a cama, dizendo:

– Vocês são quatro. Dividam a lista em dois grupos de dois e sumam daqui. Comecem pelos endereços mais próximos. – Foi correndo a lâmina pela renda preta da calcinha até o tecido se esgarçar por completo. Misha já havia saído, mas Yuri permanecia ali, o rosto inchado de hematomas e preocupação. – *Vá!* – rugiu Pavlo. – *Me deixe!*

Yuri enfim saiu e fechou a porta com delicadeza. Tão logo se viu sozinho, Pavlo novamente cravou a gilete na calcinha, mas agora com a sanha de um animal, rasgando a renda com selvageria, espicaçando-a. Suava muito. Ao perceber que enterrava um grito na garganta, deixou-se levar pela fúria e num gesto brusco varreu com o braço a pilha de retalhos que se acumulara na cama, jogando no chão o que ainda restava de sua filha querida. No entanto, só quando voltou a gilete para si mesmo e abriu um talho no antebraço tatuado, dando vazão à dor que o comia por dentro, foi que entendeu o doce prazer que Nastya encontrava no fio daquela lâmina.

A VEDAÇÃO FORNECIDA PELA CAPOTA de lona do jipe não era exatamente hermética, e o frio das seis da manhã vazava pelas frestas com a regularidade e o fragor de um aparelho de ar-condicionado, soprando na testa de Nate. Rezando para que Eddie Yeap fosse o primeiro a chegar ao necrotério da Medicina Legal, como era seu costume, Nate sacou o celular que havia tomado emprestado de Janie e ligou para o legista. Antes de arriscar qualquer cartada, precisava saber se era procurado pelo assassinato de Abara, e, com sorte, Eddie seria o profissional destacado para fazer a autópsia do agente. Enquanto esperava ser atendido, Nate foi repassando mentalmente a lógica que havia construído ao longo do caminho.

Um assassinato em Chatsworth cairia na jurisdição da delegacia de Devonshire, o que significava que a autópsia e a perícia da cena do crime ficariam a cargo da Polícia de Los Angeles. Uma vez que Abara era do FBI, seu caso certamente seria investigado pela Polícia Federal, mas Nate apostava no fato de que ninguém faria a besteira de enviar as provas para serem analisadas do outro lado do país, no laboratório de Quantico, o que implicaria não só um atraso desnecessário como também o risco de deterioração do material colhido. Nesse caso, a melhor fonte de informações sobre o andamento das coisas seria...

Eddie Yeap enfim atendeu:

– Alô?

– Oi, Eddie. Aqui é o Nate.

– *Nate?* O herói do banco? *Esse Nate?*

A acolhida do legista era bom sinal. O assassino de um policial jamais seria atendido com tamanho entusiasmo.

– Escute – disse Nate –, me mandaram fazer a notificação de óbito daquele agente que foi morto em Chatsworth. O tal de Abara. Estou indo falar com a mãe dele.

– Pensei que o próprio FBI cuidasse disso quando a vítima é deles.

– Pois é. Mas parece que estão meio apertados de pessoal, que nem a gente. Em todo caso, a sargento Brown me convocou para fazer a notificação.

– Você vai passar aqui?

– Mais tarde. Mas queria saber se você já podia me dar uma prévia.

– Bem, esse Jonesy está bem danificado. Os filhos da puta usaram uma serra elétrica! Dá para acreditar num troço desses?

Nate estacionou diante de um parquímetro a algumas quadras do prédio administrativo da polícia. Se as coisas desandassem e ele tivesse de debandar, não queria se ver preso num estacionamento de subsolo.

– Alguma evidência física? – perguntou.

– Não encontrei nada no corpo em si, mas corre à boca miúda que a unidade

de impressões latentes achou alguma coisa na serra elétrica.

Nate desceu do carro, bateu a porta um pouco mais forte que o necessário e foi caminhando apressadamente na direção do prédio.

– E em que pé está isso aí?

– As impressões já estão no laboratório.

– Já?

– Furaram a fila. Agente federal. Sabe como é...

– Quando você acha que sai o resultado?

– A qualquer momento, eu diria.

Nate apertou o passo ainda mais, faltava pouco para que estivesse correndo.

– Posso fazer mais uma pergunta?

– Claro.

– Suponho que o FBI esteja cuidando da investigação. Mas quem será o contato deles na Polícia de Los Angeles?

– Ken Nowak

Por ser tão cedo, Nate esperava não encontrar nenhum colega e nenhuma complicação em seu caminho. Mesmo assim, ao sair do elevador com uma sacola vazia jogada sobre o ombro, foi seguindo com cautela, sem saber ao certo o que encontraria pela frente. O gabinete da sargento Jen Brown estava escuro, e quase todos os cubículos, vazios. Sem ser notado, Nate enfim chegou à sua mesa.

Assustou-se com uma voz alta:

– Achei que você nunca mais ia dar as caras por aqui.

Ao se virar, Nate viu Ken Nowak em seu cubículo do outro lado do corredor, recostado na cadeira com as pernas cruzadas sobre a mesa, o chaveiro jogado ao lado dos sapatos, grande como um disco de hóquei.

Ken desceu as pernas, endireitou-se na cadeira e continuou:

– Quer dizer, depois daquela confusão que você aprontou no aeroporto...

Nate discretamente exalou um suspiro de alívio.

– Foi só um equívoco – retrucou.

– Sei. Mas o que você está fazendo aqui?

– Vim pegar minhas coisas.

– Não vai precisar *disso aí*! – Com um sorriso irônico, Ken apontou para a sacola vazia que Nate trazia consigo. – Já empacotaram sua merda toda.

Só então Nate reparou que seus objetos pessoais já se achavam devidamente encaixotados sobre a mesa, esperando por ele. Quanto aos objetos não pessoais (arquivos, formulários, pesquisas), estes aparentemente haviam sido levados.

– Ah – disse ele, afetando surpresa. – Bem, de qualquer modo tenho de esperar Jen. Ela está com uma papelada aí que preciso assinar. Suponho que seja algum acordo de rescisão, para que eu não processe ninguém depois.

Ken preferiu não apelar para um falso discurso de camaradagem profissional.

Nate respirou fundo, depois perguntou:

– Mas e você? Fazendo o que aqui tão cedo?

– Estou praticamente virado. Um caso importante aí. Agente do FBI esquarterjado em Chatsworth. Estou esperando a análise das impressões digitais chegar do laboratório. – Ken voltou-se para sua mesa, bebeu um gole do café que vinha tomando e emendou: – Quando botarmos a mão no filho da puta que fez isso, a coisa vai feder para o lado dele.

À custa de algum esforço, Nate meneou a cabeça como se estivesse concordando. Mas congelou de um segundo a outro quando o telefone tocou na mesa do investigador. Rapidamente se voltou para sua mesa e ligou o computador. Estava ali por um motivo: precisava de armas. Armas de verdade. Algo como fuzis de assalto, explosivos C4, pistolas. Um verdadeiro arsenal. Exatamente como aquele que Danny Urban havia colecionado e que a polícia confiscara para depois guardar no cofre de evidências que ficava logo ali, no fim do corredor.

O problema era que Nate não sabia em *qual* dos cofres. Mas a base de dados sabia.

Seus músculos haviam ficado tensos com o telefone que tocara na mesa de Ken. Digitando freneticamente, ele abriu a tela de login, informou seu nome de usuário e senha.

ACESSO NEGADO.

Claro.

Nate esfregou os olhos com as almofadas das mãos, pensando: “Plano B. Rápido.”

Então se levantou e foi até Ken.

– Me diga uma coisa: você ainda tem aquele seu Chrysler dourado?

– Dourado não. *Champanhe*.

– Pois é. Parei meu carro perto dele. Acho que alguém bateu em você. O para-choque traseiro está quase caindo.

– Não brinca. – Ken já estava de pé, tirando do bolso as chaves do automóvel e saindo para o corredor. – É melhor que você esteja enganado, Overbay.

Nate esperou que ele sumisse de vista, depois catou o pesado molho de chaves que o investigador havia deixado para trás. Já estava saindo com ele quando o telefone tocou outra vez na mesa de Ken. O identificador de chamadas informava: DIVISÃO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA. O laboratório forense.

Nate se debruçou para diminuir o volume do telefone. Nem sequer ousando respirar, esperou alguns segundos. Ainda ouvia os passos de Ken no corredor, mas dali a pouco ouviu a campainha do elevador tocar, anunciando sua chegada.

Aliviado, exalou um sopro trêmulo. O botão vermelho da secretária eletrônica já começava a piscar.

Desprezando os olhos do telefone, Nate buscou a sacola que havia trazido e saiu com ela pelo corredor. Tinha cinco minutos, sete no máximo, para fazer o que precisava.

O depósito de evidências ficava ao fim do corredor, à direita dos elevadores. Era protegido por um portão gradeado e uma cortina metálica, ambos trancados. Nate olhou com desânimo para a fechadura de trava automática do portão, depois para as vinte chaves que trazia na palma da mão. Quanta ingenuidade a sua, esperar que cada uma delas tivesse uma etiqueta informando para que servia.

Não lhe restava alternativa senão ir testando cada uma na fechadura, e com a mão trêmula, foi exatamente o que começou a fazer. Testou uma, testou duas, testou muitas. Nada. O portão se recusava a abrir. Sentindo o suor escorrer da testa para dentro dos olhos, subitamente lembrou-se de ter lido em algum lugar que após o escândalo na delegacia de Rampart a Polícia de Los Angeles havia mudado as regras de modo que os policiais não tivessem mais acesso aos depósitos de evidências. Isso significava que, ainda que *tivesse* tempo para conferir cada uma daquelas chaves...

Seus pensamentos foram interrompidos quando alguém disse às suas costas:

– Posso ajudar em alguma coisa, Overbay?

Ele parou onde estava e discretamente guardou as chaves no bolso. Lentamente, virou-se.

Bernice Daniels, a zeladora do depósito de evidências, estava ali, com uma chave prateada na mão. A chave se conectava por um fio espiralado ao bolso das calças de poliéster que ela vestia, justas demais para o corpanzil que abrigavam. Bernice era uma mulher grande. Suas nádegas eram dois rochedos enormes e sólidos que pareciam fazer contrapeso à fartura dos seios. Mas ela também era uma criatura alegre e adorável, de coração igualmente grande.

Aturdido, mas fingindo naturalidade, Nate coçou a cabeça e disse:

– Pois é. Eu estava mesmo esperando você. Fui designando para fazer uma notificação à família de Danny Urban. E queria... você sabe...

– Escarafunchar as provas. Eu sei. Mas... já faz um tempo que o bandido passou dessa para melhor. Por que fazer uma notificação só agora?

A menos de dez metros de distância, as portas do elevador se abriram e Ken Nowak emergiu no corredor.

Nate pigarreou, procurou se concentrar.

– É que só agora localizaram o filho dele. Então vou lá falar com o garoto.

– Jesus...

Bernice abriu o gradeado, subiu a cortina metálica e entrou no depósito.

Irritado, Ken se aproximou e disse:

– Que porra foi essa, Nate? Não tem nada de errado com o meu carro!
– Que bom, então. Devo ter me confundido.
– Estranho. A cor do meu carro é muito rara – observou ele e seguiu em frente, voltando para sua mesa e para o telefone com a mensagem dizendo que Nate era o assassino do agente Abara.

Nate o acompanhou com os olhos. Sabia que cada passo do investigador era um segundo a menos em sua contagem regressiva. Já cogitava sair correndo para o elevador quando foi despertado de seu torpor pela zeladora, que disse:

– Acho que o escaninho do caso Danny Urban é o 78B. Este aqui. Mas você vai ter de assinar o protocolo...

– Claro.

A porta do escaninho se abriu, revelando um arsenal promissor. Nate respirou fundo, aproximou-se e foi pegando tudo o que podia, varrendo todo o conteúdo das prateleiras e ganchos para dentro da sacola aberta. Fuzis, pistolas, pentes de bala, caixas de munição, blocos de C4, detonadores elétricos e até mesmo uma granada. Quanto tempo ainda teria até que Ken irrompesse naquele depósito? Dez segundos? Cinco?

Podia perceber a preocupação de Bernice às suas costas.

– Nate? – chamou a zeladora com cautela, como se falasse a um tresloucado.
– O que você está fazendo?

Nate fechou o zíper da sacola e se reergueu. Bernice o observava, boquiaberta. Nenhum sinal de Ken no corredor.

– Pode me dar uma mãozinha com isto aqui? – pediu Nate. Da prateleira mais próxima, pescou uma caixa pesada e a deixou nos braços da zeladora. Ao contínuo, agachou-se diante dela, desatou o fio espiralado que prendia a chave do depósito ao bolso da mulher, depois saiu ao corredor e bateu o portão às suas costas, deixando que ele se trancasse sozinho. Através do gradeado, falou: – Desculpe.

Com a sacola no ombro, seguiu para o elevador e apertou o botão de DESCER.

No fim do corredor, Ken surgiu do outro lado da última fileira de cubículos, parou um instante e foi correndo os olhos pelo amplo salão até fixá-los em Nate. A essa altura, Bernice já gritava no depósito, sacudindo o portão gradeado.

Ken veio correndo pelo corredor.

Nate apertou o botão do elevador mais uma dezena de vezes.

Ken agora corria com a gana de um atleta rumo à linha de chegada, e Bernice praticamente urrava no depósito, botando seus avantajados pulmões para trabalhar.

As portas do elevador enfim se abriram, e Nate entrou. Apertou o botão da portaria com tanta força que o dedo chegou a vergar. Agora não via Ken, mas enquanto as portas se fechavam podia ouvir as passadas furiosas e a respiração

ofegante do investigador.

Ken estava prestes a bloquear as portas quando enfim elas bateram uma na outra. Sugado pelo peso da sacola, Nate recuou um passo e tossiu uma baforada de ar. Limpando o suor da testa com o antebraço, reavaliou seus planos e apertou o botão do segundo andar a fim de evitar o esquema de segurança da portaria.

No segundo andar, desceu rapidamente, atravessou dois corredores e saiu pela escadaria dos fundos, o pé esquerdo ligeiramente mais lento que o direito. Pulando os degraus de dois em dois, desceu para o primeiro andar, alcançou a saída de emergência e arrombou a trava de segurança, disparando um alarme estridente. Uma vez na rua, saltou um canteiro decorativo e disparou na direção do jipe, impulsionado pelo chocalhar das armas na sacola.

NATE HAVIA PARADO O carro bem diante da casa e agora espiava através da janela da cozinha. Lá estava ela, ainda embrulhada num roupão de banho, embora faltasse pouco para o meio-dia, pilotando a máquina de café com a lentidão que lhe impunha a idade. Apesar da distância, Nate podia ver que havia emagrecido. Esperou que não estivesse doente.

Desceu à calçada e, considerando o que levava no porta-malas do carro, trancou as portas antes de subir à varanda da casa e tocar a campainha. Uma pequena demora, depois passos arrastados.

Grace Brightbill abriu a porta e deixou a mão frágil pousada na maçaneta. Parecia bem mais velha do que Nate havia imaginado, mas a solidão muitas vezes tinha esse efeito sobre as pessoas. Ela franzia a testa já naturalmente enrugada, surpresa com a visita.

– Sou... – Nate precisou limpar a garganta. – Sou Nate Overbay, Sra. Brightbill. Ex-colega de faculdade de seu filho Charles. A gente dividia um quarto no dormitório.

– Ah, claro – disse a velha, seu rosto se iluminando ao reconhecê-lo. – Venha, Nate, entre.

Agradecendo, Nate entrou e foi envolto pelo ar da casa, quente e perfumado de canela. Embora novembro estivesse apenas começando, na mesinha da sala havia uma bandeja natalina com uma fornada de brownies ressecados.

Percebendo que Nate olhava para os doces, Grace Brightbill disse:

– Aceita?

– Não – respondeu Nate, talvez rápido demais. – Muito obrigado, mas acabei de comer.

Uma voz comentou:

– Pois é. Ela continua um desastre na cozinha.

Era Charles, fantasmagórico como sempre, imundo de sangue e areia, sentado no sofá com as pernas cruzadas e os braços espichados para o lado. Através do buraco no tronco Nate podia ver o estofado xadrez do encosto.

Grace sinalizou para que Nate se acomodasse no sofá, depois se sentou numa poltrona de tecido desbotado sobre a qual jazia um manto de crochê. Nate ocupou o espaço ao lado de Charles, que o observava com visível interesse. No fundo da sala, um empoeirado piano de armário servia de apoio para uma ampla coleção de porta-retratos com fotos de Charles, muitas delas de infância. Aquele mesmo sorriso de sempre, idiota e otimista.

– Fico feliz com sua visita – comentou Grace.

– Sinto muito por não ter vindo antes. – Nate entrelaçou os dedos e baixou os olhos, buscando coragem para prosseguir. – Eu estava com Charles... quando ele morreu.

Grace ergueu o rosto, olhou ao longe e reacomodou os tornozelos sob a barra do roupão. Sob o queixo trazia uma razoável papada, e as canelas eram muito brancas, de pele fina e ressecada.

– Eu tinha medo de me encontrar com a senhora – prosseguiu Nate, lentamente. – De falar com a senhora. Pelo efeito que isso poderia produzir em mim. O que foi um grande erro da minha parte.

Ela assentiu algumas vezes, depois disse:

– Eu gostaria muito de saber. De tudo. Tenho vivido estes anos todos numa insuportável dieta de meias informações e respostas lacônicas por parte do governo. E esta é a pior parte do luto de uma mãe: não saber.

Nate já havia esquecido quanto a mãe de Charles podia ser clara e incisiva ao se expor, talvez porque isso não combinasse com o jeitão alegre dela. Ex-professora, Grace Brightbill tinha total domínio sobre as palavras.

– Tem certeza que quer saber de todos os detalhes? – perguntou ele.

– Acho que tenho esse direito. – Grace reajustou o manto sobre as pernas. – Tive tempo de sobra para refletir sobre isso.

Nate olhou de relance para Charles e estranhou que ele não quisesse se intrometer. Engoliu em seco, fazendo com que o pomo de adão saltasse na garganta, e só então iniciou seu relato. Começou por Abibas e pela menina que não parava de brincar com seu *paddleball*; falou do dia em que Charles encontrou o homem raquítico que eles vinham procurando atrás de um gerador, da caminhada escaldante nas dunas do deserto, Abibas fingindo ter esquecido seu caderno. Por fim, falou do próprio momento de indecisão e da atitude heroica de Charles, que havia pulado sobre a mochila.

Nesse instante, os olhos de Grace ficaram úmidos e ela pegou um lenço de papel para secá-los. Em seguida, fechou os olhos, e o que se via na expressão dela agora não era exatamente tristeza, mas outra coisa. Nate demorou um instante para descobrir o que era: orgulho.

Ele prosseguiu. Contou que tinha visto as pás do helicóptero baterem no banco de areia, mas que se lembrava de muito pouco depois disso. Os gritos de McGuire, segurando a perna mutilada. As vísceras de Charles, uma piscina de sangue escuro. O trecho que ele havia percorrido com o amigo no ombro e a dificuldade que tivera para abandoná-lo, mesmo sob as ordens do sargento.

Em algum ponto do relato, Nate percebeu que havia ficado rouco por conta da emoção. As palavras agora saíam em fiapos de sua garganta:

– “Não me deixe aqui, não me deixe aqui”, ele me pedia. “Não me deixe aqui...”

Ouvindo isso, Grace se levantou com dificuldade, aproximou-se de Nate e pousou a mão no ombro dele, leve como uma pena.

– E você nunca deixou – disse.

As palavras calaram diretamente no coração de Nate, uma verdade singela,

mas que redesenhava as linhas de um quadro que até então ele acreditava talhado em pedra.

Grace lentamente se retirou da sala e foi caminhando para os fundos da casa. De algum modo, Nate soube que ela não voltaria.

Ao se levantar, viu que Charles se achava à porta da frente, apoiando os braços nos marcos laterais numa acintosa pose de caubói. Apesar do ar brincalhão, o fantasma não conseguia disfarçar que havia se emocionado com tudo aquilo que acabara de presenciar. Plantando no rosto o sorriso idiota, ele perguntou:

– E agora?

– Desculpe, caubói – respondeu Nate. – Mas de agora em diante eu sigo sozinho.

Passou através dele e voltou para o carro.

NEW ODESSA. O LUMINOSO amarelo podia ser visto a um quarteirão de distância. O estacionamento se achava vazio até que Nate entrou e parou o jipe numa vaga bem em frente ao restaurante. O homem do tamanho de um armário que fazia as vezes de segurança, o mesmo que havia batido a cabeça dele contra a mesa, admirava-se no vidro escuro que emoldurava a porta enquanto penteava com os dedos, sem nenhum efeito aparente, os cabelos raspados quase rentes ao crânio.

Ao perceber a chegada de Nate ele se virou e abriu um sorriso largo, deixando à mostra uma fenda enorme entre os dentes da frente.

– E aí? Voltou para repetir a dose? – provocou.

Sem se alterar, Nate sacou a arma da cintura das calças, atirou contra a perna do gigante e foi atravessando a porta enquanto o homem caía lentamente para o chão.

No interior do restaurante, os funcionários passavam de mesa em mesa, trocando toalhas, talheres e pratos, preparando-se para o expediente que estava por começar. Assustaram-se quando ouviram o tiro do lado de fora e viram Nate entrar, segundos depois. Na televisão pendurada acima do bar, Nate deparou com uma imagem de si mesmo e com a voz empostada de um âncora de telejornal que vinha dizendo: “... numa surpreendente reviravolta, o mesmo homem que se sagrou herói durante um assalto ao First Union Bank agora é procurado pela polícia, suspeito de ter assassinado um agente federal nesta última...” Nate seguiu adiante com a arma baixada junto de si, contornando os funcionários. No salão adjacente, trajando fantasias medievais, os membros de uma banda afinavam os instrumentos, a cacofonia reverberando na alvenaria das paredes.

Nate foi ziguezagueando até chegar à mesa VIP cercada de pilares. Como imaginado, encontrou o georgiano ali, fazendo suas contas diante de uma papelada, batucando uma das mãos encardidas sobre a calculadora, cegamente tateando a outra entre um prato de conserva de peixe e uma taça de vinho. O homem ergueu a cabeça assim que percebeu a chegada dele e no mesmo instante fechou o rosto numa careta de desdém.

Sem hesitar, Nate emplacou um chute forte na cadeira dele e o corpulento georgiano tombou para a frente, enterrando o rosto no prato de peixe e derrubando a taça de vinho ao se agarrar à toalha com as mãos. Apesar da pouca tração oferecida pelo pano, conseguiu se reerguer e esborrachar na cadeira vizinha, ainda ofegando de susto, aparando com a mão o sangue que escorria da boca para a mesa, um pedaço de arenque se equilibrando no canto dos lábios carnudos. Os olhos se arregalavam para o alto enquanto o peito amplo arfava sob a camisa manchada de vinho. Uma mecha dos cabelos tingidos de preto

espetava-se sobre a testa como se quisesse alçar voo.

Com a mão boa, Nate bateu a cabeça do homem contra a mesa e fincou o cano da Glock 19 que encontrara no espólio de Danny Urban na têmpora dele. Curvando-se até a orelha do georgiano, falou entre dentes:

– Diga ao seu amigo que a batata dele está assando. De hoje ele não passa. Entendeu?

Apavorado, o georgiano rapidamente assentiu com a cabeça espremida contra a toalha, fazendo chocalhar os cacos do prato quebrado.

Nate abandonou-o naquele estado deplorável e tomou o rumo da porta, os funcionários baixando a cabeça respeitosamente ao vê-lo passar.

Sob o toldo da entrada, esborrachado no chão, o segurança se recostava inerte à parede, babando nos cantos da boca enquanto respirava em pequenos solavancos. Um pedaço de osso despontava nas profundezas do ferimento que Nate havia aberto em sua coxa. Com a perna da calça já erguida, agora tentava sacar a arma que trazia no coldre de tornozelo, mas os dedos apenas tremiam a poucos centímetros dela, sem conseguir alcançá-la.

Nate passou por cima das pernas dele e voltou para o jipe.

Yuri e Misha haviam buscado o Jaguar, receando que o sedã preto, quase uma limusine, chamasse demasiada atenção. Sobre o painel do carro, refletindo no para-brisa, uma folha de papel continha os endereços de diversos parentes e amigos de Nate Overbay, os dois primeiros já riscados. O terceiro era o de um chalé que pertencia ao pai do americano.

Após jogar um cigarro pela janela, Yuri tomou a saída para Bouquet Canyon e seguiu pela estrada que serpenteava encosta acima. Usando uma jaqueta esporte e uma calça jeans quase branca de tão desbotada, Misha se recostava no banco do carona, lutando com um mapa.

De um segundo a outro, luzes vermelhas e azuis começaram a piscar na esteira do Jaguar. Yuri olhou pelo espelho retrovisor, engrolou um palavrão qualquer. Um carro da polícia florestal os seguia com a sirene ligada no teto, um Chevy Tahoe empoleirado em pneus muito altos e protegido por um quebra-mato preto que mais lembrava a boca de um tubarão. Enquanto Yuri ligava a seta a fim de parar no acostamento, Misha tirou uma pistola do bolso interno do casaco e engatilhou uma bala.

Yuri sinalizou para ele, dizendo:

– Ainda não.

Misha escondeu a arma sob a perna e pôs ambas as mãos sobre as coxas. Pouco depois, impecável em seu uniforme verde e ridículo com seu chapéu de abas muito largas, o guarda florestal se aproximou do Jaguar e bateu na janela para que ela fosse aberta. Assim que viu o rosto de Yuri, disse:

- Caramba, companheiro, o que aconteceu com você?
- Um acidente. Estava escalando e... e a corda arrebentou.
- O guarda assobiou, depois disse:
- Você deve estar se perguntando por que foi parado, não é?
- Sim, senhor.
- Você jogou um cigarro pela janela.

Yuri bateu a mão na testa num acintoso gesto de autorrecreinação e xingou a si mesmo em ucraniano.

O guarda inclinou a cabeça, intrigado.

- De onde vocês são?
- Da Ucrânia.
- Tenho uma cunhada que é russa.
- Outro país – disse Misha.

Yuri olhou lentamente para o colega e o fulminou com o olhar.

- São Petersburgo... – prosseguiu o guarda. – Uma cidade muito bonita.
- Pois é – retrucou Yuri.

– Olhe, vamos fazer o seguinte. Sei que o povo da sua terra fuma pra caramba, então vou deixar para lá dessa vez e fazer apenas uma advertência. O risco de incêndio é muito grande por aqui. Mais cuidado da próxima vez

– Positivo – respondeu Yuri.

– E mais cuidado nas escaladas também. Não quero ter de sair por aí com uma equipe de busca atrás de você.

– Não vai ser necessário, o senhor pode ficar tranquilo.

O guarda meneou a cabeça e já ia voltando para sua caminhonete quando Misha o chamou de volta e falou:

– O senhor pode nos fazer um favor? – Debruçou-se com o mapa e a folha de endereços na direção da janela, fazendo tilintar as algemas que escondia no bolso da camisa. Yuri apertou as mãos no volante, tenso. – Estamos procurando a casa de um amigo, mas a rua dele não está no mapa...

O guarda examinou o endereço, depois disse:

– Ah, certo. Está vendo aquele cruzamento ali? Com aquele Papai Noel ridículo? É só virar à direita e depois de uns 500 metros vocês já vão ver a casa. Cinco minutos, no máximo.

– Muito obrigado, seu guarda – falou Misha, sorrindo.

Yuri subiu a janela, arrancou devagar e não demorou para alcançar o cruzamento em que um Papai Noel de papelão, montado numa motocicleta, perguntava aos passantes: QUAL É O SEU DESEJO PARA O ANO NOVO?

O celular do ucraniano tocou e ele atendeu pelo Bluetooth. Era Pavlo.

– Nate Overbay está vindo atrás de mim. Voltem *agora mesmo* – rugiu ele pelos alto-falantes do carro.

O sinal estava irregular, e Yuri parou de novo no acostamento.

– Como assim? – perguntou ele.

– O filho da puta passou no New Odessa e deixou sua ameaça com o georgiano. Falou que está vindo me pegar. É muita cara de pau. Ameaçar um homem que já cumpriu pena no Círculo Ártico. Esse americano não tem noção do perigo, só pode ser isso.

Uma rara explosão de ultraje. Yuri e Misha se entreolharam.

– Daqui a pouco estamos aí – disse Yuri e desligou.

Misha bateu no vidro de sua janela, apontando para o Papai Noel no cruzamento.

– A gente já está aqui mesmo... – falou. – Não custa nada dar uma olhada.

Yuri olhou para a estradinha de terra, hesitou por um instante, depois retrucou:

– Não foi isso que o chefe mandou.

– Só uma espiada rápida. Não vamos demorar.

Yuri pensou mais um pouco e acabou concordando. Eles dobraram no cruzamento, tal como instruídos, e pouco depois avistaram a fumaça que saía de uma chaminé. Aproximaram-se e ficaram espiando do alto do morro até que um senhor mais velho surgiu dos fundos do terreno e subiu para a varanda do chalé com uma braçada de lenha.

Foi então que celular de Yuri tocou de novo, apenas uma vez, e o ucraniano ficou nervoso ao ver que o sinal havia morrido. Assim que avistou o velho entrar na casa, respirou aliviado.

– É o pai do americano. Está sozinho. Nenhum sinal do jipe – disse e esperou por mais um instante, antes de fazer a volta com o carro.

Contrariado, Misha respondeu:

– Tudo bem, então. Vamos voltar para a casa de Pavlo e esperar a chegada do americano sem-noção.

– Por que será que ele procurou o georgiano antes? – perguntou Yuri. – Por que deixou um aviso?

Misha tirou a arma de debaixo da perna, abriu o pente e deixou a bala cair para o lado, agarrando-a em pleno ar. Só então respondeu:

– Porque quer juntar todo mundo no mesmo lugar.

NATE JÁ VOLTAVA PARA o chalé do pai, mas ainda sentia uma razoável carga de energia. A fraqueza permanecia, claro, mas a corrente de adrenalina parecia alimentar os músculos. Já havia passado por alguns utilitários gigantes, um Jaguar espetacular e algumas minivans, mas de modo geral a estrada do cânion estava tranquila.

Ao chegar, encontrou o pai, Janie e os garotos jogando Imagem e Ação diante da lareira enquanto Gaspar dormia junto ao fogo. Ao virar o rosto para fitá-lo, Janie assumiu uma expressão de empatia e pesar. Em meio aos cumprimentos, trocou com o marido um olhar de cumplicidade: para todos os efeitos ele havia saído apenas para tomar algumas providências práticas e logo mais teria de sair novamente para tomar outras tantas.

Nate rapidamente pediu licença e se retirou para o quarto, deixando para trás o jogo que seguia ruidoso, a voz de marmanjo de Jason sobrepujando todas as demais:

– Um gato... um gato de peruca... um gato de chapéu... um gato jogando pôquer... um gato... limpando... uma chaminé... LIMPADOR DE CHAMINÉ!

No banheiro, Nate se despiu e ficou preocupado com os pés que precisou arrastar para alcançar o chuveiro. Mau sinal. Tomando cuidado extra para transpor a borda da banheira, abriu a ducha e estirou o pescoço contra o jato quente como se quisesse perfurá-lo com o rosto. Procurou relaxar os tendões e as juntas, antevendo toda a tensão que em breve eles teriam de enfrentar. Mentalmente, foi repetindo o mantra: “Ainda sinto meu corpo. Os nervos ainda estão vivos. Os músculos ainda funcionam.”

Para não chamar atenção, Janie esperou alguns minutos e foi ao encontro dele no banheiro. Sentou-se na bancada da pia e ficou ali, dividindo com o marido um silencioso momento de intimidade. Terminado o banho, Nate se barbeou, escovou os dentes e voltou ao quarto para se vestir. Sob o olhar carinhoso da mulher, que o observava da cama, abotoou a camisa lenta e meticulosamente, afivelou o cinto e alisou as pernas dos jeans sobre as meias, as mãos ligeiramente trêmulas, porém obedientes.

O jogo havia terminado quando eles enfim voltaram à sala. Jason e Cielle se achavam no sofá de balanço da varanda; o pai de Nate lavava louça na cozinha.

Nate encontrou no armário duas latas de sopa de tomate Campbell e as abriu com um abridor enferrujado. Limpou as duas tampas dentadas sob a água, secou-as nas calças e as guardou no bolso. Seu pai apenas ergueu os olhos quando ele saiu da cozinha e deixou as latas cheias sobre a bancada. Mas foi atrás, com Gaspar na sua cola, quando o viu sair para a porta da frente com Janie.

Ao pisar na varanda, Nate teve a impressão de que o coração havia subido à garganta para sufocá-lo. Jason calmamente dedilhava sua guitarra enquanto,

recostada num dos braços do sofá, aquecendo os pés sob as pernas dele, Cielle se distraía com um livro de vampiro.

Nate ficou admirando a filha por um tempo, a garganta pulsando ainda mais, depois curvou o tronco para dar um beijinho na testa dela. A neblina umedecia a folhagem que sacudia ao sabor do vento, emoldurando a varanda. O jipe esperava a poucos metros dali. O céu escurecia rapidamente. Nate sentiu na perna as tampas de lata que levava no bolso e pensou no fim brutal que pretendia dar a elas em breve. *Muito* em breve.

– Vou sair para resolver umas coisas – disse ele.

Jason ergueu o rosto.

– Quer que eu dirija? – Dessa vez ele não estava brincando. – Sei lá. De repente você topa com o Brobocop por aí... Pode precisar de mim.

– Já sei – disse Nate. – Faixa amarela com uma listrinha verde. *Jeet kune do*.

– Jason começou a protestar e Nate ergueu a mão: – Eu sei, eu sei. *Tae kwon do*. Só estava brincando. Fica frio.

– Foi só uma sugestão, cara. Para proteger você.

– Eu sei, Jay. Valeu.

Radiante, o garoto observou:

– *Aéêê!* Você disse Jay em vez de Jason. Finalmente.

O Sr. Overbay rodeava o jipe, espiando através das janelas. Não conseguiu dissimular a preocupação quando avistou a pontinha do cano do fuzil de assalto que escapava do zíper da sacola. Nate percebeu o que havia acontecido, condoeu-se do pai.

Cielle baixou o livro.

– Aonde você vai? – perguntou a Nate.

O Sr. Overbay discretamente se postou diante da janela do jipe para que ninguém visse o que havia do outro lado. Nate meneou a cabeça ligeiramente em sinal de agradecimento e o velho desviou o olhar, empenando a boca num quase beijo.

Nate se virou para a filha.

– Só preciso acertar umas coisas com esse pessoal que está atrás da gente – disse.

– Igual você fez lá no banco? No dia em que ficou doido e saiu atirando em todo mundo?

– Poxa, meu amor... Eu *ainda* não fiquei doido.

Com seus lindos olhos escuros, emoldurados por cílios que não tinham mais fim, ela avaliou o pai e disse:

– Vai dar tudo certo, não vai?

Nate lembrou-se então da viagem que haviam feito quando Cielle tinha apenas 4 anos, do avião que sacudia violentamente ao sobrevoar as Rocky Mountains. A certa altura ele já estava convencido de que a aeronave

despencaria, mas dissera à filha que estava tudo bem, que era assim que os aviões voavam de vez em quando e ela, contente com a resposta, voltara a colorir suas figuras enquanto ele e Janie se agarravam a seus respectivos assentos, preparando-se para o pior.

– Vai sim, filha – respondeu ele, sorrindo. – Vai dar tudo certo.

Satisfeita, Cielle retomou sua leitura.

Para Nate, aquela confiança cega era o melhor presente que ele poderia receber da filha naquele momento.

Desceu da varanda para a lama do gramado e seu pai, até então recostado no jipe, veio a seu encontro, procurando apagar do rosto qualquer sinal dos sentimentos que o corroíam.

– Pai... – disse Nate. – Eu queria que você soubesse quanto...

– Você vai se atrasar – interrompeu o velho e apertou o ombro de Nate, apenas uma vez, delicadamente.

Depois baixou a cabeça e voltou pesaroso para o chalé, deixando que a porta de tela batesse às suas costas.

Janie se juntou a Nate ao lado do carro. A neblina havia resvalado para uma chuvinha fina, que aos poucos ia escurecendo o dourado dos cabelos dela. Nate encaixou a chave na porta do carro, concentrando-se para que a mão ouvisse o que lhe dizia o cérebro.

– Tchau, pai! – gritou Cielle do sofá da varanda.

Acenou, escancarou um sorriso e voltou à leitura.

– Vou pedir para ela vir até aqui – disse Janie. – Acho que vocês deviam se abraçar pelo menos uma...

– Não – interrompeu Nate. – Assim está perfeito.

Acordes vibravam ao redor deles enquanto Jason trabalhava na harmonia de “Blackbird” na varanda. Janie cobriu a boca e deu de ombros, contendo-se para que Cielle não a visse chorando. Nate lhe ofereceu a mão como se a estivesse chamando para dançar.

Janie tomou a mão do marido na sua, fria e molhada. A chuva se misturava às lágrimas que ela derramava. Sob a camiseta molhada se viam as clavículas que pareciam saltar em compasso com a respiração alterada. Um sorriso despontou entre os lábios, mas não se demorou ali.

– A gente se vê por aí, marido.

– Espero você do outro lado, esposa.

Janie se adiantou para um beijo. Nate a segurou pelos ombros estreitos que tremiam de frio, saboreou aquele par de lábios carnudos. Depois afastou o rosto, deixou a testa tocar a testa da mulher e ficou assim por um tempo, admirando o azul translúcido daqueles olhos, a boca tão farta e linda, as sardas que salpicavam a pele muito branca.

– Eu estava me afogando – disse ele –, e você me salvou.

Só então entrou no carro e arrancou, secando o rosto molhado com o antebraço. Em nenhum momento olhou para trás. Por maior que fosse seu autocontrole, receava desabar caso visse a mulher mais uma vez.

Já ia dobrando a primeira curva quando se deu conta de que Gaspar seguia correndo atrás do jipe, ainda favorecendo uma das patas em detrimento da outra. Nate parou o carro, desceu na lama e foi em direção ao cachorro.

– Senta – disse e Gaspar obedeceu. – Agora bate aqui. – Ofereceu a mão, e o cachorro pousou a pata enlameada nela. – *Fica*.

Gaspar recuou a cabeçorra quadrada e nobre sobre o pescoço musculoso. Os olhos amarelos brilhavam sob as dobras escuras e inteligentes que se formavam na testa, dando a impressão de que ele compreendia perfeitamente o que estava sendo dito e o que não estava. Repetia-se ali, ao que tudo indicava, o milenar entendimento entre homens e seus cachorros.

Gaspar retirou a pata, deixou-a cair no chão molhado.

– Bom garoto – disse Nate e se reergueu.

Não quis limpar a lama da mão. Simplesmente voltou ao carro e retomou seu caminho. Pelo espelho retrovisor, viu que o fiel amigo permanecia onde estava, sentado na chuva, esperando que ele se afastasse.

O JIPE APONTAVA PARA O caminho pavimentado que levava à porta de Pavlo Shevchenko. Um trecho de pouco mais de 5 metros, dois lances de três degraus cada, depois a casa propriamente dita, aninhada na encosta da colina.

O motor estava ligado, embora Nate não estivesse ao volante, nem mesmo dentro do carro. Com um fuzil de assalto AR-15 pendurado ao ombro, uma Glock 19 enfiada na cintura da calça e uma granada de fragmentação alojada no bolso da frente, ele se achava atrás da porta aberta do jipe, segurando uma pedra do tamanho de uma bola de rúgbi, um naco de granito que havia encontrado nos jardins do próprio Pavlo.

Toda a preparação havia sido feita do outro lado da esquina, sob a copa baixa da figueira de um vizinho. Com sua vocação para miliciano, Danny Urban facilitara bastante a vida de Nate ao adquirir toda uma parafernália da qual um veterano do exército poderia fazer bom uso. Com fita adesiva, Nate havia colado os dois blocos de C4 ao tanque de gasolina do carro; em seguida, espetara a cabeça de um detonador elétrico M6 de uso militar na massa branca do explosivo. O resto se resumia a uma questão de física básica: bastava criar um circuito.

Não havia fio condutor na sacola, um equívoco que podia ser debitado à pressa com que pilhara o cofre de evidências. No entanto, bastara refletir um pouco para encontrar ali mesmo uma alternativa. Ele havia removido um dos alto-falantes traseiros do jipe para depois arrancar alguns metros de fio e esticá-los no chão antes de unir um pedaço ao detonador elétrico e outro à bateria do carro. Do bolso da calça, havia retirado as duas tampas de lata para colar a cada uma delas as pontas livres dos dois fios. Assim que se encostassem, os círculos de metal completariam o circuito e o jipe explodiria em mil pedaços.

Agora precisava de papel para proteger as tampas de lata até o momento do contato. Vasculhou o jipe, mas não encontrou nada. Nenhum panfleto de propaganda, nenhuma capa de CD. O manual do proprietário já havia desaparecido desde muito. Os documentos já estavam velhos, quase se desmanchavam com o toque: usá-los para aquele fim seria arriscado demais. Como era possível que não houvesse nenhum papel utilizável dentro daquele carro? Nate ficara preocupado, quase em pânico. Mal podia acreditar que teria de desmontar sua bomba e sair à procura de alguma loja só para comprar papel.

Um jovem pai se aproximou com a filhinha, ambos rindo e pisoteando as poças d'água com suas galochas. Ao passar por Nate, o homem olhou com curiosidade. Os fios, o C4 e a sacola de lona não estavam exatamente invisíveis na escuridão. Nate forçou um sorriso e disse:

– Problemas mecânicos.

O pai seguiu seu caminho com a menina.

Vendo-os se afastar de mãos dadas, Nate vislumbrou uma solução para seu problema. Levou a mão ao bolso traseiro das calças e de lá tirou as fotos que sempre trazia consigo: Cielle agachada ao lado da bola de futebol, Janie sorrindo para ele na festa de casamento. Fechou os olhos, plantou um beijo em ambas. Com a fita adesiva, cuidadosamente pregou as fotos nas tampas de lata, ensanduichando-as, depois colou sua improvisada placa de pressão à grade dianteira do jipe. Qualquer colisão, grande ou pequena, faria com que as fotos se rasgassem e os círculos de metal se encostassem um no outro.

Nate já havia visto aquele tipo de carro-bomba diversas vezes nos *checkpoints* militares do deserto iraquiano. Tinha plena consciência do estrago que eram capazes de fazer. Mais de um quilo de explosivos e meio tanque de gasolina seriam mais do que suficientes para arrombar a porta de Pavlo Shevchenko.

Agora, parado diante do caminho da casa, sofrendo com o peso da pedra que carregava com os braços fracos, Nate fez uma silenciosa oração à Nossa Senhora da Boa Sorte e despejou o granito sobre o acelerador do jipe. O motor rugiu. Inclinando-se para dentro do carro, Nate aumentou o volume do som e botou para tocar o CD do AC/DC que Jason Bundão havia deixado ali. Do que havia sobrado dos alto-falantes, Brian Johnson berrava: “...*won't take no prisoners, won't spare no lives...*” (“ninguém será levado como prisioneiro, nenhuma vida será poupada”).

Na casa, a porta da frente se entreabriu e Valerik passou a cabeça através da fresta, deixando à mostra o rabo de cavalo com que prendia os cabelos engomados. Trazia consigo uma AK-47. Eles estavam prontos para a guerra.

Mas não para um carro-bomba.

Nate engatou o drive do câmbio automático e por muito pouco não foi atropelado quando o jipe avançou caminho abaixo, acertando-lhe o braço.

Valerik arregalou os olhos, naturalmente assustado, e bateu a porta.

O jipe alçou voo no primeiro lance de degraus, perdeu o prumo ao bater novamente no chão e seguiu inclinado na direção da casa. Nate ia correndo mais atrás, ajustando o fuzil entre as mãos.

“*Gonna take you to hell...*”

A explosão foi espetacular, reduzindo a pó boa parte da fachada da casa e estilhaçando todas as vidraças. Nate foi de encontro ao refluxo, o rosto se escaudando com o jato de ar quente, o pé esquerdo se arrastando no piso de concreto, as narinas sorvendo o cheiro forte de gasolina e metal queimado. Feito um Anjo da Morte, atropelou a espessa cortina de fumaça e irrompeu nos escombros do saguão de entrada, aguçando os ouvidos em busca de algum sinal de vida.

Alguém respirava ruidosamente por perto.

Estreitando os olhos para enxergar melhor em meio à fumaça, avistou Valerik desfalecido à base de uma das paredes caídas. A pressão da explosão havia

rompido os alvéolos pulmonares do ucraniano, e uma sopa escura escorria de sua boca para o colarinho da camisa. Nate imaginou McGuire, em seu uniforme camuflado, fazendo piada diante de um homem-bomba malsucedido que se retorcia no chão de terra batida de um armazém: “Parece que o amigo aí venceu o concurso da camiseta molhada.”

Valerik ergueu os olhos, e Nate disse:

– Olá.

Agachando-se, Nate retirou o pino de sua granada e a alojou sob o corpo do ucraniano de modo que a alavanca se mantivesse no lugar. Em seguida, correu alguns passos em meio à poeira, escondeu-se do outro lado de um armário e ficou esperando.

Ouviu um vozerio de pânico, passos marchando numa escada, passos no andar de cima. Certamente eram de Pavlo, que havia subido em busca de refúgio.

Estava prestes a sair de seu esconderijo quando ouviu alguém tossir e chamar:

– Valerik? Valerik?

Empunhando uma arma, Dima emergiu da cozinha e veio correndo para o saguão enfumaçado, mas Nate, ciente da lerdeza dos próprios músculos, não se sentiu seguro o bastante para correr ao encontro dele, mirar e atirar. Manteve as costas pregadas no armário, o AR-15 devidamente preparado. O fuzil era de um modelo simples, não automático, sem culatra desmontável e sem cano flutuante. Deveria ser manipulado com muita calma e cautela.

Valerik engasgou com o próprio sangue quando tentou alertar o amigo, e, segundos depois, uma nova explosão abriu um túnel de limpidez na fumaça que ainda cobria o saguão e boa parte do corredor. Estilhaços crivaram o armário que Nate usava como escudo, bem como a parede adjacente. Ele ouviu quando Dima se esborrachou no chão, mas pouco depois escutou o grandalhão se reerguer. Talvez o corpo de Valerik o tivesse protegido da explosão, pelo menos em alguma medida.

Nate enfim saiu de trás do armário e, com o fogo lambendo o pano da camisa, foi caminhando na direção de Dima, que agora cambaleava pela cozinha, tentando correr, a silhueta emoldurada pelas luzes que cintilavam do outro lado das vidraças no fundo do cômodo. O ucraniano se virou ao pressentir que era seguido, mas antes que pudesse erguer a arma para atirar, Nate disparou seu fuzil e abriu no tronco dele um caminho de buracos que ia da virilha ao peito. Dima desabou contra as persianas, fechando-as com o impacto e fazendo sumir a paisagem do outro lado das aletas. O corpo, no entanto, permaneceu espetado na vertical. Nate preferiu não correr riscos. Despejou mais uma saraivada contra o ucraniano e a vidraça se desmanchou em mil pedaços. As persianas foram enfundando com o peso do corpo que tentavam aparar e, quando enfim se arreventaram, o ucraniano despencou das alturas para sumir no abismo do

cânion, seguido de uma cascata de estilhaços.

Nate destravou o pente do fuzil, deixou que ele caísse para o chão e alojou um segundo com a trêmula mão esquerda. Já ia virando o tronco quando tudo aconteceu.

Antes de qualquer outra coisa, sentiu o impacto no ombro, uma marretada que o fez cambalear para a frente, o joelho mal suportando o peso do corpo. Elipses de sangue, do *seu* sangue, formaram-se no chão da cozinha. O estalo do tiro só foi registrado depois, mais ou menos como um insight tardio. O AR-15 havia sido arremessado de suas mãos para longe, com alça e tudo, e agora rodopiava junto das vidraças estilhaçadas.

Nate foi caindo para o chão, e só não desabou por completo porque conseguiu se apoiar com o único braço funcional de que ainda dispunha. Yuri se aproximou por trás, rindo. Nate sabia que ainda podia contar com a Glock 19 que trazia na cintura da calça, mas caso deixasse o corpo cair para liberar a mão boa, correria o risco de levar uma bala na nuca.

Fechou os olhos, procurando não pensar no ombro que latejava. A pistola não tinha trava de segurança, e a pressão do gatilho certamente seria a mesma de sempre, bem menor do que a de uma arma de ação dupla. O que significava um primeiro tiro rápido e fácil.

– Agora, sim, podemos começar – disse Yuri.

Nate recolheu a mão que o apoiava e pescou a arma da cintura ao mesmo tempo em que o torso foi caindo para o chão. Por obra de um milagre, conseguiu engatilhar o dedo perfeitamente e atirar segundos antes de o ombro ensanguentado bater no chão e desencadear uma torrente de dor em todo o corpo. A pistola Glock caiu para longe, e Yuri cambaleou para trás, um dos braços girando feito um cata-vento até que ele se esborrachou no chão. Uma mancha molhada foi surgindo num dos lados da *guayabera* preta que ele vestia, o sangue empapando o tecido. Ambos feridos, com suas armas fora de alcance, eles agora se entreolhavam ofegantes, cada um em seu canto do ringue. A alguns metros deles, junto à borda das vidraças estilhaçadas, o AR-15 ia girando lentamente até parar.

Eles olharam para o fuzil, depois voltaram a se entreolhar.

E rapidamente partiram para cima da arma, arrastando-se como podiam. Dois pares de mãos agarraram o cano simultaneamente. Sem largá-lo, Nate girou o tronco e foi chutando o ucraniano até que ele escorregasse para junto das vidraças, os estilhaços facilitando a manobra. Agarrado ao fuzil, Yuri nada pôde fazer quando uma de suas pernas caiu para o outro lado do parapeito e o peso do próprio corpanzil começou a puxá-lo para baixo. Seus olhos se arregalaram no rosto inchado quando a outra perna também escorregou para o lado de fora, seguida dos quadris. Ele agora se pendurava do alto, rosando, puxando Nate consigo, os dois homens atados ao seu destino por um fuzil. As pontas dos tênis de

Nate iam arranhando o chão da cozinha, e ele estava prestes a largar o fuzil quando, por obra de um mágico equilíbrio entre fricção e músculos, eles pararam onde estavam. A cabeça e os braços de Nate pendiam para fora da borda. O ombro esquerdo gritava em agonia. Os estilhaços espetavam seu peito. Mas ele ainda se agarrava com firmeza ao fuzil, que se achava completamente na vertical, assestado para baixo.

As mãos de Yuri já estavam brancas, tamanha era a força com que se agarravam ao cano do AR-15. Ele balançava de um lado a outro, batendo contra a parede e gemendo, ciente do abismo que tinha sob os pés. Mas se aquietou de repente ao perceber em que ponta do fuzil se encontrava.

A ponta errada.

Nate encaixou o dedo no gatilho. Sem nada que pudesse fazer, Yuri apenas fitava o cano da arma, que o encarava de volta a poucos centímetros de distância. Nate enfim descarregou o fuzil na cabeça do gigante ucraniano.

Yuri despencou, e Nate, lutando contra as inúmeras dores, afastou-se da borda das vidraças. Recolheu a Glock e a guardou novamente na cintura da calça. Levou um minuto inteiro para ficar de pé, mas dali a pouco já estava mancando na direção das escadas com o fuzil em punho. O braço esquerdo, ainda mais debilitado após o tiro no ombro, não fazia mais do que aparar o cano do AR-15.

Chegando ao segundo andar, espantou-se ao ver aquele amplo espaço de paredes e janelas. Quase nada que lhe servisse de escudo. Na verdade, a não ser pelos diversos pilares, a escada flutuante e a cama enorme com suas cobertas empilhadas sobre o colchão, o cômodo se achava completamente vazio. Nenhum sinal de Pavlo ou de Misha.

A escada levava a uma claraboia aberta para o céu da noite. Era bem possível que já tivessem fugido para o telhado.

No entanto, sem refletir muito, Nate decidiu averiguar o cômodo antes de partir para a escada. Arfando, correu para o primeiro pilar. O luar entrava pelo vidro da claraboia, projetando no chão uma sombra irregular. Pontinhos de poeira flutuavam na luz prateada. O vermelho das cobertas era um solitário grito de cor entre os tons cinzentos e prateados que predominavam no ambiente. As amplas vidraças e os pilares regularmente espaçados faziam lembrar a sala de espelhos de um circo.

O esforço despendido ao segurar o corpo de Yuri durante todo aquele tempo também havia debilitado o braço direito de Nate, que agora formigava, mais fraco do que antes. Novamente, aguçou os ouvidos. Teve a impressão de que alguém respirava por perto. Mas também era possível que fosse sua própria respiração ecoando nas vidraças e paredes.

Os pilares eram grossos, industriais. Pavlo poderia muito bem estar do outro lado do mesmo pilar que Nate havia escolhido como proteção. Preparando-se para o pior, foi contornando lentamente o bloco de concreto, primeiro uma quina,

depois a outra, os olhos sempre atentos a qualquer movimento nos demais pilares também. O pé esquerdo se arrastava, o ombro reclamava de qualquer gesto mais brusco. Foi nesse lamentável estado que irrompeu para o pilar seguinte e repetiu a mesma inspeção de antes. Quando correu para o terceiro, ouviu passos em algum lugar do cômodo, mas, confundido pelos ecos, teve dificuldade para saber exatamente de onde vinham. Tiros explodiram as janelas às suas costas, e ele correu para o último dos pilares, ofegante, suando copiosamente no rosto apesar da brisa fria que invadira o cômodo.

– Pavlo! – berrou Nate. – Estou aqui!

Nenhuma resposta.

O AR-15 chocalhava em sua mão. Sangue escorria pelo braço esquerdo, pingando do cotovelo. Agulhadas espetavam todos os membros. Nate olhou para os próprios dedos, pediu que eles cooperassem. Uma tonteira o acometeu de repente, violenta, mas foi embora com a mesma rapidez.

Arriscou uma espiada por toda a área. Três pilares equidistantes pontilhavam o espaço enorme até a parede oposta. O luar que vinha da claraboia produzia reflexos fantasmagóricos em algumas das janelas. Ele esticou o pescoço para examiná-las melhor, esperando ver no vidro alguma imagem espelhada. Por fim, vislumbrou um vulto, não mais que um fiapo em razão do ângulo difícil. Porte atlético, cabelos claros e muito curtos, ambas as mãos apontando uma arma para o chão.

Misha.

O que significava que Pavlo estava no telhado.

Em razão do sangue que já havia perdido e do estado deplorável dos músculos, Nate não teria muito tempo até que se visse fraco demais para fazer o que fosse. Lentamente, sacou a Glock da cintura. O fuzil escorregou em sua mão esquerda e por muito pouco não caiu para o chão. Teria de fazer tudo com a direita. Com o mínimo de barulho possível, agachou-se e depôs a pistola no chão, junto do pilar, posicionando a empunhadura de tal modo que pudesse pegá-la facilmente depois. Em seguida, passou o fuzil para a mão direita, saiu lentamente de trás do pilar e se agachou na posição de atirador. Buscando as forças que ainda lhe restavam, arremessou o fuzil na direção do pilar.

Antes que a arma alcançasse o pico de sua trajetória, pescou a Glock com a mão direita e fez o possível para firmá-la entre os dedos. Usou a esquerda, quase tão inerte quanto um bife, apenas para ajudar no alinhamento da coronha. Sua visão começava a se embaralhar, e ele precisou piscar várias vezes para não perder o foco por completo. Depois disso, tudo se deu em três rápidas etapas.

O AR-15 batendo no chão.

Misha saindo de seu esconderijo para atirar na direção do fuzil.

E Nate apertando o gatilho da Glock.

O ucraniano girou o tronco e um jato de sangue foi pintando a janela às suas

costas até que ele desabou no chão e por lá ficou, semiescondido pelo pilar. Só o que se via dele agora eram os sapatos, que estremeciam com os tornozelos.

Nate também saiu de seu esconderijo e foi caminhando adiante, uma renovada agonia a cada passo que dava. Mais fraco do que nunca, tinha a impressão de que contava apenas com os músculos do abdômen para se locomover. O ar frio do cômodo recendia a uma colônia cítrica. Ao passar pelo colchão, Nate apontou a Glock para o quadrado de céu escuro que se via no topo da escada, do outro lado da claraboia.

Um passo, uma pausa. Um passo, uma pausa. Sempre adiante.

À sua esquerda, ouviu o farfalhar de um tecido e, tarde demais, deduziu o que era.

Jogou-se para trás e caiu de costas, atirando, enquanto Pavlo escapava do colchão com um lençol de seda pairando nos ombros como uma capa. O fogo cruzado tomou conta de todo o cômodo, os estalos reverberando por toda parte, as centelhas se refletindo nas múltiplas vidraças. Lascas de concreto caíam sobre o rosto de Nate, e ele viu dois buracos se abrirem no lençol que ainda flutuava às costas do ucraniano. Por uma fração de segundo chegou a pensar que nada adviria daquilo, mas logo Nate viu que havia sido atingido no flanco. O uivo que deixou escapar foi pouco mais que um sopro quente.

Pavlo correu do colchão para a escada que levava ao telhado e foi pulando os degraus de três em três. Trêmulo, Nate apontou a Glock na direção dele e disparou um tiro atrás do outro até o acertar na panturrilha, segundos antes de vê-lo sumir na escuridão do telhado.

Não ouviu um único gemido de dor, nem um pio do ucraniano.

Ao baixar os olhos, viu o buraco que sangrava em seu abdômen e foi Tateando as costas até encontrar o buraco de saída. Havia sido perfurado de um lado a outro.

Ficou de quatro e à custa de muito esforço conseguiu se levantar. Mancando e arrastando a perna, saiu na direção da escada. Com a mão direita, empunhava a Glock e com a esquerda, tentava, sem grande sucesso, conter a hemorragia nas costas. Foi assim que subiu a escada, deixando atrás de si um rastro de sangue.

A visão ficava cada vez mais turva, e as pernas, cada vez mais bambas. De repente, lembrou-se de Cielie com seu livrinho de colorir no avião que sacolejava sobre as Rocky Mountains.

“Vai dar tudo certo, não vai?”

“Vai, sim, meu amor.”

Subir os degraus demandava tamanho esforço que ele mal percebeu quando passou a cabeça para o outro lado da claraboia. Deu por si apenas quando viu o lampejo na escuridão e sentiu o ar estremecer a poucos centímetros de sua têmpora. O estalo do tiro soou com uma fração de segundo de atraso. Do outro lado do telhado, Pavlo recuava com a perna ferida, preparando-se para um

segundo disparo.

Nate ergueu a Glock tanto quanto lhe permitiram as forças e atirou. Dessa vez, a bala se alojou na coxa do homem, rasgando o tecido das calças e revelando uma estrela tatuada sobre a patela. A arma de Pavlo caiu das mãos dele e foi escorregando no concreto até despencar pela borda do telhado. Furioso, o ucraniano deu alguns passos incertos na direção de Nate e rosnou entre dentes:

– Não vou me ajoelhar para você!

Nate conseguiu acertar um terceiro tiro nos quadris dele. Pavlo fez um giro de noventa graus, o sangue jorrando da cintura. Cambaleou um pouco, mas logo recuperou o equilíbrio. Com os tendões salientes no pescoço tatuado, rosnou:

– Não vou me...

Com a mão trêmula, Nate atirou mais uma vez contra o tornozelo dele.

O ucraniano enfim desabou, batendo os joelhos no concreto e sacudindo o tronco antes de cair de bruços. Em seguida, começou a se arrastar com a ajuda dos cotovelos, afastando-se para a borda do telhado.

Nate foi atrás dele e ficou sem ar nos pulmões tão logo deparou com a vista maravilhosa que se desfraldava para além do cânion, com a amplidão daquele horizonte. Como se estivesse embriagado, precisou parar um instante para recobrar o equilíbrio. Do alto daquele telhado, Los Angeles era um gigantesco tapete cravado de pedras preciosas. Os outdoors digitais, os luminosos que piscavam nas marquises das boates, os inúmeros semáforos que iam mudando de cor, os carros que avançavam e paravam logo em seguida, engarrafados no trânsito. Toda a dinâmica daquela paisagem urbana, todas aquelas almas que zanzavam de um lado a outro nas ruas, as mulheres que ganhavam seu pão nas esquinas, os sapatos já quase furados de tão gastos; os homens que se esgueiravam pelos becos, a garrafinha de uísque escondida num saco de papel; toda a fauna humana representada ali, os sonhadores se acotovelando com os desesperados. Os faroletes vermelhos iam pulsando pelo desenho irregular das ruas como se fossem o sangue da cidade, a cidade em que Nate havia alçado voo para depois despencar das alturas. Por sorte, havia conseguido recuperar dos escombros tudo aquilo que realmente valia a pena salvar e, apesar das mãos trêmulas, juntar os cacos para formar algo melhor e mais verdadeiro.

Apesar das circunstâncias, a noite estava bastante agradável. Do cânion vinha um perfume de erva-doce e sálvia que se misturava às cinzas da explosão. O sangue que corria sob a pele de Nate, antes tão quente, de um momento a outro ficou frio. Ele enviou uma ordem às pernas, e segundos depois elas começaram a se mexer.

Caído de bruços no chão, Pavlo gemia e se arrastava, gemia e se arrastava. À medida que atravessava a ampla laje, Nate ia deixando em sua esteira um rastro de sangue. Acabara de alcançar o outro lado do telhado quando ouviu alguém dizer:

– Pare.

Nate parou onde estava, baixou a arma e murchou os ombros, mal conseguindo respirar. Por um tempo não fez mais que isto: respirar e sentir às suas costas a presença de Misha. Sabia que o ucraniano esperava apenas um movimento em falso para atirar.

Lentamente, foi se virando. Misha pisava o vidro da claraboia com sua arma devidamente apontada para Nate. Com a mão direita praticamente morta, Nate segurava sua Glock junto da perna; não conseguiria erguê-la nem que quisesse. Sob a luz do luar, o rosto juvenil de Misha parecia inofensivo, quase ingênuo. O sangue cintilava numa das mãos dele, o mindinho projetando-se para o lado de um jeito nada natural. Mas isso não o impedia de manter sua mira rigorosamente alinhada.

– Você achou mesmo que ia conseguir? – perguntou ele, mas sem esconder uma ponta de admiração. Com a mão machucada, lentamente tirou do bolso uma par de algemas pretas. O mindinho, perpendicular ao dorso da mão, parecia um graveto quebrado. – Mesmo que você matasse todo mundo, um homem como Pavlo Shevchenko faz um único telefonema e outros dez embarcam em Kiev na mesma hora. E se você matasse *esses dez*, ele estala os dedos e outros *vinte* aparecem para ocupar o lugar deles.

A mão direita de Nate estremeceu com a arma, e Misha baixou os olhos para ela. Um único gesto de ameaça e tudo acabaria ali mesmo.

– Então acho que vou ter de matar ele também – disse Nate.

Misha crispou os lábios rosados, divertindo-se com a conversa.

– Você nem consegue levantar a mão.

– Não preciso – devolveu Nate e disparou contra o vidro da claraboia.

O centro do vidro espesso se estilhaçou imediatamente, e Misha foi caindo para trás, girando os braços enquanto disparava sua arma. Depois foi escorregando pelo buraco que se abrira a seus pés, arranhando-se nas pontas do vidro quebrado. Já havia afundado até a cintura quando tentou se agarrar em algum lugar, as algemas voando de sua mão para aterrissar no telhado. Conseguiu se agarrar à borda despedaçada, as pontas dos dedos deslizando nas partes intactas do vidro.

As pontas afiadas haviam lanhado seu corpo durante a descida, e um dos estilhaços o fincara nas costelas. Um jato fino de sangue arterial caía sobre o vidro. Assim que aquela pequena adaga deixasse de represar a hemorragia, Misha encontraria seu fim.

Ele agora olhava para a ponta dos pés de Nate.

– Me ajude... – balbuciou e os dedos escorregaram mais um pouco, deixando quatro faixas de sangue no vidro.

Nate plantou um dos pés no ombro dele e o empurrou claraboia abaixo. Em meio a uma chuva de cacos, Misha caiu para o andar inferior e se estatelou no

chão com os braços e pernas retorcidos, banhados pelo luar.

Nate saiu cambaleando no telhado, procurando forças. Já havia perdido muito sangue.

Atrás dele, Pavlo ainda gemia e tentava fugir, arrastando-se. A brisa trazia consigo o som de sirenes. Ao pé da colina, carros da polícia começavam a fazer sua escalada com as luzes cortando o céu da noite. Dali a pouco sumiram do outro lado de uma curva.

Nate obrigou-se a virar o tronco e seguir caminhando ao encontro de Pavlo, que a essa altura já se achava a poucos metros do precipício. Apesar de todas as avarias que havia sofrido na perna, o ucraniano conseguira alcançar um tubo de ventilação e agora tentava arrancá-lo a todo custo, os músculos fortes do antebraço latejando sob as tatuagens. Por mais incrível que fosse, conseguira fazer algum progresso, pois o tubo já ameaçava soltar. Os movimentos haviam ficado mais lentos, mas ele ainda não desistira. Nate se deu conta então de que o homem não desistiria enquanto não conseguisse se armar com aquele tubo e de algum modo nocauteasse seu inimigo com ele. O que mais o impressionava, no entanto, era o sangue-frio que havia demonstrado até então. Parecia não dar a mínima importância para a casa que se incendiava, para as pernas semidestruídas, para o carrasco que o acuava no telhado. Não fazia mais do que rosnar e sacudir o tubo de ventilação, todas as forças direcionadas para a chance de prosseguir com a violência.

Sobrelevando-o, Nate mirou contra a nuca e puxou o gatilho.

Da Glock saiu apenas um clique abafado. Não havia mais balas.

Pavlo nem sequer ergueu a cabeça, tampouco largou o tubo, mas ouviu o ruído e deu um risinho.

– Você acha que isso é dor? – engrolou ele com a boca rente ao telhado, arfando, e riu mais um pouco.

O rosto e a nuca estavam molhados de suor.

Nate agarrou o ucraniano pelas costas da camisa e o puxou para a borda do telhado, as mãos do homem arranhando o chão, os pés seguindo inertes. A uns 200 metros encosta abaixo, o cânion finalmente terminava num vale de rochedos e pedras pontudas.

As pernas de Pavlo estavam em frangalhos, jorravam sangue, e um pé se retorcia quase inteiramente para trás. Ele não poderia se levantar ou correr, mas, se agarrando às roupas de Nate como se escalasse uma parede, conseguiu se reerguer até ficar cara a cara com seu algoz. As sirenes uivavam mais próximas.

Arregimentando o que ainda lhe sobrava de energia, Nate se preparou para empurrar o ucraniano do telhado.

Mas, de repente, ouviu um clique metálico entre os dois corpos. E viu Pavlo abrir um sorriso diabólico à sua frente, um sorriso de vitória. Ele olhou para baixo.

O ucraniano havia pescado as algemas de Misha e fechado uma das alças no próprio pulso.

E agora havia fechado a outra no pulso de Nate.

– Se você me jogar daqui – disse –, vai comigo.

A brisa lambeu os cabelos de Nate, trazendo consigo os perfumes do cânion e do fogo que ainda ardia no primeiro andar. Ele virou os olhos para a encosta do cânion. Lá embaixo no vale, iluminado por um luar sobrenatural, Charles se empoleirava num dos rochedos, o vento soprando seus cabelos para o alto, sugando a fumaça que ele despidia do tronco furado. Olhava para o alto sem nada dizer.

– Vai ficar parado aí que nem um fantasma? Ou vai ajudar dessa vez? – perguntou Nate.

– *Ajudar?* – devolveu Charles. – Mas eu não existo! Nunca existi! Você andou falando sozinho esse tempo todo!

Apesar da distância, as palavras chegaram aos ouvidos de Nate com absoluta clareza.

Então ele sentiu algo se desprender das próprias entranhas, algo desde muito alojado ali e desde muito esquecido. No mesmo instante, o buraco no tronco de Charles foi se costurando até fechar por completo, e o sangue seco que trazia no rosto e nas mãos de repente foi ficando úmido e voltando para dentro do corpo como num filme de terror rebobinado. Tocando o abdômen recém-costurado, radiante, Charles novamente ergueu o rosto para Nate e disse:

– Já não era sem tempo, porra!

Pavlo resmungou alguma coisa, e só então Nate voltou o foco para o telhado e para as algemas que o prendiam ao chefão ucraniano. O peso do homem que se agarrava a ele, os músculos tatuados que brilhavam de suor e sangue. Um único passo para a esquerda os separava do precipício.

A visão de Nate ficou embaciada de repente e foi como se a noite estivesse se desmanchando aos poucos, pixel por pixel. Mas dali a pouco voltou a se normalizar, e ele foi atropelado por uma sequência de lembranças. Janie se deixando salvar no mar; saindo da maternidade numa cadeira de rodas com um pacotinho cor de rosa no colo. Cielle trabalhando no lava a jato para poder pagar uma escola particular. A apólice de seguros no valor de um milhão de dólares. Ele e Cielle sentados na pontezinha sobre o riacho, a cabeça dela deitada em seu ombro. A boca de Janie contra sua clavícula, os tornozelos cruzados no alto da cintura dele. A casa em Santa Monica, o tijolo que havia colado de volta na varanda. O retrato que Cielle escondera no fundo do armário, esperando por ele.

Pavlo se segurava em pé com todas as forças que podia reunir. Olhou nos olhos de Nate e certamente não gostou do que viu, pois o sorriso de vitória subitamente se petrificou num sorriso de caveira.

Nate sacudiu o punho para testar as algemas.

E abriu o mais discreto dos sorrisos.

O QUE SE DESCOBRIU

Engraçado... a gente cai e acha que está voando.

Pelo menos por um tempo.

– Otis “Bad” Blake

Pavlo Maksimovich Shevchenko

? – 2 de novembro

NATHAN JOHN OVERBAY

10 de agosto de 1976 – 2 de novembro

Nathan John Overbay morreu nesta sexta-feira, vitimado por uma queda. No dia 23 de outubro, teve um papel heroico no desbaratamento de um assalto ao First Union Bank of Southern California, provavelmente salvando a vida de muitas pessoas. Na sequência dos acontecimentos, viu-se alvo dos criminosos envolvidos no assalto frustrado. Segundo um comunicado do Ministério Público de Los Angeles, atos igualmente heroicos do Sr. Overbay possibilitaram que os investigadores da Polícia localizassem provas suficientes para identificar e incriminar toda a quadrilha.

Nascido e criado em Los Angeles, Nate, como era chamado, cursou a Universidade da Califórnia como bolsista do Centro de Preparação de Oficiais de Reserva do Exército Americano. Terminado o serviço militar, tornou-se um agente profissional para situações de crise junto à Polícia de Los Angeles, onde era admirado particularmente pela dedicação e generosidade.

É sobrevivido pelo pai, por sua adorável mulher, Jane, e pela filha, Cielle.

Epílogo

A LUZ DA MANHÃ BANHAVA a cozinha, alvejando as paredes, rebrilhando no balcão, dando ao cômodo um aspecto quase sobrenatural. Empoleirada num dos bancos junto ao balcão, vestindo o uniforme da escola particular em que voltara a estudar, saía xadrez e camisa branca, Cielle comia seu cereal enquanto fitava pensativa a sala que ficava do outro lado da porta ampla. Notava que o quadro emoldurado com a velha foto da família Overbay se achava ligeiramente fora de prumo sobre a lareira. Na noite anterior, ela e Janie o haviam recolocado em seu lugar de direito numa cerimônia improvisada. Nenhum discurso, apenas as duas ali, trabalhando juntas para subir num banquinho e pendurar a foto no prego alto.

Terminado o trabalho, ficaram mais um tempo de mãos dadas diante da lareira, apenas olhando para a foto. Agora Cielle saboreava a tranquilidade da manhã e tomava seu café, linda como sempre. O rosto cheio, porém menos que antes.

Passos ecoaram na escada e dali a pouco Janie surgiu na cozinha, esfregando um dos olhos com o dorso da mão e represando um bocejo. Ao passar atrás da filha, fez um carinho no pescoço dela e Cielle tomou a mão da mãe entre as suas. Janie parou, viu que Cielle olhava para o retrato na lareira e ficou um instante ali, também fitando a foto, dividindo com a filha um momento de ternura. A família Overbay eternizada numa fotografia de estúdio, rindo para todo o sempre.

Janie foi até a máquina de café, ligou-a e se recostou na bancada com os braços cruzados enquanto esperava; dali a pouco levou a xícara à boca e bebeu um gole com um olhar tristonho.

Cielle terminou seu cereal, lavou a tigela na pia e elas saíram juntas para a garagem. A porta se fechou atrás das duas. Segundos depois, se abriu novamente.

Cielle voltou à sala e com a pontinha do dedo endireitou o retrato mal apumado. Fitando-o, foi dando rédeas à memória até que uma lembrança em particular se alojou em suas bochechas para pedir um sorriso. Foi assim que ela voltou à garagem, mais leve do que antes.

A porta se fechou. O sol já sobrelevava as janelas que davam para o leste, abrاندando a luz.

Elas saíram com o carro e a casa ficou para trás, silenciosa, em paz.

Agradecimentos

COMO SEMPRE, DIVERSOS ESPECIALISTAS foram consultados ao longo do processo de composição deste livro, e este é o momento de agradecer a eles pelo tempo e apoio que me dedicaram. Para os assuntos de natureza criminal, Lauren Crais; para os de natureza médica, a Dra. Melissa Hurwitz e o Dr. Bret Nelson; para os de natureza editorial, Philip Eisner e Maureen Sugden. Agradecimentos também são devidos a Greg Muradov, que me apresentou às preferências culinárias dos nossos anti-heróis. A Dana Kaye, minha incansável agente, pela serenidade e pelo espírito guerreiro com que me orientou durante todo o processo. A Joseph Flueckiger, Omar Valdemar e Alan Hill, profissionais da área de segurança que me apresentaram às particularidades mais cabeludas dos assaltos bancários. A Scot Spooner, Boina Verde e ex-integrante do Comando de Operações Especiais do Exército Americano, que me ajudou a montar uma bomba caseira exemplar. A Chris Brenes, ex-tenente da Força de Operações Especiais da Marinha Americana, que, com suas descrições, me levou para dentro dela. Desnecessário dizer que todos os erros contidos neste livro são de minha única e inteira responsabilidade.

Agradeço ainda a meus advogados, Stephen F. Breimer e Marc H. Glick, bem como a Rich Green, da CAA, e à minha equipe na Aaron Priest. Agradeço diariamente a meu editor, Keith Kahla, e a todo o pessoal da St. Martin's, sobretudo Sally Richardson, Matthew Baldacci, Loren Jagers, Matthew Shear e Martin Quinn. Meus agentes na Inglaterra também fizeram um excelente trabalho: meus agradecimentos a Daniel Mallory, David Shelley e a todos na Sphere, que tanto se dedicaram a este projeto.

Um agradecimento final vai para Delinah Raya, que esteve a meu lado em diversos momentos e de diversas maneiras, sempre com seu olhar tranquilo sobre as coisas e seu sorriso por vezes irresponsável.

Sobre o autor

© Gwen + Eddie



GREGG HURWITZ

É um escritor aclamado pela crítica e pelo *New York Times*. Autor de vários livros finalistas de prêmios como o Ian Fleming Steel Dagger e o International Thriller Writers Award for Best Novel, já teve seu trabalho traduzido para 22 idiomas. Trabalhou no canal ABC e escreveu roteiros para os estúdios Warner Bros., Paramount e MGM. Colabora com a Marvel e a DC Comics em quadrinhos como *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, *Wolverine* e *Justiceiro*. Mora em Los

Angeles, na Califórnia.

www.gregghurwitz.net

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julietta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

À beira do abismo

1

2

3

4

O que se perdeu

5

6

7

A longa escalada

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[O que se descobriu](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)